Psicologia do Socialismo

Gustave Le Bon

VALDEMAR TEODORO EDITOR

Gustave Le Bon

PSICOLOGIA DO SOCIALISMO

Tradução: Souza Campos, E. L. de

TEODORO EDITOR
Niterói – Rio de Janeiro – Brasil
2018

© 2018: Teodoro Editor – Niterói – Rio de Janeiro – Brasil.

Traduzido por Souza Campos, E. L. de, de **Psychologie du Socialisme**. Paris, 1898.

Versão desta tradução: Paris, 1902.

Ao eminente economista

Paul Delombre

Ex-Ministro do Comércio e da Indústria.

Seu amigo devotado,

Gustave Le Bon.

Psicologia do socialismo

Gustave Le Bon

Prefácio da terceira edição

Sumário

Eu não creio ser necessário responder às críticas que essa obra suscitou na França e nos países onde foi traduzida. Em questões que pertencem ao domínio do sentimento muito mais do que à razão, não se converte ninguém. Não é pelos livros que se operam as revoluções nos pensamentos.[1]

Não pertencendo a nenhuma escola e não querendo agradar a nenhuma, eu tentei estudar os fenômenos sociais como um fenômeno físico qualquer, tratando simplesmente de me enganar o menos possível.

Pela sua concisão necessária, certas passagens deste livro parecem um pouco dogmáticas, mas a ideia não poderia sê-lo. Um

[1] Não tendo, de maneira alguma, a esperança de converter algum socialista, eu posso, no entanto, pensar que a leitura dessa obra não lhes foi inútil. Eu julgo isso através de certos artigos publicados a esse respeito, particularmente por aquele saído da pena do mais erudito dos socialistas franceses, o Sr. Georges Sorel, que mostro um fragmento: *O livro de Gustave Le Bon constitui o trabalho mais completo publicado na França sobre o socialismo. Ele merece ser estudado com o maior cuidado, porque as ideias do autor são sempre originais e eminentemente sugestivas.* (Revue Internationale de Sociologie)

dos últimos capítulos é consagrado a mostrar que em tais questões só se pode conhecer probabilidades e jamais certezas.

Se eu, às vezes, pareci sair do meu assunto, foi porque é impossível compreender a gênese de certos fenômenos sem estudar primeiro as circunstâncias em torno dele. Em matéria de religião, de moral ou de política, o estudo do texto de uma doutrina não tem, de forma alguma, a importância preponderante que se poderia crer. É preciso conhecer sobretudo os meios onde ela se desenvolve, os sentimentos sobre os quais ela se apoia e a natureza das mentes que a recebem. Quando o budismo e o cristianismo triunfaram, foi de pouco interesse para um filósofo discutir seus dogmas e muito interessante conhecer as causas que lhes permitiram se estabelecerem, ou seja, antes de tudo, o estado das mentes que os aceitaram. Um dogma acaba por se impor, por mais absurdo que ele possa ser aos olhos da razão, quando ele consegue produzir certas transformações mentais. Nessas transformações, o papel do dogma é às vezes bem secundário. Ele triunfa pela ação do meio e do momento em que ele aparece, pelas paixões que faz nascer e sobretudo pela influência dos apóstolos capazes de falar às massas e de despertar a fé. Não é agindo sobre a razão mas apenas sobre os sentimentos, que os apóstolos provocam os grandes movimentos populares de onde surgem os novos deuses.

E é por essas razões que eu não acredito ter saído do meu assunto ao escrever alguns capítulos sobre os fundamentos de nossas crenças, o papel das tradições na vida dos povos, os conceitos formadores da alma latina, a evolução econômica da era atual e de outras. Elas constituem talvez as partes mais essenciais deste estudo.

Eu só consagrei um número de páginas bem restrito a expor as doutrinas socialistas. Elas são de uma mobilidade que torna toda discussão inútil. Essa mobilidade constitui aliás uma lei geral que preside o nascimento de todas as crenças novas. Os dogmas só se constituem realmente quando eles triunfaram. Até a hora desse triunfo, eles permanecem incertos e fugidios. Essa imprecisão é uma condição de sucesso, pois ela lhe permite se adaptar às necessidades mais diversas e de dar, assim, satisfação às aspirações infinitamente variadas das legiões de descontentes tão numerosas em certos momentos da história.

O socialismo, que se pode classificar, como tentamos demonstrar, na família das crenças religiosas, possui essa característica de imprecisão dos dogmas que não reinam ainda. Suas doutrinas se transformam dia a dia e se tornam cada vez mais incertas e flutuantes. Para colocar de acordo os princípios formulados por seus fundadores com os fatos novos que os contradizem muito nitidamente, é preciso se dedicar a um trabalho análogo ao dos

teólogos que tentam colocar de acordo a Bíblia e a razão. Os princípios sobre os quais Marx, que foi durante muito tempo o grão-sacerdote da nova religião, baseou o socialismo, foi tão desmentido pelos fatos que seus fiéis discípulos acabaram por abandonálos. É assim, por exemplo, que a teoria essencial do socialismo, há quarenta anos, segundo a qual os capitais e as terras deveriam se concentrar num número de mãos cada vez mais restrito, foi absolutamente desmentida pelas estatísticas de diversos países.

Essas estatísticas mostram, com efeito, que os capitais e a terra, longe de se concentrar, se espalham com uma rapidez extrema entre um número imenso de indivíduos. Assim vemos na Alemanha, na Inglaterra e na Bélgica, os chefes do socialismo abandonarem cada vez mais o coletivismo, que eles qualificam agora de doutrina quimérica boa sobretudo para iludir latinos.

Sob o ponto de vista da expansão do socialismo, essas discussões teóricas são aliás de nenhuma importância. As massas não as entendem. O que elas retém do socialismo é unicamente essa ideia fundamental de que o trabalhador é a vítima de alguns exploradores, resultado de uma má organização social e que bastaria alguns bons decretos, impostos revolucionariamente, para mudar essa organização. Os teóricos podem evoluir. As massas aceitam as doutrinas em bloco e não evoluem jamais. Suas crenças possu-

em sempre uma forma muito simples. Implantadas com força em mitos primitivos, elas permanecem inabaláveis por muito tempo.

Fora dos devaneios dos socialistas e o mais frequentemente em desacordo com esses devaneios, o mundo moderno sofreu uma evolução rápida e profunda. Ela é a consequência da mudança operada nas condições de existência, nas necessidades e nas ideias, pelas descobertas científicas e industriais acontecidas nos últimos cinquenta anos. São a essas transformações que as sociedades se adaptaram e não às fantasias de teóricos que, não vendo a engrenagem das necessidades, acreditam poder refazer a organização social a sua vontade.

Os problemas levantados pelas transformações atuais do mundo são tão graves quanto aqueles que preocupam os socialistas. Uma grande parte dessa obra foi consagrada a seu estudo.

* * *

Prefácio da primeira edição

Sumário

O socialismo sintetiza um conjunto de aspirações, de crenças e de ideias de reformas que apaixona profundamente as mentes. Os governos o temem, os legisladores tratam dele, os povos veem nele a aurora de novos destinos.

Esta obra é consagrada a seu estudo. Nela se encontrará a aplicação dos princípios expostos nos meus últimos livros: **Lois Psychologiques de l'Evolution des Peuples** e a **Psychologie des Foules**. Passando rapidamente sobre o detalhe das doutrinas para reter somente a essência, examinaremos as causas que fizeram nascer o socialismo e aquelas que retardam ou favorecem sua propagação.

Mostraremos o conflito entre as ideias antigas fixadas pela herança, sobre as quais repousam ainda as sociedades e as ideias novas, filhas dos meios novos que a evolução científica e industrial moderna criou. Sem contestar a legitimidade das tendências da grande massa em melhorar sua sorte, verificaremos se as instituições podem ter uma influência real sobre essa melhoria ou se nossos destinos são regidos por necessidades totalmente independentes das instituições que nossas vontades podem produzir.

O socialismo não sente falta de apologistas para escrever sua história, de economistas para discutir seus dogmas, de apóstolos para propagar sua fé. Os psicólogos desdenharam até aqui seu estudo, vendo esses assuntos como imprecisos e fugidios, como a teologia ou a política, que só podem prestar para discussões passionais e estéreis, às quais os espíritos científicos repugnam.

Parece no entanto que uma psicologia atenta pode mostrar a gênese das novas doutrinas e explicar a influência que elas exercem tanto nas camadas populares, quanto entre um certo número de mentes cultivadas. É preciso mergulhar até às raízes profundas dos acontecimentos, de onde se vê desenrolar seu curso, para chegar a compreender esse florescimento.

Nenhum apóstolo jamais duvidou do futuro de sua fé. Os socialistas estão, desta forma, convictos do triunfo próximo da deles. Uma tal vitória implica necessariamente na destruição da sociedade atual e sua reconstrução sobre outras bases. Nada parece mais simples aos discípulos dos novos dogmas. É evidente que se pode, pela violência, desorganizar uma sociedade. Bem como se pode arrasar em uma hora, pelo fogo, um edifício lentamente construído. Mas nossos conhecimentos atuais sobre a evolução das coisas nos permitem admitir que o homem possa refazer, de acordo com sua vontade, uma organização destruída? Assim que se penetra um pouco no mecanismo das civilizações, descobre-se

rapidamente que uma sociedade, com suas instituições, suas crenças e suas artes, representa uma rede de ideias, de sentimentos, de hábitos e modos de pensar fixados pela herança e cujo conjunto constitui sua força. Uma sociedade só é coesa quando essa herança moral está solidamente estabelecida, não nos códigos, mas nas almas. Ela declina assim que essa herança se desagrega. Ela está condenada a desaparecer quando a desagregação está completa.

Uma tal concepção jamais influenciou os escritores e os homens de estado latinos. Convencidos de que as necessidades naturais podem se esfacelar diante de seu ideal de nivelamento, de regularidade, de justiça, eles acreditam que basta imaginar constituições sábias, leis fundadas sobre a razão, para refazer o mundo. Eles têm ainda a ilusão daquela época heroica da Revolução Francesa, em que filósofos e legisladores consideravam como certo que uma sociedade é uma coisa artificial que benévolos ditadores podem reconstruir inteiramente.

Tais teorias parecem bem pouco sustentáveis hoje em dia. Não se pode desdenhá-las no entanto. Elas constituem motivadores de ação com uma influência destrutiva muito grande e, por consequência, muito temíveis. O poder criador se apoia sobre o tempo e permanece fora do alcance imediato de nossas vontades. A faculdade destrutiva está, ao contrário, a nosso alcance. A destruição de uma sociedade pode ser bem rápida, mas sua reconstru-

ção é sempre muito lenta. É preciso, às vezes, ao homem, séculos de esforços para reconstruir penosamente o que ele destruiu em um dia.

Se quisermos compreender a influência profunda exercida pelo socialismo moderno, não precisamos examinar seus dogmas. Quando se procura as causas de seu sucesso, constata-se que esse sucesso é totalmente estranho às teorias que esses dogmas propõem ou às negações que eles impõem. Como as religiões, cujos passos ele segue cada vez mais, o socialismo se propaga por outras razões.

Muito fraco quando tenta discutir e se apoiar sobre argumentos econômicos, ele se torna, ao contrário, muito forte quando permanece nos domínios das afirmações, dos devaneios e das promessas quiméricas. Ele seria ainda mais temível se não saísse disso.

Graças a suas promessas de regeneração, graças à esperança que ele desperta entre todos os deserdados da vida, o socialismo constitui uma crença com formato religioso, muito mais que uma doutrina. Porém, a grande força das crenças, quando elas tendem a tomar essa forma religiosa, cujo mecanismo estudamos em outro lugar, é que sua propagação é independente da parte de verdade ou erro que elas podem conter.

Logo que uma crença está fixada nas almas, seu absurdo não aparece mais, a razão não a alcança mais. Somente o tempo pode desgastá-la. Os mais poderosos pensadores da humanidade __ um Leibniz, um Descartes, um Newton __ se inclinaram sem murmurar diante dos dogmas religiosos que a razão teria podido lhes mostrar rapidamente a fraqueza, se eles tivessem podido submetê-los ao controle da crítica. Mas o que entrou no domínio do sentimento não pode mais ser tocado pela discussão. As religiões, que só agem sobre os sentimentos, não podem ser abaladas por argumentos racionais e, por isso, seu poder sobre as almas foi sempre absoluto.

A era moderna representa um desses períodos de transição em que as velhas crenças perderam seu império e aquelas que devem substituí-las ainda não se estabeleceram. O ser humano não conseguiu ainda viver sem divindades. Elas caem às vezes de seu trono, mas esse trono nunca permanece vazio. Fantasmas novos logo surgem da poeira dos deuses mortos.

A ciência, que combateu os deuses, não poderia contestar seu prodigioso império. Nenhuma civilização conseguiu ainda ser fundada e crescer sem eles. As civilizações mais florescentes são apoiadas sempre sobre dogmas religiosos que, sob o ponto de vista da razão, não possuem nenhuma parcela de lógica, de verdade ou mesmo de simples bom senso. A lógica e a razão jamais foram

os verdadeiros guias dos povos. O irracional sempre constituiu um dos mais poderosos motivadores de ação que a humanidade conheceu.

Não foi sob o brilho da razão que o mundo se transformou. Enquanto que as religiões, fundadas sobre quimeras, deixaram sua indestrutível marca sobre todos os elementos das civilizações e continuam a manter a imensa maioria dos seres humanos sob suas leis, os sistemas filosóficos, construídos sobre raciocínios, só desempenharam um papel insignificante na vida dos povos e só tiveram uma existência efêmera. Eles só propõem argumentos às massas, enquanto que a alma humana só pede esperanças.

São essas esperanças que as religiões sempre forneceram e forneceram também um ideal capaz de seduzir e de elevar as almas. É com sua varinha mágica que foram criados os mais poderosos impérios, que surgiram do nada as maravilhas da literatura e das artes que formam o tesouro comum da civilização.

São também esperanças que o socialismo propõe e é isso que faz sua força. As crenças que ele ensina são muito quiméricas e parecem ter bem pouca chance de se propagar. Elas se propagam no entanto. O ser humano possui a maravilhosa faculdade de transformar as coisas segundo a vontade de seus desejos, de só conhecê-las através desse prisma mágico do pensamento e dos sentimentos que mostra o mundo como queremos que ele seja.

Cada um, segundo a vontade de seus pensamentos, de suas ambições, de seus desejos, vê no socialismo o que os fundadores da nova fé jamais pensaram colocar nele. O sacerdote descobre uma extensão universal da caridade e sonha com ela, esquecendo o altar. O miserável, por outro lado, curvado sob seu duro trabalho, entrevê confusamente, luminosos paraísos onde seria coberto de delícias. A imensa legião de descontentes __ e quem não o é, hoje em dia? __ espera que seu triunfo seja a melhoria de seu destino. É a soma de todos esses sonhos, de todos esses descontentamentos, de todas essas esperanças que dão à nova fé sua força incontestável.

Para que o socialismo moderno tivesse tomado essa forma religiosa que constitui o segredo de seu poder, ele precisou aparecer num desses raros momentos da história em que os seres humanos estão cansados de seus deuses, as antigas religiões perdem seu império e só subsistem esperando a nova crença que deve lhes suceder. Vindo no instante preciso em que o poder das velhas divindades enfraqueceu consideravelmente, o socialismo, que também oferece ao ser humano sonhos de felicidade, tende naturalmente a se apoderar de seu lugar.

Nada indica que ele não conseguirá tomá-lo. Tudo mostra que ele não conseguirá guardá-lo por muito tempo.

* * *

LIVRO I

As teorias socialistas e seus adeptos

_____

CAPÍTULO I

As diversas faces do socialismo

§1. Os fatores da evolução social.

Sumário

As civilizações sempre tiveram por base um pequeno número de ideias diretrizes. Quando essas ideias, após terem progressivamente empalidecido, perderam inteiramente sua força, as civilizações que se apoiam sobre elas estão condenadas a mudar.

Assistimos hoje em dia a uma dessas fases de transformação, tão raras na história do mundo. Não foi dado a muitos filósofos, durante o curso das eras, viver o momento preciso em que se formou uma nova ideia e poder, como hoje em dia, estudar os graus sucessivos de sua cristalização.

No estado atual das coisas, a evolução das sociedades está submetida a três ordens de fatores: políticos, econômicos, psicológicos. Eles existiram em todas as épocas, mas a importância respectiva de cada um deles variou com a era das nações.

Os fatores políticos compreendem as leis e as instituições. Os teóricos de todos os partidos __ os socialistas modernos prin-

cipalmente __ lhes dedicam uma importância muito grande. Todos estão convencidos de que a felicidade de um povo depende de suas instituições e que basta mudá-las para mudar, no mesmo golpe, seus destinos. Alguns pensadores acreditam, ao contrário, que as instituições exercem uma influência muito pequena e que o destino dos povos é regido pelo seu caráter, ou seja, por sua alma. Assim se explicaria porque nações que possuem instituições semelhantes e vivendo em meios idênticos, ocupam lugares bem diferentes na escala da civilização.

Os fatores econômicos têm, hoje em dia, uma influência imensa. De uma importância muito pequena na época em que os povos viviam isolados e em que as diversas indústrias não variavam muito de século em século, esses fatores acabaram por adquirir uma ação preponderante. As descobertas científicas e industriais transformaram todas as nossas condições de existência. Uma simples reação química, encontrada num laboratório, arruína um país e enriquece um outro. A cultura de um cereal no fundo da Ásia obriga províncias inteiras da Europa a renunciar à agricultura. Os progressos das máquinas revolucionam a vida de uma fração importante dos povos civilizados.

Os fatores de ordem psicológica, tais como a cultura, as crenças, as opiniões, tem geralmente uma importância considerá-

vel. Sua influência era mesmo, outrora, preponderante. Mas, hoje em dia, são os fatores econômicos que tendem a se impor.

É principalmente por essas mudanças de relação entre seus propulsores, que as sociedades modernas diferem das sociedades antigas. Dominadas antigamente sobretudo pelas crenças, elas obedecerão cada vem mais, daqui para frente, a necessidades econômicas.

Os fatores psicológicos, porém, de maneira alguma, perderam sua influência. O limite no qual o ser humano escapa da tirania dos fatores psicológicos depende de sua constituição mental, ou seja, de sua cultura. É por isso que vemos certos povos submeterem às suas necessidades os fatores econômicos, enquanto outros se deixam cada vez mais serem escravizados por eles e só procuram reagir através de leis de proteção incapazes de os defender contra as necessidades que os dominam.

Tais são os principais motores da evolução social. Ignorá-los ou desconhecê-los não é suficiente para entravar seus efeitos. As leis naturais funcionam com a cega regularidade de uma engrenagem e quem se choca contra elas é sempre esmagado pelo seu funcionamento.

§2. Os diversos aspectos do socialismo.

O socialismo apresenta então faces diversas, que precisam ser examinadas sucessivamente. É preciso estudá-lo como concepção política, como concepção econômica, como concepção filosófica e como crença. É preciso também encarar o conflito entre essas diversas concepções e as realidades sociais, ou seja, entre as ideias abstratas e as inexoráveis leis naturais que o ser humano não pode mudar.

O lado econômico do socialismo é aquele que se presta melhor para a análise. Nós nos encontramos, com efeito, em presença de problemas bem nítidos. Como se cria e se reparte a riqueza? Quais são os papeis respectivos do trabalho, do capital e da inteligência? Qual é a influência dos fatos econômicos e em quais limites eles determinam a evolução social?

Se estudamos o socialismo como crença, ou seja, se buscamos a impressão moral que ele produz, as convicções e as devoções que ele inspira, o ponto de vista é bem diferente e o problema muda inteiramente de aspecto. Não tendo mais que nos ocupar do valor teórico do socialismo como doutrina nem das impossibilidades econômicas contra as quais ele poderá se defrontar, temos que considerar a nova crença em sua gênese, seus progressos morais e os efeitos psicológicos que ela pode produzir. Esse estudo é indispensável para compreender a inutilidade de toda discussão com os

defensores dos novos dogmas. Quando economistas se espantam com demonstrações de uma indiscutível evidência e permanecem absolutamente sem ação sobre os convictos que os ouvem, basta encaminhá-los para a história de todas as crenças e ao estudo da psicologia das massas, para tirá-los desse espanto. Não se triunfa sobre uma doutrina mostrando seus lados quiméricos. Não é com argumentos que se combate sonhos.

Para compreender a força atual do socialismo, é preciso considerá-lo sobretudo como uma crença; constata-se então que ele repousa sobre bases psicológicas muito fortes. Pouco importa para seu sucesso imediato que seus dogmas sejam contrários à razão. A história de todas as crenças, das crenças religiosas sobretudo, mostra suficientemente que seu sucesso foi, na maioria das vezes, independente da parte de verdade ou de erro que elas poderiam conter.

Após ter estudado o socialismo como crença, é preciso examiná-lo também como concepção filosófica. Essa face nova é aquela que seus adeptos mais tem negligenciado e que, no entanto, eles poderiam melhor defender. Eles consideram a realização de suas doutrinas como a consequência forçada da evolução econômica, enquanto que é precisamente essa evolução que constitui o mais real obstáculo. Sob o ponto de vista filosófico puro, ou seja,

deixando de lado as necessidades psicológicas e econômicas, várias de suas teorias são, pelo contrário, bem defensáveis.

O que é, com efeito, filosoficamente falando, o socialismo, ou, pelo menos sua forma mais difundida, o coletivismo? Simplesmente uma reação do ser coletivo contra as intromissões do ser individual. Porém, se forem colocados de lado os benefícios da inteligência e a utilidade imensa que pode ter, para os progressos da civilização, administrar esses benefícios, sem dúvida nenhuma, que a coletividade (não apenas em virtude dessa lei da maioria que se tornou o **credo** das democracias modernas) pode ser considerada como criada para servir ao indivíduo, que sai de seu seio e não seria nada sem ela.

Sob o ponto de vista filosófico, o socialismo é uma reação da coletividade contra a individualidade, um retorno ao passado. Individualismo e coletivismo são, de um modo geral, duas forças em presença, que tendem, se não a se destruir, pelo menos a se paralisar. É nessa luta entre os interesses geralmente opostos do indivíduo e os da coletividade que está o verdadeiro problema filosófico do socialismo. O indivíduo forte o suficiente para contar apenas com sua iniciativa e sua inteligência, bem capaz portanto de realizar progressos, se encontra em presença de massas fracas de iniciativa e de inteligência, mas às quais seu número lhes dá a força, único sustentáculo do direito. Os interesses dos dois princí-

pios em presença são contraditórios. A questão é de saber se, ao preço de concessões recíprocas, eles poderão se manter sem se destruir. Até aqui, apenas as religiões conseguiram persuadir o indivíduo a sacrificar seus interesses pessoais em prol de seus semelhantes, a substituir o egoísmo individual pelo egoísmo coletivo. Mas as velhas religiões estão em vias de morrer e as que devem substituí-las ainda não nasceram. Estudando a evolução da solidariedade social, teremos que examinar em quais limites as necessidades econômicas permitem a conciliação possível entre os dois princípios contraditórios. Como disse justamente o senhor Léon Bourgeois em um dos seus discursos: "Nada se pode tentar contra as leis naturais, é desculpável dizer, mas é preciso estudá-las incessantemente para se utilizar delas para diminuir entre as pessoas as chances de desigualdade e de injustiça".

Para terminar nosso exame das faces diversas do socialismo, devemos encarar suas variações segundo as culturas. Se os princípios que expusemos em uma obra precedente[2] sobre as transformações profundas que colocam a prova todos os elementos de uma civilização __ instituições, religiões, artes, crenças etc. __ , que passam de um povo a outro, são verdadeiros, podemos já pressentir que, sob palavras às vezes semelhantes que servem para designar a concepção que se forma do papel do Estado nos diver-

[2] Lois Psychologique de l'Évolution des Peuples. (Nota do tradutor)

sos povos, se encontram realidades bem diferentes. Veremos no que é assim.

Nos povos vigorosos, enérgicos, que chegaram ao ponto culminante de seu desenvolvimento, observa-se, tanto entre instituições republicanas quanto entre instituições monárquicas, a extensão considerável do que é confiado à iniciativa pessoal e a redução progressiva do que é abandonado ao Estado. Está ai precisamente o contrapé do papel que dão ao Estado os povos em que os indivíduos chegaram a um grau de desgaste mental que não lhes permitem mais contar apenas com suas forças. Para eles, qualquer que seja o nome de suas instituições, o governo é sempre um poder que absorve tudo, fabricando tudo e controlando os menores detalhes da vida do cidadão. O socialismo é apenas a extensão dessa concepção. Ele seria uma ditadura impessoal, mas de todo modo, absoluta. Vê-se a complexidade dos problemas que devemos abordar, mas como eles se simplificam quando seus dados são estudados separadamente.

* * *

CAPÍTULO II

Origens do socialismo e causas de seu desenvolvimento atual

§1. Antiguidade do socialismo.

Sumário

Não foi hoje que o socialismo fez sua aparição no mundo. Segundo uma expressão querida aos antigos historiadores, poder-se-ia dizer que suas origens se perdem na noite dos tempos. Ele tem por objetivo destruir a desigualdade de condições e essa desigualdade foi a lei no mundo antigo, bem como no mundo moderno. A menos que um deus todo-poderoso refaça a natureza humana essa desigualdade está destinada a sobreviver, sem dúvida, até o resfriamento final de nosso planeta. A luta entre o rico e o pobre parece que será eterna.

Sem remontar ao comunismo primitivo, forma de evolução inferior pela qual iniciou todas as sociedades, podemos dizer que a antiguidade experimentou formas diversas do socialismo que são propostas hoje em dia. Os gregos, particularmente, tentaram sua realização. Foi mesmo com essas perigosas experiências que eles acabaram por morrer. As doutrinas coletivistas já haviam sido expostas na **República** de Platão. Aristóteles as combateu e, como disse o senhor Guiraud resumindo seus escritos em seu livro sobre a Propriété **Foncière des Grecs**: “Todas as doutrinas contemporâ-

neas, desde o socialismo cristão até o coletivismo mais avançado, lá estão representadas".

Essas doutrinas foram várias vezes postas em prática. As revoluções políticas gregas eram ao mesmo tempo revoluções sociais, quer dizer, revoluções que tinham por objetivo mudar a desigualdade das condições, espoliando os ricos e oprimindo os aristocratas. Elas conseguiram isso várias vezes, mas sempre de um jeito efêmero. Seu resultado final foi a decadência helênica e a perda da independência. Os socialistas daquela época não entravam em acordo melhor do que os de hoje em dia; em tudo eles só entravam em acordo para destruir. Roma pôs fim a suas perpétuas dissensões reduzindo a Grécia à servidão e vendendo seus habitantes como escravos.

Mesmo os romanos não escaparam às tentativas dos socialistas. Eles tentaram experimentar o socialismo agrário dos gregos, que limitava a fortuna em terras de cada cidadão, distribuindo o excedente aos pobres e obrigava o Estado a alimentar os indivíduos necessitados. Tiveram como resultado todas as lutas produzidas por Marius, Sylla, as guerras civis e, finalmente, a abolição da República e o domínio dos imperadores.

Os judeus conheceram igualmente as reivindicações dos socialistas. As pregações dos seus profetas, verdadeiros anarquistas da época, são sobretudo imprecações contra a riqueza. O mais

ilustre dentre eles, Jesus, reivindicou sobretudo o direito dos pobres. Foi aos ricos que ele dirigiu suas maldições e suas ameaças. Foi aos pobres apenas que ele reservou o reino de Deus. Os ricos lá entrarão, assegurou ele, mais dificilmente do que um camelo passaria pelo buraco de uma agulha.

Durante os dois ou três primeiros séculos de nossa era, a religião cristã foi o socialismo dos pobres, dos deserdados, dos descontentes e, como o socialismo moderno, esteve em luta constante com as instituições estabelecidas. O socialismo cristão acabou, no entanto, por triunfar. Foi mesmo a primeira vez que as ideias socialistas obtiveram um sucesso durável.

Mas, se bem que eles possuam a vantagem imensa de só prometer a felicidade numa vida futura eventual e, por consequência, de estarem certos de não ver suas promessas desmentidas, o socialismo cristão só pôde se manter renunciando a seus princípios logo após a vitória. Ele foi obrigado a se apoiar nos ricos e nos poderosos e de se tornar o defensor da fortuna e da propriedade, que ele tinha em princípio amaldiçoado. Como todos os revolucionários vencedores, ele se tornou conservador, por sua vez e a Roma católica não tem um ideal social muito diferente do que a Roma dos imperadores. Os pobres tentam de novo se contentar com a resignação, o trabalho e a obediência, com a perspectiva do céu, se eles forem bem comportados e a ameaça do inferno e do

diabo, se eles perturbarem seus senhores. Que maravilhosa história a desse sonho de dois mil anos! Quando, livres das heranças que oprimem nossos pensamentos, nossos descendentes puderem estudá-lo sob um ponto de vista puramente psicológico, eles não deixarão de admirar o formidável poder dessa grande quimera, sobre a qual nossas civilizações se apoiam ainda.

Como são pálidas as mais brilhantes sínteses filosóficas comparadas com a gênese e o desenvolvimento dessa crença tão infantil sob o ponto de vista da razão e tão poderosa, no entanto. Seu persistente império nos mostra bem a que ponto não é o real, mas o irreal que governa o mundo. Os fundadores de religiões só acreditam em esperanças e são, no entanto, suas obras as que mais duram. Quais perspectivas socialistas igualarão algum dia ao paraíso de Jesus e de Maomé? Em comparação, quão miseráveis são as perspectivas de felicidade terrestre que os apóstolos do socialismo nos prometem hoje em dia!

Nossos pais da Revolução Francesa também miravam a prática das teorias socialistas e se escritores eruditos discutem ainda para saber se a Revolução foi socialista, é porque sob o termo socialismo designa-se frequentemente ideias bem diferentes ou porque não se soube penetrar até o fundo das coisas. O objetivo bem nítido que sempre perseguiram os socialistas de todas as eras foi a expropriação da classe rica em proveito da classe pobre. Porém,

esse objetivo nunca foi tão bem alcançado do que pelos homens da Revolução Francesa. Eles declararam sem dúvida a propriedade sagrada e inviolável, mas eles só o fizeram após ter previamente expropriado a nobreza e o clero e substituído assim uma desigualdade social por uma outra.

Ninguém duvida, eu imagino, que se os socialistas atuais chegassem, por processos análogos aos da Revolução Francesa, a espoliar a burguesia de suas riquezas, a nova classe de proprietários assim formada se transformaria imediatamente em conservadores ardentes que declarariam que o futuro da propriedade será coisa sagrada e inviolável. Tais declarações são, aliás, bem inúteis quando se é o mais forte e mais inúteis ainda quando se é o mais fraco. Nas lutas de classes, o direito e os princípios não desempenham nenhum papel.

E se a história se repete sempre, é porque ela depende da natureza humana, natureza que o curso das eras não mudou ainda. A humanidade já é bem velha e, no entanto ,ela persegue os mesmos sonhos e refaz, sem aprender, as mesmas experiências. Que se releia as declamações plenas de entusiasmo e de esperança de nossos socialistas de sessenta anos atrás, no momento da revolução de 1848, em que eles foram os mais valentes defensores. Ela havia nascido, a nova era e, graças a eles, o mundo mudaria. Graças a eles, seu país logo afundou no despotismo e, alguns anos

mais tarde, numa guerra desastrosa e na invasão. Meio século apenas se passou sobre essa fase do socialismo e, já esquecidos dessa dura lição, nos dispomos a repetir o mesmo ciclo.

§2. Causas do desenvolvimento atual do socialismo.

O que fazemos hoje em dia é apenas repetir mais uma vez a queixa que, durante o curso das eras, frequentemente fizeram nossos pais. E se a repetimos mais alto é porque os progressos da civilização tornaram nossa sensibilidade mais aguçada. Nossas condições de existência se tornaram bem melhores do que antigamente e, no entanto, estamos cada vez menos satisfeitos.

Despojado de suas crenças e não tendo outra perspectiva além do dever austero e uma solidariedade morna, inquieto pelo tumulto e a instabilidade que causam as transformações da indústria, vendo todas as instituições sociais se desmoronarem uma após outra, a família e a propriedade ameaçadas de desaparecer, o ser humano moderno se apega avidamente ao presente, única realidade que ele pode apreender. Só se interessando por ele mesmo, quer usufruir a todo custo da hora presente, que sente ser muito breve. Na ausência das ilusões perdidas ele precisa do bem-estar e, por consequência, da riqueza. Ela lhe é muito mais necessária porque os progressos das ciências e da indústria criaram uma gama enorme de coisas de luxo desconhecidas outrora e que se tor-

naram necessidades hoje em dia. A sede de riqueza se torna mais e mais geral, ao mesmo tempo em que se eleva o número daqueles entre os quais a riqueza deve ser partilhada.

As necessidades do homem moderno se tornaram muito grandes e progrediram muito mais rápido que os meios de satisfazê-las. Os estatísticos provam que nunca a abundância foi maior do que hoje em dia, mas eles mostram também que as necessidades nunca foram tão imperiosas. Porém, numa equação, a igualdade entre os dois termos só subsiste se esses dois termos progridem igualmente. A relação entre as necessidades e os meios de satisfazê-las representa a equação da felicidade. Quando os dois termos são iguais, por menores que sejam, o ser humano está satisfeito. Ele está satisfeito também quando os dois termos ficam desiguais após a insuficiência dos meios de satisfação e a igualdade se restabelece pela redução das necessidades. Uma tal solução foi descoberta há muito tempo pelos orientais e por isso nós os vemos sempre contentes com sua sorte. Mas, na Europa moderna, as necessidades cresceram imensamente, sem que os meios de satisfazê-las tivessem seguido uma marcha igualmente rápida. Como resultado, os dois termos da equação se tornaram muito desiguais e a maior parte das pessoas civilizadas amaldiçoa hoje em dia sua sorte. De alto a baixo, o descontentamento é o mesmo, porque de alto a baixo as necessidades são proporcionalmente muito desme-

didas. Todo mundo está envolvido na mesma corrida insana rumo à fortuna e sonha romper todos os obstáculos que os separa dela.

Sobre um fundo de indiferença pessimista pelos interesses gerais e as doutrinas, o egoísmo individual cresceu sem freio. A riqueza se tornou o objetivo de todos e ele faz esquecer todos os outros.

Tais tendências não são certamente novas na história, mas parece que elas se apresentavam outrora sob uma forma menos geral e menos exclusiva. Diz Tocqueville: “Os homens do século XVIII não conheciam esse tipo de paixão pelo bem-estar, que é como a mãe da servidão. Nas altas classes se ocupava muito mais em ornamentar sua vida do que em torná-la cômoda, a ilustrar do que a enriquecer”.

Essa busca universal pela riqueza teve por inevitável corolário um abaixamento geral da moralidade e todas as consequências que decorrem desse abaixamento. A mais visível foi uma diminuição profunda do prestígio da burguesia aos olhos das camadas sociais inferiores. A sociedade burguesa envelheceu em um século o que a aristocracia levou mil anos. Ela se desgastou em menos de três gerações e só se renova por meio de empréstimos constantes tomados nos meios inferiores a ela. Ela pode legar a riqueza a seus filhos, mas como lhes legaria qualidades acidentais que só os séculos podem fixar? As grandes fortunas substituem as grandes

heranças, mas essas grandes fortunas caem frequentemente em tristes mãos.

É talvez a exibição insolente das grandes fortunas e a maneira como são desperdiçadas que tenham mais contribuído para o desenvolvimento das ideias socialistas. Diz o senhor Faguet: “Só se sofre realmente com a felicidade dos outros. A infelicidade do pobre está aí”. Os socialistas sabem muito bem que eles não podem realizar a igualdade na riqueza, mas eles esperam realizar ao menos a igualdade na pobreza. A juventude burguesa não dá também, às classes populares, um espetáculo muito edificante. Ela sacode cada vez mais todas as tradições morais que podem dar estabilidade às sociedades. As ideias de dever, de patriotismo e de honra lhe parecem quase sempre vãos preconceitos, ridículos entraves. Educada no culto exclusivo do sucesso, ela manifesta os apetites e luxúria mais ferozes. Quando a especulação, a intriga, os ricos casamentos ou as heranças colocam a fortuna em suas mãos, ela a consagra aos mais vulgares prazeres.

A juventude universitária não mostra um espetáculo mais consolador. Ela é o triste produto de nosso ensino clássico. Recheada de racionalismo latino, só possuindo uma instrução teórica e puramente livresca, ela é incapaz de compreender alguma coisa sobre as realidades da vida e as necessidades que mantém a existência das sociedades. A ideia de pátria, sem a qual nenhum povo

poderia durar, lhe parece, como escreveu recentemente um acadêmico muito conhecido, a concepção “de tolos chauvinistas totalmente desprovidos de filosofia”.

Esse abuso da fortuna e a desmoralização crescente da burguesia deram uma justificação séria às diatribes dos socialistas atuais contra a desigual repartição das riquezas. Foi muito fácil para esses últimos mostrar que as grandes fortunas modernas tiveram por base, na maioria das vezes, gigantescas rapinas sobre os modestos recursos de milhares de miseráveis. Como qualificar de outra maneira tantas operações financeiras, tais como aqueles empréstimos tomados por grandes sociedades de crédito perfeitamente informados do valor dos empréstimos, perfeitamente certos de que seus subscritores, muito confiantes, serão arruinados, mas não hesitam em lhes arruinar para receberem comissões que se elevam às vezes, como no empréstimo à Honduras, a mais de 50% do total do empréstimo?

O pobre diabo que, morto de fome, lhe tira seu relógio na esquina, não é realmente infinitamente menos culpado do que esses piratas das finanças? [3]

[3] Graças a seus capitais os diretores dos trustes americanos podem fazer operações de banco igualmente gigantescas. Cita-se uma de Rockefeller, diretor da Standard Oil Trust que provocou um pânico por fazer abaixar a maior parte das ações existentes no mercado americano. Após comprá-las, ele as deixa seguir seu curso.

Que dizer de especulações como a daquele jovem milionário americano que, no momento da guerra dos Estados Unidos com a Espanha, comprou, em bloco, o trigo disponível em quase todos os mercados do mundo e só o revendeu quando começou a escassez que ele tinha provocado, aumentando consideravelmente o preço. Essa especulação provocou uma crise na Europa, a fome e motins na Itália e na Espanha e a morte pela fome de um grande número de pobres diabos. Os socialistas estão realmente errados em comparar os autores dessas operações a vulgares piratas e de assegurar que eles merecem a forca?

E aqui nós tocamos em um dos problemas mais difíceis talvez dos tempos modernos e para a solução do qual os socialistas só propõem meios infantis. O problema a resolver seria tirar as sociedades do poder formidável e crescente dos grandes financistas. Através dos jornais que eles compram, dos políticos que eles subornam, eles chegam a ser cada vez mais os únicos senhores de um país e formam um governo muito mais perigoso, porque todo poderoso e oculto. Escreve o senhor Faguet: “Esse governo em vias de formação não tem nenhum ideal, nem moral, nem intelectual. Ele não é nem bom nem mal. Ele considera a humanidade

---

A operação lhe rendeu mais de 2 bilhões, segundo um estudo publicado pelo Sr. Dorbigny na Revue des Revues. O sindicato do petróleo trouxe a esse especulador quase cem milhões de francos ao ano.

como um rebanho que ele precisa fazer trabalhar, que ele precisa alimentar, que ele precisa impedir de se bater e que ele precisa tosar... É despreocupado com todo progresso intelectual, artístico ou moral. É internacional, não tendo pátria e tendência, sem, por fim, se preocupar em exterminar do mundo a ideia de pátria".

É difícil prever como as sociedades modernas poderão se safar da muito temível tirania que as ameaça. Os americanos que, parece, devem ser as primeiras vítimas, já prevêem, pela boca de seus mais eminentes representantes, revoluções sangrentas. Mas, se é fácil se revoltar contra um déspota, como se revoltar contra um poder oculto e anônimo? Como atingir fortunas habilmente disseminadas no mundo inteiro? O que é bem certo, é que será difícil tolerar por muito tempo, sem se revoltar, que um indivíduo apenas possa, para se enriquecer, decretar uma fome ou a ruína de milhares de indivíduos com mais facilidade do que Luís XIV declarava uma guerra.

Desmoralização das camadas superiores da sociedade, repartição desigual e frequentemente muito injusta do dinheiro, abuso perigoso da riqueza, irritação crescente das classes populares, necessidades sempre maiores de prazeres, desaparecimento das velhas hierarquias e das velhas crenças. Há, em todas essas circunstâncias, bons motivos de descontentamento, que contribuem para explicar a extensão rápida do socialismo.

Os espíritos mais distintos sofrem de uma doença não menos profunda, embora de natureza diferente. Essa doença não os transforma sempre em partidários das novas doutrinas, mas os impede de se interessar muito pela defesa do estado social atual. A desagregação sucessiva de todas as crenças e instituições que repousam sobre elas, a impotência total da ciência de jogar qualquer luz sobre os mistérios que nos rodeiam, que só fazem se adensar à medida que queremos sondá-los, a demonstração bem evidente de que todos os nossos sistemas filosóficos não passam de algaravia impotente e vazia, o triunfo universal da força bruta e o desencorajamento que ele provoca, acabaram por jogar os eleitos em inteligência num pessimismo sombrio.

As tendências pessimistas das almas modernas são incontestáveis. Daria para compor um volume só com as citações das frases que as exprimem entre os escritores. Os extratos seguintes bastarão para mostrar a aflição geral das mentes:

Escreve um distinto filósofo contemporâneo, o Sr. Renouvier:

> *Quanto ao quadro dos sofrimentos da humanidade, sem falar dos males que levam às leis gerais do reino animal, de fato Schopenhauer passará por fraco hoje em dia, em vez de empurrado à escuridão, se pensamos nos fenômenos sociais que caracterizam nossa época, a guerra das nacionalidades, a guerra das classes, a universal extensão do militarismo, os progressos da miséria*

> *extrema, paralela ao desenvolvimento da grande riqueza e dos refinamentos da vida de prazer, a marcha crescente da criminalidade tanto hereditária quanto profissional, a do suicídio, o relaxamento dos costumes familiares e o abandono das crenças supramundanas que substitui cada vez mais o estéril culto materialista dos mortos. Todo esse conjunto de traços de uma regressão visível da civilização rumo à barbárie e em que não pode faltar o aumento do contato dos europeus e dos americanos com as populações estacionárias ou mesmo degradadas do mundo antigo, tudo isso não aparecia ainda no tempo em que Schopenhauer deu o sinal de uma volta dos espíritos ao julgamento pessimista sobre os méritos do mundo.*

Escreve um outro filósofo, o Sr. Boiley:

> *Os mais fortes marcham sem vergonha sobre os direitos dos mais fracos. Os americanos exterminam os peles-vermelhas. Os ingleses pressionam os hindus. Sob o pretexto de civilização, as nações europeias partilham entre si a África, mas só visam na realidade a criar oportunidades comerciais. A inveja entre potências tomou proporções inusitadas. A Tríplice Aliança nos ameaça por medo e por ganância. A Rússia vem até nós por interesse.*

Ódio e desejo nas camadas profundas. Indiferença, egoísmo intenso e culto exclusivo da riqueza nas camadas dirigentes. Pessimismo entre os pensadores, tais são então as tendências gerais modernas. Uma sociedade deve ser bem sólida para resistir a tais causas de dissolução. É duvidoso que ela resista por muito tempo.

Alguns filósofos se consolam com esse estado de descontentamento geral sustentando que ele constitui uma razão de progresso e que os povos muito satisfeitos com sua sorte, como os orientais, não progridem mais.

Diz Wells:

> *A desigualdade das riquezas, parece constituir o maior dos males da sociedade. Mas, por maior que seja esse mal, aqueles que resultariam da igualdade das riquezas seriam piores ainda. Se cada um estivesse contente com sua situação, se cada um acreditasse não poder melhorar, o mundo cairia num estado de torpor. Porém, ele é feito de tal modo que não pode ficar estacionado. O descontentamento de cada um com sua própria condição é o poder motor de todo progresso humano.*

Quaisquer que sejam essas esperanças e acusações que são fáceis de dirigir contra o estado atual de coisas, é preciso admitir que todas as iniquidades sociais são inevitáveis, porque, em graus diversos, elas sempre existiram. Elas parecem por isso a consequência fatal da natureza mesma do ser humano e nenhuma experiência permite acreditar que, mudando nossas instituições e substituindo uma classe por uma outra, se possa abolir, ou mesmo atenuar, as iniquidades em que nós nos mergulhamos tão profundamente. É preciso então se resignar em colocar as iniquidades sociais ao lado das iniquidades naturais, tais como a velhice e a morte,

das quais devemos sofrer o jugo e contra as quais todas as recriminações são vãs.

Em suma, se nós sentimos mais vivamente, do que em outras eras, nossos males, parece bem certo no entanto que eles jamais foram menos pesados. Sem remontar aos tempos em que o ser humano, refugiado no fundo das cavernas, disputava penosamente com as bestas sua magra subsistência e, frequentemente, lhe servia de pasto, lembremos que nossos pais conheceram a escravatura, as invasões, as fomes, as guerras de todo tipo, epidemias mortais, a Inquisição, o Terror e todo tipo de outras misérias. Não esqueçamos que, graças aos progressos das ciências e da indústria, o mais humilde vive hoje em dia com muito mais conforto que um gentil-homem feudal de outrora em seu solar, sempre ameaçado de pilhagem e de destruição por seus vizinhos.

Graças ao vapor, à eletricidade e a todas as descobertas atuais, o último dos camponeses possui uma gama de comodidades que Luís XIV, com todo seu fausto, não conheceu.

§3. O método das porcentagens na apreciação dos fenômenos sociais.

Para fazer julgamentos justos sobre um dado meio social, não devemos levar em conta apenas os males que nos afligem ou as injustiças que ofendem nossos sentimentos. Cada sociedade contém uma certa proporção de bem e de mal, um número deter-

minado de pessoas virtuosas e de patifes, de pessoas inteligentes, de pessoas medíocres e de imbecis. Para comparar as sociedades entre elas ou através das eras, não se pode considerar isoladamente os elementos que as compõem, mas a proporção respectiva de uns e de outros, ou seja, a percentagem desses elementos. É preciso deixar de lado os casos particulares que nos atingem e nos enganam e as médias das estatísticas, que nos enganam mais ainda.

Os fenômenos sociais são dominados pelas percentagens e não por casos particulares ou por médias.

A maior parte de nossos erros de julgamento e as generalizações precipitadas que acontecem em seguida resultam de um conhecimento insuficiente da porcentagem dos elementos observados. A tendência habitual, tendência característica das mentes pouco desenvolvidas, é de generalizar os casos particulares sem buscar saber em quais proporções eles se apresentam. Imitamos assim o viajante que, tenso sido assaltado por ladrões na travessia de uma floresta, afirmaria que essa floresta é, habitualmente, infestada de bandidos, sem pensar em pesquisar quantos outros viajantes e em quantos anos, foram atacados antes dele.

Uma aplicação severa do método das porcentagens ensina a se livrar dessas generalizações sumárias. Os julgamentos que enunciamos sobre um povo ou sobre uma sociedade só têm valor se eles abrangem um número bem grande de indivíduos para que

possamos saber em quais proporções existem as qualidades ou os defeitos constatados. É apenas com tais dados que as generalizações são possíveis.

Se avaliamos então que um povo se caracteriza pela iniciativa e a energia, isso não quer dizer, de maneira alguma, que não exista nesse povo indivíduos completamente desprovidos de tais qualidades, mas simplesmente que a porcentagem dos indivíduos que são dotados delas é considerável. Se essa indicação clara, mas ainda vaga, de "considerável", fosse possível ser substituída por números, o valor do julgamento ganharia muito. Mas nas avaliações desse tipo precisamos, na falta de reações muito sensíveis, nos contentar com aproximações. As reações sensíveis não faltam, em todo caso, mas elas são de um manuseio muito sutil.

Essa noção de porcentagem é capital. Foi após tê-la introduzido na antropologia que eu pude mostrar as diferenças cerebrais profundas que separam as diversas raças humanas, diferenças que o método das médias não pode estabelecer. Até então, comparando as capacidades médias dos crânios entre diversas raças, o que víamos? Diferenças em realidade insignificantes e que poderiam fazer acreditar, como acreditavam, com efeito, a maior parte dos anatomistas, que o volume do cérebro é quase idêntico em todas as raças. Por meio de curvas específicas que dão a porcentagem exata das diversas capacidades, eu pude, utilizando um número de

crânios considerável, mostrar de uma maneira indiscutível que as capacidades cranianas diferem enormemente, ao contrário, segundo as raças e que, o que distingue nitidamente as raças superiores das raças inferiores é que, as primeiras possuem um certo número de grandes cérebros que as segundas não possuem. Em razão de seu pequeno número, esses grandes cérebros não exercem influência sobre os medianos. Essa demonstração anatômica confirmaria, aliás, a noção psicológica de que é pelo número mais ou menos grande de mentes eminentes que ele possui, que se caracteriza o nível intelectual de um povo.

Na observação dos fatos sociais, os meios de investigação são muito imperfeitos ainda para aplicar esses métodos de avaliação rigorosa que permitem traduzir fenômenos em curvas geométricas. Não podendo ver todas as faces de uma questão, devemos pelo menos ter presente no espírito que essas faces são muito diversas e que são tantas que não suspeitamos e não compreendemos. Porém, são justamente os elementos menos visíveis que são frequentemente os mais importantes. Para fazer sobre problemas complexos __ e todos os problemas sociais o são __ julgamentos não muito errôneos, é preciso ajustar esses julgamentos por uma série de verificações e de aproximações sucessivas, tratando de deixar absolutamente de lado nossos interesses e nossas preferências. É preciso constatar durante muito tempo antes de concluir. E

frequentemente se limitar a constatar. Tais princípios não foram aplicados até aqui pelos escritores que trataram do socialismo e é por isso que, sem dúvida, suas obras tiveram uma influência tão fraca quanto efêmera.

* * *

CAPÍTULO III

As teorias socialistas.

§1. Princípios fundamentais das teorias socialistas.

Sumário

Expor as concepções políticas e sociais dos teóricos do socialismo seria de pouco interesse se elas não tivessem sido algumas vezes relacionadas com as aspirações de uma época e produzido, por essa razão, uma certa impressão sobre as mentes. Se, como sustentamos tantas vezes e como nos propomos demonstrar mais uma vez, as instituições de um povo são as consequências de sua organização mental herdada e não o produto de teorias filosóficas criadas a partir do zero, conhece-se a pouca importância das teorias sociais e das constituições especulativas. Mas, em seus devaneios, os políticos e os retóricos só fazem revestir, com uma forma acessível aos espíritos, as aspirações inconscientes de sua época e de seu povo. Os raros escritores que, com seus livros, exerceram alguma influência no mundo, tais como Adam Smith na Inglaterra

e Jean-Jacques Rousseau na França, só fizeram condensar, sob uma forma inteligível e clara, ideias que estavam dispersas por toda parte. O que eles exprimiram eles não criaram. Só a passagem do tempo é que ilude sobre isso.

Se limitarmos as diversas concepções socialistas aos princípios fundamentais sobre as quais elas repousam, o exposto será muito breve.

Sob sua diversidade aparente, as teorias modernas da organização das sociedades podem conduzir a dois princípios fundamentais e opostos: o individualismo e o coletivismo. No individualismo, o ser humano é abandonado a si próprio, sua ação é levada a um máximo e a do Estado a um mínimo. No coletivismo, seus meios de ação são dirigidos pelo Estado, quer dizer, pela coletividade. O indivíduo não possui nenhuma iniciativa, todos os atos de sua vida lhe são traçados. Os dois princípios sempre estiveram mais ou menos em luta e o desenvolvimento das civilizações modernas tornou essa luta mais viva do que nunca. Elas não possuem em si mesmas nenhum valor absoluto, mas devem ser avaliadas segundo o tempo e principalmente as culturas em que se manifestam. É isso que veremos no avançar dessa obra.

§2. O individualismo.

Tudo o que fez a grandeza das civilizações __ artes, ciências, filosofias, religiões, poder militar etc. __ foi a obra dos indivíduos e não das coletividades. É através dos indivíduos de elite, raros e supremos frutos de qualquer povo superior, que são realizadas as descobertas e os progressos mais importantes, dos quais a humanidade inteira tira proveito. Os povos em que o individualismo está mais desenvolvido, somente por este fato, estão à frente da civilização e dominam hoje em dia o mundo.

Durante séculos, quer dizer, durante a sucessão das eras que precedeu a nossa, a coletividade foi sempre todo-poderosa, pelo menos entre os povos latinos. O indivíduo não era nada fora dela. A Revolução Francesa, coroamento de todas as doutrinas dos escritores do século XVIII, representa talvez a primeira tentativa séria de reação do individualismo. Mas, liberando, teoricamente ao menos, o indivíduo, ela o isolou. No isolamento de sua casta, de sua família, dos grupos sociais ou religiosos dos quais ele fazia parte, ela o deixou a própria sorte, transformando assim a sociedade em uma poeira de indivíduos sem coesão e sem laços.

Uma obra tal não poderia ter consequências muito duráveis em povos pouco habituados __ por suas características ancestrais, suas instituições e sua educação __ a contar consigo mesmos e a se governar sem senhores. Muito ávidos por igualdade, eles sem-

pre se mostraram pouco preocupados com a liberdade. A liberdade é a concorrência, uma luta incessante, mãe de todo progresso, na qual só podem triunfar os mais capazes e onde os mais fracos são, como na natureza, condenados ao esmagamento. Apenas os fortes podem suportar o isolamento e só contar consigo mesmos. Os fracos não podem. Ao invés do isolamento e a falta de apoio, eles preferem a servidão, mesmo quando essa servidão é muito dura. As corporações e as castas, destruídas pela Revolução Francesa, formavam outrora a trama que servia ao ser humano de apoio na vida. E é bem evidente que elas correspondiam a uma necessidade psicológica, porque elas renascem hoje em dia em toda parte, sob nomes os mais diversos e, particularmente, sob o nome de sindicatos. Esses sindicatos permitem ao indivíduo reduzir ao mínimo seu esforço, enquanto que o individualismo o obriga a levar ao máximo esse esforço. Isolado, o proletário não é nada e não pode nada; sindicalizado ele se torna um poder temível. Se o sindicato não pode lhe dar a capacidade e a inteligência, ele lhe dá pelo menos a força e só lhe tira a liberdade, que ele não sabe o que fazer com ela.

Reprovamos a Revolução Francesa por ter desenvolvido o individualismo de uma maneira exagerada. Mas essa reprovação não é muito correta. A forma de individualismo que prevaleceu está longe de ser igual àquele praticado por certos povos, os an-

glo-saxões por exemplo. O ideal revolucionário era quebrar as corporações, os agrupamentos, de reduzir todos o indivíduos a um tipo comum e de absorver todos esses indivíduos, assim dissociados de seu grupo, sob a tutela de um Estado fortemente centralizado. Nada é mais oposto ao individualismo anglo-saxão, que favorece os agrupamentos de indivíduos, obtendo tudo para esses agrupamentos e reduzindo a estreitos limites a ação do Estado.

A obra da Revolução Francesa foi bem menos revolucionária do que se acredita geralmente. Exagerando a centralização e a absorção pelo Estado, ela só fez continuar uma tradição latina enraizada por séculos de monarquia e seguida igualmente por todos os governos. Quebrando as corporações políticas, trabalhadoras, religiosas ou outras, ela tornou mais completa ainda essa centralização, essa absorção e obedeceu assim, aliás, a todas as aspirações de todos os filósofos da época.

O desenvolvimento do individualismo tem necessariamente por consequência deixar o indivíduo isolado no meio de uma competição ardente de apetites. Povos jovens e vigorosos, em que as desigualdades mentais entre os indivíduos não são muito grandes, tais como os anglo-saxões, se acomodam muito bem em um regime assim. Pela associação os trabalhadores ingleses ou americanos sabem perfeitamente lutar contra as exigências do capital e não se deixam tiranizar por ele. Cada interesse soube assim achar

o seu lugar. Mas em povos antigos, em que os séculos e o sistema de educação desgastaram a iniciativa, as consequências do desenvolvimento do individualismo acabaram por se tornar muito duras. Os filósofos do último século e a Revolução Francesa __ quebrando, ou acabando de quebrar todos os laços religiosos e sociais que serviam ao ser humano de suporte e o apoiavam sobre uma base poderosa, quer essa base fosse a Igreja, a família, a casta ou a corporação __ acreditaram certamente fazer uma obra essencialmente democrática. O que eles favoreceram finalmente, sem prevê-lo, foi o nascimento de uma aristocracia financeira de um poder formidável, que reina sobre uma poeira de indivíduos sem defesa e sem solidariedade. O senhor feudal não conduzia seus servos mais duramente que o senhor industrial moderno, rei de uma fábrica, conduz às vezes seus mercenários. Aqueles que gozam teoricamente de todas as liberdades são, teoricamente ainda, iguais a seus senhores. Em termos práticos, eles sentem pesar sobre si, ao menos como ameaça, as pesadas correntes da dependência e o medo da miséria.

A ideia de remediar essas consequências imprevistas da Revolução Francesa devia, necessariamente, germinar. E, aos adversários do individualismo, não faltaram boas razões para combatê-lo. Para eles foi fácil sustentar que o organismo social é mais importante que o organismo individual e que o interesse do segundo

deve ceder lugar ao primeiro. Que os fracos e os incapazes têm o direito de serem protegidos e que é preciso corrigir, através de uma repartição nova da fortuna, feita pela própria sociedade, as desigualdades que a natureza criou.

Assim nasceu o socialismo moderno, filho do socialismo antigo e que, como ele, quer modificar a repartição das riquezas espoliando aqueles que a possuem, em proveito daqueles que não a possuem.

O meio de fazer desaparecer as desigualdades sociais é, teoricamente, muito simples. O Estado tem que intervir para proceder à distribuição dos bens e restabelecer sem cessar o equilíbrio destruído, em proveito de alguns. Dessa ideia tão pouco nova e tão sedutora, em aparência, saíram as concepções socialistas das quais vamos nos ocupar agora.

§3. O coletivismo.

As doutrinas socialistas são muito variadas em seus detalhes, mas muito semelhantes em seus princípios. Elas se encontram, em seus aspectos gerais, sintetizadas no coletivismo.[4]

[4] Assim como eu fiz lembrar no prefácio dessa nova edição, o coletivismo começa a ser considerado pelos próprios socialistas, nos países com tendências científicas, como a Inglaterra e a Alemanha, como uma utopia irrealizável. Nos países que se deixam governar por opiniões sentimentais, como os latinos, o coletivismo, ao contrário, conservou toda sua força. O socialismo é muito menos perigoso, na realidade, em sua forma absoluta, do que quando toma o as-

Diremos algumas palavras sob suas origens no capítulo dedicado ao estudo do socialismo na Alemanha. O socialismo está dividido hoje em dia em seitas inumeráveis, mas todas possuem a característica comum de querer recorrer à proteção do Estado para reparar as injustiças da sorte e proceder à repartição das riquezas.

As proposições fundamentais do socialismo têm ao menos o mérito da mais extrema simplicidade: confisco pelo Estado dos capitais, das minas, das propriedades. Administração e repartição da fortuna pública por um exército de funcionários públicos. O Estado, ou, se preferir, a comunidade __ porque os coletivistas não empregam mais agora a palavra Estado __ fabricaria tudo sem concorrência permitida. Os menores traços de iniciativa, de liberdade individual, de concorrência, seriam suprimidos. O país seria apenas um tipo de imenso convento submetido a uma severa disciplina mantida por um exército de funcionários públicos. Sendo abolida a herança dos bens, nenhum acúmulo de fortuna poderia mais ser produzido.

---

pecto de simples projeto de melhoramento pela regulamentação do trabalho. Em sua forma absoluta e com suas ameaças de destruição, vê-se seus perigos e pode-se combatê-lo. Em sua forma altruísta não se vê seus perigos e se o aceita facilmente. Ele se introduz então em todos os elementos da organização social e os dissolve lentamente. A Revolução Francesa começou também com projetos de reformas altruístas bem anódinas que foram aceitas por todos os partidos, inclusive aqueles que deveriam ser suas vítimas. Ela acabou em sangrentos massacres e na ditadura.

Quanto ao indivíduo, o coletivismo quase que só considera suas necessidades de alimentação e só se ocupa em satisfazê-la.

É visível que esse regime implica numa ditadura absoluta do Estado __ ou, o que dá no mesmo, da comunidade __ na regulamentação e na distribuição das riquezas e numa servidão não menos absoluta dos trabalhadores. Mas este argumento não consegue tocar esses últimos. Eles se preocupam muito pouco com a liberdade, como prova os entusiasmos com que eles aclamaram todos os Césares quando eles surgiram. Eles se preocupam muito pouco também com o fato de que a grandeza de uma civilização (artes, ciências, literatura etc.), desapareceria imediatamente numa tal sociedade. O programa coletivista não tem, portanto, nada que possa lhes parecer antipático.

Em troca da ração alimentar que os teóricos do socialismo lhe prometem, "o trabalhador cumprirá com seu trabalho sob a vigilância dos funcionários do Estado, como outrora os forçados ao trabalho sob o olhar e a ameaça do carcereiro. Toda iniciativa individual será sufocada e cada trabalhador descansará, dormirá, comerá ao comando dos chefes designados para a segurança, a alimentação, o trabalho, as recreações e à igualdade perfeita de todos".

Sendo todo estímulo destruído, ninguém fará esforços para melhorar sua posição ou tentar sair dela. Seria a escravidão mais

sombria, sem esperança de libertação. Sob o domínio do capitalista, o trabalhador pode ao menos sonhar em ser capitalista e alguns deles se tornarão. Que sonho poderia perseguir sob a tirania anônima e forçosamente despótica de um Estado nivelador, que provê todas as suas necessidades e dirige todas as suas vontades? O Sr. Bourdeau destacou que a organização coletivista lembraria muito aquela dos jesuítas do Paraguai. Ela não se parece com a organização dos negros nas plantações na época da escravidão?

Por mais cegos que possam estar por suas quimeras e por mais convencidos que possam estar do poder das instituições contra as leis econômicas, os mais inteligentes dos socialistas não desconhecem que as grandes objeções a opor ao sistema são as terríveis desigualdades naturais, contra as quais nenhuma recriminação jamais pode prevalecer. A menos que se massacre sistematicamente, a cada geração, os indivíduos que ultrapassam, por pouco que seja, o nível médio dos humildes, as desigualdades sociais, filhas das desigualdades mentais, seriam rapidamente restabelecidas.

Os teóricos combatem essa objeção assegurando que, graças ao novo meio social artificialmente criado, as capacidades se igualariam rapidamente e que o estímulo do interesse privado, que foi até aqui o grande motivador do ser humano e a origem de todos os progressos, se tornaria inútil e seria substituído pela formação

súbita de instintos altruístas que levariam o indivíduo a se devotar aos interesses coletivos.

Não se pode negar que as religiões têm (ao menos durante os curtos períodos de fé ardente que se seguem ao seu nascimento) obtido alguns resultados análogos. Mas elas têm o céu a oferecer a seus crentes, com uma vida eterna de recompensas, enquanto que os socialistas só propõem a seus adeptos, em troca do sacrifício de sua liberdade, um inferno de servidão e de baixeza sem esperança.

Suprimir os efeitos das desigualdades naturais é teoricamente fácil, mas suprimir mesmo essas desigualdades será sempre impossível. Elas fazem, com a velhice e a morte, parte das fatalidades eternas que o ser humano deve sofrer.

Mas quando não se sai dos devaneios, é fácil prometer de tudo e, como o Prometeu de Ésquilo, “fazer habitar na alma dos mortais as cegas esperanças”. O ser humano mudará então para se adaptar à nova sociedade criada pelos socialistas. As diferenças que separam os indivíduos desaparecerão e só conheceremos o tipo mediano tão bem descrito pelo matemático Bertrand: “Sem paixões nem vícios, nem louco nem sábio, de ideias medianas, de opiniões medianas, ele morreria numa idade mediana, de uma doença mediana inventada pela estatística”.

Os processos de realização propostos pelas diversas seitas socialistas são variados na forma, embora tendam a um mesmo

objetivo. Elas se resumem a obter o monopólio rápido da terra e das riquezas pelo Estado, seja por simples decreto, seja elevando enormemente o imposto sobre a herança, o que levaria à supressão das fortunas familiares em poucas gerações.

A enumeração dos programas e das teorias dessas diversas seitas seria sem interesse, pois o coletivismo predomina hoje em dia entre elas e constitui a única influência, ao menos nos países latinos. A maior parte dessas seitas já caiu, aliás, no esquecimento.

"É por isso que o socialismo cristão, que estava à frente em 1848, caminha agora em último lugar", como observou há muito tempo Léon Say. Quanto ao socialismo de estado, seu nome apenas mudou. Ele não é outra coisa que o coletivismo atual.

A propósito do socialismo cristão, destacou-se com razão que ele se encontra, em muitos pontos, com as doutrinas modernas. Escreve o Sr. Bordeau:

> *Como o socialismo, a Igreja não dá nenhum valor a tudo que é espírito, talento, graça, originalidade, dons pessoais.* ***Individualismo*** *é para ela sinônimo de* ***egoísmo*** *e o que ela sempre buscou impor ao mundo, é o mesmo objetivo do socialismo: a* ***fraternidade*** *sob a* ***autoridade****. Mesma organização internacional, mesma reprovação da guerra, mesmo sentimento para com os sofrimentos e necessidades sociais. Segundo Bebel, é o papa que, do alto do Vaticano, vê melhor se formar a tempestade que se acumula no horizonte. O papado seria*

mesmo suscetível de se tornar, para o socialismo revolucionário, um concorrente perigoso, se ele se colocasse à frente da democracia universal.

Os socialistas cristãos têm hoje em dia um programa que difere muito pouco daquele dos coletivistas. Mas os outros socialistas, odiando toda ideia religiosa, os repelem e, se o socialismo revolucionário viesse a triunfar, os socialistas cristãos seriam certamente suas primeiras vítimas. Certamente também eles não encontrariam ninguém que tivesse piedade de sua sorte.

Dentre as diversas seitas socialistas que nascem e morrem a cada dia, o anarquismo merece uma menção. Os socialistas anarquistas pareceriam teoricamente se ligar ao individualismo, pois eles querem dar uma liberdade ilimitada ao indivíduo. Mas só se pode considerá-los, na prática, como um tipo de extrema-esquerda do socialismo, pois eles perseguem igualmente a destruição da sociedade atual. Suas teorias são caracterizadas por esse simplismo completo que é a nota dominante de todas as utopias socialistas: se a sociedade não vale nada, vamos destruí-la a ferro e fogo. Graças às forças naturais ele formará uma nova, evidentemente perfeita. Fruto de quais maravilhosos milagres a nova sociedade seria diferente das precedentes? Eis o que nenhum anarquista jamais disse. É evidente, ao contrário, que se as civilizações atuais fossem inteiramente destruídas, a humanidade voltaria a passar sucessivamente por todas as formas que ela teve que superar: a

selvageria, a escravidão, a barbárie etc. Não se vê muito bem no que os anarquistas ganhariam. Admitindo a realização imediata de seus sonhos, ou seja, o fuzilamento em bloco de todos os burgueses e a reunião, em um grande monte, de todos os capitais, no qual cada companheiro iria se servir à vontade, como se renovaria esse monte quando ele acabasse e quando todos os anarquistas se tornassem momentaneamente capitalistas, por sua vez?

Seja o que for, os anarquistas e os coletivistas são as únicas seitas que possuem hoje em dia influência entre os povos latinos.

Os coletivistas acreditam que suas teorias foram criadas pelo alemão Marx. Elas são muito mais antigas que isso. Elas são encontradas em detalhes nos escritos da antiguidade. Sem ir tão longe, pode-se destacar, com Tocqueville, que escreveu há mais de cinquenta anos, que todas as teorias socialistas estão longamente expostas no **Code de la Nature**, publicado por Morelly[5] em 1755:

> *Vós encontrareis nele, com todas as doutrinas sobre a onipotência do Estado e sobre seus direitos ilimitados, várias teorias políticas que tem assustado a França nos últimos tempos e que nós pensamos ter visto nascer: a comunidade de bens, o direito ao trabalho, a igualdade absoluta, a uniformidade de todas as coisas, a regulari-*

[5] Étienne-Gabriel Morelly (1717-*) - Filósofo francês que estabeleceu as “três leis fundamentais e sagradas que cortariam pela raiz todos os vícios e todos os males de uma sociedade”: 1) abolição da propriedade privada; 2) sistema estatal de organização da educação, da assistência e da solidariedade e 3) sistema de cooperação. (Nota do tradutor)

dade mecânica em todos os movimentos dos indivíduos, a tirania regulamentar e a absorção completa da personalidade dos cidadãos pelo corpo social.

Nada na sociedade pertencerá a ninguém, diz o artigo primeiro do código. Cada cidadão será sustentado, mantido e empregado às custas do público, diz o artigo segundo. Todos os produtos serão armazenados em armazéns públicos, para serem distribuídos a todos os cidadãos e servir às necessidades de sua vida. Aos cinco anos, todas as crianças serão retiradas da família e educadas em comum, às custas do Estado, de um jeito uniforme etc.

§4. As ideias socialistas são, como as diversas instituições dos povos, a consequência de sua raça.

A ideia de raça, tão mal compreendida há bem poucos anos ainda, tende cada vez mais a ganhar extensão e a dominar todos os nossos conceitos históricos, políticos e sociais.[6]

[6] A importância da raça, que se poderia considerar como um dado bem elementar hoje em dia, é no entanto completamente incompreensível ainda por muitos espíritos. É por isso que vemos o Sr. Novicow sustentar, num livro recente, "a pouca importância da raça nos assuntos humanos". Ele acredita que o negro pode se tornar facilmente igual ao branco etc.

Tais afirmações mostram unicamente o quanto, segundo as próprias expressões do autor, "no domínio sociológico contenta-se ainda com frases declamatórias, ao invés de fazer um estudo atento dos fatos". Tudo o que o Sr. Novicow não compreende é qualificado por ele de contradições e os autores que não pensam como ele são incluídos na família dos pessimistas. É uma psicologia fácil, certamente, mas tão rudimentar quanto fácil. Para admitir "a pouca importância da raça nos assuntos humanos", é preciso ignorar, de uma maneira bem completa, a história de São Domingo, do Haiti, das vinte repúblicas hispa-

Nós mostramos, numa outra obra, como os povos, reunidos e misturados pelos acasos das migrações ou das conquistas, formaram raças históricas, as únicas que existem hoje em dia, pois as raças puras, sob o ponto de vista antropológico, só se encontram ainda entre os selvagens. Com essa noção bem estabelecida, indicamos os limites das variações de características entre essas raças, ou seja, como, sobre um substrato fixo, se superpõem características móveis e variáveis. Fizemos ver em seguida que todos os elementos de uma civilização __ língua, artes, costumes, instituições, crenças __ sendo a consequência de uma certa constituição mental, não podem passar para povos diferentes sem sofrer transformações profundas.

O mesmo acontece com o socialismo. Sendo geral, essa lei das transformações, ele deve sofrê-la. Apesar das etiquetas enganosas que, na política, bem como na religião e na moral, cobrem coisas bem diferentes, há, sob palavras idênticas, conceitos políticos e sociais bem diferentes, mesmo que, sob palavras diferentes se abriguem às vezes conceitos idênticos. Alguns povos latinos vivem sob a monarquia, outros na república. Mas, sob esses regimes nominalmente opostos, o papel político do Estado e do indivíduo permanece o mesmo e representa o ideal invariável do po-

---

no-americanas e a dos Estados Unidos. Desconhecer o papel da raça é se condenar a jamais compreender a história.

vo. Qualquer que seja o governo nominal dos latinos, a ação do Estado será sempre preponderante e a dos particulares muito fraca. Entre os anglo-saxões, o regime, monárquico ou republicano, realiza um ideal absolutamente oposto ao ideal latino. Em vez de ser levado a um máximo, o papel do Estado é reduzido entre eles a um mínimo, enquanto que o papel político ou social reservado à iniciativa privada é estendido, ao contrário, a seu máximo.

Disso resulta que a natureza das instituições desempenha um papel bem fraco na vida dos povos. Será preciso, provavelmente, alguns séculos ainda antes que uma tal noção penetre nas almas populares.[7]

Somente quando ela tiver penetrado nelas é que aparecerá claramente a inutilidade das constituições e das revoluções. De todos os erros que infantilizaram a história, o mais desastroso, o que mais fez verter sangue inutilmente, acumulou mais ruínas, é essa ideia de que um povo qualquer possa mudar suas instituições

[7] Ela não está, aliás, mais entranhada nos espíritos instruídos, ao menos entre os latinos. Num artigo memorável, publicado em primeiro de abril de 1898 no **Evening Post** de Nova Iorque, a propósito das ideias de um escritor francês famoso, o Sr. Brunetière, o redator do jornal se exprime assim: "É o caráter e não as instituições, que faz a grandeza dos povos, como bem demonstrou Gustave Le Bon num livro recente. O erro de Sr. Brunetière e de seus confrades é acreditar que se pode tornar grandes as nações através de leis, pelo aumento de seu exército e de sua marinha ou substituindo o voto de lista pelo voto distrital." A leitura dos discursos dos homens políticos latinos de todos os partidos mostra a que ponto eles professam opiniões idênticas às do Sr. Brunetière. Não são opiniões individuais, são opiniões do povo.

de acordo com a sua vontade. Tudo o que ele pode fazer é mudar os nomes e vestir com palavras novas conceitos antigos que representam a evolução natural de um longo passado.

Não é através de exemplos que é possível justificar as afirmações precedentes. Temos fornecido vários nas obras precedentes. Mas o estudo do socialismo nos diversos povos, estudo ao qual foram dedicados alguns capítulos a seguir, nos apresentará alguns outros. Mostraremos primeiramente, tomando um povo determinado, como o advento do socialismo foi preparado nele pela sua constituição mental e pela sua história. Veremos em seguida como as mesmas doutrinas socialistas não poderiam ter sucesso entre povos que pertencem a culturas diferentes.

***

CAPÍTULO IV

Os adeptos do socialismo e seu estado mental

§1. Classificação dos adeptos do socialismo.

Sumário

O socialismo compreende teorias bem diversas e, em aparência, bem contrárias. O exército de seus discípulos só tem em comum uma antipatia intensa pela ordem atual das coisas e aspirações vagas rumo a um ideal novo destinado a lhes propiciar uma situação melhor e a substituir as antigas crenças. Se bem que os soldados desse exército marchem em conjunto rumo à destruição da herança do passado, eles são imbuídos por sentimentos bem variados.

É somente examinando separadamente seus principais grupos que será possível ter uma ideia um pouco mais clara de sua psicologia e, por consequência, de sua receptividade às novas doutrinas.

É nas classes populares, as classes trabalhadoras sobretudo, que o socialismo parece, numa primeira abordagem, dever recrutar seus mais numerosos adeptos. A nova ideia se apresenta sob essa forma muito elementar e, por consequência, facilmente compreensível: menos trabalho e mais prazeres. Em lugar do salário incerto, da velhice frequentemente miserável, da escravidão da

fábrica às vezes muito dura, lhe é prometida uma sociedade regenerada, onde, graças a uma repartição nova das riquezas pela onipotência do Estado, o trabalho será melhor remunerado e mais fácil.

Diante de promessas tão brilhantes e tão repetidas, parece que as classes populares não poderiam hesitar. Sobretudo quando, pelo sufrágio universal, elas têm o direito de escolher os legisladores e possuem em suas mãos todos os poderes. Elas hesitam, no entanto. Isso é que é o mais espantoso hoje em dia. Não é a rapidez com que se propagam as novas doutrinas, mas, ao contrário, a lentidão relativa de sua propagação. É preciso estudar, como vamos fazer, as diversas categorias de adeptos do socialismo, para compreender essa desigual influência nos diversos meios.

Examinaremos sucessivamente, sob esse ponto de vista, as categorias seguintes: classes trabalhadoras, classes dirigentes, classe dos semi-intelectuais e dos doutrinadores.

§2. Classes trabalhadoras.

A psicologia das classes trabalhadoras difere muito segundo a profissão, as províncias e o meio, para poder ser exposta em detalhes. Ela demandaria um estudo mais longo, mas trabalhoso, que exigiria grandes faculdades de observação e que, provavelmente por esses motivos, jamais foi tentado.

Eu limitarei meu estudo a uma classe trabalhadora bem determinada, a dos trabalhadores parisienses. É a única em que eu pude fazer um estudo um pouco aprofundado. Ela apresenta um interesse todo particular porque é sempre em Paris que se fazem nossas revoluções. Essas últimas são possíveis ou impossíveis se os líderes têm ou não têm atrás deles a classe trabalhadora parisiense.

Essa classe interessante possui evidentemente algumas variedades. Mas, como um naturalista que descreve as características gerais de um gênero, próprios a todas as espécies compreendidas nesse gênero, abordaremos as características gerais comuns à maior parte das variedades observadas.

É, no entanto, uma divisão que se deve destacar no início, a fim de não reunir elementos muito dessemelhantes. Observa-se, com efeito, na classe trabalhadora, duas categorias distintas, cada uma com uma psicologia diferente: a dos operários e a dos artesãos.

A classe dos operários é a mais inferior em inteligência, mas também a mais numerosa. Produto direto da mecanização, ela aumenta a cada dia. O aperfeiçoamento das máquinas tende, com efeito, a tornar o trabalho cada vez mais automático e, por consequência, a reduzir cada vez mais a dose de inteligência necessária para executá-lo. O papel do trabalhador de uma fábrica consiste

apenas em dirigir sempre no mesmo sentido a passagem de um fio ou a empurrar, pelas engrenagens, placas de metal que se dobram, são pressionadas e estampadas sozinhas. Objetos comuns __ por exemplo as vulgares lanternas que servem para iluminar as trincheiras e valem cinco centavos __ são compostos por umas cinquenta peças, feitas cada uma por um trabalhador especializado que não fará outra coisa durante toda sua vida. Executante de um trabalho fácil, o operário é fatalmente mal pago e, no entanto, concorre com as mulheres e as crianças, tão capazes quanto ele de executar a mesma tarefa. Só sabendo fazer esse único trabalho, o operário está forçosamente na dependência estreita do diretor da fábrica que o emprega.

A classe dos operários é aquela com a qual o socialismo mais pode contar. Primeiro, porque ela é a menos inteligente; depois, porque, sendo a menos feliz, ela se apaixona necessariamente por todas as doutrinas que lhe prometem a melhoria de sua sorte. Ela não tomará jamais a iniciativa de uma revolução, mas ela seguirá docilmente todas as revoluções.

Ao lado, ou melhor, bem acima dessa categoria de trabalhadores, se encontra a dos artesãos. Ela compreende os trabalhadores ocupados com atividades de construção, da mecânica, das artes industriais, da pequena indústria de carpintaria, marceneiros, serralheiros, carpinteiros, trabalhadores em fundição, eletricistas,

pintores, decoradores, pedreiros etc. Eles têm que fazer cada dia um trabalho novo, superar dificuldades que os obrigam a refletir e desenvolver sua inteligência.

Essa categoria é a mais numerosa em Paris. É principalmente ela que eu examinarei neste estudo. Sua psicologia é tão interessante quanto nítidas são as características dessa classe, o que não é bem o caso de muitas outras categorias sociais. O artesão parisiense constitui uma casta de onde raramente se tenta sair. Filho de trabalhador, ele tenta fazer com que seus filhos permaneçam trabalhadores, enquanto que o sonho do camponês e do pequeno empregado é, ao contrário, fazer com que seus filhos se tornem burgueses.

O empregado de escritório despreza o artesão, mas o artesão despreza muito mais ainda o empregado, que considera como um preguiçoso e um incapaz. Ele se reconhece bem menos habilidoso, menos refinado em suas maneiras, mas se acha bem superior a ele pela energia, a atividade, a inteligência e, muitas vezes ele o é, com efeito. O artesão progride pelo seu único mérito, o empregado por sua antiguidade. O empregado só vale pelo conjunto do qual faz parte. O artesão representa uma unidade que tem seu valor em si mesma. Se o artesão conhece bem sua profissão, ele certamente encontra trabalho em todo lugar, enquanto que o empregado não tem essa certeza. Este último também sempre treme di-

ante dos chefes que podem fazer com que ele perca o emprego. O artesão tem muito mais dignidade e independência. O empregado é incapaz de se mover fora dos limites estreitos de um regulamento e todas as suas funções consistem em observar regulamentos. O artesão está, ao contrário, cada dia às voltas com dificuldades novas, que estimulam sua iniciativa e seu raciocínio. Enfim, sendo o artesão geralmente melhor pago que o empregado e não tendo as mesmas necessidades de aparência exterior, pode levar uma vida bem mais folgada. Aos vinte e cinco anos, um artesão razoável ganha sem dificuldade uma soma que um empregado do comércio ou administração só receberá após vinte anos de serviço. É o empregado e não o trabalhador que é o verdadeiro pária moderno e é por isso que o primeiro é sempre ardentemente socialista.

É, aliás, um socialista bem pouco perigoso, pois não podendo se meter em muitas greves ou se sindicalizar e sempre temendo perder seu emprego, ele é obrigado a dissimular suas opiniões.

As características psicológicas, que vou entrar agora em detalhes, são bem gerais, para serem atribuídas à maior parte dos artesãos parisienses de mesma cultura. Elas não valeriam para artesãos de culturas diferentes, já que as influências culturais são bem superiores a dos meios. Eu mostrarei, numa outra parte dessa obra, o quanto são diferentes dos trabalhadores ingleses e irlandeses, trabalhando numa mesma oficina, ou seja, submetidos a con-

dições de meio idênticas. Em Paris podemos facilmente comparar o trabalhador parisiense ao trabalhador italiano ou alemão, trabalhando nas mesmas condições, ou seja, submetidos às mesmas influências do meio. Não faremos esse estudo e nos limitaremos a observar que as influências da cultura são constatadas nitidamente nos trabalhadores de Paris vindos de algumas províncias; de Limousin por exemplo. Várias características psicológicas enumeradas mais adiante não se aplicariam de maneira alguma a esses últimos. O trabalhador de Limousin é sóbrio, paciente, silencioso, sem nenhuma necessidade de ruído, nem de luxo. Não frequentam bares, nem teatros e não tem outro sonho que não seja voltar à sua cidade após terem feito algumas economias. Eles se limitam a um pequeno número de profissões duras, mas muito bem remuneradas, como a de pedreiros, por exemplo, para as quais sua sobriedade e sua disciplina os fazem muito procurados.

Com esses princípios gerais e essas divisões postas, vamos abordar agora a psicologia dos trabalhadores parisienses, tendo em vista sobretudo, como já disse, a classe dos artesãos. Veremos aqui as características mais marcantes de seu estado mental.

O trabalhador parisiense se aproxima dos seres primitivos pela sua natureza impulsiva, sua imprevidência, a incapacidade de se dominar e seu hábito de só ter por guia o instinto do momento. Mas ele possui um sentido artístico, às vezes crítico, muito refina-

do para o meio onde vive. Fora das coisas de sua profissão, que ele executa muito bem, (muito mais por gosto do que por finalidade), ele raciocina pouco ou mal e não é muito acessível a outra lógica que não seja a dos sentimentos.

Ele ama se lamentar e reclamar, mas seus prantos são mais passivos que ativos. Ele é, no fundo, muito conservador, muito caseiro e não gosta muito de mudança. Indiferente às doutrinas políticas, ele é sempre submisso a todos os regimes, desde que eles tenham à frente indivíduos possuidores de prestígio. A pluma de um general produz sempre sobre ele um tipo de emoção respeitosa à qual ele não resiste. É conduzido facilmente por palavras e pelo prestígio e, de maneira alguma, pela razão.

Ele é muito sociável e busca a companhia de seus camaradas; daí suas idas ao bar, verdadeiro salão do povo. Não é o gosto pelo álcool que o leva até lá, como se diz frequentemente. Beber é um pretexto que pode se tornar em seguida um hábito, mas não é a necessidade de álcool que o leva ao cabaré.

Se ele evita o interior do cabaré, como o burguês evita o clube, é porque esse interior não tem nada de atraente. A mulher do trabalhador __ sua patroa como ela a chama __ tem incontestáveis qualidades de economia e de previdência, mas só se ocupa com os filhos, com os preços das coisas e das compras. Totalmente refratária às ideias gerais e às discussões, ela só entra numa

delas quanto o porta-moedas e a mesa estão vazios. Jamais seria ela que votaria numa greve unicamente para sustentar um princípio. A frequência aos cabarés, aos teatros, à reuniões públicas são, para o trabalhador parisiense, a consequência de sua necessidade de excitação, de expansão, de agitação, da embriagues das palavras, de discussões ruidosas. Sem dúvida ele faria melhor, para agradar aos moralistas, ficando sabiamente em seu quarto. Mas ele precisaria, para isso, que tivesse, em lugar de sua constituição mental de trabalhador, o cérebro de um moralista.

As ideias políticas conduzem às vezes o trabalhador, mas ele pouco as absorve. Ele se torna facilmente, por um instante, um revoltado, um violento, mas não permanece jamais um sectário. Ele é muito impulsivo para que uma ideia qualquer possa se fixar nele. Sua antipatia pelo burguês é, na maioria das vezes, um sentimento superficial e de convenção, proveniente simplesmente do fato de que o burguês é mais rico e mais bem vestido que ele.

É preciso conhecê-lo bem pouco para supô-lo capaz de perseguir com ardor a realização de um ideal qualquer, socialista ou algum outro. O ideal do trabalhador, quando por acaso ele tem algum, é tudo o que tem de menos revolucionário, de menos socialista e tudo o que há de mais burguês. É sempre a pequena casa no campo, com a condição de que não seja muito longe do botequim.

Ele possui um grande reservatório de confiança e de generosidade. Pode-se vê-lo acolher com espontaneidade, às vezes se prejudicando muito, companheiros em apuros e lhes prestando a cada instante uma gama enorme de pequenos favores, que ninguém prestaria nas mesmas circunstâncias. Ele não tem nenhum egoísmo e, por este lado, se mostra bem superior ao burguês e ao empregado, cujo egoísmo é, ao contrário, bem desenvolvido. Por este ponto de vista ele merece uma simpatia que os burgueses nem sempre são dignos.

O desenvolvimento do egoísmo nas classes superiores parece a consequência forçada de sua riqueza e de sua cultura e proporcional ao grau de riqueza e de cultura. Apenas o pobre é realmente caridoso, porque é o único que pode realmente sentir o que é a miséria.

Essa ausência de egoísmo, acrescida da sua facilidade de se entusiasmar pelos indivíduos que o encantam, torna o trabalhador apto a se devotar, se não for pelo triunfo de uma ideia, pelo menos pelos líderes que conquistaram seu coração. A aventura boulangista fornece um instrutivo exemplo disso.

O trabalhador parisiense zomba de boa vontade das coisas da religião, mas, no fundo tem por elas um respeito inconsciente. Suas zombarias não se dirigem jamais à religião como crença, mas ao clero, que ele considera um pouco como um tipo de ramo do

governo. Os casamentos e os enterros sem a assistência da Igreja são raros na classe trabalhadora parisiense. Casamento unicamente no civil, o trabalhador acredita sempre ser um mau casamento. Seus instintos religiosos (considerados como uma tendência a se deixar dominar por um credo qualquer, político, religioso ou social), são muito tenazes. Tais instintos constituirão, um dia, um elemento de sucesso em favor do socialismo, que não passa, na realidade, de um novo credo. Se o socialismo conseguisse se propagar entre os trabalhadores não seria, de maneira alguma, como acreditam os teóricos, pelas satisfações que ele promete, mas pelas devoções desinteressadas que seus apóstolos conseguissem produzir.

As concepções políticas do trabalhador são muito rudimentares e de um simplismo extremo. O governo representa para ele um poder misterioso absoluto, podendo decretar, a sua vontade, a alta ou a baixa dos salários, mas geralmente hostis aos trabalhadores e favorável aos patrões. Tudo o que acontece de desagradável ao trabalhador é, necessariamente, culpa do governo e é por isso que ele aceita facilmente a proposta de mudá-lo. Ele se preocupa bem pouco, aliás, com a natureza desse governo e só tem como certo que ele precisa de um. O bom governo é aquele que protege os trabalhadores, faz crescer os salários e importuna os patrões. Se o trabalhador tem simpatia pelo socialismo é porque ele vê nele

um governo que aumentaria os salários e reduziria as horas de trabalho. Se ele pudesse perceber a que sistema de regulamentação e de vigilância os socialistas se propõem submetê-lo na sociedade sonhada por eles, ele se tornaria logo um irreconciliável inimigo das novas doutrinas.

Os teóricos do socialismo acreditam conhecer bem a alma das classes trabalhadoras e, na realidade, eles a compreendem bem pouco. Eles imaginam que é na argumentação e na discussão que se encontram os elementos da persuasão. Ela tem, na realidade, origens bem outras. O que fica, de todos seus discursos, na alma popular? Pouca coisa, na verdade. Quando se interroga habilmente um trabalhador que se diz socialista e quando se deixa de lado os fragmentos de frases feitas humanitárias e as imprecações banais contra o capital que ele repete maquinalmente, vê-se então que sua concepção socialista é um devaneio vago, muito semelhante ao dos primeiros cristãos. Num futuro longínquo, muito longínquo para o impressionar bastante, ele vislumbra a vinda do reino dos pobres, (pobres de fortuna e pobres de espírito) reino em que serão cuidadosamente expulsos os ricos (ricos de dinheiro ou ricos de inteligência).

Quanto aos meios de realizar esse sonho longínquo, os trabalhadores não pensam muito nele. Os teóricos, que compreendem muito pouco sua alma, não suspeitam que é entre as camadas

populares que o socialismo encontrará um dia seus mais irredutíveis inimigos, quando ele quiser passar da teoria à prática. Os trabalhadores, (os camponeses mais ainda), têm o instinto da propriedade pelo menos tão desenvolvido quanto os burgueses. Eles querem muito aumentar o que possuem e dispor, à sua vontade, do fruto de seu trabalho e não abandoná-lo a uma coletividade, mesmo que essa coletividade pretendesse suprir todas as suas necessidades.

Tal sentimento tem origens seculares e ele funcionará sempre como um muro intransponível diante de toda tentativa séria de coletivismo.

Mesmo que turbulento, violento e sempre pronto a se por ao lado dos criadores de revolução, o trabalhador é muito ligado às velhas coisas, muito conservador, muito autoritário e muito despótico. Ele sempre aclamou aqueles que quebraram os altares e os tronos, mas aclamaram mais intensamente ainda aqueles que os restabeleceram. Quando por acaso ele se torna chefe, ele se transforma em monarca absoluto e é muito mais duro para seus antigos camaradas do que o chefe da classe burguesa. O General du Barrail descreve da seguinte maneira a psicologia do trabalhador emigrado para a Argélia para se tornar colono, profissão que consistia simplesmente em fazer trabalhar, a golpes de bastão, os nativos:

> *Ele carregava em si todos os instintos do feudalismo e, assim que saia das oficinas das grandes cidades, ele falava e raciocinava como os grandes senhores de Pépin le Bref ou de Carlos Magno, ou como os cavaleiros de Guilherme o Conquistador, possuidores de vastos domínios nos territórios dos povos vencidos.*

Atrevido sempre, espiritual às vezes, o trabalhador parisiense sabe muito bem ver o lado cômico das coisas e aprecia sobretudo, nos acontecimentos políticos, seu lado divertido ou violento. A crítica destrutiva de um ministro feita por um deputado ou um jornalista o diverte muito, mas as opiniões defendidas pelo ministro e seus adversários o interessam muito pouco. A troca de desaforos o apaixona como se fosse um espetáculo de Ambigu[8]. A troca de argumentos o deixa totalmente indiferente.

Esse espírito torto característico é encontrado naturalmente em seus processos de discussão, como se pode observar nas reuniões políticas populares. Não se discute jamais o valor de uma opinião, mas unicamente o valor do indivíduo que a expõe. O que o seduz é o prestígio pessoal de um orador e não seus raciocínios. Ele não ataca as opiniões do orador que lhe desagrada, mas unicamente sua pessoa. A probidade do adversário é imediatamente contestada e esse adversário deve se dar por satisfeito se for tratado simplesmente de patife, sem receber na cara outra coisa que

[8] Peça de teatro que reunia vários gêneros de espetáculos. (Nota do tradutor)

não sejam injúrias. As discussões das reuniões públicas consistem invariavelmente, como se sabe, numa troca de desaforos ferozes e entrechoques variados. Isso aqui, aliás, é um vício cultural que não é exclusivo do trabalhador. É impossível para muitas pessoas ouvir um indivíduo emitir uma opinião diferente da sua sem ficar intimamente persuadido de que esse indivíduo é um perfeito imbecil ou um infame celerado. A compreensão das ideias alheias é sempre inacessível aos latinos. O caráter impulsivo, despreocupado, instável e turbulento dos trabalhadores parisienses sempre os impediu de se associarem, como fazem os trabalhadores ingleses, para tentar grandes empreendimentos. Essa incapacidade irredutível os torna impotentes para mudar de direção e os condena por isso a ficarem em tutela perpétua. Eles sentem a incurável necessidade de ter acima deles quem os governe e a quem possam culpar por tudo o que lhes acontece. Aqui também encontramos uma característica da cultura.

O único resultado bem nítido da propaganda socialista nas classes trabalhadoras foi difundir entre eles a opinião de eles são explorados por seus patrões e que, mudando o governo, eles receberão salários mais elevados, trabalhando muito menos. Seus instintos conservadores impedem, no entanto, a maior parte deles de aderir inteiramente a essa opinião. Nas eleições legislativas de 1893, entre 10 milhões de eleitores, 556.000 apenas deram seus

votos a deputados socialistas e esses últimos foram apenas 49. Essa fraca porcentagem, que só progrediu aparentemente nas eleições de 1898, mostra o quanto são tenazes os instintos conservadores da classe trabalhadora. Existe, aliás, uma razão fundamental que entravará singularmente a propagação das ideias socialistas: o número dos trabalhadores, pequenos proprietários ou pequenos acionistas, tende a se elevar em todo lugar. A casinha, por menor que seja. A pequena ação, ou mesmo uma fração de ação, transforma imediatamente seu dono em capitalista calculista e desenvolve espantosamente seus instintos de propriedade. Logo que ele tem uma família, um lar e algumas economias a conservar, o trabalhador se torna logo um conservador obstinado. O socialista, o socialista-anarquista principalmente, é frequentemente um celibatário, sem lar, sem recursos e sem família, ou seja, um nômade e, em todas as eras, o nômade foi sempre um indisciplinado e um bárbaro. Quando a evolução econômica tiver feito do trabalhador o proprietário de uma parte, por menor que seja, da fábrica onde ele trabalha, suas concepções das relações entre o capital e o trabalho terão mudado profundamente. A prova é fornecida por algumas fábricas onde tais transformações já foram realizadas e também pelo estado mental do camponês. Este último leva uma existência muito mais dura geralmente do que a do trabalhador das cidades, mas ele possui, na maioria das vezes, um campo para

cultivar e, por essa simples razão, ele quase nunca é socialista. Não é fácil germinar em seu cérebro primitivo a ideia da possibilidade de se apoderar das terras do seu vizinho sem que ele tenha, bem entendido, de abandonar as suas.

Em resumo, podemos dizer que a classe mais refratária ao socialismo será precisamente essa classe trabalhadora parisiense, com a qual contam tanto os socialistas. A propaganda desses últimos fez nascer cupidez e ódios, mas as novas doutrinas não penetraram profundamente nas almas populares. É bem possível que logo após um desses acontecimentos que os trabalhadores atribuem sempre ao governo, tal como um desemprego prolongado ou uma concorrência estrangeira que produza uma queda dos salários, os socialistas possam recrutar entre eles os soldados de uma revolução, mas são soldados que se virarão rapidamente para o brilho do César que virá sufocar essa revolução.

§3. Classes dirigentes.

"O que contribui muito para o progresso do socialismo", escreve o Sr. Laveleye, "é que ele invade pouco a pouco as classes superiores e educadas".

Os motivos dessa invasão são, na minha opinião, de várias ordens: o contágio das crenças da moda, o medo e a indiferença.

Escreve o Sr. Garofalo:

> *Uma grande parte da burguesia, olhando com alguma apreensão o movimento socialista, pensa que ele é hoje um movimento irresistível e inevitável. Há um grande número de almas cândidas, ingenuamente enamoradas pelo ideal socialista e que veem nele a aspiração a um reino de justiça e de felicidade universal.*

Isso é simplesmente a expressão de um sentimento superficial não pensado, aceito por contágio. Só adotar uma opinião política ou social quando, após cuidadosa reflexão, pareça responder à realidade das coisas, constitui um processo mental que a maior parte dos cérebros latinos parece incapaz. Se, na adoção de uma opinião política, religiosa ou social, empregássemos uma pequena parte da lucidez e da reflexão que emprega o mais simples dos merceeiros para tratar um negócio, não estaríamos como estamos, nas questões políticas e religiosas, à mercê da moda, do meio, dos sentimentos e flutuando, por consequência, segundo a vontade dos acontecimentos e da opinião do momento.

Essa opinião do momento, ou seja, da moda, é uma das causas principais da adoção ou da rejeição das doutrinas. Para a imensa maioria dos indivíduos não existem outras. O medo da opinião dos imbecis sempre constituiu um dos fatores da história.

Hoje em dia as tendências socialistas são muito mais difundidas na burguesia que nas classes populares. Elas se propagam por simples contágio com uma singular rapidez. Filósofos, literatos e artistas seguem docilmente o movimento e contribuem ati-

vamente para difundi-lo sem, aliás, entender nada.[9]

O teatro, os livros, mesmo a pintura são impregnados cada vez mais por esse socialismo sentimental, choroso e vago que lembra bastante o humanitarismo das classes dirigentes no momento da Revolução Francesa. A guilhotina veio rapidamente lhes ensinar que, na luta pela vida, não se pode renunciar a se defender sem renunciar ao mesmo tempo a viver. Considerando com que facilidade as classes superiores se deixam hoje em dia progressivamente se desarmar, o historiador do futuro estará cheio de desprezo por sua triste imprevidência e não lamentará sua sorte.

O medo é ainda um dos motivos que favorecem, na burguesia, a propagação do socialismo.

Escreve o autor que eu citei há pouco:

> *A burguesia tem medo. Ela tateia sem rumo e espera se salvar através de concessões, esquecendo que é a mais insensata das políticas e que as indecisões, as transações, o desejo de contentar todo mundo, são defeitos de caráter que, por uma eterna injustiça, o mundo sempre puniu cruelmente, como o pior dos crimes.*

[9] Escreve o Sr. J. Bordeau: "Diz-se, sem exagero, que entre cinquenta deputados socialistas na Câmara, há, talvez, uma dezena que sabe exatamente o que seja socialismo e que sejam capazes de explicá-lo claramente. Os que pertencem a seitas fundadas sobre teorias aproximam suas ignorâncias. A maior parte dos socialistas, mesmo entre os líderes, são socialistas por instinto, o socialismo é para eles uma fórmula enérgica de descontentamento e de revolta".

O último dos sentimentos que eu citei, a indiferença, se não favorece diretamente a propagação do socialismo, a facilita impedindo combatê-la. A indiferença cética, o "estou me lixando", segundo uma expressão corrente, é a grande doença da burguesia moderna. Quando só se opõe a indiferença às declamações e aos ataques de uma minoria crescente, que persegue com ardor a realização de um ideal, pode-se estar certo que o triunfo dessa minoria está próximo. Os piores inimigos da sociedade são aqueles que a atacam ou aqueles que não se dão ao trabalho de defendê-la?

§4. Semi-intelectuais e doutrinários.

Eu aplico o adjetivo de semi-intelectuais aos espíritos que não possuem outros conhecimentos além daqueles que estão nos livros e que, por consequência, não sabem absolutamente nada das realidades da vida. Eles são o produto de nossas universidades e de nossas escolas, essas lamentáveis "usinas de degenerados" que Taine e muitos outros, expuseram seus desastrosos efeitos. Um professor, um erudito, um estudante de nossas grandes escolas, não deixam de ser, durante muitos anos __ e às vezes para sempre __ de semi-intelectuais. Um jovem inglês, um jovem americano que, aos dezoito anos, já percorreu o mundo, adquiriu uma profissão técnica e sabe se manter por si só, não é um semi-intelectual e não será jamais um desclassificado. Ele pode saber muito pouco

de grego, de latim ou de ciências teóricas. Mas ele aprendeu a só contar consigo mesmo e a se manter. Ele possui essa disciplina mental, esse hábito da reflexão e do discernimento que apenas a leitura dos livros não dá nunca.

É na multidão dos semi-intelectuais e particularmente da dos licenciados e bacharéis sem emprego, dos professores descontentes com sua sorte, dos náufragos dos concursos que o estado não pode aproveitar, dos professores universitários que acham que seus méritos são mal reconhecidos, que se recrutam os mais perigosos discípulos do socialismo e às vezes os piores anarquistas. O último anarquista executado em Paris era um candidato à escola politécnica que, não podendo encontrar nenhum emprego para sua inútil e superficial ciência, era inimigo, portanto, de uma sociedade que não sabia apreciar seus méritos e desejoso naturalmente de substituí-la por um mundo novo onde as vastas capacidades que ele supunha ter encontraria sua aplicação. O semi-intelectual descontente é o pior dos descontentes. É desse descontentamento que deriva a frequência do socialismo entre certas corporações de pessoas; os professores primários, por exemplo, que se acham todos mal compreendidos.

É talvez entre os professores e sobretudo entre os professores de nossa Universidade que o socialismo conta com mais recrutas. O principal chefe dos socialistas franceses é um ex-professor

da Universidade. Viu-se nos jornais o fato espantoso de que esse socialista tinha solicitado a autorização de ministrar um curso de coletivismo na Sorbonne. 16 professores entre 37 apoiaram sua solicitação.

O papel que desempenha hoje em dia os universitários nos países latinos, para o desenvolvimento do socialismo é bastante temível para as sociedades onde eles vivem. Totalmente estranhos às realidades do mundo, eles são por isso incapazes de compreender as condições artificiais mais necessárias, que tornam a existência de uma sociedade possível. Uma sociedade dirigida por um areópago de professores, como sonhava Auguste Comte, não duraria seis meses. Nas questões de interesse geral, a opinião de especialistas das letras ou da ciência não tem valor maior do que aquela dos ignorantes e, muitas vezes, bem menos, se esses ignorantes são camponeses ou trabalhadores cuja profissão colocou em contato com as realidades da vida. Eu insisti, em outro lugar, sobre este ponto, que constitui o mais sólido argumento a invocar em favor do sufrágio universal. É muitas vezes ao lado da massa e raramente ao lado dos especialistas que se encontram o espírito político, o patriotismo, o sentimento da defesa dos interesses sociais.

As massas sintetizam frequentemente a alma do povo e a compreensão de seus interesses.[10]

Elas são capazes do mais alto grau de abnegação e de sacrifício, o que não as impede, aliás, de serem às vezes infinitamente limitadas, fanfarronas, ferozes e sempre prontas a se deixar seduzir pelos mais vulgares charlatões. É o instinto sem dúvida e não a razão que as guia. Mas, frequentemente, não são os atos regidos pelo inconsciente superiores àqueles determinados pela razão?

O inconsciente, que dirige a totalidade dos atos de nossa vida inorgânica e a imensa maioria dos atos de nossa vida intelectual é, para a vida consciente do espírito o que é a massa profunda das águas do oceano para as vagas que se agitam em sua superfície. Se a incessante ação do inconsciente parasse, o ser humano não poderia viver um só dia. O inconsciente representa simplesmente a herança de todas as adaptações criadas por nossa longa série de ancestrais. É nele que residem os sentimentos de um povo e a noção de suas necessidades que a semiciência falseia frequentemente.

---

[10] Tivemos um exemplo espantoso num caso célebre que recentemente dividiu profundamente a França. Enquanto uma grande parte da burguesia atacava violentamente o exército com a inconsciência do indivíduo que destrói furiosamente os fundamentos da casa onde mora, as massas populares se colocaram instintivamente do lado em que se encontravam os verdadeiros interesses do país. Se elas se tivessem colocado também contra o exército, teríamos tido talvez uma guerra civil sangrenta, necessariamente seguida de uma invasão.

Desclassificados, incompreendidos, advogados sem causa, escritores sem leitores, farmacêuticos e médicos sem clientes, professores mal pagos, diplomados sem função, empregados cujo fracasso faz desdenhar de seus patrões etc. são os adeptos naturais do socialismo. Na realidade, eles se preocupam muito pouco com doutrinas. O que eles sonham é criar, por meios violentos, uma sociedade onde seriam os senhores. Suas recriminações igualitárias não os impedem de maneira alguma de ter um desprezo intenso pela ralé que, como eles, não aprenderam nos livros. Eles se acham muito superiores ao trabalhador e são, na realidade, bem inferiores, pela falta de senso prático e pelo exagero de seu egoísmo. Se eles se tornassem os senhores, seu autoritarismo não seria menor do que o de Marat, Saint-Just ou Robespierre, esses tipos excelentes de semi-intelectuais incompreendidos. A esperança de tiranizar, por sua vez, quando se foi sempre ignorado, humilhado e jogado à sombra, deve ter criado muitos adeptos do socialismo.

É a essa categoria de semi-intelectuais que pertencem, na maioria das vezes, os doutrinários que formulam, em virulentas publicações, as teorias que ingênuos apóstolos se encarregam em seguida de propagar. São chefes que parecem guiar soldados, mas que limitam na realidade a segui-los. Sua influência é muito mais aparente do que real. Eles só fazem, com efeito, transformar, em

invectivas ruidosas, aspirações que eles não criaram e a lhes dar a forma dogmática que permite aos líderes se documentar. Seus livros se tornam às vezes um tipo de evangelho, que ninguém nunca lê, mas que se pode citar, como argumento, o título ou fragmentos de frases reproduzidas por jornais especializados. A obscuridade de suas obras é, aliás, uma condição fundamental de seu sucesso. Como a Bíblia para os pastores protestantes, elas constituem um tipo de livro de magia que se deve abrir ao acaso para encontrar __ desde que se possua a fé __ a solução de uma questão qualquer.

O doutrinário pode ser bem instruído, mas isso não o impede de maneira alguma de ser sempre um incompreendido e um simplista, muitas vezes um misto de descontente e invejoso. Tomado por apenas um lado das questões ele permanece estranho à marcha dos acontecimentos e às suas repercussões. Ele é incapaz de compreender qualquer coisa sobre a complexidade dos fenômenos sociais, das necessidades econômicas, das influências atávicas e das paixões que conduzem os seres humanos. Só tendo por guia uma lógica livresca e rudimentar, ele acredita facilmente que seus sonhos vão transformar a evolução da humanidade e reger o destino.

O que ele acredita principalmente é que a sociedade deve sofrer uma mudança qualquer em seu benefício. O que o preocupa

realmente, não é o advento do socialismo, mas o advento dos socialistas. Em nenhuma religião houve tanta fé nas massas e tão pouca na maior parte dos líderes.

As elucubrações de todos esses barulhentos doutrinários são bem vagas. Seu ideal de sociedade futura é bem quimérico. Mas o que não é quimérico, de maneira alguma, é seu ódio furioso contra a sociedade atual e seu ardente desejo de destruí-la. Porém, se os revolucionários de todas as eras sempre se mostraram impotentes em jamais construir algo, eles não tiveram muitas dificuldades em destruir. A mão de uma criança basta para destruir tesouros de arte que levaram séculos para serem reunidos. A influência dos doutrinários pode até provocar uma revolução vitoriosa e ruinosa. Ela não poderia ir mais além. A indestrutível necessidade de serem governadas, que sempre manifestaram as massas, traria rapidamente todos esses inovadores sob o sabre de um déspota qualquer, que eles seriam, aliás, os primeiros a aclamar, como prova nossa história. As revoluções não podem modificar a alma dos povos e só produziram mudanças irônicas de palavras e transformações de superfície. É, no entanto, através dessas insignificantes mudanças que o mundo foi tantas vezes convulsionado e, sem dúvida, continuará a ser.

Se quisermos resumir o papel das diversas classes, na dissolução da sociedade entre os latinos, poderíamos dizer que os dou-

trinários e os descontentes fabricados pela Universidade agem principalmente abalando as ideias e são, pelo anarquismo intelectual que eles geram, um dos mais corrosivos agentes de destruição; que a burguesia age pela sua indiferença, seu medo, seu egoísmo, a fraqueza de sua vontade, sua ausência de senso político e de iniciativa; e que as camadas populares agirão de uma maneira revolucionária tratando de destruir, desde que seja suficientemente abalado, o edifício que balança em suas bases.

***

LIVRO II

O socialismo como crença

CAPÍTULO I

Os fundamentos de nossas crenças

§1. Origens ancestrais de nossas crenças.

Sumário

Todas as civilizações que se sucederam no curso das eras contaram com um pequeno número de crenças, cujo papel sempre foi fundamental na vida dos povos.

Como nascem e se desenvolvem essas crenças? Nós já tratamos dessa questão em **Lois Psychologiques de l'Évolution des Peuples**. Não será inútil rever isso. O socialismo é uma crença, muito mais que uma doutrina. Só entendendo bem o mecanismo da gênese das crenças é que poderemos perceber o papel que o socialismo pode exercer. O homem não muda como quer os sentimentos e as crenças que o conduzem. Atrás das vãs agitações dos indivíduos se encontram sempre as influências atávicas. São elas que dão às massas o conservadorismo estreito dissimulado por suas revoltas momentâneas. O que os seres humanos dificilmente suportam, o que eles não suportam mesmo jamais durante

muito tempo, é uma mudança de seus hábitos e de seus pensamentos herdados.

São precisamente essas influências ancestrais que protegem ainda as civilizações já bem antigas __ como a nossa __ e que são ameaçadas por tantas causas de destruição hoje em dia.

Essa lenta evolução das crenças constitui um dos fatos mais essenciais da história e, no entanto, um dos menos explicados pelos historiadores. Nós vamos tentar determinar suas causas.

Fora as necessidades exteriores e variáveis às quais ele é submetido, o ser humano é sobretudo guiado na vida por duas categorias de conceitos: os **conceitos ancestrais** ou **conceitos de sentimentos** e os **conceitos adquiridos** ou **conceitos intelectuais**.

Os conceitos ancestrais são a herança do povo, o legado dos ancestrais longínquos ou próximos, legado inconsciente recebido no nascimento e que determina os principais motivadores da conduta.

Os conceitos adquiridos ou conceitos intelectuais são aqueles que o ser humano adquiriu sob a influência dos meios e da educação. Eles servem para raciocinar, explicar, discorrer, mas muito raramente para conduzir. Sua influência sobre as ações permanece quase inteiramente nula até o dia em que, pelas acumulações herdadas repetidas, eles penetram no inconsciente e se tornam sentimentos. Se os conceitos adquiridos conseguem, às vezes,

combater os conceitos ancestrais é porque os primeiros foram anulados por heranças contrárias, como acontece, por exemplo, no cruzamento entre sujeitos de culturas diferentes. O indivíduo se torna então um tipo de tábula rasa. Ele perdeu seus conceitos ancestrais; é apenas um mestiço sem moralidade nem caráter, à mercê de todos os impulsos.

É em razão do peso muito pesado das heranças seculares que, entre tantas crenças e opiniões que nascem a cada dia, vemos tão poucas, no curso das eras, se tornarem preponderantes e universais. Poder-se-ia mesmo dizer que, numa humanidade já tão antiga, nenhuma crença geral nova poderia se formar, se essa crença não se relacionasse tão intimamente com crenças anteriores. Crenças totalmente novas os povos não conheceram. Religiões que parecem originais quando são consideradas em uma fase avançada de sua evolução, tais como o budismo, o cristianismo e o islamismo, são, na realidade, simples afloramentos de crenças anteriores. Elas só puderam se desenvolver quando as crenças que elas substituíram tinham, pelo desgaste do tempo, perdido seu império. Elas variam segundo as culturas que as praticam e só tem de universal o conteúdo de seus dogmas. Mostramos numa obra anterior que, passando de povo a povo, elas são profundamente transformadas, ao se ligarem às religiões anteriores desses povos. Uma nova crença se torna assim simplesmente o rejuvenescimen-

to de uma crença precedente. Não existem apenas elementos judeus no cristianismo; ele tem sua origem nas mais longínquas religiões dos povos da Europa e da Ásia. O minúsculo filete de água saído da Galileia só se tornou um rio caudaloso porque toda a antiguidade pagã lhe verteu seus fluxos.

"O aporte dos judeus na mitologia cristã é, com muito boa vontade, igual ao dos egípcios e dos persas", escreve justamente o Sr. Louis Ménard.

Por mais simples e pequenas que possam ser essas mudanças de crenças, lhes faltam, no entanto, a sucessão das eras para se fixarem na alma de um povo.

Uma crença é uma coisa bem diferente de uma opinião que se discute. Ela só existe como motivador de conduta e, por consequência, com poder real, quando ela desceu ao inconsciente, para formar essa concretização sólida chamada sentimento. A crença possui então a característica essencial de ser imperativa e subtraída das influências da análise e da discussão.[11]

[11] Não é necessário se reportar às eras heroicas para compreender o que é uma crença ao abrigo da discussão. Basta mover os olhos ao redor de si para encontrar uma massa de pessoas que possuem o enxerto, sobre um fundo místico hereditário, de crenças derivadas desse fundo místico, que não poderiam ser abaladas por nenhum argumento. Todas as pequenas seitas que eclodem há 25 anos, como nasceram ao final do paganismo: espiritismo, teosofismo etc., possuem numerosos adeptos que apresentam esse estado mental em que a crença não pode mais ser destruída por nenhum argumento. O célebre processo das fotografias espíritas é cheio de ensinamento a esse respeito. O fotógrafo B.

É apenas nos seus inícios e quando ainda é flutuante, que uma crença pode ter algumas raízes na inteligência, mas, para assegurar seu triunfo, é preciso, eu repito, que ela desça às regiões dos sentimentos e passe, por consequência, do consciente ao inconsciente.

É preciso insistir nessa influência do passado na elaboração das crenças e sobre esse fato de que uma crença nova não pode se estabelecer sem se ligar a uma crença anterior. Este estabelecimento das crenças é talvez a fase mais importante da evolução das civilizações. Um dos grandes benefícios de uma crença estabelecida é dar a um povo sentimentos comuns, formas de pensamento comuns e, por consequência, palavras comuns, ou seja, despertando ideias idênticas. A crença estabelecida acaba por criar um estado de espírito semelhante, cadeias de raciocínios análogos. Isso porque ela deixa sua marca em todos os elementos de uma civilização. A crença comum constitui talvez o mais poderoso fator de criação de uma alma nacional, de uma vontade nacional e, por consequência, da orientação única dos sentimentos e das ideias de

---

admitiu na audiência que todas as fotografias de fantasmas fornecidas para seus ingênuos clientes tinham sido obtidas fotografando manequins preparados. O argumento poderia parecer categórico. Ele não abalou em nada as crenças. Apesar das confissões do cômico fotógrafo, apesar da produção para a audiência de manequins que tinham servido de modelo, os clientes espíritas mantinham com energia o reconhecimento nas fotografias dos traços de seus parentes falecidos. Essa maravilhosa obstinação da fé é muito instrutiva e mostra bem a força de uma crença.

um povo. As grandes civilizações foram sempre a floração lógica de um pequeno número de crenças e a decadência dessas civilizações sobrevém sempre na hora em que as crenças comuns se dissociam.

Uma crença coletiva tem a imensa vantagem de reunir em um só feixe todos os pequenos desejos individuais, de fazer com que um povo aja como um só indivíduo. É com razão que se pode dizer que os grandes períodos históricos são justamente aqueles em que uma crença universal se estabeleceu.

O papel das crenças universais na existência dos povos é tão fundamental que não se poderia exagerar sua importância. A história não mostra exemplos de civilizações que foram fundadas e mantidas tem ter em sua base crenças comuns a todos os indivíduos de um povo ou pelo menos de uma cidade. Essa comunidade de crenças dá, à nação que a possui, uma formidável potência, mesmo quando a crença é transitória. Nós a vimos no momento da Revolução Francesa, quando, animado por uma fé nova, que não poderia durar porque ela não poderia realizar suas promessas, o povo francês lutou vitoriosamente contra a Europa em armas.

§2. Papel das crenças nas nossas ideias e nossos pensamentos. Psicologia da incompreensão.

Logo que uma crença está solidamente estabelecida no entendimento ela se torna a reguladora da vida, a pedra de toque do

julgamento, a diretriz da inteligência. A mente só pode receber então o que estiver conforme com a nova crença. Como o cristianismo na idade média, o islamismo entre os árabes, a fé dominante imprime sua marca em todos os elementos da civilização, particularmente sobre a filosofia, a literatura e as artes. Ela é o critério supremo, ela fornece uma explicação a tudo.

O mecanismo de nossos conhecimentos, tanto para o sábio quanto para o ignorante, consiste em trazer o que é desconhecido ao que já é conhecido, ou seja, ao que nós acreditamos conhecer. Compreender supõe a observação de um fato, depois sua ligação ao pequeno número de ideias que possuímos. Ligam-se assim os fatos incompreendidos a fatos supostamente compreendidos e cada cérebro faz essa ligação segundo os conceitos inconscientes que o dominam. Do espírito mais inferior ao mais elevado o mecanismo de explicação é sempre o mesmo e consiste invariavelmente em fazer entrar uma noção nova no conjunto das concepções adquiridas.

E é justamente porque nós ligamos nossa percepção do mundo a certos conceitos ancestrais, que os indivíduos de diversas culturas têm julgamentos tão diferentes. Nós só percebemos as coisas deformando-as e as deformamos segundo nossas crenças. As crenças transformadas em sentimentos não agem apenas sobre nossa conduta na vida, elas agem também sobre os sentidos que

nós damos às palavras. Os ressentimentos e as lutas que separam as pessoas têm, na maioria das vezes, como geradores, segundo as diversas constituições mentais, ideias bem diferentes. Siga de século em século, de povo a povo e de um sexo a outro, as ideias despertadas pelas mesmas palavras. Procure, por exemplo, o que representam, para mentes de origens diversas, termos como religião, liberdade, república, burguesia, propriedade, capital, trabalho etc. e você verá quão profundos são os abismos que separam essas representações mentais.[12]

As diversas classes de uma sociedade, os indivíduos de sexos diferentes, parecem falar a mesma língua, mas isso é apenas aparente.

As diversas camadas sociais __ e, muito mais ainda, povos diferentes __ são tão separados por divergências de conceitos quanto por divergências de interesses. É por isso que a luta entre as classes e os povos e não sua quimérica concórdia, sempre constituiu um fato dominante na história. A discordância só fará crescer no futuro. Longe de tender a igualar as pessoas, a civilização tende a diferenciá-las cada vez mais. Entre um poderoso barão

[12] A refração das ideias, ou seja, a deformação dos conceitos segundo o sexo, a idade, a cultura, a educação, é uma das questões menos exploradas da psicologia. Eu toquei nisso, numa das minhas últimas obras, mostrando como se transformam as instituições, as religiões, as línguas e as artes, passando de um povo a outro.

feudal e o último de seus homens de armas, a diferença mental era infinitamente menor da que existe hoje em dia entre um engenheiro e o operário que ele comanda.

Entre povos diferentes, entre classes diferentes, entre sexos diferentes, o acordo só é possível em assuntos técnicos, nos quais os sentimentos não intervêm. Em moral, em religião, em política, o acordo é, ao contrário, impossível. Ou só é possível quando os indivíduos têm a mesma origem. Não são, portanto, raciocínios que os põem de acordo mas a identidade de seus conceitos. Nunca é na razão que a persuasão prende suas raízes. Quando indivíduos se reúnem para tratar de uma questão política, religiosa ou moral, não são mais viventes, mas mortos que discutem. É a alma de seus ancestrais que fala por suas bocas e o que eles ouvem então é o eco dessa eterna voz dos mortos a qual os viventes obedecem sempre.

As palavras têm por isso sentidos muito diversos segundo os indivíduos e elas despertam, em suas mentes, ideias e sentimentos muito diversos. O esforço mais árduo do pensamento é talvez o de penetrar nos cérebros construídos sobre tipos diferentes dos nossos. Nós só conseguimos isso com muita dificuldade, com compatriotas em que não somos separados pela idade, o sexo ou a educação; como conseguiríamos com homens de culturas diferentes, sobretudo quando séculos nos separam? Para se fazer entender por

um indivíduo é preciso lhe falar em sua língua, com as nuances de suas concepções pessoais. Pode-se __ e é justamente o caso dos pais com seus filhos __ viver durante anos ao lado de um ser sem jamais compreendê-lo. Toda nossa psicologia usual é baseada nessa hipótese de que todos as pessoas compartilham sentimentos idênticos, sob a influência de excitações semelhantes e nada é mais errôneo.

Nós não podemos jamais esperar ver as coisas como elas são realmente, pois nós só percebemos estados de consciência criados por nossos sentidos. Nós não podemos esperar que a deformação sofrida seja idêntica entre todos as pessoas, pois essa deformação varia segundo seus conceitos herdados e adquiridos, ou seja, segundo a cultura, o sexo, o meio etc. É por isso que se pode dizer que uma incompreensão geral rege, na maioria das vezes, as relações entre indivíduos de cultura, sexo, ou de meio diferentes. Eles podem se servir das mesmas palavras, eles não falarão jamais a mesma língua.

Nossa visão das coisas é sempre uma visão deformada, mas essa deformação não é suspeitada por nós. Nós somos mesmos convencidos de que ela não poderia existir. Tanto que é quase impossível que admitamos que as outras pessoas possam não pensar e agir exatamente como nós. Essa incompreensão tem como

resultado final uma perfeita intolerância, sobretudo pelas crenças e as opiniões que repousam exclusivamente sobre sentimentos.

Todos os indivíduos que professam em religião, em moral, em arte, em política, opiniões diferentes das nossas, se tornam logo, a nossos olhos, seres de má fé ou, pelo menos, de funestos imbecis. Tão logo possuamos algum poder, consideramos como estrito dever perseguir vigorosamente tais monstros perigosos. Se nós não os queimamos e não os guilhotinamos, é porque a decadência dos costumes e a triste doçura das leis se opõem a isso.

Para os indivíduos de culturas muito diferentes nós admitimos, ao menos em teoria, que eles possam não pensar completamente como nós, mas não sem lastimar sua lamentável cegueira. Consideramos, aliás, como um benefício para eles submetê-los a nossos costumes e a nossas leis, pelos meios mais enérgicos, quando por acaso nos tornamos seus senhores. Árabes, negros, anamitas, malgaches etc., aos quais pretendemos impor nossos costumes, nossas leis e nossos hábitos, (assimilá-los, como dizem os políticos), aprenderam por experiência o quanto custa querer pensar diferentemente de seus conquistadores. Eles continuam, bem entendido, a conservar seus conceitos ancestrais, que não poderiam mudar, mas eles aprenderam a esconder seus pensamentos e adquiriram ao mesmo tempo um ódio irredutível pelos seus novos senhores.

A incompreensão total que existe entre povos de culturas diferentes não é sempre origem de antipatia. Ela pode mesmo se tornar origem indireta de simpatia, porque nada impede que esses povos façam, uns dos outros, a ideia que lhes agrada. Diz-se com razão "que uma das bases mais sólidas sobre as quais repousou a aliança franco-russa foi a ignorância quase completa que os dois povos tinham um do outro".

A incompreensão se apresenta em graus diferentes entre os diversos povos. Para aqueles que viajam pouco, como os latinos, ela é absoluta e sua intolerância é, por consequência completa. Nossa incapacidade de compreender as ideias dos outros povos, civilizados ou não, é impressionante. Ela é, aliás, a causa principal do lamentável estado de nossas colônias. Os latinos mais eminentes e mesmo homens de gênio como Napoleão, não diferem do comum dos homens sobre esse ponto. Napoleão jamais teve a mais vaga noção da psicologia de um espanhol ou um inglês. Suas avaliações sobre eles valiam quase o mesmo daquele que se podia ler recentemente num dos grandes jornais políticos a propósito da conduta da Inglaterra a respeito dos selvagens da África. Assegurava o bravo redator: "Ela intervém sempre para impedir as populações de se livrarem de seus reis e se tornarem uma república".

Nada mais incompreendido e mais simplista. Nossos historiadores formulam, aliás, apreciações análogas. E é, em parte, por

que seus livros estão cheios disso, que eu cheguei a essa conclusão: os escritos históricos são puros romances, absolutamente estranhos a toda realidade. O que eles nos mostram não é jamais a alma dos personagens da história, mas unicamente a dos historiadores.

É também por que os conceitos de culturas não têm medida comum e que palavras semelhantes despertam ideias bem diferentes em cérebros dessemelhantes, que eu cheguei ainda a essa outra conclusão, paradoxal em aparência, que as obras escritas são absolutamente intraduzíveis de uma língua para outra. Isso é verdadeiro mesmo para línguas modernas e muito mais ainda para as línguas que representam as ideias de povos mortos.

Tais traduções são tão impossíveis porque o sentido real das palavras, ou seja, os sentimentos e as ideias que elas evocam, muda de século em século. Não podendo transformar as palavras, que evoluem muito mais lentamente que as ideias, nós mudamos inconscientemente seu sentido. É por isso que o código religioso e moral dos anglo-saxões, a Bíblia __ livro bárbaro escrito há 3.000 anos por tribos bárbaras __ pode se adaptar às necessidades sucessivas e cambiantes de um povo muito civilizado. Por uma ficção do espírito, cada um coloca sob as palavras antigas suas ideias modernas. Interpretando assim a Bíblia se pode, como fazem os

ingleses, abri-la ao acaso e encontrar a solução de uma questão política ou moral qualquer.

É apenas, eu repito, entre indivíduos de mesma cultura, submetidos por muito tempo às mesmas condições de existência e de meio, que é possível existir alguma compreensão nas relações recíprocas. Graças aos moldes herdados de seus pensamentos, as palavras que eles intercambiam pela canção ou pelos livros podem então despertar ideias quase semelhantes.

§3. Formação ancestral da moral.

O papel de certas qualidades morais no destino dos povos é absolutamente crucial. Iremos demonstrar isso estudando a psicologia comparada de diversas culturas. Por enquanto queremos apenas indicar que as qualidades morais são, como as crenças, legadas pela herança e fazem, por consequência, parte da alma ancestral. É nesse substrato legado pelos antepassados que germinam os motivadores de nossas ações e nossa atividade consciente só nos serve para perceber sua floração. As regras gerais de nossa conduta têm, por guias habituais, sentimentos adquiridos pela herança e muito raramente pela razão.

Esses sentimentos são de uma aquisição bem lenta. A moral só tem um pouco de estabilidade quando, tendo sido fixada pela herança, ela se tornou inconsciente e escapa, por consequência,

das influências sempre egoístas __ e frequentemente contrárias aos interesses do povo __ sugeridas pela razão. Os princípios de moralidade que a educação ensina têm, na verdade, uma influência bem pequena. Eu diria mesmo totalmente nula, se não precisássemos levar em conta os seres de caráter neutro, aqueles que Ribot chama justamente de amorfos e que são, a esse respeito, indecisos e o menor fator pode incliná-los para o bem ou para o mal. É sobretudo para esses caracteres neutros que são úteis os códigos e os policiais. Eles não farão o que estes últimos proíbem, mas não se elevarão a uma moralidade superior. Uma educação inteligente, ou seja, que negligencia completamente as discussões filosóficas e os discursos, pode demonstrar-lhes que o que mais interessa é não frequentar a esfera de ação do policial.

Enquanto nossa razão não intervém, nossa moral permanece instintiva e nossos motivadores de ação não diferem dos das massas mais inconscientes. Esses motivadores são irracionais e nesse sentido são instintivos e não o produto da reflexão. Eles são irracionais no sentido de que são a consequência de lentas adaptações que necessidades anteriores criaram. É na alma popular que eles se manifestam com toda sua força. É por isso que o instinto das massas é tão profundamente conservador e tão apto a defender os interesses coletivos de um povo, contanto que os teóricos e os retóricos não o perturbem.

* * *

CAPÍTULO II

O papel da tradição nos diversos elementos da civilização. Limites de variabilidade da alma ancestral.

§1. A influência da tradição na vida dos povos.

Sumário

Veremos que o homem é principalmente conduzido por influências ancestrais e obedece sobretudo a tradições.

Esses laços da tradição que nos conduzem, nós podemos maldizê-los; mas quão restrito em cada época é o número de pessoas, artistas, pensadores ou filósofos, capazes de sacudir seu jugo. A bem poucos é dado o desembaraço, em alguma medida, dos laços do passado. São milhões talvez que se contam os espíritos que se dizem livres-pensadores, mas com muito custo se contam algumas dezenas em cada época. As verdades científicas mais claras às vezes se estabelecem com muito custo e, quando se estabelecem, não é pela demonstração mas pelo prestígio daquele que a defende.[13]

[13]Não há erro que não possa se impor através do prestígio. Há uns trinta anos a Academia de Ciências, onde deveria se encontrar o máximo de espírito crítico, publicou como autênticas várias centenas de cartas supostamente de Newton, Pascal, Galileu, Cassini etc. e fabricadas em todos os detalhes por um falsário muito pouco letrado. Elas estavam repletas de vulgaridades e de erros, mas o prestígio de seus supostos autores e do cientista ilustre que as apresentava fez tudo ser aceito. A maior parte dos acadêmicos, inclusive o secretário perpétuo, não teve nenhuma dúvida sobre a autenticidade desses documentos, até o dia

Os médicos negaram durante um século os fenômenos do hipnotismo, que eles podiam no entanto observar em toda parte, até o dia em que um cientista possuidor de prestígio suficiente lhes afirmou que esses fenômenos eram reais.

Na linguagem comum, o qualificativo livre-pensador é simplesmente o equivalente do termo anticlerical. O farmacêutico de província, que se qualifica de livre-pensador porque não vai à missa, persegue seu cura e zomba dos dogmas é, no fundo, tão pouco livre-pensador quanto esse cura. Os dois pertencem à mesma família psicológica e são igualmente conduzidos pelo pensamento dos mortos.

Seria preciso estudar em seus detalhes as opiniões diárias que fazemos sobre todas as coisas, para poder ver bem a que ponto é exata a teoria acima. Essas opiniões, que acreditamos tão livres, nos são dadas pelo meio, os livros, os jornais e, segundo nossos sentimentos herdados, nós as aceitamos ou as rejeitamos em bloco, mas, na maioria das vezes, sem que a razão tivesse qualquer parte nessa aceitação ou rejeição. Invocamos frequentemente a razão, mas, na verdade, seu papel é tão fraco na gênese de nossas opiniões quanto nas nossas ações. É na herança, para as

---

em que o falsário confessou sua fabricação. O prestígio se evaporou, declarou-se totalmente miserável o estilo das cartas, consideradas no início como maravilhosas e bem dignas de seus supostos autores.

opiniões fundamentais e na sugestão, para as opiniões secundárias, que é preciso buscar as principais origens de nossas ideias. É por isso que os indivíduos das diversas classes sociais, das mesmas profissões, se parecem tanto. Vivendo no mesmo meio, ruminando sem cessar as mesmas palavras, as mesmas frases, as mesmas ideias, eles acabam por ter pensamentos tão banais quanto idênticos.

Quer se trate de instituições, de crenças, das artes ou de um elemento de civilização qualquer, estamos sempre fortemente curvados sob o peso do meio e sobretudo do passado. Se nós não vemos isso geralmente é porque nossa facilidade em dar nomes novos às coisas antigas nos faz acreditar que, mudando essas palavras, mudamos também as coisas que elas representam.

Para tornar bem visível o peso das influências ancestrais, é preciso pegar elementos da civilização bem nítidos; as artes, por exemplo. O peso do passado aparece então claramente, bem como a luta entre a tradição e as ideias modernas. Quando o artista acredita se subtrair ao peso do passado só faz retornar a formas antigas ou alterar os elementos mais necessários de sua arte, substituindo por exemplo uma cor por outra, o rosa da figura pelo verde, ou se livrando de todas as fantasias, como as recentes exposições anuais nos deram o espetáculo.

Mas, mesmo nessas divagações, o artista só faz confirmar sua impotência em se subtrair ao jugo da tradição e dos ritos seculares. A inspiração que ele acredita ser livre é sempre escrava. Fora das formas fixadas pelos séculos ele não pode conceber nada.

É muito lentamente que ela pode evoluir.

§2. Limites de variabilidade da alma ancestral.

A influência do passado é tal que é preciso tê-la sempre presente no espírito se queremos compreender a evolução de todos os elementos de uma civilização, como se formam nossas instituições, nossas crenças e nossas artes e que papel enorme exerce sobre sua gênese a influência dos mortos. O ser humano moderno fez os mais conscienciosos e os mais inúteis esforços para se subtrair ao passado. Nossa grande Revolução acreditava mesmo poder rejeitá-lo inteiramente. Que inúteis tais tentativas! Pode-se conquistar um povo, escravizá-lo, destruí-lo mesmo. Onde está o poder que mudaria sua alma?

Mas essa alma herdada __ a cuja influência é tão difícil se subtrair __ levou séculos para se formar. Elementos diversos foram então depositados e, sob a influência de certas excitações, elementos muito diversos podem surgir. Uma violenta mudança no meio pode desenvolver germes que estavam adormecidos em nós. Daí essas possibilidades de caráter que eu falei em outra obra

e que certas circunstâncias trazem à luz. É por isso que na alma pacífica de um chefe de escritório, de um magistrado, de um lojista, contém às vezes um Robespierre, um Marat, um Fouquier-Tinville. Bastam certos estímulos para fazerem aparecer essas personalidades latentes. Vê-se então burocratas fuzilarem reféns, artistas ordenarem a destruição de monumentos e retornarem, após a crise, à sua alma de burocratas ou de artistas e se perguntarem de qual aberração eles foram vítimas. Os burgueses da Convenção, retornados após a tormenta às suas pacíficas ocupações de escrivães, coletores de impostos, professores, magistrados, advogados etc., se perguntaram, mais de uma vez, com estupor, como puderam manifestar instintos tão sanguinários e imolar tantas vítimas.

Não é impunemente que se agita o limo depositado pelos ancestrais no fundo de nós. Não se sabe o que pode sair da alma de um herói ou da de um bandido.

§3. A luta entre as crenças tradicionais e as necessidades modernas. Mobilidade atual das opiniões.

É graças aos espíritos originais que todas as épocas veem nascer que cada civilização se livra pouco a pouco dos laços da tradição. É em razão da raridade de tais espíritos que se pode muito lentamente se livrar dela.

A estabilidade no início e a variabilidade em seguida, constituem as condições fundamentais do nascimento e do desenvolvimento das sociedades. Uma civilização não se constitui até que tenha criado uma tradição e ela não progride até que tenha modificado um pouco essa tradição a cada geração. Se ela não a modifica, ela não progride e, como a China, permanece estagnada. Se ela quer modificá-la muito rapidamente, ela perde toda estabilidade, se desagrega e logo é condenada a desaparecer. A força dos anglo-saxões está sobretudo nisso: aceitando a influência do passado, eles sabem se subtrair a seu jugo nos limites necessários.

A fraqueza dos latinos está, ao contrário, em querer rejeitar inteiramente a influência do passado e refazer sem cessar todas as peças de suas instituições, suas crenças e suas leis. Por essa única razão eles vivem há um século em revoluções e incessantes tumultos, dos quais não parecem estar próximos de sair. O grande perigo da hora presente é que nós não temos mais crenças comuns. Os interesses coletivos idênticos são substituídos cada vez mais por interesses particulares dessemelhantes. Nossas instituições, nossos códigos, nossas artes, nossa educação, foram edificados sobre crenças que se desmoronam a cada dia e que a ciência e a filosofia, que nunca tiveram esse papel, não podem substituir.

Não estamos certamente subtraídos da influência do passado, porque o ser humano não pode se subtrair disso, mas nós não

acreditamos mais nos princípios sobre os quais todo nosso edifício social está construído. Há um desacordo perpétuo entre nossos sentimentos herdados e as ideias da hora presente. Em moral, em religião, em política não há mais autoridade reconhecida como havia outrora e ninguém pode mais esperar impor uma direção para essas coisas essenciais. Como resultado, os governos, em lugar de dirigir a opinião pública, são obrigados a aturá-la e obedecer às suas incessantes flutuações. O ser humano moderno, o latino sobretudo, está ligado pelas suas vontades inconscientes ao passado, enquanto sua razão busca sem cessar se subtrair dele. Esperando a aparição de crenças fixas, ele só tem crenças que, pelo único fato de que não são herdadas, são transitórias e momentâneas. Elas nascem espontaneamente sob a influência dos acontecimentos de cada dia, como as ondas crescem com a tempestade. Elas são às vezes violentas, mas são também efêmeras. Circunstâncias quaisquer as fazem nascer, a imitação e o contágio as propagam. No estado de nervosismo em que se encontram hoje em dia certos povos, a mais pequena causa provoca sentimentos excessivos. São explosões de ódio, de fúria, de indignação, de entusiasmo, que, a propósito do menor acontecimento, explodem como trovoadas. Alguns soldados são surpreendidos em Langson pelos chineses; explosão de fúria que derruba, em algumas horas, o governo. Um vilarejo perdido em um canto da Europa é devas-

tado por uma inundação; explosão de emoção nacional que se espalha em subscrições, festas de caridade etc., que nos faz enviar para longe somas que necessitamos para aliviar nossas próprias misérias. A opinião pública só conhece os sentimentos extremos ou a profunda indiferença. Ela é terrivelmente feminina e, como a mulher, não possui nenhuma atitude que domine seus movimentos reflexos. Ela oscila sem cessar de acordo com os ventos das circunstâncias exteriores. Essa mobilidade extrema dos sentimentos que nenhuma crença fundamental dirige, os torna muito perigosos. Uma falha de autoridade aparece, a opinião pública se torna logo a senhora das circunstâncias e, como tem a seu serviço uma imprensa todo-poderosa para excitá-la ou segui-la, o papel dos governos se torna cada dia mais e mais difícil e a política dos homens de Estado mais e mais oscilante. Pode-se encontrar coisas úteis na alma popular, mas não se encontrará jamais o pensamento de um Richelieu e nem mesmo as visões claras de um modesto diplomata que possua alguma continuidade nas ideias e no comportamento. Esse poder tão grande e tão flutuante da opinião não se limita apenas à política, mas a todos os elementos da civilização. Ela dita aos artistas suas obras, aos magistrados suas sentenças[14], aos governantes sua conduta.

[14] Um dos mais curiosos exemplos da invasão da opinião pública nos tribunais, onde se sentavam outrora personalidades mais firmes, foi fornecido recente-

O perigo dessas correntes de opinião popular é que elas agem inconscientemente sobre nossas ideias e as modificam sem que suspeitemos. Os magistrados que condenam ou absolvem sob a influência da opinião popular obedecem a essa opinião frequentemente sem saber. Seu inconsciente se transforma para segui-la e a razão só serve para encontrar justificativas para as reviravoltas que acontecem a sua revelia em seu espírito.

Esses movimentos populares, característicos da hora atual, privam o governo, como eu já destaquei acima, de toda estabilidade em sua conduta. A opinião popular decreta as alianças. Como, por exemplo, a aliança franco-russa, saída de uma explosão de entusiasmo nacional. Ela decreta guerras. Como, por exemplo, a

---

mente pelo bem instrutivo caso do doutor Laporte. Ele permanecerá um exemplo a ser citado em todos os tratados de psicologia. Chamado à noite para um parto extremamente trabalhoso, não tendo à mão nenhum dos instrumentos necessários e a paciente estando a ponto de sucumbir, o médico se serve de uma ferramenta de ferro tomada emprestada de um trabalhador da vizinhança e que só se diferenciava do instrumento clássico por detalhes insignificantes. Mas como o instrumento utilizado não saiu de uma maleta cirúrgica __ coisa misteriosa possuidora de prestígio __ as fofoqueiras da vizinhança declaram imediatamente que o cirurgião é um ignorante e um açougueiro. Elas agitam com seus gritos os vizinhos, o rumor se estende, os jornais aparecem, a opinião pública se indigna e surge um magistrado para colocar o desafortunado médico na prisão, depois um tribunal o condena a um novo aprisionamento após uma longa detenção preventiva. Mas, no intervalo, especialistas eminentes tomaram o caso a mão, viraram inteiramente a opinião pública e, em algumas semanas, o açougueiro havia se tornado um mártir. O caso foi levado à apelação e os magistrados, continuando a seguir humildemente as reviravoltas da opinião pública, absolveram desta vez o acusado.

guerra dos Estados Unidos com a Espanha, surgida de um movimento de opinião criado por jornais a soldo de alguns financistas.

Um escritor americano, o Sr. Godkin, denunciou num livro curioso, **Unforeseen Tendencies of Democracy**, o papel funesto que desempenham na direção da opinião pública os jornais dos Estados Unidos, na maioria das vezes a soldo de especuladores. Uma guerra em perspectiva será, diz-se, sempre favorecida pelos jornais, simplesmente porque as notícias militares, vitórias ou derrotas, aumentam enormemente suas vendas. O livro foi escrito antes da guerra de Cuba e o acontecimento mostrou quanto eram certas as previsões do autor. Os jornais conduzem a opinião nos Estados Unidos, mas são alguns financistas que, por detrás de suas mesas, dirigem os jornais. Seu poder é mais funesto do que o dos piores tiranos, porque é anônimo e apenas o seu interesse pessoal e não o do seu país os guia. Será, como já destaquei, um dos grandes problemas do futuro encontrar um meio de fugir ao poder soberano e desmoralizante de banqueiros cosmopolitas que tendem, cada vez mais, em muitos países, a se tornarem indiretamente os senhores da opinião e, por consequência, dos governos. Um jornal americano, o **Evening Post**, destacou recentemente que, enquanto todas as outras influências são fracas ou impotentes sobre os movimentos populares, o poder da pequena imprensa assumiu outra medida. Um poder tão temível quanto sem limites, sem responsa-

bilidade, sem controle e que é exercido por absolutamente qualquer indivíduo.

Os dois jornais populares mais influentes dos Estados Unidos, os que obrigaram os poderes públicos a declarar guerra à Espanha, eram então dirigidos, um por um ex-condutor de fiacre, o outro por um jovem herdeiro de milhões. Sua opinião, observou o crítico americano, sobre o emprego que um país devia fazer de seu exército, de sua marinha, de suas finanças, de suas tradições, tinha mais influência do que todos os homens de Estado, os filósofos e os professores da nação.

Aqui ainda veremos aparecer um dos grandes desejos da hora presente, ou seja, a necessidade de descobrir uma crença, universalmente aceita e que substitua as que regeram o mundo até aqui.

Resumiremos este capítulo e o precedente dizendo que as civilizações repousaram sempre sobre um pequeno número de crenças, muito lentas para se formar, muito lentas para desaparecer. Que uma crença não pode ser aceita, ou pelo menos penetrar suficientemente na mente para se tornar um motivador de conduta, até que se ligue, mais ou menos, a crenças anteriores. Que o ser humano moderno possui, por herança, crenças que servem ainda de base a suas instituições e à sua moral, mas que estão hoje em dia em luta permanente com a razão.

Por esse motivo, ele se limita a tentar elaborar novos dogmas, se ligando suficientemente às antigas crenças, mas conformes, no entanto, com suas ideias atuais. É no conflito entre o passado e o presente, ou seja, entre nossa alma inconsciente e nossos raciocínios conscientes, que residem as causas da anarquia atual dos espíritos.

Será o socialismo a nova religião que irá substituir às antigas crenças? Falta a ele, para conseguir, esse poder mágico de criar uma vida futura, principal força até aqui das grandes religiões que conquistaram o mundo e que permaneceram. Todas as promessas de felicidade do socialismo devem se realizar aqui em baixo. Porém, a realização de tais promessas colidirá com necessidades econômicas e psicológicas sobre as quais o poder do homem nada pode. É por isso que a hora do advento do socialismo será certamente a hora de seu declínio.

O socialismo poderá triunfar um instante, como triunfaram as ideias humanitárias da Revolução Francesa. Mas ele perecerá logo em sangrentos cataclismos, pois não é gratuitamente que se levanta a alma dos povos. Ele constituirá então uma dessas religiões efêmeras que o mesmo século vê nascer e morrer e que só servem para preparar ou renovar outras mais bem adaptadas à natureza do ser humano e às necessidades de todo tipo que as sociedades são condenadas a sofrer suas leis. É considerando-o sob

este ponto de vista, de agente de dissolução destinado a preparar a eclosão de novos dogmas, que o futuro não julgará, talvez, o papel do socialismo como absolutamente funesto.

* * *

CAPÍTULO III

Evolução do socialismo rumo a uma forma religiosa.

§1. Tendências atuais do socialismo em substituir as antigas crenças.

Sumário

Após ter considerado o papel de nossas crenças e seus fundamentos longínquos, estamos preparados para compreender a evolução religiosa que sofreu o socialismo atual e que constituirá sem dúvida seu mais sério elemento de sucesso. Já mostramos, pelas explicações dadas em nosso estudo da psicologia das massas, que as convicções das massas tendem sempre a assumir uma forma religiosa. As multidões não têm nem ceticismo nem espírito crítico. O credo político, religioso ou social, aceito por elas, é sempre adotado sem discussão e venerado com fervor.

Nós não temos que buscar nesse capítulo o valor filosófico ou econômico das novas doutrinas, mas unicamente a impressão que elas produzem nas mentes. Nós repetimos muitas vezes que o sucesso de uma crença não depende absolutamente da quantidade de verdade ou de erro que ela possa conter, mas unicamente dos sentimentos que ela produziu e das devoções que ela inspira. A história de todas as crenças é a prova manifesta disso.

Sob o ponto de vista de seu futuro como crenças religiosas, as concepções socialistas possuem incontestáveis elementos de

sucesso. Em primeiro lugar, elas não têm que lutar muito com as crenças anteriores, porque estas últimas estão em vias de desaparecer. Em segundo lugar, elas se apresentam sob formas excessivamente simples, que as tornam acessíveis a todas as mentes. Em terceiro lugar enfim, elas se conectam facilmente às crenças precedentes e podem, por consequência, substituí-las sem esforço. Nós já demonstramos, com efeito, que os socialistas cristãos têm doutrinas quase idênticas a dos outros socialistas.

O primeiro ponto, a dissolução das crenças anteriores, é capital. A humanidade não conseguiu viver até agora sem crenças. Assim que uma religião antiga está em vias de desaparecer, uma nova vem logo substituí-la. O sentimento religioso, ou seja, a necessidade de se submeter a uma fé qualquer __ divina, política ou social __ é um de nossos mais imperativos instintos. O ser humano tem necessidade de crenças para dirigir maquinalmente sua vida e evitar todo esforço de pensamento. Não é a liberdade, mas sim a escravidão do pensamento que o inspira. Ele se subtrai às vezes ao domínio dos tiranos que o oprimem. Mas como se subtrairia ao domínio igualmente imperioso de suas crenças? Após ter sido inicialmente a expressão de suas necessidades e sobretudo de suas esperanças, as crenças acabam por modificá-las e por dirigir o instintivo domínio de suas aspirações.

A nova doutrina responde perfeitamente aos desejos e às esperanças atuais. Ela aparece na hora exata em que acabam de morrer as crenças religiosas e sociais que vivenciaram nossos pais e ela está pronta para renovar as promessas. Só o seu nome já é uma palavra mágica que, como o paraíso das velhas eras, sintetiza nossos sonhos e nossas esperanças. Por mais fraco que seja seu valor e por mais incerto que sua realização possa ser, ela constitui um ideal novo que terá ao menos o mérito de trazer ao ser humano a esperança, que os deuses não lhe dão mais e as ilusões, que a ciência lhe tirou. Se é verdade que, por muito tempo ainda, a felicidade do ser humano deva residir na faculdade maravilhosa de criar divindades e de acreditar nelas, não se poderia desconhecer a importância do novo dogma.

Ele cresce a cada dia __ o decepcionante fantasma __ e seu poder se torna cada vez mais preponderante. Os antigos dogmas perderam seu poder, os altares das velhas divindades estão desertos, a família se dissocia, as instituições se desmoronam, as hierarquias desaparecem. Apenas a miragem social se desenvolve sobre as ruínas que se amontoam por toda parte. Ela se espalha sem encontrar sérios detratores. Enquanto que seus adeptos são apóstolos ardentes, persuadidos, como outrora os discípulos de Jesus, de que estão de posse de um novo ideal destinado a regenerar o mundo, os tímidos defensores da velha sociedade estão, pelo

contrário, muito fracamente convencidos do valor da causa que eles sustentam. Toda sua defesa consiste apenas em repisar penosamente a sombra de antigas fórmulas teológicas e econômicas usadas há muito tempo e que perderam toda virtude. Eles dão a impressão de múmias que tentam se agitar debaixo de suas ataduras. Num relatório sobre um concurso acadêmico, o Sr. Léon Say destacava a espantosa mediocridade das obras destinadas a combater o socialismo, apesar da importância das recompensas oferecidas. Os defensores do paganismo não se mostraram mais impotentes quando um deus novo, saído das planícies da Galileia, veio recolher a herança das velhas divindades cambaleantes e lhes dar os últimos golpes.

Elas não tinham certamente a lógica por base, as novas crenças. Mas quais são, desde a origem do mundo, as crenças que repousaram sobre a lógica?

A maioria, no entanto, presidiu a eclosão de civilizações brilhantes. O irracional que se perpetua se torna racional e o ser humano acaba por se acomodar a ele. As sociedades são fundadas sobre desejos, crenças, necessidades, ou seja, sobre sentimentos e jamais sobre razões e nem mesmo sobre verossimilhanças. Esses sentimentos evoluem sem dúvida segundo uma lógica secreta, mas dessa lógica nenhum pensador jamais conheceu as leis.

Nenhuma das grandes crenças que reinou sobre a humanidade foi filha da razão e se cada uma obedeceu à lei comum que força os deuses e os impérios a declinar e a morrer, não foi a razão que pôs fim a elas.

O que as crenças possuem num alto grau e que a razão não possuirá jamais é o magnífico poder de juntar coisas sem nenhuma ligação, de transformar em verdades indiscutíveis os mais manifestos erros, de escravizar as almas encantando os corações e finalmente de transformar as civilizações e os impérios.

Elas não são filhas da lógica, mas elas são rainhas da história.

Levando em conta o lado sedutor dos novos dogmas, seu simplismo extremo que os torna acessíveis a todos os espíritos, o ódio atual das classes populares pelos detentores da riqueza e do poder, o poder político absoluto de mudar suas instituições que essas classes possuem por meio do sufrágio universal. Levando em conta, repito, as condições de propagação tão singularmente favoráveis, poder-se-ia se perguntar porque os progressos das novas doutrinas são relativamente tão lentos e quais são as forças misteriosas que regulam sua marcha. O que expusemos sobre as origens de nossas crenças e a lentidão de suas transformações dá a resposta a essa pergunta.

§2. Propagação da crença. Os apóstolos.

A hora atual nos mostra a elaboração da religião socialista. Podemos estudar a ação de seus apóstolos e de todos os grandes fatores cujos papéis nós já mostramos em outro lugar: as ilusões, as palavras e as fórmulas, a afirmação, a repetição, o prestígio e o contágio.

É sobretudo por causa dos seus apóstolos que o socialismo poderá talvez triunfar por um instante. Apenas esses convictos têm o ardor indispensável para criar a fé; poder mágico que, em várias épocas, transformou o mundo. Eles conhecem a arte de persuadir; arte às vezes sutil e simples, que nenhum livro jamais ensinou as verdadeiras leis. Eles sabem que as massas têm horror da dúvida. Que elas só conhecem os sentimentos extremos: a afirmação ou a negação enérgicas, o amor intenso ou o ódio violento. Esses sentimentos eles sabem fazer nascer e desenvolver.

Não é necessário que os apóstolos sejam muito numerosos para executar sua obra. Pensemos no pequeno número de fanáticos que foi preciso para provocar um acontecimento tão colossal quanto as Cruzadas. Evento mais maravilhoso talvez que a fundação de uma religião, porque vários milhares de pessoas foram levados a parar tudo e se precipitar rumo ao Oriente e a recomeçar várias vezes, apesar dos reveses mais sombrios e as privações mais duras.

Qualquer que sejam as crenças que reinem no mundo; quer se trate do cristianismo, do budismo, do islamismo ou simplesmente de teorias políticas, tais como as que presidiram a Revolução Francesa, elas só são propagadas pelos esforços dessa categoria especial de convictos que se chama apóstolos. Hipnotizados pela fé que os subjugou, eles estão prontos para todos os sacrifícios para propagá-la e acabam mesmo vivendo apenas para estabelecer seu reino. São semi-alucinados, cujo estudo recairia sobretudo na patologia mental, mas que sempre desempenharam um papel imenso na história.

Eles são recrutados principalmente entre as mentes dotadas do instinto religioso, instinto cuja característica é a necessidade de ser dominado por um ser ou um credo qualquer e de se sacrificar para fazer triunfar um objeto de adoração.

O instinto religioso __ sendo um sentimento inconsciente __ sobrevive naturalmente ao desaparecimento da crença que o mantinha inicialmente. Os apóstolos socialistas, que amaldiçoam ou renegam os velhos dogmas cristãos, não são espíritos menos religiosos. A natureza de sua fé mudou, mas eles permanecem dominados por todos os instintos ancestrais de sua raça. A sociedade paradisíaca sonhada por eles é bem semelhante ao paraíso celeste de nossos pais. Nesses cérebros simples que o atavismo domina inteiramente, o velho deísmo se objetivou sob a forma terrestre de

um Estado providencial reparador de todas as injustiças e possuidor do poder ilimitado dos antigos deuses. O ser humano muda às vezes de ídolos, mas como quebraria as formas herdadas de pensamento que os fez nascer?

O apóstolo é, portanto, sempre um espírito religioso, desejoso de propagar sua crença, mas é também __ e antes de tudo __ um espírito simples, completamente refratário à influência de um raciocínio. Sua lógica é rudimentar. As necessidades e as ligações lhe escapam totalmente. Tem-se uma ideia muito nítida de suas concepções percorrendo os interessantes extratos de 170 autobiografias de socialistas militantes, publicadas recentemente por um escritor de sua seita, o Sr. Hamon. Encontra-se entre eles homens que professam doutrinas bem diferentes, pois o anarquismo não passa, na realidade, de um exagero do individualismo, porque gostaria de suprimir todo governo e deixar o indivíduo livre consigo mesmo, enquanto que o coletivismo implica numa estreita submissão do indivíduo ao Estado. Mas, praticamente, essas diferenças, dificilmente enxergadas aliás pelos apóstolos, desaparecem completamente. Os sectários das diversas formas de socialismo manifestam o mesmo ódio contra a sociedade, o capital, a burguesia e propõem meios idênticos para suprimi-las. Os mais pacíficos gostariam simplesmente de espoliar de suas riquezas

aqueles que possuem; os mais belicosos tenderiam a acrescentar a essa espoliação o extermínio dos vencidos.

O que suas declarações traem de melhor é o simplismo de suas almas. Nenhuma dificuldade os embaraça. Nada é mais fácil para eles do que refazer a sociedade: “Só é preciso cassar revolucionariamente o governo, expropriar os detentores da riqueza social, colocar tudo a disposição de todos... Numa sociedade onde desapareceu a distinção entre capitalistas e trabalhadores, não há necessidade de governo”.

Hipnotizados cada vez mais por 2 ou 3 fórmulas que são repetidas sem cessar, o apóstolo sente uma ardente necessidade de propagar sua fé e de mostrar ao mundo a boa nova que tirará a humanidade do erro onde ela tinha chafurdado até agora. A luz que ele traz não é clara? Quem poderia evitar a conversão, a não ser os maldosos e os espíritos de má-fé?

Escreve o Sr. Hamon:

> *Levados pelo ardor do proselitismo, eles propagandeiam sem medo de sofrer pelo ideal. Por ele, eles rompem suas relações familiares e de amizades; perdem seu emprego e seus meios de subsistência. Por devoção, eles arriscam até a prisão, o trabalho forçado, a morte; eles querem impor seu ideal, eles querem salvar a massa popular, apesar dela. Eles são análogos aos Terroristas de 1793 que, por amor à humanidade, matavam os humanos.*

A necessidade de destruição é um fenômeno constatado entre os apóstolos de todos os cultos. Um dos que são citados pelo autor acima quer demolir todos os monumentos, as igrejas sobretudo, convencido de que sua destruição "seria a destruição das religiões espiritualistas".

Essa alma primitiva, de fato, é o seguidor de ilustres exemplos. O imperador cristão Teodósio não pensou duas vezes quando, em 389 de nossa era, ele mandou quebrar todos os monumentos religiosos que o Egito tinha edificado durante 6.000 anos, nas margens do Nilo, só deixando de pé as muralhas e as colunas mais sólidas para serem derrubadas.

Parece, portanto, que é uma necessidade psicológica quase geral em todas as épocas, que não se possa ser apóstolo sem sentir a necessidade intensa de massacrar alguém ou de quebrar qualquer coisa.

O apóstolo que não se preocupa com monumentos pertence a uma variedade relativamente inofensiva, mas evidentemente um pouco tedioso. O perfeito apóstolo não se contenta com meias-medidas. Ele entende que, após ter destruído os templos dos falsos deuses, é necessário suprimir seus seguidores. Que importam as hecatombes quando se trata de regenerar o gênero humano, de estabelecer a verdade e de destruir o erro? É evidente que o melhor meio de não deixar infiéis é massacrar em bloco todos os que

se encontrar e só deixar de pé os apóstolos e seus discípulos! Esse é o programa dos puros, daqueles que desdenham os compromissos hipócritas e as covardes transações com a heresia.

Infelizmente os heréticos resistem ainda um pouco. E, aguardando a possibilidade de exterminá-los, é preciso se contentar com assassinatos isolados e com ameaças. Essas últimas, aliás, são bem categóricas e não podem deixar nenhuma ilusão com os futuros massacres. Um socialista italiano de vanguarda, citado pelo Sr. Garofalo, resume assim seu programa: "Degolaremos todos que encontrarmos com armas nas mãos, jogaremos do alto das varandas ou lançaremos ao mar os velhos, as mulheres e as crianças".

Esses procedimentos dos novos sectários não têm nada de novo e estão sempre presentes, sob as mesmas formas, em diversos períodos da história. Todos os apóstolos esbravejaram nos mesmos termos contra a impiedade de seus adversários. E assim que detiveram o poder, empregaram contra eles os mesmos processos de destruição rápida e enérgica. Maomé convertia pelo sabre, os homens da Inquisição pela fogueira, os da Convenção pela guilhotina, nossos anarquistas modernos pela dinamite. Apenas o modo de extermínio mudou um pouco.

O que parece mais triste nessas explosões de fanatismo que as sociedades devem periodicamente sofrer, é que, entre os con-

victos, a inteligência mais alta é impotente contra a feroz transmissão de sua fé. Nossos anarquistas modernos não falam e nem agem diferentemente do que fazia Bossuet a respeito dos heréticos, quando ele começou a campanha que devia resultar em seu massacre e na sua expulsão. Em que termos fulgurantes o ilustre prelado esbravejava contra os inimigos de sua fé "que mais amam estagnar em sua ignorância do que se confessar e alimentar, em seu espírito indócil, a liberdade de pensar tudo que quiserem, do que se curvar sob a autoridade divina".

É preciso ler, nos escritos da época, com que alegria selvagem foram recebidas pelo clero a revogação do Édito de Nantes e as perseguições aos protestantes durante o reinado de Luís XIV. Os bispos e o piedoso Bossuet deliram de entusiasmo. Diz este último a Luís XIV: "O senhor exterminou os hereges. É a obra digna de vosso reino. É o coroamento".

O extermínio foi, com efeito, bem completo. Essa "digna obra" teve por resultado a emigração de 400.000 franceses, sem contar um número considerável de recalcitrantes, queimados a fogo brando, esquartejados, pendurados, estripados ou enviados para as galeras do rei. A Inquisição não dizimou menos a Espanha e a Convenção não dizimou menos a França. Esta última possuía, ela também, a verdade absoluta e queria extirpar o erro. Ela teve

sempre os ares de um concílio, muito mais do que de uma assembleia política.

Explica-se facilmente os estragos cometidos por todos esses terríveis destruidores de homens quando se sabe ler as suas almas. Torquemada, Bossuet, Marat, Robespierre se consideravam dóceis filantropos, que só pensavam na felicidade da humanidade. Filantropos religiosos, filantropos políticos, filantropos sociais, pertencem à mesma família. Eles se acham de muito boa fé, os amigos da humanidade, da qual foram sempre os mais perniciosos inimigos. O fanatismo cego dos verdadeiros crentes os torna muito mais perigosos do que bestas selvagens.

Os alienistas atuais consideram, geralmente, que os sectários da vanguarda do socialismo pertencem ao tipo criminoso, ao que chamam de criminosos natos. Mas isso é uma qualificação muito sumária e, frequentemente, muito inexata, pois ela abrange indivíduos que pertencem a classes diversas, sem parentesco algum, na maior parte, com os verdadeiros criminosos. Que houve, entre os propagadores da nova fé, alguns criminosos, não há dúvida, mas a maior parte dos delinquentes que se qualificam de socialistas anarquistas, só fazem realçar, com um verniz político, crimes comuns. Os verdadeiros apóstolos podem cometer atos justamente qualificados como crimes pelo código, mas que não têm nada de criminoso sob o ponto de vista psicológico. Longe de ser a conse-

quência do interesse pessoal, o que é a característica do verdadeiro crime, seus atos são contrários, na maioria das vezes, aos seus interesses mais evidentes. São espíritos rudimentares e místicos, absolutamente incapazes de raciocinar e dominados por um sentimento religioso que invadiu todo o campo de seu entendimento. Eles são muito perigosos certamente e uma sociedade que não quer ser destruída por eles deve eliminá-los cuidadosamente de seu seio; mas seu estado mental é muito mais para alienista do que para criminalista.

A história está cheia de suas façanhas, pois eles constituem uma espécie psicológica que viveu em todas as épocas.

Escreve Lombroso:

> *Os alienados e os apaixonados com tendências altruístas surgiram em todas as épocas, mesmo na época selvagem, mas depois eles encontraram alimento nas religiões. Mais tarde, eles se lançaram em facções políticas e nas conspirações antimonárquicas da época. A princípio cruzados, depois rebeldes, depois cavaleiros errantes, depois mártires da fé ou do ateísmo.*
>
> *Em nossos dias e sobretudo entre os povos latinos, quando um desses fanáticos altruístas surge, ele não encontra outro alimento possível a suas paixões que não seja no terreno social e econômico.*
>
> *São quase sempre as ideias mais discutidas e as menos objetivas que deixam campo livre ao entusiasmo dos fanáticos. Você encontrará uma centena de fanatizados por um problema de teologia ou de metafísica; você não encontrará nenhum para um problema de geometria.*

Quanto mais uma ideia é estranha e absurda, mais ela atrai alienados e histéricos, sobretudo no mundo político onde cada triunfo privado se torna um fracasso ou triunfo público e essa ideia sustenta até a morte os fanáticos, a quem ela serve de compensação para a vida que eles perdem ou os suplícios que eles sofrem.

Ao lado da categoria de apóstolos que descrevemos e que são os propagadores necessários de todas as crenças, existem variedades menos importantes, cuja hipnose é limitada a apenas um ponto de entendimento. Encontramos diariamente na vida pessoas muito inteligentes, proeminentes mesmo, que se tornam incapazes de raciocinar quando abordam certos assuntos. Dominados por sua paixão política ou religiosa, elas demonstram uma incompreensão e uma intolerância que surpreende. São fanáticos de ocasião, cujo fanatismo só se torna perigoso quando é provocado. Eles raciocinam com lucidez e moderação sobre todas as questões, exceto sobre aquelas onde a paixão que os invade é seu único guia. Neste terreno limitado eles se erguem com toda a fúria persecutória dos verdadeiros apóstolos, que encontram entre seus pares, nas horas de crise, auxiliares cheios de cegueira e de ardor.

É, enfim, uma outra categoria de sectários socialistas levados somente por uma ideia única e cujas crenças são até mesmo bem fracas. Eles pertencem à grande família dos degenerados. Mantidos __ pelas suas taras hereditárias e suas deficiências físicas ou mentais __ em situações inferiores das quais não podem

sair, eles são os inimigos naturais de uma sociedade na qual sua incapacidade incurável e as hereditariedades mórbidas das quais eles são vítimas, os impedem de se adaptar. Eles são os defensores espontâneos das doutrinas que lhes prometem, com um futuro melhor, um tipo de regeneração. Esses desgraçados dos quais nos ocuparemos no capítulo consagrado aos inadaptados, formam um imenso aporte à massa de apóstolos. É próprio das nossas civilizações modernas criar e, por um tipo de bizarra ironia humanitária, conservar e proteger, com a mais imprevidente solicitude, um estoque cada dia mais considerável de dejetos sociais, sob o peso dos quais elas acabarão, talvez, por soçobrar.

A nova religião que constitui o socialismo entra na fase em que a propaganda é feita pelos apóstolos. A esses apóstolos começam a se juntar alguns mártires: eles constituem um novo elemento de sucesso. Após as últimas execuções de anarquistas em Paris, a polícia teve que intervir para impedir as piedosas peregrinações à tumba das vítimas e a venda de suas imagens adornadas com todo tipo de atributos religiosos. O fetichismo é o mais antigo dos cultos e será, talvez, o último. Os povos sempre precisam de alguns fetiches para encarnarem seus sonhos, seus desejos e seus ódios.

Assim se propagam os dogmas e nenhum racionalismo poderia lutar contra eles. Sua força é invencível, pois ela se apoia

sobre a secular inferioridade das massas e sobre a eterna ilusão da felicidade, cuja miragem conduz as pessoas e as impede de ver as barreiras que separam as realidades e os sonhos.

§3. Propagação da crença nas massas.

Tendo longamente explicado, em minhas duas últimas obras, o mecanismo de propagação das crenças, eu encaminho o leitor até elas. Ele verá como todas as civilizações derivam da influência de um pequeno número de ideias fundamentais, que, após uma série de transformações, acabam por germinar sob a forma de crenças na alma popular. O processo dessa fixação tem uma grande importância, pois as ideias só exercem seu papel social __ benéfico ou nocivo __ após terem descido para a alma das massas. Então, e só então, elas se tornam opiniões gerais, depois crenças irredutíveis, ou seja, fatores essenciais das religiões, das revoluções e das mudanças de civilização.

É nesse terreno final, a alma das massas, que todas as nossas concepções metafísicas, políticas, religiosas e sociais acabam por cravar sua raízes. Portanto, é importante conhecê-la bem e foi por isso que publicamos um estudo do mecanismo da evolução mental dos povos e da psicologia das massas, como um prefácio para uma obra sobre o socialismo.

Esse estudo foi tão indispensável porque essas importantes questões, a última sobretudo, eram muito mal conhecidas. Os raros escritores que estudaram as massas chegaram a conclusões que são exatamente o contraponto da realidade, ou pelo menos uma única faceta de uma questão que possui muitas. Eles só viram na massa "uma besta selvagem insaciável por rapinas e sangue".

Quando se aprofunda um pouco no assunto, descobre-se, ao contrário, que os piores excessos das massas têm frequentemente, por ponto de partida, ideias muito generosas e bem desinteressadas e que a massa é facilmente tão vítima quanto carrasco. Um livro que tivesse por título **As Massas Virtuosas** seria tão justificável quanto um livro intitulado **As Massas Criminosas**.

Eu insisti longamente, naquelas obras, sobre este ponto, que uma das características que separam profundamente o indivíduo isolado da massa, é que o primeiro tem quase sempre por guia seu interesse pessoal, enquanto que as massas raramente obedecessem a motivações egoístas, mas na maioria das vezes a interesses coletivos ou mesmo a interesse algum. O heroísmo e a abnegação são, muito mais frequentemente, características das massas do que dos indivíduos.

Atrás de toda crueldade coletiva há, muito frequentemente, uma crença, uma ideia de justiça, uma necessidade de satisfação moral, um esquecimento completo do interesse pessoal, um sacri-

fício ao interesse geral, ou seja, precisamente o contrário do egoísmo.

A massa pode se tornar cruel, mas ela é sobretudo altruísta e muito mais facilmente dedicada à devoção do que à destruição. Dominada pelo inconsciente, ela tem uma moralidade e uma generosidade que tendem sempre a se tornar ativas, enquanto que os indivíduos permanecem geralmente contemplativos e se limitam geralmente aos discursos. A reflexão e o raciocínio levam frequentemente ao egoísmo. Esse egoísmo, tão enraizado no indivíduo isolado, é um sentimento que a massa não conhece, precisamente porque ela não é capaz nem de reflexão nem de raciocínio. A fundação das religiões e dos impérios não teria sido possível com exércitos de discípulos pensando e refletindo. Muito poucos soldados de tais exércitos teriam sacrificado suas vidas pelo triunfo de alguma causa.

Só se pode compreender bem a história tendo sempre presente no espírito que a moral e a conduta do homem isolado são muito diferentes daquelas desse mesmo homem quando faz parte de uma coletividade. É pelas massas que se mantém os interesses coletivos de um povo. Interesses que implicam sempre no esquecimento mais ou menos grande dos interesses pessoais.

O altruísmo profundo, o altruísmo nos atos e não nas palavras, é uma virtude coletiva. Toda obra de interesse geral necessi-

ta, para sua realização, de um mínimo de egoísmo e um máximo de devotamento cego, de abnegação e de sacrifício. O que só pode ser conseguido pelas massas.

Apesar de suas violências momentâneas, as massas se mostraram sempre aptas a tudo suportar. Os fanáticos e os tiranos de todas as eras jamais tiveram dificuldades em encontrar massas prontas a se matarem para defender uma causa qualquer. Elas jamais se mostraram rebeldes a alguma tirania religiosa ou política; tiranias de vivos e tiranias dos mortos. Para se tornar seu senhor, basta se fazer amar ou se fazer acreditar; muito mais pelo prestígio do que pela força.

Violências efêmeras algumas vezes e submissão cega na maioria das vezes, são duas características opostas, mas que não é preciso separar se se quer conhecer bem a alma das multidões. Suas violências são comparáveis às vagas tumultuosas que a tempestade levanta na superfície do oceano, mas sem perturbar a serenidade de suas águas profundas. Esse substrato é tão mais profundo quanto mais antigo é o povo e, por consequência, mais solidez possui.

Os socialistas acreditam que as massas serão facilmente manipuladas por eles, mas logo descobrirão que é no meio delas que se encontrarão não seus aliados, mas seus mais irredutíveis inimigos. As massas poderão sem dúvida, com suas cóleras de um dia,

derrubar furiosamente o edifício social, mas no dia seguinte elas aclamarão o primeiro César que verem e que lhes prometer reconstruir o que elas acabaram de quebrar. O que predomina, na realidade, nas massas, entre os povos que possuem um longo passado, não é a mobilidade, mas a rigidez.

Seus instintos destrutivos e revolucionários são efêmeros, seus instintos conservadores têm uma tenacidade extrema. Os instintos destrutivos poderão permitir ao socialismo triunfar por um instante, mas os instintos conservadores não lhe permitirão durar. Em seu triunfo, bem como em sua queda, as pesadas argumentações dos teóricos não desempenharão nenhum papel. Ainda não chegou a hora em que a lógica e a razão serão chamadas a guiar os encadeamentos da história.

* * *

LIVRO III

O socialismo segundo as culturas

CAPÍTULO I

O socialismo na Alemanha

§1. Os fundamentos teóricos do socialismo na Alemanha.

Sumário

É na Alemanha que o socialismo tomou hoje em dia a maior extensão, sobretudo nas classes médias e superiores. Sua história nesse país sairia completamente dos limites desta obra. Se eu lhe consagro algumas páginas, é unicamente porque a evolução do socialismo na Alemanha poderia parecer, a primeira vista, contrária à nossa teoria sobre a relação estreita existente entre as concepções sociais de um povo e a alma desse povo. Há certamente diferenças muito profundas entre a alma latina e a alma alemã. E, no entanto, os socialistas dos dois países possuem concepções idênticas.

Antes de mostrar porque teóricos pertencentes a povos tão diferentes chegam a conclusões às vezes semelhantes, indicaremos primeiro, em algumas linhas, o quanto a maneira de raciocinar dos teóricos alemães difere da dos teóricos latinos.

Após serem inspirados durante muito tempo por ideias francesas, os alemães inspiram ideias, por sua vez. Seu pontífice provisório, pois eles mudam frequentemente, foi durante muito tempo Karl Marx. Seu papel consistiu sobretudo em tentar dar uma forma científica a especulações bem banais e bem velhas, retiradas, como mostrou bem o Sr. Paul Deschanel, de escritores franceses e ingleses.

Karl Marx, bem desconsiderado hoje em dia, mesmo pelos seus antigos discípulos, foi durante mais de trinta anos o teórico do socialismo alemão. A forma científica de seus escritos e sua obscuridade foram muito sedutores para o espírito às vezes metódico e nebuloso dos germânicos. Ele pretendia ter por base, em seu sistema, a lei da evolução de Hegel e a lei da luta pela existência de Darwin. O que conduz as sociedades, segundo ele, não é a necessidade de justiça ou de igualdade, mas a necessidade de comer. E o principal fator da evolução é a luta para disputar a comida. A luta de classes é constante, mas se modifica com as descobertas industriais. O emprego das máquinas destruiu o regime feudal e assegurou o triunfo do terceiro estado. A evolução da grande indústria dividiu os homens em duas novas classes: trabalhadores produtores e capitalistas exploradores. O patrão, segundo Marx, se enriquece às custas do trabalhador e só lhe dá a menor parte possível do valor criado pelo seu trabalho. O capital é um

vampiro que suga o sangue do trabalhador. A riqueza dos capitalistas exploradores cresce sem cessar à medida que a miséria do trabalhador aumenta. Exploradores e explorados vão se envolver em uma guerra de extermínio que resultará na destruição da burguesia, na ditadura do proletariado e no estabelecimento do comunismo.

A maior parte dessas afirmações não resistiu à crítica e hoje em dia não são mais discutidas na Alemanha. Elas só conservaram seu prestígio nos países latinos e é sobre elas que o coletivismo se apoia ainda.

Mas o que é preciso sobretudo reter, do que precede, são as tendências científicas dos socialistas alemães: o cerne de sua cultura está inteiro ali. Longe de considerar, como seus confrades latinos, o socialismo como uma organização arbitrária que pode se criar e se impor com todos os detalhes, eles só veem o desenvolvimento inevitável da evolução econômica e professam um perfeito desprezo pelas construções geométricas de nosso racionalismo revolucionário. Eles ensinam que não há leis econômicas permanentes, nem direito natural permanente, mas apenas formas transitórias. “As categorias econômicas não são categorias lógicas, mas categorias históricas”.

As instituições sociais têm um valor totalmente relativo e jamais absoluto. O coletivismo é uma forma de evolução na qual

as sociedades, por característica da evolução econômica atual, devem necessariamente entrar.

Essa concepção evolucionista do mundo está certamente tão distante quanto possível do racionalismo latino que, segundo o exemplo de nossos pais da Revolução Francesa, quer destruir e reconstruir integralmente a sociedade.

Mesmo partindo de princípios diferentes, onde se encontram as características fundamentais das duas culturas, socialistas alemães e socialistas latinos chegam exatamente à mesma conclusão: refazer a sociedade fazendo com que seja absorvida pelo Estado. Os primeiros querem operar essa reconstrução em nome da evolução, da qual eles pretendem que ela seja a consequência. Os segundos querem fazer a demolição em nome da razão. Mas as sociedades do futuro se apresentam a eles sob uma forma idêntica. Eles professam o mesmo ódio ao capital e à iniciativa privada, a mesma indiferença pela liberdade, a mesma necessidade de doutrinar os indivíduos, de dirigi-los através de uma regulamentação excessiva. Os primeiros pretendem, como os segundos, destruir o Estado moderno, mas com seu pronto restabelecimento com um outro nome e uma administração só diferente da atual porque possuiria atribuições bem mais extensas.

§2. Evolução atual do socialismo na Alemanha.

Entre os povos latinos o socialismo de Estado é, como eu mostrarei logo, uma consequência de seu passado, o resultado de séculos de centralização e de desenvolvimento progressivo do poder central. Não é totalmente o caso entre os alemães. Foi por vias artificiais que eles chegaram a uma concepção do papel do Estado idêntica a dos povos latinos. Essa concepção é a consequência da transformação das condições de existência e do caráter, causado há um século na Alemanha pela extensão do serviço militar universal. É o que os escritores alemães mais esclarecidos, Ziegler particularmente, reconheceram perfeitamente. O único meio possível de modificar a alma de um povo, ou pelo menos seus costumes e sua conduta, é uma disciplina militar rígida. É a única, com efeito, contra a qual o indivíduo é impotente para lutar. Ela o hierarquiza e lhe tira todo sentimento de iniciativa e de independência. Discute-se sobre dogmas, mas como discutir as ordens de um chefe que tem direito de vida e morte sobre seus subalternos e pode responder com prisão a mais humilde observação?

Até se tornar universal o serviço militar constituiu um admirável meio de opressão e de conquista para os governos. Ele foi a força de todos os povos que souberam desenvolvê-lo e nenhum pode subsistir sem ele. Mas a era moderna criou o serviço militar

universal. Em lugar de agir, como outrora, sobre uma porção bem restrita de um povo, ele age sobre a alma inteira desse povo. É nos países em que ele atingiu, como na Alemanha, seu grau máximo de desenvolvimento, que se pode melhor estudar seus efeitos. Nenhum regime, mesmo nos conventos, sacrifica mais o indivíduo em prol da comunidade e se aproxima mais do tipo social sonhado pelos socialistas. Em um século, o militarismo prussiano transformou a Alemanha e a tornou admiravelmente apta a sofrer o socialismo de Estado.

Eu recomendo a nossos jovens professores que procurem teses um pouco menos banais do que aquelas com que eles se contentam geralmente e estudem as transformações operadas, durante o século XIX, nas ideias filosóficas e sociais da Alemanha, pela aplicação do serviço militar universal e obrigatório.

A Alemanha atual, regida pela monarquia prussiana, não é o produto de uma lenta evolução histórica; sua unidade recente foi feita unicamente pela força das armas, que decorreu das vitórias da Prússia sobre a Áustria e a França. A Prússia conseguiu reunir, sob um poder praticamente absoluto, um grande número de pequenos reinos outrora muito prósperos. Sobre as ruínas da vida provinciana e local ela constituiu uma centralização poderosa, parecida com aquela da França sob Luís XIV e Napoleão. Mas esse regime centralizador não pode deixar de produzir, em pouco

tempo, os efeitos que ele produziu em toda parte: destruição da vida local, a vida intelectual sobretudo; destruição da iniciativa particular; absorção progressiva pelo Estado de todas as funções. A história nos mostra que essas grandes monarquias militares só prosperam quando possuem homens eminentes à frente. E, como esses homens eminentes são raros, elas nunca prosperam por muito tempo.

A absorção pelo Estado foi mais fácil na Alemanha por causa da monarquia prussiana que, tendo adquirido através de guerras vitoriosas um grande prestígio, pode exercer um poder quase sem controle. Não é o caso dos países onde os governos, abalados por frequentes revoluções, encontram no exercício do seu poder numerosos entraves. A Alemanha é, hoje em dia, o grande centro do autoritarismo e pode-se temer que ela não será mais, brevemente, o abrigo de nenhuma liberdade.

Compreende-se facilmente que o socialismo, que demanda cada vez mais a expansão da intervenção do Estado, encontrou na Alemanha um terreno muito bem preparado. Seu desenvolvimento não poderia desagradar as áreas governamentais de uma nação tão hierarquizada e doutrinada quanto a Prússia moderna. Os socialistas foram vistos durante muito tempo com um olhar muito benevolente. O senhor de Bismarck os protegeu no início e eles conti-

nuariam a sê-lo se, por uma oposição política muito desastrosa, não tivessem acabado por se tornar um embaraço para o governo.

Deixou-se, há muito, de poupá-los e, como o império alemão é uma monarquia militar que pode __ apesar de sua forma parlamentar __ assumir muito facilmente uma forma autocrática, empregou-se contra os socialistas processos enérgicos e sumários. Segundo o **Vorwaertz**, em dois anos apenas, de 1894 a 1896, os tribunais aplicaram contra os socialistas, nos processos de imprensa e políticos, penas que totalizaram 226 anos de prisão e 2.800.000 francos de multas.

Se foram esses processos radicais que fizeram os socialistas refletirem, ou simplesmente se foi a escravização cada vez maior dos espíritos, produzida por um serviço militar universal muito duro, que deixaram sua marca na alma já muito disciplinada e muito prática dos alemães, o certo é que, hoje em dia, o socialismo tende a assumir entre eles formas muito anódinas. Ele se torna oportunista, se coloca no terreno exclusivamente parlamentar e quase que desistiu de fazer triunfar seus princípios. A extinção das classes capitalistas e a supressão dos monopólios só aparecem como um ideal teórico cuja realização deve ser bem longínqua. O socialismo alemão ensina hoje em dia que “a sociedade burguesa não foi criada em um só golpe e não pode ser destruída em um só

golpe". Ele tende cada fez mais a se confundir com o movimento democrático em favor de melhoria para as classes trabalhadoras.

Deve-se desistir, eu creio, da esperança que eu formulei em outro lugar, de ver os alemães tentarem primeiro a instrutiva experiência do socialismo. Eles preferem evidentemente deixar essa tarefa aos povos latinos.

E não é somente na prática que transigem os socialistas alemães. Seus teóricos, outrora tão absolutos e tão agressivos, abandonam cada vez mais os pontos essenciais de suas doutrinas. Mesmo o coletivismo, tão poderoso durante muito tempo é considerado agora como uma utopia um pouco caduca, boa para se manter, talvez, para o grande público, mas sem interesse real. O espírito alemão é, aliás, muito científico e muito prático para não acabar percebendo a singular fraqueza de uma doutrina, pela qual nossos socialistas franceses conservam ainda um respeito tão religioso. É interessante constatar com que facilidade e com que rapidez evolui o socialismo alemão, não somente no detalhe das teorias, mas em seus aspectos mais fundamentais. Foi assim, por exemplo, que Schultze Delitsch, que teve muita influência, atribuiu uma grande importância ao movimento cooperativo, afim "de habituar o povo a contar com sua iniciativa própria para melhorar sua condição". Lassalle e todos os seus sucessores sempre susten-

taram, ao contrário, que “o que o povo precisava sobretudo era um acesso mais amplo à assistência do Estado”.

* * *

CAPÍTULO II

O socialismo na Inglaterra e na América.

§1. As concepções de Estado e de educação entre os anglo-saxões.

Sumário

É sobretudo comparando o conceito de Estado entre os ingleses e entre os latinos que se vê aparecer claramente o quanto as instituições são criações da cultura e a que ponto nomes semelhantes podem dissimular coisas profundamente diferentes. Discursamos a perder de vista __ como fizeram Montesquieu e tantos outros __ sobre as vantagens que apresenta uma república em relação a uma monarquia ou reciprocamente; mas, se vemos povos que possuem, sob regimes tão diferentes, concepções sociais idênticas e instituições muito próximas, concluiremos que esses regimes políticos, nominalmente tão diversos, não têm nenhuma influência real sobre a alma dos povos que eles devem governar.

Já insistimos em nossos livros precedentes sobre essa tese absolutamente fundamental. Em nossa obra sobre as **Lois Psychologiques de l'Évolution des Peuples**, demonstramos, com relação a povos próximos __ os ingleses e os norte-americanos; os latinos das repúblicas hispano-americanas __ o quanto, com instituições políticas muito semelhantes __ pois as dos segundos são geralmente cópias das instituições dos primeiros __ a evolução foi

diferente. Enquanto que a grande república anglo-saxã está no mais alto grau de prosperidade, as repúblicas hispano-americanas, apesar de um solo admirável, riquezas naturais inesgotáveis, se encontram no mais baixo grau de decadência. Sem artes, sem comércio, sem indústria, elas estão todas mergulhadas na deterioração, na bancarrota e na anarquia. Elas tiveram muitos homens a sua frente para não terem tido alguns capazes: nenhum pôde modificar no entanto o curso de seus destinos.

O que importa para um povo, não é, portanto, o regime político que ele adota. Esse inútil costume exterior é, como todos os costumes, sem influência real sobre a alma daqueles que o abrigam. O que é preciso conhecer para compreender a evolução de uma nação, é a concepção que ela possui dos papeis respectivos do indivíduo e do Estado. A etiqueta escrita no frontão do edifício social: república ou monarquia, não possui por si só nenhuma virtude.

O que vamos dizer sobre a concepção de Estado na Inglaterra e na América justificará as afirmações precedentes. Tendo já exposto, na obra a que me referi acima, as características da alma anglo-saxã, eu me limitarei a resumi-las muito brevemente agora.

Suas qualidades mais essenciais podem ser enunciadas em poucas palavras: iniciativa, energia, vontade e, sobretudo, domínio

sobre si, ou seja, posse dessa disciplina interna que dispensa o indivíduo de buscar guias fora dele mesmo.

O ideal social dos anglo-saxões é muito nítido e é o mesmo sob a monarquia inglesa ou sob a república dos Estados Unidos. Ele consiste em reduzir ao seu mínimo o papel do Estado e a levar ao seu máximo o papel do indivíduo. O que é exatamente o contrário do ideal latino. Estradas de ferro, portos marítimos, universidades, escolas etc. não têm outros criadores que não seja a iniciativa privada. E o Estado, na América sobretudo, jamais se ocupou deles.

O que impede os outros povos de compreender bem o caráter inglês, é que eles esquecem de estabelecer uma separação bem nítida entre a conduta individual do inglês com relação aos ingleses e sua conduta coletiva com relação aos outros povos. Sua moralidade individual é, em geral, muito estrita. O inglês, agindo como homem privado, é muito consciencioso, muito honesto e geralmente respeitoso de seus compromissos. Mas quando os homens de Estado agem em nome dos interesses coletivos da Inglaterra, ele é bem outro. Sua ausência de escrúpulos é às vezes completa. Um indivíduo que fosse propor a um ministro inglês a chance de se enriquecer sem perigo, estrangulando uma velha dama milionária, seria certamente enviado à prisão. Mas, se um aventureiro qualquer fosse propor a um homem de Estado, eu suponho,

reunir um bando de ladrões, invadir à mão armada o território mal defendido de uma pequena república do sul da África, massacrar uma parte de seus habitantes, depois se apoderar do país e aumentar assim a riqueza da Inglaterra, o aventureiro certamente receberia a melhor acolhida e veria sua proposição imediatamente aceita. Se ele vencesse, a opinião pública estaria com ele. Foi com processos assim que os homens de Estado ingleses conseguiram conquistar a maior parte dos pequenos reinos da Índia. Destaque-se, aliás, que esses processos são completamente análogos aos empregados por outros povos em matéria de colonização. Se eles se destacam mais entre os ingleses é porque esses últimos, sendo mais audaciosos e mais hábeis, veem mais frequentemente seus empreendimentos coroados de sucesso. As pobres elucubrações que os fazedores de livros qualificam de direito das pessoas, direito internacional etc. só representam um tipo de polidez teórica apropriada unicamente para o lazer de velhos jurisconsultos muito cansados para se dedicar a uma ocupação útil. Na prática elas têm exatamente a mesma importância que as fórmulas de consideração ou de amizade pelas quais se terminam as cartas diplomáticas.

O inglês possui, com relação aos indivíduos de seu povo, __ os outros não contam para ele __ sentimentos de solidariedade que nenhum povo possui no mesmo grau. Esses sentimentos derivam de uma comunidade de pensamentos que resultam numa alma

nacional inglesa muito solidamente constituída. Um inglês isolado em um ponto qualquer do mundo se vê como representante único da Inglaterra e considera como estrito dever agir segundo os interesses da Inglaterra. Ela é para ele a primeira potência do universo, a única que deve ser levada em conta.

Escreveu o correspondente do **Temps** no Transvaal:

> *Nos países onde já conquistou a preponderância, naqueles sobretudo que ele cobiça, o inglês coloca desde o início, como um axioma, sua superioridade sobre todos os outros povos do mundo. Pela sua perseverança e sua tenacidade, pela sua unidade e seu entendimento, ele introduz seus costumes, seus prazeres, sua língua, seus jornais e chega mesmo a implantar sua cozinha! As outras nações ele as olha com desprezo soberano, com hostilidade mesmo, quando seus representantes se mostram com desejo ou tamanho para lhes disputar um pequeno lugar ao sol colonial. No Transvaal nós temos a prova cotidiana. A Inglaterra não é somente o "paramount power", é também a primeira e a única nação do mundo.*

Essa solidariedade, tão rara entre os latinos, dá aos ingleses uma irresistível força. É ela que torna sua diplomacia tão poderosa. Com a alma do povo fixada há muito tempo, seus diplomatas pensam todos da mesma maneira sobre os assuntos essenciais. São talvez, entre todos os agentes das diversas nações, aqueles que recebem menos instruções e, no entanto, são aqueles que têm a maior unidade de ação e de senso de continuidade. Pode-se consi-

derá-los como peças intercambiáveis. Um diplomata inglês qualquer que suceda a outro agirá exatamente como ele.[15]

Entre os latinos é absolutamente o contrário. Nós tivemos em Tonkin, em Madagascar e nas outras colônias, tantos sistemas políticos diferentes quanto governadores e se sabe que eles mudam frequentemente. O diplomata francês faz política, mas é incapaz de ter uma política.

As qualidades herdadas do povo inglês são cuidadosamente mantidas pela educação, tão profundamente diferente da nossa. Indiferença e desprezo mesmo pela instrução dada pelos livros; estima muito alta por tudo o que desenvolve o caráter; ensino superior e escolas secundárias mais que medíocres; poucas universidades, ao menos na Inglaterra. O engenheiro, o agrônomo, o homem da lei (advogado, magistrado, etc.), se formam praticamente na oficina, no escritório. A aprendizagem profissional leva vantagem, em toda parte, sobre o ensino através dos livros e dos discursos. Estudos primários, feitos em escolas quaisquer mantidas pela

[15] Eu achava que essa constatação fosse evidente para todas as pessoas que tivessem viajado e observado, até um dia em que a expus numa reunião onde havia vários diplomatas franceses. Fora um almirante que estava inteiramente de acordo comigo, eu provoquei na assistência protestos unânimes. Diplomatas intercambiáveis! Não era a negação mesma da diplomacia? Para que serviriam então a inteligência etc. etc. Uma vez mais eu pude mensurar a profundidade do abismo que separa as concepções latinas das concepções anglo-saxãs e o quanto é irremediável nossa impotência colonial.

iniciativa privada e terminados aos quinze anos, são considerados na Inglaterra como largamente suficientes.

A instrução secundária inglesa se faz às vezes na casa paterna com a ajuda de cursos noturnos, às vezes nos colégios estabelecidos geralmente no campo e sem nenhuma analogia com nossos liceus. A parte reservada ao trabalho intelectual é muito pequena; aquela reservada ao trabalho manual (carpintaria, alvenaria, jardinagem, agrícola etc.) é preponderante. Há mesmo escolas onde os alunos que se destinam às colônias adquirem todos os detalhes de criação, de agricultura, de construção, fabricando eles mesmos todos os objetos que pode ter que fabricar um colono, sozinho num país deserto. Em nenhuma parte se faz os alunos concorrerem entre si e se lhes dá prêmios. A competição é considerada pelos ingleses como uma forma de inveja, desprezível e perigosa. As línguas, a história natural, a física são ensinadas, mas sempre de um jeito prático: as línguas, falando-as; as ciências, fazendo-os sempre manipular e, frequentemente, fabricar os instrumentos. Por volta dos quinze anos o aluno termina o colégio, viaja e abraça uma profissão.

Essa instrução, em aparência muito sumária, não impede os ingleses de terem uma elite de cientistas e pensadores igual à dos povos que possuem as mais doutas escolas.

Esses cientistas, recrutados fora das universidades e dos concursos, se caracterizam sobretudo por uma originalidade que apenas as mentes que se formam a si mesmas podem possuir e que não se manifestam jamais como aqueles que foram modelados em formas idênticas nos bancos escolares.

As grandes escolas, como Cambridge, Oxford, Eton etc. frequentadas unicamente pelos filhos da alta aristocracia e onde a anuidade está em torno de 6.000 francos, formam uma ínfima minoria, pois não contam com mais do que 6.000 alunos. São os últimos refúgios do latim e do verso grego; mas as corridas em canoa desempenham um papel muito mais importante. Os alunos gozam aliás da mais extrema liberdade e com isso aprendem a se conduzir por si sós, posto que um inglês considera isso, com razão, como a base da educação. Os jogos em que é preciso comandar e obedecer são olhados como uma escola de disciplina, de solidariedade e de tenacidade infinitamente mais útil que a arte muito inferior e, em todo caso, muito inútil, de compor temas e dissertações.

Essa originalidade na forma e no pensamento se encontra até nas obras de ciência, onde ela menos poderia se dar. Compare-se, por exemplo, os livros de física de Tyndall, Tait, Lorde Kelvin etc. com as obras análogas escritas por nossos professores. A originalidade e a demonstração expressiva e impressionante se en-

contram a cada página, enquanto que os livros corretos e frios de nossos professores são todos copiados do mesmo modelo. Quando se lê um, pode-se dispensar de abrir os outros. Seu objetivo não é de maneira alguma a ciência em si, mas a preparação para um exame. Eles têm o cuidado, aliás, de indicar isso na capa.

Em resumo, o inglês procura fazer de seus filhos homens armados para a vida, aptos a se conduzir sozinhos e a sair dessa tutela perpétua a que os latinos não conseguem se subtrair. Essa educação dá, sobretudo e antes de tudo o *self-control*, (o que eu chamei de disciplina interna), que é a virtude nacional da Inglaterra e que quase bastaria por si só para garantir sua prosperidade e sua grandeza.

Os princípios precedentes, sendo uma consequência dos sentimentos cujo conjunto constitui a alma inglesa, devemos naturalmente encontrá-los em todos os países habitados pelo mesmo povo, na América particularmente. Eles são encontrados, com efeito. Eis como se exprime a esse respeito um judicioso observador, o senhor de Chasseloup-Laubat:

> *A maneira como os americanos entendem o papel social do ensino é também uma das causas de estabilidade de suas instituições: fora um mínimo de conhecimentos que eles consideram dever fornecer às crianças nas escolas primárias, eles pensam que a educação geral e não a instrução, devem ser o objetivo principal dos pedagogos. A seus olhos, a educação física, intelectual e*

> *moral, ou seja, o desenvolvimento da energia e da resistência, que age no corpo, no espírito ou no caráter, constitui para cada indivíduo o fator principal do sucesso. É certo que o poder do trabalho, a vontade de vencer e o hábito de repetir seus esforços sobre um ponto determinado, são forças inestimáveis, pois elas podem ser aplicadas em cada instante e em toda carreira. A instrução, ao contrário, deve mudar com a situação e com as funções às quais se destina.*

Preparar pessoas para viver e não para ganhar diplomas, constitui o ideal dos americanos. Desenvolver a iniciativa e a força de vontade, habituar a pensar por si mesmo, são os resultados obtidos. Muito longe, como se vê, das ideias latinas. Avançando nesse estudo veremos as diferenças se acentuarem cada vez mais.

§2. As ideias sociais dos trabalhadores anglo-saxões.

Não é nas classes abastadas, mas entre os trabalhadores que se recrutam, na Inglaterra, os socialistas. Devemos portanto sair das generalidades precedentes e buscar quais são as origens da instrução e da educação do trabalhador anglo-saxão e como se formam suas ideias.

Sua instrução e sua educação diferem bem pouco das classes burguesas. Elas se fazem igualmente em contato com as coisas e, de maneira alguma, pela influência dos livros. É por esse motivo que não poderia existir na Inglaterra esse abismo profundo criado entre as classes pelos concursos e os diplomas entre as nações

latinas. Pode-se encontrar às vezes na França um trabalhador de fábrica ou de minas que se tornou chefe; não se encontrará um único que se tornou engenheiro oficial, porque, para sê-lo, ele precisa passar primeiro pelas escolas que fornecem os diplomas e elas só o fornecem àqueles que entram nelas antes dos vinte anos. O trabalhador inglês, se tem capacidade suficiente, se torna contramestre, depois engenheiro e não pode mesmo se tornar engenheiro de outra maneira.[16]

Nada é mais democrático e com tal regime não se tem esforços perdidos, nem sobretudo desclassificados. Ninguém teria a ideia de desprezar o trabalho manual, tão ignorado e tão desdenhado por nossos bacharéis e nossos licenciados, porque esse trabalho manual constitui, para todas as classes, um período de transição necessário.

Veremos quais são as fontes da instrução técnica do trabalhador inglês, veremos agora as fontes de sua instrução teórica, dessa instrução tão necessária quando se segue ou acompanha a prática, mas não a precede. Com a escola primária só lhe forne-

[16] Um jovem inglês, de família rica, querendo ser engenheiro sem ter sido trabalhador assalariado, não tem outro recurso que não seja permanecer durante 2 ou 4 anos numa grande fábrica, pagando muito caro pela sua aprendizagem. As boas empresas de construção lhe pedirão geralmente 2.500 francos por ano. Os resultados obtidos mostram o valor desse sistema de educação prática tão diferente do nosso. São engenheiros anglo-saxões que se acham hoje em dia a frente dos mais importantes trabalhos do mundo.

cendo rudimentos, é despertado nele a necessidade de completá-los e ele recebe nesse estudo complementar, do qual sente a utilidade, toda a energia de sua cultura. Ele adquire facilmente esse complemento necessário através dos cursos noturnos que a iniciativa privada abriu em toda parte e onde os assuntos estão sempre relacionados com o que os alunos aprendem praticamente na mina e na oficina. Eles têm assim constantemente os meios de verificar a utilidade do que aprendem.

A essa fonte de instrução teórica se juntam as bibliotecas populares abertas por toda parte, bem como os jornais. Não há nenhuma comparação a fazer entre o jornal francês, tão fútil e que não teria um único leitor do outro lado da Mancha, com o jornal inglês, tão rico em informações precisas de todos os tipos. Jornais de invenções mecânicas, tal como o **Engineering**, têm sobretudo, como leitores, os trabalhadores. As folhas mais populares das pequenas localidades são repletas de informações sobre as questões econômicas e industriais de todas as partes do globo. O Senhor de Rouziers fala de suas conversas com trabalhadores de fábrica, cujas reflexões lhe mostraram que eles são “muito melhor informados sobre o que se passa no mundo do que a grande maioria dos franceses que receberam o que se convencionou chamar de uma educação liberal”.

Ele cita uma discussão que teve com um deles sobre a questão do bimetalismo, os efeitos da tarifa Mac Kinley, etc. Nada de frases elegantes do interlocutor, mas observações práticas e justas.

Outra coisa é a instrução teórica. Mas como o trabalhador adquirirá, por outro lado, esses conhecimentos econômicos gerais que influenciam o julgamento e permitem conduzir seus negócios? Simplesmente tomando parte da direção das empresas que o interessam em lugar de colocá-las sob gestão do Estado ou de um dono. Os menores centros trabalhadores possuem sociedades de cooperação, de auxílio, de previdência e outras, dirigidas unicamente por trabalhadores. Eles se acham assim diariamente em contato com a realidade e aprendem rápido a não se deparar com impossibilidades e quimeras.

Escreve o Sr. Rouziers:

> *Pelo grande número dessas sociedades, com direção autônoma, para a cooperação, o sindicalismo, a temperança, os auxílios mútuos etc. a Grã Bretanha prepara gerações de cidadãos capazes e se coloca assim capaz de suportar, sem revolução violenta, as transformações políticas que possam se produzir.*

Como prova da capacidade prática que os trabalhadores acabam por adquirir, o autor destaca que, num único ano, 70 trabalhadores foram escolhidos, na Inglaterra, como juízes de paz e que se conta com 12 deles no Parlamento, entre os quais um Subsecre-

tário de Estado. As somas colocadas pelos trabalhadores nos sindicatos, nas sociedades privadas, nas caixas de poupança etc. são avaliadas em 8 bilhões.

É fácil demonstrar que isso é unicamente o resultado das características da cultura e não influências do meio, pois outros trabalhadores colocados ao lado dos primeiros, em condições absolutamente idênticas, não apresentam nenhuma das qualidades que eu descrevi. Tais são, por exemplo, os trabalhadores irlandeses das oficinas ingleses. O Sr. de Rouziers notou, bem como outros, sua inferioridade, constatada igualmente na América: "Eles não demonstram o desejo de crescer e ficam satisfeitos desde que tenham o que comer". Na América só os vemos, bem como aos italianos, exercendo as profissões de mendigos, políticos, pedreiros, domésticos ou catadores de papel.

Muito imbuído das necessidades econômicas, o trabalhador inglês sabe perfeitamente discutir seus interesses com seu patrão e lhe impor uma necessidade através de uma greve; mas não tem ciúme dele e nem ódio, precisamente porque não o considera como portador de uma essência diferente da sua. Ele sabe perfeitamente o que esse patrão ganha e, por consequência, quanto pode dar. Ele só arriscará uma greve se, após muita deliberação, constatar que a diferença entre o ganho do capital e o do trabalho for muito grande. "Não se pode abusar muito de um patrão. Isso, por

duas razões: se abusamos muito, o arruinamos; se o arruinamos, não temos mais patrão".

A ideia de obrigar o Estado a intervir entre o trabalhador e o patrão, tão cara para nossos socialistas, é completamente antipática ao trabalhador inglês. Pedir ao estado uma pensão de aposentadoria para os trabalhadores pareceria imoral e absurda. Taine, em suas notas sobre a Inglaterra, já tinha assinalado essa aversão do trabalhador inglês pela proteção do governo e contrapunha essa aversão ao apelo constante dos trabalhadores franceses ao Estado.

Bem diferente do continente, o trabalhador inglês é vítima das reviravoltas econômicas e das ruínas industriais que elas ocasionam; mas ele tem suficiente sentido das necessidades e o hábito dos negócios, para culpar seus patrões por tais acidentes. Ele desdenha completamente dos ditirambos sobre os exploradores e o infame capital, tão ao gosto dos líderes latinos. Ele sabe muito bem que a questão operária não se limita ao conflito entre o capital e o trabalho, mas que o capital e o trabalho são dominados por um fator muito mais poderoso: a clientela. Ele saberá então se curvar ao desemprego ou a reduções de salário, quando os julgar inevitáveis. Graças à sua iniciativa e à sua educação, saberá mesmo mudar de profissão se necessário. O Sr. de Rouziers cita pedreiros que passam seis meses por ano nos Estados Unidos para encontrar trabalho; outros trabalhadores que, ao se verem arruina-

dos pela importação de lã da Austrália, enviaram delegados para estudar a questão no local. Eles próprios compraram a lã colonial e logo transformaram, com um comércio novo, as condições de existência de sua região. Um tal vigor, uma tal iniciativa, tais capacidades entre os trabalhadores, pareceria muito extraordinários em países latinos. É preciso atravessar o oceano para encontrá-las ainda mais desenvolvidas entre os anglo-saxões da América.[17]

É lá sobretudo que jamais se conta com o Estado. Não poderia germinar num cérebro americano a ideia de solicitar a ele a criação de estradas de ferro, de portos, de universidades etc. Apenas a iniciativa privada basta para tudo isso. É sobretudo na criação dessas imensas linhas de estrada de ferro que atravessam a grande república, que essa iniciativa se mostrou maravilhosa. Nenhuma empresa mostrou melhor o abismo que separa a alma latina da alma anglo-saxã, sob o ponto de vista da independência e da iniciativa.

[17] Em tudo que diz respeito à mecânica e à grande indústria, a superioridade dos trabalhadores americanos é incontestável hoje em dia. Apesar dos custos enormes de transporte, as máquinas americanas, as locomotivas particularmente, penetram cada vez mais na Europa. Eis como se exprimiu recentemente na **Revue Scientifique** um engenheiro inglês: "As locomotivas americanas podem ser construídas a um preço menor por unidade de peso do que as locomotivas europeias, mesmo que os salários pagos na América sejam consideravelmente mais elevados do que os pagos na Europa. Essa diferença capital se explica pelas qualidades características do trabalhador americano e por um emprego provavelmente mais extenso das máquinas-ferramentas".

A indústria das estradas de ferro não é considerada nos Estados Unidos de maneira diferente de uma indústria qualquer. Criada por associações de particulares ela só se mantém se for produtiva. Ninguém pensa que os acionistas possam, como na França, serem remunerados pelo governo.[18]

As maiores linhas de hoje sempre começaram em pequena escala a fim de limitar os riscos. A linha não se estende se não vencer no seu início. Por esse método tão simples, as linhas americanas conseguiram uma extensão que não tem igual em nenhuma nação europeia, apesar da proteção de seus governos. Não há nada mais simples, no entanto, do que a máquina administrativa que dirige esses imensos recursos; um pequeno número de chefes de departamentos, interessados e responsáveis, basta para conduzi-la.

Escreve o Sr. L. P. Dubois:

> *Examinemos o funcionamento simples, preciso, rápido, da máquina administrativa. Escritórios, sim; mas nada de escriturários irresponsáveis que preparam relatórios que os chefes assinam sem ler; a divisa é: cada um por si. O trabalho, essencialmente dividido, é, ao mesmo tempo, descentralizado; de alto a baixo da escala cada um tem suas atribuições e sua responsabilidade própria e faz tudo sozinho; é o melhor sistema para valorizar as qualidades individuais. Como pessoal auxiliar, só vemos*

[18] Todas as companhias de estradas de ferro francesas, exceto uma, são obrigadas a terem recursos para garantir os juros. O Estado é obrigado a transferir, a seus acionistas, somas enormes que agravam pesadamente o orçamento.

contínuos para fazer os serviços externos e as datilógrafas que escrevem à máquina as cartas que lhe foram ditadas e elas estenografaram. Nada se arrasta: cada assunto deve receber sua solução em 24 horas. Todo mundo está ocupado, sobrecarregado e, desde o presidente até o simples balconista, cada um dá nove horas de trabalho por dia. Uma grande administração de estrada de ferro ocupa pouco pessoal e pouco espaço: a ***Chicago Burlington and Quincy****, que explora no oeste mais de 10.000 quilômetros de linhas, só tem um andar de seu na* ***Adam's Street****, em Chicago; a* ***Saint-Paul*** *tem o mesmo.*

O presidente dirige efetivamente o conjunto do negócio: é o general em chefe. Ele é universal; todas as questões importantes de cada serviço chegam até ele. Ele é engenheiro, economista, financista, advogado perante as cortes judiciárias, diplomata nas relações com os legisladores, ele está sempre em movimento. Frequentemente um presidente passou sucessivamente por todos os degraus de sua administração ativa ou sedentária; o atual começou como mecânico a serviço da companhia que agora dirige. Todos são homens de alto valor que caracterizam bem o tipo superior do ***business man*** *americano, formado na prática e levado por ela às ideias gerais.*

Tudo isso que precede deixa facilmente pressentir as poucas chances de sucesso que podem ter entre os anglo-saxões nossas ideias de socialismo de Estado, tão naturais entre os latinos. Não é então de espantar que os desacordos mais profundos explodam imediatamente entre os delegados dos trabalhadores anglo-saxões e os dos trabalhadores latinos, quando eles se encontram nos congressos socialistas. A cultura anglo-saxã deve sua potência ao

desenvolvimento da iniciativa privada e à limitação das atribuições do Estado. Ela marcha então em sentido inverso ao socialismo e só prospera por isso.

Não é certamente que a América e a Inglaterra não ouçam, elas também, a pregação das piores formas de coletivismo e mesmo de anarquia. Há vários anos se registram os progressos do socialismo na Inglaterra mas o que se registra também é que ele recruta seus adeptos quase exclusivamente entre as profissões mal pagas, exercidas exclusivamente pelos trabalhadores menos capacitados, ou seja, por esses inadaptados aos quais consagraremos, mais tarde, um capítulo. São eles que exigem __ e apenas eles têm interesse em exigir __ a nacionalização do solo e dos capitais e a intervenção protetora do governo.

Mas é sobretudo nos Estados Unidos que os socialistas possuem um exército de sectários. Esse exército se torna cada dia mais numeroso e mais ameaçador. Ele é recrutado no fluxo crescente dos negros e dos imigrantes de sangue estrangeiro, sem recursos, sem energia e inadaptados às condições de existência de sua nova pátria. Eles formam agora um imenso dejeto. Os Estados Unidos já pressentem o dia em que deverão travar sangrentas batalhas contra essas multidões e empreender lutas de extermínio sem piedade que recordarão, mas numa escala muito maior, a destruição das hordas bárbaras a qual teve que se dedicar Marius,

para salvar a civilização romana de sua invasão. Será talvez ao preço de semelhantes hecatombes que poderá ser salva essa causa sagrada da independência do ser humano e do progresso da civilização, que vários povos parecem prontos a abandonar hoje em dia.

* * *

CAPÍTULO III

Psicologia dos povos latinos

§1. Como se determina o verdadeiro regime político de um povo.

Sumário

O estudo do socialismo entre os anglo-saxões nos mostrou que as teorias socialistas enfrentariam nesses povos características de cultura que tornariam seu desenvolvimento impossível. Vamos constatar, ao contrário, que, entre os povos ditos latinos, o socialismo é a consequência de uma evolução anterior, de um regime ao qual eles estão inconscientemente submetidos há muito tempo e do qual eles exigem cada vez mais seu desenvolvimento.

Em razão da importância do assunto, será necessário lhe consagrar vários capítulos. Só se poderia apreender a marcha progressiva de certas instituições remontando às suas raízes. Quando uma instituição qualquer prospera em um povo, pode-se estar bem certo de que ela é a floração de toda uma evolução anterior.

Essa evolução não é sempre visível porque, sobretudo nos tempos modernos, as instituições constituem frequentemente vestimentas de empréstimo criadas por teóricos, que não se adaptam a nenhuma realidade e não possuem nenhuma ação. Estudar as instituições e as constituições exteriores, constatar que os povos são republicanos ou monárquicos, não ensina nada e só faz enganar o

espírito. Existem países __ as repúblicas hispano-americanas, por exemplo __ que possuem admiráveis constituições escritas, constituições perfeitas e que estão mergulhados, no entanto, na mais completa anarquia, sob o despotismo absoluto de pequenos tiranos, cuja insignificância não limita as fantasias. Em outros pontos do globo encontram-se, ao contrário, países, como a Inglaterra, que vivem sob um regime monárquico e aristocrático e possuem a constituição menos clara e a mais imperfeita que um teórico possa imaginar. No entanto, a liberdade, as prerrogativas e a ação pessoal dos cidadãos são mais desenvolvidas do que jamais foram em qualquer povo.

A maneira mais eficaz de descobrir, por detrás das inúteis formas exteriores, o verdadeiro regime político de um povo, é estudando, nos detalhes dos assuntos públicos, os limites recíprocos dos papeis do governo e dos particulares. Ou seja, determinar a concepção que esse povo faz do Estado.

Quando se penetra nesse estudo, as vestimentas de empréstimo desaparecem e as realidades surgem. Percebe-se bem rápido então, o quanto são inúteis todas as discussões teóricas sobre o valor das formas exteriores dos governos e das instituições e compreendemos claramente que um povo não pode realmente escolher as instituições que o dirigem, tanto quanto um indivíduo não pode escolher sua idade. As instituições teóricas têm quase o mesmo

valor que os artifícios pelos quais as pessoas procuram dissimular seus anos. A realidade não aparece ao observador menos atento, mas essa realidade não deixa de existir por isso.

Já tentamos em várias obras demonstrar o que acabamos de dizer. O exame do socialismo nos diversos povos fornece novos elementos a essa demonstração. Antes de abordar o estudo entre os povos latinos, daremos um breve esboço da psicologia desses povos.

§2. O estado mental dos povos latinos.

Pelas expressões povos latinos, raças latinas, o leitor de nossas obras sabe o que queremos dizer. Esse termo raça nós não o entendemos completamente no sentido antropológico, porque há muito tempo, salvo entre os povos selvagens, as raças puras quase desapareceram. Entre os povos civilizados só há o que chamamos de raças históricas, ou seja, criadas em todos os detalhes pelos acontecimentos históricos. Tais raças se formam quando um povo, composto às vezes de elementos de origens muito diversas, foi submetido durante séculos a condições semelhantes de meio, a um tipo de vida comum, com instituições e crenças comuns e a uma educação idêntica. A menos que as populações em presença não sejam de origens muito diferentes, como por exemplo, os irlandeses submetidos ao domínio inglês e as raças heterogêneas subme-

tidas ao domínio austríaco, elas se fundem e adquirem uma alma nacional, ou seja, sentimentos, interesses, modos de pensar semelhantes.

Não é em um dia que se completa tal obra, mas um povo não está formado, uma civilização não está constituída, uma raça histórica não está fixada enquanto a criação de uma alma nacional não está terminada.

Só quando ela está terminada, que a poeira de indivíduos sem coesão, reunidos pelos acasos das conquistas, das invasões ou anexações forma um povo homogêneo. Sua força se torna então muito grande porque ele possui um ideal comum, uma vontade comum e é então capaz de grandes esforços coletivos. Todas as pessoas da nação assim formada se orientam em seus atos segundo princípios semelhantes. Em todas as grandes questões religiosas ou políticas eles terão visões semelhantes. Na maneira como eles tratarão um assunto qualquer __ comercial, diplomático ou industrial __ a alma de sua cultura se manifestará imediatamente.

Como o típico povo que adquiriu uma alma nacional bem fixada, podemos citar os ingleses. Sua alma nacional se traduz em seus menores atos. Num povo assim a descentralização é sem risco, porque cada pequeno centro é animado por um pensamento comum e perseguirá uma obra comum.

Entre os latinos __ compostos por populações pouco homogêneas, muito divididas em todos os assuntos e que não adquiriram ainda uma alma nacional sólida __ um regime centralizador rígido é necessário para impedi-los de se dissociar. Apenas ele pode substituir a alma comum que esses povos não conseguiram adquirir ainda. Essa expressão de povos latinos se aplica a povos que não possuem talvez nada de latino em seu sangue, que diferem muito entre si, mas que, durante muitos séculos, foram submetidos ao jugo das ideias latinas. Eles são latinos pelos sentimentos, as instituições, a literatura, as crenças e as artes. E sua educação continua a sustentar entre eles as tradições latinas.

Escreve o Sr. Hanotaux: "A partir da Renascença, a imagem de Roma se inscreveu com características indeléveis na figura da França. Durante três séculos a civilização francesa não passou de um pastiche da civilização romana". Não é ainda?

Num trabalho recente publicado a propósito de uma nova edição da **Histoire Romaine** de Michelet, o Sr. Gaston Boisser defende a mesma ideia. É preciso justamente destacar que "nós devemos a Roma a maior parte do que somos. Quando nos aprofundamos em nós mesmos encontramos um fundo de sentimentos e de ideias que ela nós deixou, que nada nos fará perder e sobre o qual todo o resto se apoia".

As características mais gerais da psicologia dos povos latinos podem ser resumidas em algumas linhas. Eles possuem __ os celtas particularmente __ a particularidade fundamental de ter, com uma inteligência muito vívida, uma iniciativa e uma constância de vontade muito fracas. Incapazes de longos esforços, eles amam ser conduzidos e atribuem sempre a seus chefes __ e jamais a eles mesmos __ seus insucessos. Prontos, já dizia César, a empreender guerras sem motivos, eles se abatem nos primeiros reveses. Eles têm uma inconstância feminina, já qualificada de enfermidade gaulesa, pelo grande conquistador. Essa inconstância os tornam escravos de todos os seus impulsos. Sua característica talvez mais nítida é a falta da disciplina interna que permite ao ser humano se conduzir e o impede de ser conduzido.

A profundidade das coisas os deixa geralmente muito indiferentes; apenas seu aspecto exterior os apaixona. Eles parecem muito cambiantes, muito dados a revoluções, mas são, na realidade, pelo contrário, prodigiosamente conservadores. Suas revoluções se fazem sobretudo pelas palavras e quase que só mudam as palavras.[19]

[19] Dizia o Sr. Pierre Baudin num discurso ministerial: “Não há país onde as ideias novas encontram mais facilmente pessoas que se animam como que por um apostolado. Mas, em contrapartida, não há país onde as rotinas sejam mais fortificadas. Elas suportam resolutamente o assalto do pensamento científico”.

É por essas palavras, de cujo mágico império eles sofrem, que os latinos não param de se rasgar, sem ver de quais ilusões eles são vítimas. Não há povos em que os partidos políticos sejam mais numerosos e mais hostis entre si e não se poderia citar, talvez, um povo onde haja, em política, uma mais perfeita unanimidade de pensamento. O ideal comum a todos os partidos, do mais revolucionário ao mais conservador, é sempre o absolutismo do Estado. O **Estatismo** é o único partido político dos latinos. As almas de um jacobino, de um monarquista, de um clerical ou de um socialista não diferem sob esse ponto. E como poderiam diferir, já que são filhas de um mesmo passado e estão curvadas sob o mesmo jogo do pensamento dos mortos?

Sob nomes diversos estamos condenados a adorar por muito tempo os mesmos deuses.

Os latinos parecem muito amorosos para com a igualdade e são muito invejosos de todas as superioridades, mas descobre-se facilmente, sob essa necessidade aparente de igualdade, uma sede intensa de desigualdade. Eles não suportam ninguém acima deles, porque gostariam de ver todo mundo abaixo deles. Eles consagram uma grande parte de seu tempo tratando de obter títulos e condecorações que lhes permitam mostrar seu desdém para com aqueles que não os obtiveram. De baixo para cima é a inveja e o desprezo de cima para baixo.

Se a sua necessidade de desigualdade é muito grande, sua necessidade de liberdade é muito fraca. Logo que eles a possuem tratam de colocá-la nas mãos de um mestre, a fim de ter uma direção e uma regra sem as quais eles não podem viver. Seu papel histórico só é importante quando têm a sua frente grandes homens e, por isso, por um instinto secular, eles os buscam sempre.

Eles foram, em todos os tempos, grandes oradores, amigos das palavras e da lógica. Muito pouco preocupados com fatos, eles amam muito as ideias, com a condição de que elas sejam simples, gerais e apresentadas em boa linguagem. As palavras e a lógica sempre foram os mais terríveis inimigos dos povos latinos. Escreve o Sr. de Moltke: “Os franceses tomam sempre as palavras pelos fatos”.

Os outros povos latinos igualmente. Destacou-se justamente que, enquanto os americanos atacavam as Filipinas, as Cortes Espanholas estavam ocupadas em fazer pomposos discursos e em provocar crises em que os partidos arrebatavam o poder, em lugar de tratar de tomar as medidas necessárias para defender os últimos vestígios de seu patrimônio nacional.

Erguer-se-ia uma imensa pirâmide, mais alta que a maior do Egito, com os crânios das vítimas das palavras e da lógica entre os latinos. Um anglo-saxão se curva aos fatos e às necessidades, não atribui jamais a seu governo aquilo que lhe acontece e se preocupa

muito pouco com indicações aparentes da lógica. Ele acredita na experiência e sabe que a razão não conduz os homens. Um latino deduz sempre tudo da lógica e reconstrói as sociedades, em todas as suas peças, sobre planos traçados segundo as luzes da razão. Esse foi o sonho de Rousseau e de todos os escritores se seu século. A Revolução Francesa só fez aplicar suas doutrinas. Nenhuma decepção abalou ainda o poder de tais ilusões. É o que Taine chamou de o espírito clássico: "Isolar algumas noções muito simples e bem gerais; depois, abandonando a experiência, compará-las, combiná-las e, do composto artificial assim obtido, deduzir, com um pouco de raciocínio, todas as consequências que ele encerra".

O grande escritor apreendeu admiravelmente os efeitos dessa disposição mental nos discursos de nossas assembleias revolucionárias:

> *Percorra as arengas de tribuna e de clube, os relatórios, as justificativas de leis, os panfletos, tantos escritos inspirados por acontecimentos presentes e pungentes: nenhuma ideia da criatura humana tal como está diante de seus olhos, nos campos e na rua; ela se afigura sempre como um autômato simples, cujo mecanismo é conhecido. Entre os escritores, um clichê em cada frase; para os políticos, a cada toque de campainha, um voto __ basta tocar a nota adequada que se obtém a resposta adequada. Nunca fatos; apenas abstrações, sequências de frases sobre a natureza, a razão, o povo, os tiranos, a liberdade, espécies de balões inflados atirados inutilmente ao espaço. Se não se soubesse que tudo isso produz e-*

feitos práticos e terríveis, acreditar-se-ia tratar-se de um jogo de lógica, exercícios escolares, desfiles de academia, combinações de ideologia.

A sociabilidade dos latinos __ a dos franceses, principalmente __ é muito desenvolvida, mas seus sentimentos de solidariedade são muito fracos. O inglês é, pelo contrário, pouco sociável, mas ele se solidariza estreitamente com todos os indivíduos de seu povo. Vimos que essa solidariedade é uma das grandes causas de sua força. Os latinos são sobretudo guiados pelo egoísmo individual, os anglo-saxões pelo egoísmo coletivo.

Essa falta completa de solidariedade, que se observa entre todos os latinos, é um dos defeitos que mais lhes prejudicam. É um vício da cultura, mas muito desenvolvido pela educação. Por seus perpétuos concursos e suas classificações ela coloca sempre o indivíduo em luta com seus semelhantes e desenvolve o egoísmo individual às custas do egoísmo coletivo.

Nas menores circunstâncias da vida, a ausência de solidariedade é observada nos latinos. Percebe-se há muito tempo que, nos jogos com bola com os ingleses, os jovens franceses perdem frequentemente a partida, simplesmente porque o jogador inglês, preocupado com o sucesso de sua equipe e não com o seu sucesso pessoal, passa para seu vizinho a bola que não pode manter, enquanto que o jogador francês se obstina em conservá-la, preferindo que a partida seja perdida do que vê-la ganha por um camara-

da. O sucesso de seu grupo lhe é indiferente, ele só se interessa pelo seu sucesso individual. Este egoísmo o seguirá naturalmente na vida e, ao se tornar geral, chegará às vezes ao ponto de deixar um colega ser massacrado pelo inimigo ao qual ele poderia ter levado socorro, para evitar lhe proporcionar um sucesso, como vimos nos tristes exemplos de nossa última guerra.

Entre os latinos, essa falta de solidariedade é sobretudo impressionante para os viajantes que visitaram nossas colônias. Eu pude constatar muitas vezes a justeza das observações seguintes do Sr. A. Millet:

> *Quando dois franceses são vizinhos nas colônias, é muito raro que eles não sejam inimigos. A primeira impressão do viajante que chega numa colônia é a estupefação. Cada colono, cada funcionário, ou mesmo cada militar, se exprime a respeito dos outros com tanta acrimônia, que ele se pergunta como essas pessoas não se atiram com tiros de revólver.*

Os latinos têm uma incapacidade completa de compreender as ideias dos outros e, por consequência, em respeitá-las. Para eles, todas as pessoas são de um só tipo e devem, por consequência, pensar e sentir da mesma maneira.

Dessa incapacidade resulta sua extrema intolerância. Essa intolerância é um tanto quanto maior devido ao fato de que as opiniões que eles aceitam, sendo na maioria das vezes opiniões de

sentimento, estão, por isso, ao abrigo dos argumentos. Todo indivíduo cuja opinião é diferente da sua é logo considerado como um ser maléfico que é preciso perseguir, na esperança de se desembaraçar dele pelos meios mais violentos. As guerras religiosas __ a Noite de São Bartolomeu, a Inquisição, o Terror __ são consequências dessa particularidade da alma latina. Ela lhes torna sempre impossível o uso prolongado da liberdade. Um latino só considera a liberdade como um direito de perseguir aqueles que não pensam como ele.

Os povos latinos sempre deram prova de uma grande bravura. Mas sua indecisão, sua imprevidência, sua falta de solidariedade, sua ausência de sangue frio, seu medo das responsabilidades, tornam essas qualidades inúteis, já que não são muito bem comandadas.

Nas guerras modernas o papel do comandante superior se restringe cada vez mais por causa da extensão dos campos de batalha. São as qualidades de sangue frio, de previdência, de solidariedade, de espírito de método que importam e, por isso, os povos latinos dificilmente tornarão a ver seus antigos sucessos.

Numa época não muito distante ainda, o espírito, a boa linguagem, as qualidades cavalheirescas, as aptidões literárias e artísticas constituíam os fatores principais da civilização. Graças a essas qualidades, que eles possuíam em alto grau, os povos latinos

estiveram durante muito tempo a frente de todas as nações. Com a evolução industrial, geográfica e econômica da era moderna, as condições de superioridade dos povos na vida exigem aptidões muito diferentes. O que importa hoje em dia são qualidades de energia durável, de espírito empreendedor, de iniciativa e de método. As nações latinas as possuem muito pouco. Sua iniciativa, sua vontade, sua energia diminuem cada vez mais e por isso elas devem progressivamente ceder o lugar àquelas que as possuem.

O regime educacional imposto à juventude destrói cada vez mais o que restou de tais qualidades. Ela perde progressivamente a vontade durável, a perseverança, a iniciativa e sobretudo essa disciplina interna que permite ao ser humano viver sem senhor.

Acontecimentos diversos contribuíram para dizimar, por uma seleção negativa várias vezes repetidas, os indivíduos cuja energia, atividade, independência de espírito estavam mais desenvolvidos. Os povos latinos pagam hoje os erros de seu passado. A Inquisição dizimou sistematicamente na Espanha, durante vários séculos, o que ela tinha de melhor. A Revogação do Édito de Nantes, a Revolução, o Império, as guerras civis, destruíram na França as naturezas mais empreendedoras e as mais enérgicas. O fraco desenvolvimento da população, constatado na maior parte dos povos latinos, se acresce a essas causas de decadência. Ainda se fossem as melhores partes da população que se reproduzissem, o

inconveniente seria completamente nulo, pois não é o número dos habitantes de um país, mas seu valor, que faz sua força. São, infelizmente, os mais incapazes, os mais fracos, os mais imprevidentes que mantém ainda o nível numérico da população.

Não há dúvida, eu já insisti longamente nesse ponto, que o que faz o valor de um povo é o número de pessoas notáveis em todos os gêneros que ele produz. Sua decadência sobrevém pela diminuição, depois pelo desaparecimento dos elementos superiores. Num trabalho recentemente publicado pela **Revue Scientifique**, o Sr. Vacher de Lapouge chegou a conclusões análogas a propósito dos romanos.

> *Se remontarmos a 200 anos de intervalo as grandes famílias romanas, por exemplo, perceberemos que os mais ilustres entre os antigos não existem mais e que assumiu o seu lugar outras famílias de menor valor, saídas de todo lugar e mesmo de entre os libertos. Quando Cícero lamentou a decadência das virtudes romanas, o homem de Arpinum esqueceu que na cidade, mesmo no Senado, os romanos de boa cepa eram raros e que, para um descendente dos Quirites, havia dez latinos corrompidos e dez etruscos. Ele esqueceu que a cidade romana começou a periclitar no dia em que foi aberta à imigração e se o título de cidadão perdia seu lustre era porque ele era carregado mais pelos filhos do povo vencido do que pelos do povo vencedor. Quando, de naturalização em naturalização, a cidadania romana se estendeu a todos os povos; quando sírios, trácios e africanos foram contemplados com o título de cidadão, muito pesado pa-*

ra sua coragem, os romanos de raça tinham desaparecido.

O que determinou os rápidos progressos de certos povos __ os anglo-saxões da América por exemplo __ foi que a seleção, ao invés de ser exercida, como na Europa latina, em um sentido negativo, foi exercida no sentido do progresso. Os Estados Unidos foram povoados durante longo tempo, com efeito, com os seres mais independentes, os mais enérgicos que havia nos países da Europa; da Inglaterra e da Alemanha particularmente. Era preciso, com efeito, as mais fortes qualidades viris para ousar emigrar com sua família para terras longínquas, habitadas por populações guerreiras e hostis e criar uma civilização.

É importante notar aqui o que eu já destaquei várias vezes em minhas últimas obras, que jamais é pela diminuição da inteligência, mas pelo enfraquecimento do caráter, que os povos entram na decadência e desaparecem da história. A lei foi constatada outrora pelos gregos e os romanos e ela tende a ser verificada ainda hoje em dia.

Essa noção fundamental é pouco compreendida e muito contestada ainda, mas ela tende, no entanto, a se difundir. Eu a encontrei muito bem expressa na obra recente de um escritor inglês, o Sr. Benjamin Kidd e eu não poderia apoiar melhor minha tese do que lhe tomando emprestado algumas passagens em que ele mos-

tra, com justeza e imparcialidade, as diferenças de caráter que separam o anglo-saxão do francês e as consequências históricas dessas diferenças:

Diz esse autor:

> *Todo espírito imparcial se vê forçado a reconhecer que certos traços característicos colocam a França à frente das nações intelectuais do Ocidente... A influência intelectual desse país se faz, na realidade, sentir em toda nossa civilização, na política, em todos os ramos da arte, em todas as direções que segue o pensamento especulativo... Os povos teutônicos obtêm, em geral, os mais altos resultados intelectuais, onde são necessárias pesquisas profundas, laboriosas, conscienciosas, onde é preciso reunir peça por peça os elementos da obra; mas falta a essas pesquisas o idealismo do espírito francês... Todo observador consciencioso, que se encontra pela primeira vez em relação íntima com o espírito francês, deve sentir imediatamente algo indefinido, mas de ordem intelectual elevada, que não se encontra em estado natural, nem entre os alemães nem entre os ingleses. Esse algo se sente na arte, na literatura corrente e não menos nas produções superiores do gênio nacional do passado.*

Com essa superioridade mental dos franceses reconhecida, o autor inglês insiste na preponderância social do caráter sobre a inteligência e mostra em qual medida a inteligência pode servir aos povos que a possuíam. Tomando a história da luta colonial entre a França e a Inglaterra, que tomou a segunda metade do século XVIII, ele se exprime assim:

Em meados do século XVIII viu-se terminar, entre a França e a Inglaterra, o duelo mais extraordinário que relata a história, considerando todos os acontecimentos que dependiam do resultado da luta. O efeito desse duelo se fez sentir primeiro em todo o mundo civilizado. A luta se deu na Europa, na Índia, na África, no norte da América, em todos os oceanos. A julgar pelas aparências que alimentam a imaginação, todas as circunstâncias eram favoráveis ao povo mais brilhante. Ela parecia superior em armamentos, em recursos, em população. Em 1789 a Grã-Bretanha possuía 9.600.000 habitantes, a França 26.300.000. A renda da Grã-Bretanha era de 391.250.000 francos por ano e a da França, 600.000.000 de francos. No começo do século XIX a França tinha 27.000.000, enquanto que todos os povos falantes de inglês, incluindo os irlandeses, os habitantes dos estados do norte da América e das colônias, não passavam da cifra de 20.000.000.

Hoje, no fechamento do século XIX, os povos falantes de inglês, sem contar os povos conquistados, índios ou negros, chegam ao total formidável de 101.000.000, enquanto que o povo francês atinge, com muito custo, a cifra de 40.000.000. Em toda parte, há longos anos, os povos falantes de inglês foram vitoriosos onde se engajaram numa luta. Eles são os senhores em quase todo o norte da América, na Austrália, nos países do sul da África que melhor convêm aos europeus. Nenhum outro povo se estabeleceu mais sólida e mais definitivamente em todos esses países. Não se vê que no futuro essa expansão deva parar e, bem ao contrário, parece que o futuro dará inevitavelmente a esses povos, no próximo século, uma influência preponderante no mundo.

Examinando em seguida as qualidades de caráter que permitiram aos ingleses conseguir seus imensos progressos, administrar com tanto sucesso seu gigantesco império colonial, transformar o Egito a ponto de ter colocado, em alguns anos, no mais alto grau de prosperidade, o crédito de uma nação que ia cair na falência, o autor inglês acrescenta:

> *Não são qualidades nem brilhantes nem intelectuais que tornaram esses resultados possíveis... Essas qualidades não são aquelas que alimentam a imaginação. São sobretudo a força e a energia de caráter, a probidade e a integridade, o devotamento simples e a ideia do dever. Aqueles que atribuem, à enorme influência que tomou no mundo os povos falantes de inglês, às combinações maquiavélicas de seus líderes, estão frequentemente bem longe da verdade. Essa influência é, em grande parte, a obra de qualidades pouco brilhantes.*

Agora estamos preparados para compreender como povos, poderosos pela inteligência mas fracos de energia e de caráter, sempre foram naturalmente levados a colocar seus destinos nas mãos de seus governos. Um rápido olhar lançado em seu passado nos mostrará como essa forma de socialismo de Estado conhecido sob o nome de coletivismo, que se nos coloca hoje em dia, longe de ser uma novidade, é a floração natural das instituições passadas e das necessidades herdadas dos povos em que ela se desenvolve atualmente.

Reduzindo a seu mínimo a fonte de energia e de iniciativa que o indivíduo deve possuir para se conduzir na vida e o livrando de toda responsabilidade, o coletivismo parece, por esses motivos, bem adaptado às necessidades dos povos cuja vontade, a energia e a iniciativa são progressivamente reduzidas.

* * *

CAPÍTULO IV

O conceito latino de Estado.

§1. Como se fixam os conceitos dos povos.

Sumário

Vamos expor, estudando a psicologia dos povos latinos, como seu caráter favoreceu neles o desenvolvimento de certas instituições. E nos resta demonstrar como essas instituições são fixadas e como, por sua vez, acabam por produzir outros efeitos.

Nos já destacamos que uma civilização só pode nascer com a condição de que os povos sejam submetidos, durante muito tempo, ao jugo de uma tradição. Durante o período de formação de um povo, quando os elementos presentes são dessemelhantes, com interesses diversos e flutuantes, as instituições e as crenças estáveis têm uma importância considerável.[20]

O que importa é que essas instituições e essas crenças estejam em relação com as características mentais e as necessidades

[20] Poder-se-ia achar uma contradição aparente entre essa proposição e aquela formulada em outro lugar, que diz que as instituições não desempenham nenhum papel na vida dos povos. Mas nós falamos então de povos que tinham atingido a maturidade e entre os quais os elementos da civilização são fixados pela herança. Esses não podem ser modificados por instituições novas e só podem mesmo adotá-las em aparência. É outra coisa entre os povos novos, ou seja, mais ou menos bárbaros e entre os quais nenhum elemento de civilização ainda se fixou. O leitor desejoso de se aprofundar nesse assunto deverá se reportar a nossa obra **Lois Psychologiques de l'Évolution des Peuples**.

do povo que elas são chamadas a reger e importa também que elas sejam suficientemente rígidas. Esse último ponto é fundamental e nós já insistimos nele. Mas, após ter demonstrado que os povos devem ser submetidos durante muito tempo ao jugo de tradições fixas, vamos mostrar também que eles só progridem com a condição de poder lentamente se liberar delas.

Eles jamais se libertam delas através de revoluções violentas. Essas revoluções são sempre efêmeras. As sociedades, como as espécies animais, só se transformam pela adição herdada de pequenas mudanças sucessivas.

Poucos povos possuíram a plasticidade necessária para realizar essa dupla condição de estabilidade e de variabilidade. Sem uma estabilidade bem grande, nenhuma civilização pode se estabelecer, sem uma variabilidade suficiente nenhuma civilização pode progredir.

Deve-se considerar as instituições dos povos como efeitos que se tornam causas, por sua vez. Após serem mantidas durante um certo número de gerações, elas tornam fixas as características psicológicas que eram a princípio um pouco incertas e flutuantes. O bloco de argila, a princípio maleável e elástico, logo se torna um pouco menos, depois adquire a dureza da pedra e se quebra antes de mudar de forma. É, às vezes, muito difícil para um povo

adquirir um bloco estável e coerente de sentimentos e de pensamentos, mas lhe é muito mais difícil modificá-lo em seguida.

Quando o jugo da tradição foi fixado durante muito tempo, pela herança, nas almas, os povos só podem se subtrair dela com grandes esforços e o mais frequente é que eles não se subtraiam. Sabe-se com que convulsões violentas o mundo ocidental foi agitado, quando, na época da Reforma, os povos do norte da Europa queriam se libertar da centralização religiosa e da autoridade de dogmas que lhes privavam de toda independência e aos quais lhe repugnavam cada vez mais a razão.

Os povos latinos quiseram __ também eles __ se livrar do jugo do passado e nossa grande Revolução não teve outro objetivo. Mas era muito tarde. Após alguns anos de convulsões, os laços do passado retomaram seu império. Esses laços eram, com efeito, muito poderosos; eles tinham deixado nas almas uma marca muito profunda para serem quebrados em um dia.

Imbuídos da necessidade de princípios de autoridade, os governos impediram, durante séculos, os povos latinos de pensar, de querer e de agir e toda educação tinha por resultado manter essa tripla interdição. Porque as pessoas pensariam e raciocinariam? A religião os proibia. Porque eles quereriam e agiriam? Os chefes de Estado queriam e agiam por eles. Ao longo do tempo a alma latina curvou-se a essas necessidades. As pessoas adquiriram o hábito de

se submeter sem discussão aos dogmas de uma Igreja reputada infalível e a reis com direito divino, igualmente infalíveis. Elas deixaram a chefes políticos e religiosos o cuidado de dirigir inteiramente seus pensamentos e seus atos. Essa submissão era a condição necessária de sua unidade. Ela lhes deu em certos momentos uma grande força. Quando os latinos tiveram homens de gênio a sua frente eles foram muito brilhantes; mas eles só foram brilhantes nesses momentos.

Com essa submissão absoluta à autoridade, os povos latinos não tiveram que sofrer muito, até que a evolução econômica do mundo veio perturbar as condições antigas de existência. Quando os meios de comunicação eram muito imperfeitos e os progressos industriais quase nulos, as nações permaneciam isoladas umas das outras e, por consequência, completamente nas mãos de seus governos. Estes podiam então reger os atos da vida dos povos. Com regulamentos como os de Colbert, eles podiam dirigir a indústria nos seus mínimos detalhes, tão facilmente quanto eles regulamentavam as instituições e as crenças.

As descobertas científicas e industriais, que tão profundamente modificaram as condições de existência dos povos, transformaram igualmente a ação dos governos e reduziram cada vez mais os limites possíveis de sua ação. As questões industriais e econômicas se tornaram preponderantes. O telégrafo e o vapor,

suprimindo as distâncias, fizeram do mundo inteiro um único mercado, isento de toda regulamentação possível. Os governos foram obrigados então a renunciar totalmente em querer, como outrora, regulamentar a indústria e o comércio.

Nos países em que a iniciativa individual estava desenvolvida há muito tempo e onde a ação dos governos havia se tornado cada vez mais restrita, as consequências da evolução econômica atual foram suportadas sem muito custo. Os países onde essa iniciativa dos cidadãos não existia se viram, pelo contrário, desarmados e foram obrigados a implorar a ajuda dos senhores que há muitos séculos pensavam e agiam por eles. E foi assim que os governos, continuando com seu papel tradicional, foram levados a gerenciar tantas empresas industriais. Mas como, por muitas razões que logo veremos, os produtos em que o Estado dirige a fabricação, são obtidos lenta e custosamente e os povos que lhes entregaram a execução daquilo que eles mesmos tinham que fazer, se encontram numa situação inferior frente a outros povos.

Longe de tender, como no passado, a tudo dirigir, é visível que os governos latinos gostariam de dirigir o menor número possível de coisas, mas é visível também que são agora os povos que demandam imperiosamente serem governados. Estudando a evolução do socialismo entre os latinos, mostraremos a que ponto

suas necessidades de regulamentação crescem a cada dia. O Estado tem então continuado a regulamentar, mandar em tudo e proteger, simplesmente porque ele não poderia fazer de outra maneira. É uma tarefa cada vez mais pesada, cada vez mais difícil, que necessita aptidões muito superiores e, por consequência, muito raras. Os menores erros dos governos hoje em dia têm repercussões infinitas. Daí sua instabilidade tão grande e as revoluções perpétuas de que são vítimas há um século os povos latinos.

Essa instabilidade dos governos não corresponde, aliás, a nenhuma instabilidade de regime. A França parece, numa primeira abordagem, dividida em numerosos partidos. Mas todos esses partidos __ republicanos, monarquistas, socialistas etc. __ têm, como eu já disse, um conceito de Estado idêntico. Eles pedem a extensão de suas funções. Só há então etiquetas diferentes, mas um só partido __ o partido latino __ e é por isso que todas as mudanças de etiquetas governamentais não produziram jamais nenhuma mudança real de regime.

§2. O conceito latino de Estado. Como os progressos do socialismo são as consequências naturais da evolução desse conceito.

Determinando como são fixados os conceitos fundamentais dos povos latinos, nós indicamos suficientemente em que consistia

seu conceito de Estado. Nos resta mostrar agora como o desenvolvimento do socialismo é a consequência natural desse conceito.

Às características dos povos latinos analisadas acima, poderiam se juntar estas: a de que são os povos que mais fizeram revoluções e que mais obstinadamente atacaram suas instituições passadas. Poder-se-ia dizer dos franceses que eles são às vezes os mais revolucionários e os mais conservadores de todos os povos do universo. Suas mais sangrentas revoluções só fizeram revestir, com nomes novos, instituições as mais antiquadas.

É, com efeito, fácil fazer teorias, revoluções e discursos, mas não é fácil mudar a alma secular de um povo. Pode-se, a rigor, lhe impor momentaneamente, pela força, instituições novas, mas ele retoma logo as do passado, porque são as únicas em relação com as necessidades de sua constituição mental.

Mentes superficiais imaginam ainda que a Revolução Francesa estabeleceu um tipo de renovação de nossas instituições; que ela criou, com todos os detalhes, princípios novos, uma nova sociedade. Na realidade, ela só fez __ como demonstrou há muito tempo Tocqueville __ jogar bruscamente por terra o que na velha sociedade já estava corroído e cairia, por velhice, alguns anos mais tarde. Mas as instituições que não estavam envelhecidas, porque estavam em relação com os sentimentos de seu povo, não puderam ser atingidas pela Revolução ou, pelo menos, só o foram

momentaneamente. Alguns anos mais tarde, aqueles mesmos que tinham tentado aboli-las as restabeleceram com outros nomes. Não se muda facilmente uma herança de doze séculos.

Foi sobretudo a concepção de Estado, ou seja, na expansão cada vez maior de suas funções, na limitação sempre mais estreita da iniciativa dos cidadãos __ base fundamental do socialismo atual __ que a Revolução nada mudou e nada poderia mudar. E se quisermos compreender a que ponto essa tendência em colocar tudo nas mãos do governo __ e, por consequência, em multiplicar as funções públicas __ está na alma do povo, precisamos nos reportar a alguns anos antes da Revolução. A ação do governo central era quase tão intensa quanto hoje em dia.

Escreve Tocqueville:

> *As cidades, não podem nem estabelecer uma concessão, nem elevar uma contribuição, nem hipotecar, nem vender, nem pleitear, nem afirmar seus bens, nem administrá-los, nem empregar o excedente de suas receitas, sem que intervenha uma decisão do Conselho no relatório do Intendente. Todos os trabalhos são executados de acordo com planos e segundo orçamentos que o Conselho aprovou por decisão. É diante do Intendente ou seus subdelegados, que se faz a adjudicação e é o engenheiro ou arquiteto do Estado que os conduz. É surpreendente que se pense que tudo o que se vê na França é novo. Era preciso obter uma autorização do Conselho para reparar o dano que o vento provocava no telhado da igreja ou reerguer o muro do presbitério. A paróquia*

> *rural mais longínqua de Paris era submetida à mesma regra que as mais próximas. Eu vi paróquias solicitarem ao Conselho o direito de comprar 25 livros.*

Naquela época, como hoje em dia, a vida local da província estava extinta há muito tempo pela centralização progressiva. Consequência, não do poder autocrático do soberano, mas pela indiferença dos cidadãos.

Diz o mesmo autor:

> *O que espanta é a facilidade surpreendente com que a Assembleia Constituinte pôde destruir em um só golpe todas as antigas províncias da França __ muitas delas eram mais antigas que a monarquia __ e dividir metodicamente o reino em 83 partes distintas, como se se tratasse do solo virgem do Novo Mundo. Nada surpreendeu mais e mesmo consternou o resto da Europa, que não estava preparada para um tal espetáculo. É a primeira vez, disse Burke, que se vê homens dividirem em pedaços sua pátria de uma maneira tão bárbara. Parecia que se rasgavam corpos vivos: estávamos apenas despedaçando os mortos.*

Foi esse desaparecimento da vida provincial que tornou fácil a centralização progressiva do antigo regime.

Diz Tocqueville:

> *Não nos espantemos ao ver com que facilidade maravilhosa a centralização foi restabelecida na França, no começo deste século. Os homens de 89 destruíram o edifício, mas seus fundamentos permaneceram na alma de seus destruidores e sobre esses fundamentos se pôde re-*

> *erguer repentinamente um novo e construí-lo mais sólido do que jamais fora.*

A absorção progressiva do Estado no antigo regime necessitava, como hoje em dia, de um número crescente de funções e o sonho de todos os cidadãos era obtê-lo.

Prossegue Tocqueville:

> *Em 1750, numa cidade de província de média extensão, 129 pessoas estavam ocupadas em ministrar a justiça e 126 encarregadas de executar as sentenças das primeiras; todas pessoas da cidade. O ardor dos burgueses em preencher esses postos era realmente sem igual. Assim que um deles se sentia possuidor de um pequeno capital, ao invés de empregar num negócio, ele o usava para comprar um posto. Essa miserável ambição prejudicou mais os progressos da agricultura e do comércio na França do que os controles e mesmo sua dimensão.*

Não são então, como se repete tão frequentemente, os princípios de 1789 que nós vivemos hoje em dia. Nós vivemos princípios criados pelo antigo regime e o desenvolvimento do socialismo só representa sua suprema floração e a consequência última de um ideal perseguido durante séculos. Esse ideal foi, sem dúvida, outrora, muito útil num país tão dividido quanto o nosso e que só poderia ser unificado através de uma centralização enérgica. Infelizmente, uma vez que a unidade foi feita, os hábitos estabelecidos nas almas não poderiam mudar. Com a vida local e a iniciativa dos cidadãos destruídas, não poderiam renascer. A constituição

mental de um povo é lenta para se estabelecer, mas muito mais lenta ainda para mudar quando ela se estabeleceu.

Tudo, aliás, convergiu, tanto as instituições quanto a educação, para essa absorção pelo Estado, cujos assustadores efeitos mostraremos em seguida. Nosso sistema educacional bastaria sozinho para aniquilar completamente a mais resistente das nações.

* * *

CAPÍTULO V

Os conceitos latinos de educação, de instrução e de religião,

§1. Os conceitos latinos de educação e de instrução,

Sumário

O conceito latino de educação é a consequência do conceito latino de Estado. Já que o Estado deveria tudo dirigir, ele deveria também dirigir a educação e já que o Estado deveria pensar e agir pelos cidadãos, ele deveria tratar de imprimir nas almas o sentimento da obediência, o respeito a todas as hierarquias e reprimir severamente todas as veleidades de independência e de iniciativa. O estudante deveria se limitar a decorar livros didáticos que lhe diriam que a autoridade política, religiosa, filosófica e científica deveria decidir todas as questões. Era o antigo ideal dos jesuítas e que foi sabiamente completado por Napoleão. A Universidade, tal como foi criada por esse grande déspota, é o mais belo exemplo dos métodos a empregar para subjugar a inteligência, abater os caracteres e transformar os jovens latinos em escravos ou em revoltados.

O tempo passou, mas nossa Universidade mudou pouco. É sobre ela que pesa o imperioso poder dos mortos. O Estado, diretor exclusivo do ensino, conservou um sistema educacional que era bom sobretudo para a Idade Média, quando os teólogos reina-

vam como senhores. Esse sistema deixa sobre todas as almas latinas sua dissolvente marca. Ele não se propõe mais, como naquele tempo, subjugar a inteligência, calar a razão, destruir a iniciativa e a independência, mas, como os métodos não mudaram, os efeitos produzidos são os mesmos que outrora. Possuímos, aliás, instituições que, olhadas unicamente sob o ponto de vista de sua ação psicológica, poderiam ser qualificadas de admiráveis, quando se vê com que engenhosidade elas criam, em categorias inteiras de indivíduos, uma perfeita banalidade de pensamentos e de caráter. O que há de mais prodigioso, por exemplo, do que a nossa escola normal superior, com seu prodigioso sistema de exames? Precisaríamos ir até os confins da China para encontrar alguma coisa que lhe seja comparável! A maior parte dos jovens que saem dela têm ideias idênticas sobre todas as coisas e uma maneira não menos idêntica de exprimi-las.

A página começada por um deles pode indiferentemente ser continuada por um outro, sem nenhuma mudança nas ideias nem no estilo. Apenas os jesuítas conseguiram inventar processos de disciplina tão perfeitos.

Habituados, por regulamentos minuciosos, a prever cada minuto de seu tempo, os estudantes de nossos liceus são convenientemente preparados, para o resto de suas vidas, à uniformidade de pensamento e de ação que necessita o desenvolvimento do so-

cialismo de Estado. Eles terão sempre horror intenso a toda originalidade, a todo esforço pessoal; um desprezo profundo ao que não é especializado e catalogado; uma admiração um pouco invejosa, mas sempre respeitosa, pelas hierarquias e os galões. Toda tendência à iniciativa, ao esforço individual, foi inteiramente extinta neles. Eles poderão se revoltar algumas vezes, como fizeram no colégio quando seus inspetores foram muito duros, mas não serão jamais revoltas inquietantes ou duráveis. Escola normal, liceus e outras instituições análogas são assim perfeitas escolas do socialismo de Estado igualitário e nivelador. É graças a um tal sistema que marchamos cada vez mais rumo a essa forma de governo.

É examinando em seus detalhes nosso sistema de educação latina que se pode compreender bem o sucesso atual do socialismo entre os latinos. É um estudo que eu só poderia empreender muito sumariamente aqui.

Os povos anglo-saxões jamais conheceram nosso odioso sistema educacional e é por não tê-lo conhecido que eles estão hoje em dia nos primeiros lugares na escala da civilização e deixaram os povos latinos bem atrás deles.

Os princípios da educação anglo-saxã são absolutamente diferentes dos princípios da educação latina. Bastam algumas linhas para colocá-la em evidência.

O homem civilizado não poderia viver sem disciplina. Essa disciplina pode ser interna, ou seja, estar nele mesmo. Ela pode ser externa, ou seja, fora dele mesmo e necessariamente imposta por outros. O anglo-saxão que tem __ por características herdadas e fortificadas pela educação __ a disciplina interna, pode se conduzir e não necessita da direção do Estado. O latino que tem __ por causa de sua herança e sua educação __ muito pouca disciplina interna, tem necessidade de uma disciplina externa. Ela lhe é imposta por regulamentos, que são inumeráveis, porque eles devem dirigi-lo em todas as circunstâncias da vida.

O princípio fundamental da educação anglo-saxã é que a criança passe pelo colégio, não para ser disciplinada por outros, mas para aprender em quais limites ele pode usar a sua independência. Ele deve disciplinar a si mesmo e adquirir assim o **self-control**, de onde deriva o **self-government**. O adolescente inglês sai do colégio sabendo muito pouco de grego, de latim e de ciências teóricas, mas ele se torna uma pessoa que sabe se guiar na vida só contando consigo mesmo. Os métodos que permitem chegar a esse resultado são maravilhosamente simples. São encontrados expostos com detalhes em todos os livros sobre a educação escritos pelos ingleses.

A educação latina tem um objetivo exatamente contrário. Seu sonho é quebrar toda a iniciativa, independência e vontade do

aluno através de regulamentos minuciosos e severos. O único dever é aprender, recitar e obedecer. Os mínimos atos são previstos. O emprego do tempo é regulado minuto a minuto. Após sete ou oito anos desse regime de trabalhos forçados, todos os traços de vontade e de iniciativa são destruídos. Mas, quando o jovem estiver por conta própria, como poderá se conduzir, se não aprendeu a fazer isso? É de se espantar que os povos latinos saibam se governar tão mal e se mostrem tão fracos nas lutas comerciais e industriais que a evolução atual do mundo produziu? Não é natural que o socialismo, que só fará multiplicar os entraves criados pelo Estado, seja acolhido com tanto fervor por todos os espíritos que o colégio preparou tão bem para a servidão?

As consequências dos métodos ingleses e latinos podem ser julgadas pelos resultados que eles produzem. O jovem inglês, ao sair do colégio, não tem nenhuma dificuldade para encontrar seu caminho na indústria, na agricultura ou no comércio. Enquanto que nossos bacharéis, nossos licenciados, nossos engenheiros só são bons para executar demonstrações na lousa. Alguns anos após ter terminado sua educação, eles esqueceram totalmente sua inútil ciência. Se o Estado não os abriga, eles estão perdidos. Se procuram a indústria, só serão aceitos nos postos mais inferiores, até que tenham tempo de refazer completamente sua educação. Se eles escrevem livros, serão pálidas reedições de seus livros didáti-

cos, totalmente desprovidos de originalidade, tanto na forma quanto no pensamento.

Não são nossos programas universitários, mas nossos métodos que deveriam ser mudados. Todos os programas são bons quando se sabe utilizá-los. Infelizmente, para mudar esses métodos, seria preciso mudar as ideias dos professores e, consequentemente, sua educação e um pouco também sua alma.

§2. O conceito latino de religião.

O conceito religioso, após ter exercido seu papel útil, acabou por se tornar tão funesto aos povos latinos quanto seus conceitos de Estado e de educação e sempre pela mesma razão de que ele não evoluiu.

Sem romper bruscamente com as crenças do passado os anglo-saxões souberam criar uma religião maior, que podia se adaptar a todas as necessidades modernas. Os fatos dogmáticos muito embaraçosos foram atenuados e assumiram um valor simbólico, um caráter mitológico.

A religião pode conviver assim, sem hostilidade, com a ciência. De toda maneira, ela não é um adversário declarado que é preciso combater. O dogma católico dos latinos conservou, ao contrário, suas formas rígidas, absolutas e intolerantes, úteis em outra ocasião talvez, mas muito nocivas hoje em dia. Ele perma-

neceu o que era há 500 anos. Fora dele não há salvação. Ele pretende impor a seus fieis os absurdos históricos mais inaceitáveis. Não há conciliação possível com ele. É preciso aturá-lo ou combatê-lo.

Diante das revoltas da razão, os governos latinos tiveram que renunciar a sustentar crenças tão profundamente incompatíveis com a evolução das ideias e acabaram geralmente por se abster de toda ingerência no domínio religioso.

Mas então duas consequências se manifestaram. Sobre as almas fracas os velhos dogmas retomaram todo seu império e eles as curvam sob crenças gastas sem nenhuma relação com as necessidades modernas.

Os espíritos um pouco independentes souberam se subtrair de um jugo evidentemente irracional e pesado. Mas, como lhes haviam dito na juventude, que toda moral repousava sobre os dogmas religiosos e não poderiam existir sem eles, eles acreditaram que, com o desaparecimento desses dogmas, deveria desaparecer também a moral que se apoiava sobre eles. Sua moral então foi consideravelmente relaxada e logo eles não conheciam mais outras regras de conduta que não fossem aquelas prescritas pelos códigos e mantidas pela polícia.

Assim então três conceitos __ o conceito de governo, o conceito de educação e o conceito religioso __ contribuíram para a

formação da alma latina e produziram seu estado mental atual. Todos os povos, com um certo grau de civilização, foram influenciados por esses conceitos e nenhum pôde evitar sua influência, pois quando os povos são fracos, ignorantes, pouco desenvolvidos, é evidentemente vantajoso para eles, como o é para a criança, que espíritos superiores lhes imponham ideias e crenças, pensem e ajam por eles. Mas, com os progressos da evolução, chega o momento em que os povos não são mais crianças e devem se conduzir por eles mesmos.

Aqueles que não conseguiram adquirir essa aptidão se encontram, por esse único fato, bem atrás daqueles que a possuem.

Os povos latinos não conseguiram ainda isso e, por não terem conseguido aprender a pensar e agir por eles mesmos, estão desarmados hoje em dia na luta industrial, comercial e colonial, determinada pelas condições de existência moderna e onde triunfaram tão rapidamente os anglo-saxões. Vítimas de seus conceitos herdados, os latinos se voltaram rumo ao socialismo, que lhes promete pensar e agir por eles. Mas, caindo em seu domínio, eles terão que se submeter a novos mestres e retardar ainda mais a aquisição das qualidades que lhes faltam.

§3.Como os conceitos latinos deixaram sua marca em todos os elementos da civilização.

Restar-me-ia, para ser um pouco mais completo, seguir nos diferentes ramos da civilização __ literatura, arte, indústria etc. __ as consequências, úteis ou nocivas, segundo as épocas, dos conceitos fundamentais cujo papel venho traçando muito sumariamente. Uma tarefa tão vasta não pode ser empreendida aqui. Bastaria mostrar como os progressos atuais do socialismo entre os latinos são a consequência de seus conceitos e determinar a formação desses conceitos. Encontraremos sua influência em cada página dessa obra e particularmente quando nos ocuparmos das lutas comerciais e industriais às quais a evolução econômica atual condena todos os povos. O leitor que quiser aplicar nossos princípios a um elemento qualquer da civilização, será tocado pelas luzes com as quais eles iluminam sua história. Eles não bastam evidentemente para explicar tudo, mas eles dão o sentido de muitos fatos inexplicáveis sem eles. Eles farão compreender sobretudo essa necessidade de direção que deixa os latinos tão tímidos diante das responsabilidades, sua inaptidão em conduzir bem toda empresa que não seja fortemente conduzida por chefes e sua tendência atual rumo ao socialismo. Quando os latinos têm a sua frente, grandes homens de Estado, grandes generais, grandes diplomatas, grandes pensadores, grandes artistas, eles se mostram capazes dos

mais enérgicos esforços. Mas os mestres geniais não se encontram sempre e, na falta deles, os povos latinos perigam. Com um Napoleão eles dominaram a Europa. Comandados mais tarde por generais incapazes, eles foram vítimas dos mais incríveis desastres e não conseguiram resistir àqueles que tinham vencido outrora.[21]

Não é sempre sem razão que tais povos estão tão prontos a jogar sobre seus chefes a responsabilidade de suas derrotas. Eles valem o que valem seus senhores e eles têm consciência disso.

Sob pena de logo perecer, os latinos devem aprender a se conduzir. Os campos de batalha, militares ou industriais, são hoje em

[21] Quando se estuda detalhadamente a história da guerra de 1870, não é apenas a enorme incapacidade dos generais colocados a frente dos exércitos que aparece sem cessar, mas também a dos oficiais de todo nível, sem exceção. Esses últimos não ousavam jamais tomar a menor iniciativa, apoderar-se de um ponto desocupado, atacar uma bateria incômoda etc. Sua principal preocupação era esperar ordens que não podiam chegar. Como os diplomatas que eu já mencionei, eles não tinham uma doutrina que lhes indicasse a decisão a tomar num caso imprevisto, quando o chefe não estivesse. O que fez a força dos alemães é que eles tinham essa doutrina. As ordens lhes eram inúteis e, aliás, fora das indicações gerais, das diretivas __ segundo a expressão do Sr. de Moltke __ eles as recebiam muito pouco. Cada oficial sabia o que tinha que fazer nos casos variados que poderiam se apresentar e, pelo conjunto de uma educação técnica praticada durante muito tempo, ele o fazia instintivamente. Uma educação só está completa quando os atos que inicialmente eram conscientes e demandavam penosos esforços para serem executados são, em seguida, determinados pelo inconsciente. Eles são executados instintivamente e sem reflexão. Mas não é jamais pelo estudo dos livros que se chega a esse resultado. Nosso estado maior começa, com muito custo, depois de 30 anos de reflexão, a suspeitar da importância desses princípios, mas a educação que recebem na Escola de Guerra nossos oficiais permanece ainda bem latina, ou seja, deploravelmente livresca e teórica.

dia muito vastos para que um pequeno número de pessoas, por mais notáveis que sejam, possam comandar os combatentes. Na fase do mundo em que entramos, a influência das grandes capacidades não desaparece, mas ela tende cada vez menos a ser a diretora. A autoridade está muito dispersa para não desaparecer. O ser humano moderno não pode mais contar com nenhuma tutela e menos ainda com a do socialismo, acima de todas as outras. Ele deve aprender a só contar com ele mesmo. É para essa necessidade fundamental que a educação deveria prepará-lo.

* * *

CAPÍTULO VI

Formação do socialismo nos povos latinos.

§1. A absorção pelo Estado.

Sumário

Os capítulos precedentes mostraram de maneira suficiente que o socialismo, sob a forma de socialismo de Estado, muito próximo do coletivismo, é, na França, a floração de um longo passado, a consequência última de instituições já bem velhas. Longe de poder ser considerado como revolucionário, o moderno coletivismo deveria aparecer como uma doutrina bem retrógrada e seus seguidores como tímidos reacionários que se limitam a desenvolver as mais antigas e menos evoluídas das tradições latinas. Eles nos anunciam ruidosa e diariamente o triunfo próximo de suas utopias. Eles não eram nem nascidos ainda e nós já éramos vítimas delas.

O socialismo de estado, ou seja, a centralização nas mãos do governo de todos os elementos da vida de um povo é, talvez, o conceito mais característico, o mais fundamental, o mais irredutível das sociedades latinas. Longe de ter entrado numa fase de declínio, a absorção pelo Estado só faz crescer a cada dia. Limitada durante muito tempo às funções políticas, ela não poderia se estender muito no domínio da indústria numa época em que a indús-

tria quase não existia. Quando essa última se tornou preponderante, a influência governamental interveio em todos os ramos industriais. O Estado se viu obrigado, em matéria de estradas de ferro, de portos, de canais, de construções etc., a suprir a iniciativa que faltava aos cidadãos. Ele dirige por conta própria as mais importantes empresas e guarda o monopólio de numerosas explorações: ensino, telégrafos, telefones, tabaco, fósforo etc., que sucessivamente absorveu. Ele é obrigado a sustentar os que não dirige diretamente para os impedir de periclitar. Sem suas subvenções a maior parte entraria prontamente em falência. É por isso que ele paga para as companhias de estradas de ferro enormes subsídios a título de garantias de juros. Ele destina anualmente a seus acionistas quase 100 milhões, soma a qual é preciso acrescentar os 48 milhões de déficit que lhe custam anualmente as linhas que ele próprio explora.

Numerosas são as empresas privadas marítimas, comerciais ou agrícolas que o Estado é forçado a subvencionar, sob diversas formas. Subsídios aos armadores que constroem navios, subsídios aos fabricantes de açúcar, subsídios aos fiandeiros e aos sericicultores etc. etc. Apenas para estes últimos os subsídios anuais não passam de uma dezena de milhões, mas para os fabricantes de açúcar eles ultrapassam 100 milhões. Não há praticamente nenhuma indústria que não reclame a proteção financeira do Estado,

hoje em dia. Neste ponto __ e infelizmente apenas neste ponto __ os partidos políticos mais opostos estão perfeitamente de acordo. Considerado como responsável por tudo e devendo tudo dirigir, o Estado parece possuir um tesouro imenso que cada um pode se apossar. Um Departamento tem necessidade (como neste exemplo da câmara de comércio de X..., citada pelo **Temps**) da soma necessária para pagar um projetista destinado a melhorar uma indústria absolutamente local que lhe rende vários milhões; ele se dirige ao Estado e não aos indivíduos interessados no progresso dessa indústria. Um outro Departamento quer uma estrada de ferro de interesse puramente local; ele se dirige ainda ao Estado. Um porto marítimo quer obter melhorias do qual será o único a se beneficiar; sempre o Estado. Em nenhum lugar o menor traço de iniciativa ou de associação privadas para criar ou manter uma obra qualquer.

O Sr. P. Bourde relatou um exemplo bem típico desse estado de espírito. É a história, totalmente incompreensível e inverossímil para um inglês ou um americano, dos habitantes da pequena cidade de X. Uma de suas tubulações de água quebrou e recebeu bruscamente as imundícies de um esgoto vizinho. Chamar um trabalhador e reparar o acidente era uma ideia muito pouco latina para que ela se impusesse ao conselho municipal reunido com o objetivo de discutir o acidente. Evidentemente era preciso se dirigir ao governo. Quatro grandes colunas de jornal foram necessá-

rias para resumir as providências que foram tomadas. Graças à intervenção de um número considerável de ministros, senadores, deputados, prefeitos, engenheiros etc., e a passagem do dossiê por cerca de vinte setores em diversas administrações, a decisão final retornou à localidade, dois anos depois. Aguardando, os habitantes continuaram com resignação a beber água de esgoto, sem ter tido uma única vez a ideia de remediar eles mesmos o acidente. Os acidentes relatados por Tocqueville mostram que as coisas se passavam exatamente da mesma maneira no antigo regime.

Existe aqui um estado de espírito que é, evidentemente, uma característica cultural. O Estado é obrigado a intervir sem cessar, para regulamentar e proteger. Mas se ele escutasse todas as queixas ele interviria bem mais ainda. Há alguns anos, um honorável senador colocou perante o Senado as reclamações dos comerciantes de carne de porco que queriam obrigar o governo a substituir a carne bovina pelo porco salgado na alimentação do exército, sob o pretexto de proteger a criação dos porquinhos. No espírito dessa brava gente, sendo a função natural do Estado proteger a indústria, ele deveria necessariamente garantir a venda de suas mercadorias e decretar o porco salgado obrigatório.

É completamente errado culpar os coletivistas por querer colocar todos os monopólios, todas as indústrias, todos os serviços

públicos nas mãos do governo. Este sonho não lhes é exclusivo, pois ele está em todos os partidos. É um sonho da cultura.

Assediado por todo lado, o Estado se defende como pode. Mas, sob a pressão unânime do público, ele é obrigado, contra a vontade, a proteger e regulamentar. É por todo lado que lhe pedem intervenção e sempre no mesmo sentido, ou seja, no da restrição da iniciativa e da liberdade dos cidadãos. As leis desse tipo, que lhe propõem todo dia, são inumeráveis: lei para decidir a desapropriação das estradas de ferro e sua administração pelo Estado; lei para se apoderar do monopólio do álcool; lei para encampar a gestão do Banco da França; lei para regulamentar as horas de trabalho nas manufaturas; lei para impedir a concorrência dos produtos estrangeiros; lei para dar uma pensão de aposentadoria a todos os trabalhadores idosos; lei para obrigar os fornecedores do Estado só empregarem certas categorias de trabalhadores; lei para regulamentar o preço do pão; lei para obrigar os celibatários a se casar; lei para sobrecarregar de impostos as grandes lojas, em benefício das pequenas etc. etc. Tais são os fatos.

Examinemos agora suas consequências.

§2. As consequências da extensão das funções do Estado.

As consequências dessa absorção de todos os serviços pelo Estado e sua intervenção constante, (absorção e intervenção solici-

tada por todos os partidos), são desastrosas para o povo que as sofre, ou melhor, que as impõe. Essa intervenção permanente acaba por destruir inteiramente nos cidadãos os sentimentos de iniciativa e de responsabilidade que eles já possuem tão pouco. Ela obriga o Estado a dirigir com custos altíssimos, em razão da complicação de seu mecanismo, empresas que os particulares, tendo o interesse pessoal como motivador, conduziriam bem sem tantas despesas, como fazem aliás em outros países.[22]

Estes são os resultados constatados há muito tempo pelos economistas, segundo o Sr. Leroy-Beaulieu:

> *A concentração de forças econômicas nas mãos do Estado leva __na nova França__ à ruína das iniciativas privadas, ao abastardamento das vontades e das energias individuais, para levar a um tipo de servidão burocrática ou de cesarismo parlamentar, ao mesmo tempo enervante e desmoralizador para todo o país empobrecido.*

Por outro lado diz Herbert Spencer:

[22] É bem compreendido, em todos os países do mundo, que as empresas geridas por particulares, necessariamente interessados em seu sucesso, progridem muito mais do que quando são executadas pelo Estado, ou seja, por agentes anônimos que se interessam muito pouco por ela. O Sr. Simon Hanann, cônsul americano em Frankfurt , fez, a propósito das empresas metalúrgicas da Rússia, as observações seguintes: "É curioso constatar que, quando o Estado dirigia essas empresas, elas todas periclitavam. Foi assim até 1885, quando então os capitais locais eram os interessados. Quando, enfim, os capitais estrangeiros predominaram, eles venceram, onde os outros tinham encalhado. Em 17 fundições do sul da Rússia, apenas 4 pertenciam a russos".

> *A regulamentação chama outras regulamentações, produzindo consequências imprevistas pelos legisladores... Toda regulamentação implica na criação de novos agentes reguladores, um desenvolvimento maior do funcionalismo e um aumento do corpo de funcionários. Quanto mais a intervenção do Estado se acentua, mais os governados perdem sua iniciativa individual... ademais, cada nova ingerência do Estado fortifica a opinião tácita segundo a qual é dever do Estado remediar todos os males e realizar todos os bens.*

Nunca os economistas tiveram tão visivelmente razão e nunca, no entanto, pregaram tão completamente no deserto. Ninguém contesta suas afirmações e, no entanto, continuamos a avançar cada vez mais numa via que conduzirá ao último grau da decadência e da servidão os povos que se engajam nela.

Não foi nos dias de hoje que, por meio de um exército cada vez maior de agentes, o Estado chegou a tudo dirigir, tudo administrar, tudo centralizar. Eles eram 188.000 e custavam anualmente 245 milhões, há 50 anos. Eles são 689.000[23] e custam 627 milhões hoje em dia. Seu número aumentará necessariamente ainda em grandes proporções. A instrução fornecida pelo Estado só serve para criar funcionários para o Estado. A metade dos oriundos dos liceus se destina às funções públicas. Apenas os frutos secos

[23] Incluindo aqueles a serviço das comunidades, segundo o recenseamento do Escritório do Trabalho, de 1896.

vão para o comércio, à agricultura e à indústria. É exatamente o contrário do que se passa na América e na Inglaterra.

O governo se defende como pode contra essa invasão de diplomados, aos quais sua deprimente educação e suas aptidões herdadas não dão a soma de iniciativa necessária para se criarem situações independentes. Eles só têm vontade de decorar os mais grossos manuais. E, neste ponto, nada os repele. O Estado complica sem parar os exames, torna os manuais cada vez mais espessos; nada desencoraja os candidatos. Com um quarto da paciência que é preciso para decorar fastidiosas inutilidades, a maior parte faria fortuna na indústria; mas eles não pensam nisso. Pode-se dizer que nosso século é o século dos exames. É exatamente o sistema chinês e, como observou Renan, ele produz nesse povo de mandarins uma incurável senilidade.

De fato, é a burocracia que governa hoje em dia a França e necessariamente ela a governará cada vez mais. O poder do Estado se acha desintegrado em inumeráveis mãos. A irresistível necessidade dos latinos de serem governados é acompanhada de uma necessidade não menos irresistível de autoridade. Todos os agentes que representam o Estado se governam uns aos outros segundo uma hierarquia minuciosa e rígida, que desce por degraus sucessivos, do ministro ao último dos serventes. Com cada funcionário possuindo funções muito restritas, não pode cumprir o menor ato

sem recorrer a toda uma hierarquia colocada acima dele. Ele é prisioneiro em um labirinto complexo de regulamentos e de complicações às quais ele não pode se subtrair e cujo peso recai necessariamente sobre todos aqueles que estão na obrigação de se dirigir a ele.

Essa rede de regulamentos se desenvolve a cada dia, na medida em que a iniciativa dos cidadãos se torna mais fraca. Como observou Léon Say, “ergue-se um grito cada vez mais forte para demandar uma regulamentação cada vez mais minuciosa”.

Pressionado pelas reclamações incessantes de um público ávido de tutela, o Estado legisla e regulamenta sem relaxar. Obrigado a tudo dirigir, a tudo prever, ele entra nos detalhes mais minuciosos. Um particular é atropelado por um carro, um relógio é roubado numa prefeitura: imediatamente nomeia-se uma comissão encarregada de elaborar um regulamento e esse regulamento é sempre um volume. Segundo um jornal bem informado, o novo regulamento sobre a circulação das carruagens de aluguel e outros meios de transporte em Paris, redigido por uma comissão encarregada de simplificar o estado das coisas existentes, tinha, nada mais nada menos do que 425 artigos!

Essa prodigiosa necessidade de regulamentação não parece nova na história. Ela foi constatada já em vários povos, os romanos e os bizantinos particularmente, nas épocas de baixa decadên-

cia e ela deve ter contribuído notavelmente para apressar essa decadência. O Sr. Gaston Boisser destacou que, no fim do império romano "nunca a minúcia administrativa tinha ido tão longe. Essa época é, antes de tudo, a época da papelada. Um funcionário imperial não andava jamais sem ser acompanhado por secretários e estenógrafos".

Dessas hierarquias tão complicadas, dessa regulamentação detalhada, resulta, antes de tudo, que tudo que é criado pelo Estado é produzido de uma maneira muito lenta e muito custosa. Não é de graça que os cidadãos de um país renunciam a dirigir por eles mesmos seus assuntos e querem tudo confiar às mãos do Estado. Esse último lhes faz pagar forçosamente muito caro por sua intervenção. Pode-se citar, como um exemplo bem típico, as diversas estradas de ferro que os Departamentos obrigaram o Estado a construir.

Para atender à pressão pública, o governo construiu sucessivamente e administra diretamente perto de 2.800 quilômetros de linhas, que custaram, segundo o relatório da comissão de orçamento para 1895, a enorme soma de 1,275 bilhão, incluindo os déficits anuais capitalizados. Sendo os lucros anuais de 9 milhões, enquanto que as despesas são de 57 milhões, o déficit anual está em torno de 48 milhões. Este déficit se deve em parte aos custos gigantescos de exploração. Enquanto que o coeficiente de explo-

ração está em torno de 50% para as grandes Companhias, como a Paris-Lyon e a Orléans, por exemplo, (pouco interessadas em economizar, no entanto, pois o Estado lhes garante um mínimo de lucro), o coeficiente de exploração das estradas de ferro do Estado chega à cifra inacreditável de 77%!

Escreve o Sr. Leroy-Beaulieu:

> *Não se saberia dizer a que atrofia da iniciativa individual conduz o regime francês dos serviços públicos. Habituados a contar com subvenções da Comuna, do Departamento ou do poder central, os diversos aglomerados de habitantes __ no campo, sobretudo __ não sabem mais empreender nada por si sós, nem se colocar em acordo sobre nada. Eu vi vilarejos de 200 ou 300 habitantes, pertencentes a uma grande Comuna dispersa, esperar durante anos e solicitar humildemente ajuda para uma fonte que lhes era indispensável e que 200 ou 300 francos, ou seja, uma contribuição de 1 franco por cabeça, bastaria para colocá-la em bom estado. Tenho visto outros que, tendo apenas um caminho para fazer escoar sua produção, não conseguem se entender, quando, com uma primeira despesa de 2.000 francos e 200 ou 300 francos de manutenção por ano, eles poderiam tornar facilmente viável essa única via de que eles dispõem. Eu falo, no entanto, de lugares relativamente ricos, muito mais abastados que a generalidade das Comunas da França.*
>
> *Não temos medo de dizer que, entre as nações ricas e de civilização antiga, a França é uma das mais mal equipadas de utilidades de uso coletivo. O gás custa mais caro do que em todo lugar. A eletricidade começa lentamente a clarear algumas ruas em algumas cidades. Os*

transportes urbanos estão em estado bárbaro. Os bondes, pouco numerosos, só existem em cidades de primeira ordem e apenas algumas companhia de segundo nível se dedicam a essa indústria e, salvo 2 ou 3 talvez, sobretudo no conjunto de nosso território, estão arruinadas. Os capitalistas que sofrem essas derrotas, não sentem nenhuma inclinação em dotar nossas cidades de uma rede de comunicações urbanas aperfeiçoadas. O telefone custa caro em Paris. 2 ou 3 vezes mais que em Londres, em Berlim, em Bruxelas, em Amsterdã, em Nova York. Assim, um grande país se acha, em pleno século XIX, só aproveitando restritamente os progressos recentes e numerosos que transformaram há 50 anos a vida urbana. Isso é porque o Estado não intervém suficientemente? Não, é porque ele intervém muito. As municipalidades que o representam usam em excesso de seu duplo poder de constranger: o constrangimento regulamentar e administrativo, que multiplica as injunções ou as proibições, as taxas em espécie e que, às vezes, submetem sem nenhuma restrição as companhias ao arbítrio variável dos conselhos municipais; o constrangimento fiscal, que, de cada sociedade de capitalistas, quer transformar numa vaca de leite inesgotável. É preciso acrescentar ainda esse sentimento estreito de inveja que considera como um atentado aos poderes públicos toda prosperidade das companhias particulares.

A complicação dos processos, o tradicionalismo, bem como a necessidade que têm os empregados de se sujeitar, para salvaguardar sua responsabilidade, às mais minuciosas formalidades[24],

[24] Pode-se citar como o típico estado mental criado pelas necessidades burocráticas, a história contada no Parlamento por um ministro, o Sr. Delacassé, sobre

produzem os custos enormes que se constata em tudo o que é administrado pelo Estado. Os relatórios feitos ao Parlamento, em nome da comissão de orçamento, pelo Sr. Cavaignac sobre o orçamento da guerra, e pelo Sr. Pelletan sobre o da marinha, mostram que as complicações administrativas ultrapassam tudo que se possa imaginar. No relatório de Sr. Cavaignac, vê-se no meio de um grande número de fatos análogos, a história inacreditável e verídica, no entanto, do comandante de batalhão que, obtendo a permissão de mandar confeccionar nos Invalides um par de botas não regulamentares, se vê devedor de 7,8 francos ao Estado, soma que ele estava aliás disposto a pagar. Para regularizar seu débito foram necessárias três cartas do ministro da guerra, uma carta do ministro das finanças e umas quinze cartas, decisões ou relatórios

---

uma longa controvérsia nos escritórios de um ministério, tendo por objetivo saber se uma despesa de 77 quilos de ferro apareceria por 3,46 francos ou 3,47 no orçamento desse ministério. Para decidir, foi preciso a deliberação prolongada de uma meia-dúzia de chefes de escritório e finalmente a intervenção direta do próprio ministro.

Todas as empresas geridas por administradores latinos são submetidas ao mesmo sistema de meticulosas minúcias, cujo resultado final é gastar somas elevadas para economizar centavos. A propósito do asilo de Salpêtrière, grande estabelecimento que tem 5.000 habitantes e um orçamento de 2 milhões e meio, um jornal se expressou da seguinte maneira:

"Se se soubesse das engrenagens a movimentar, o mundo a mexer, para fazer instalar um fogão a gás, ficar-se-ia estupefato. Solicitação e parecer favorável do tesoureiro, autorização do conselho superior, envio ao arquiteto, estudo das plantas, confecção de um projeto, orçamento, retorno ao conselho superior, encomenda ao arquiteto, parecer do empreiteiro, ou seja, perda de tempo de 2 meses e despesa de 80 a 100 francos, enquanto que, com um diretor autônomo, a coisa seria feita em 8 dias, com uma despesa de 15 a 20 francos".

de generais, diretores, chefes de escritório etc. colocados a frente de diversos serviços administrativos!

Num relatório da comissão de orçamento da marinha, observam-se complicações bem mais consideráveis ainda. O soldo mensal de um simples tenente de navio compreende uma coleção de 66 rubricas diferentes, "todos providos de uma longa cauda de decimais". Para obter num porto marítimo uma "dobradiça de veleiro", pedaço de couro que vale 10 centavos, é preciso preencher uma folha especial com a qual deve-se ir, em todo canto do porto, procurar 6 assinaturas diferentes. Uma vez que o pedaço de couro esteja confeccionado, recomeçam novos escritos, registros e inscrições. Para a recepção de certos objetos são necessárias peças compatíveis que demandam 15 dias de trabalho. O número de relatórios elaborados por certas repartições está avaliado em 100.000.

A bordo dos navios, a complicação não é menor: o aprovisionamento burocrático é prodigioso. Diz o relator: "Nós encontramos 33 volumes de regulamentos destinados a fixar os detalhes da vida administrativa a bordo, a enumeração de 230 tipos de registros, livros, cadernos, relatórios quotidianos e mensais, certificados, receituários, fascículos, folhas soltas etc.". Nesse labirinto de números, os infelizes empregados não se reconhecem mais. Esmagados por seu terrível trabalho, eles chegam a trabalhar com-

pletamente ao acaso. “Centenas de empregados estão ocupados exclusivamente em calcular, transcrever, copiar em inumeráveis registros, reproduzir em inumeráveis folhas soltas, dividir, totalizar, enviar ao ministro algarismos que não têm nenhuma realidade, que não correspondem a nada na ordem dos fatos, que estariam provavelmente mais perto da verdade se fossem inventados em todos os detalhes”.

Por isso, é impossível chegar a alguma informação precisa sobre os aprovisionamentos, em que cada categoria depende de toda uma série de repartições sem nenhuma autonomia. Algumas verificações feitas ao acaso pelo relator do orçamento lhe deram algarismos os mais extravagantes. Enquanto coisas essenciais faltavam completamente e que precisavam ser compradas com urgência, como 23.000 colheres e garfos, citados em seu relatório, e que, vendidos a 10 centavos no varejo nas ruas de Toulon, foram pagos a 50 centavos pela administração, encontram-se objetos que têm um estoque para 30 anos, outros para 68 anos. Quanto às compras da Administração, os números que puderam ser levantados são realmente fantásticos. Ela paga no Extremo Oriente, país de produção, o arroz 60% mais caro do que em Toulon. Os preços pagos por todos os objetos são geralmente o dobro do que pagaria um particular, simplesmente porque, não podendo pagar antes dos trâmites burocráticos, a Administração é obrigada a recorrer a

intermediários que lhe fazem adiantamentos reembolsáveis, frequentemente muito atrasados, por causa das terríveis complicações da contabilidade.

Todo esse desperdício incrível e forçado se traduz numa elevação de milhões nas despesas. Tão inutilmente como se fossem jogados nos esgotos. Um industrial que conduzisse assim seus negócios não esperaria muito tempo pela falência.

O relator que citamos teve a curiosidade de ver como faz a indústria privada, para evitar esses milhares de registros e de empregados, essa contabilidade que leva, até mesmo pela impossibilidade de se conferir, às mais graves desordens. Nada foi mais interessante do que essa comparação, que colocou frente a frente o socialismo de Estado __ tal como sonha o coletivismo __ e a iniciativa privada, tal como a compreendem os ingleses e os americanos.

Veja o que ele diz:

> *Para ter um ponto de comparação, nos perguntamos como procederia um grande estabelecimento da indústria privada que dirigisse um de nossos arsenais e que, como ele, fosse dedicado à construção de navios. Julgar-se-á a importância desse estabelecimento ao se pensar que, neste momento, há, em seu canteiro de obras, um de nossos cruzadores de primeira classe, dois couraçados brasileiros, um cruzador de 23 nós, um paquete e 5 navios à vela. No total, uma frota de 68.000 to-*

neladas. Há de se convir que é preciso, para isso, fornecedores de uma certa importância.

Um grande livro de contabilidade basta para cada um desses fornecedores. Num outro, acima do lugar onde é depositado cada tipo de objetos, é colocada uma prancheta que indica a natureza do objeto, o número da folha do grande livro correspondente e acima, em 3 colunas, as entradas, as saídas e os em estoque. Assim, pode-se, num só olhar, saber a situação dos estoques. Se um chefe de oficina precisa de algo, ele emite uma requisição assinada e datada, indicando o número e a natureza do objeto que ele quer. O fornecedor inscreve nas costas o nome, o peso, o preço por unidade, o preço total e as requisições são transcritas para um caderno, depois para um grande livro. Nada de mais simples e, pelo que parece, suficiente.

É interessante comparar os preços de venda da indústria privada, que é obrigada a ganhar dinheiro, com aqueles do Estado, que não tem que ganhá-lo. Essa comparação foi feita há muito tempo: o que o próprio Estado faz ele vende, em geral, por 25 a 50% mais caro do que o que é fabricado pela indústria privada. Para os couraçados, cujo preço oscila em redor de 20 milhões, a diferença entre os preços de venda, na Inglaterra e na França é em redor de 25%, segundo um relatório do Sr. De Kerjegu:

A comparação entre os preços de venda da indústria privada e a dos estabelecimentos do Estado é muito difícil porque os interessados esquecem cuidadosamente de colocar, nos preços de venda, despesas consideráveis: alugueis, tratamentos de empregados etc. imputados a

outros orçamentos. Foi por isso que foi provado à Câmara dos Deputados, por uma pesquisa especial feita pela comissão de orçamento, que a Imprensa Nacional, que pretendia ter lucro sobre operações, apresentava um déficit anual de 640.000 francos. Não é, no entanto, o bom funcionamento de suas produções que leva a um tal déficit. O relatório provou que o preço de venda dos impressos nesse estabelecimento mantido pelo Estado, que lhe dá indiretamente 888.000 francos de subvenção, é de 25 a 30% superior aos da indústria privada. As diferenças são, às vezes, muito grandes. Entre os exemplos citados perante a Câmara, pode-se mencionar o de uma obra especial que queria publicar o ministério da marinha. A Imprensa Nacional, estabelecimento subvencionado, pedia 60.000 francos. Um editor privado, não subvencionado, pediu 20.000. É verdade que na Imprensa Nacional, (que se pode considerar como um típico estabelecimento da futura sociedade coletivista) tudo se passa com uma minuciosa regularidade. Um dos relatores, o Sr. Hervieu, diz o seguinte: "É preciso um pedaço de papel autorizando a entrada, um outro autorizando a fazer a compra desejada, um outro autorizando a levar o que se comprou, um outro autorizando a sair".

Bons motivos intervém nessa majoração dos preços de tudo o que é fabricado pelo Estado. Bastar-nos-ia constatar os fatos sem ter que pesquisar todas as causas. Nós nos limitaremos a destacar que algumas dessas causas residem não somente nas complicações dos regulamentos e das formalidades, mas ainda num fator psicológico essencial: a indiferença que se percebe necessariamente em todos os empreendimentos onde o interesse pessoal não

está em jogo. É por essa séria razão que se vê tão frequentemente periclitar as empresas industriais que, ao invés de pertencer a um indivíduo pessoalmente interessado em seu sucesso, são gerenciadas por intermediários.[25]

Condições diferentes resultam necessariamente em processos de administração muito diferentes. Eu tive recentemente um exemplo disso, que reproduzo aqui, porque é muito típico e ilustra nitidamente meu pensamento.

Uma empresa estrangeira estabeleceu, as suas custas, na França, uma linha de bondes ligando 2 grandes centros industriais que ela própria administrava. O negócio caminhava admiravelmente. A receita anual se elevou a 1.100.000 francos e os custos de exploração não ultrapassavam 47%. As autoridades locais comunicaram à empresa que era inconveniente ver à sua frente um estrangeiro. Esta última consentiu em substituí-lo por um engenheiro francês. A experiência foi extremamente convincente. O engenheiro começou primeiro por "reorganizar" os escritórios e o

[25] Eis o que me escreveu a esse respeito, um grande industrial belga com negócios em muitos países e que, por essa razão, eu consultei sobre a questão: "Uma prova evidente disso que o senhor adiantou, que as empresas gerenciadas por intermediários perecem, é a lista numerosa dos negócios cotados na Bolsa que, após darem resultados excelentes, são reduzidas a quase nada depois que as transformam em sociedades anônimas.

Temos aqui negócios que, quando pertenciam a um pequeno grupo interessado diretamente, davam dividendos de 12 a 15%. Transformaram-nas em sociedades anônimas e o retorno caiu a menos de 3%. Algumas delas não renderam mais nada."

guarnecer com numerosos agentes, subdiretor, chefe de contabilidade, chefe de contenciosos, tesoureiro etc. Depois ele elaborou naturalmente um longo regulamento, bem complicado, onde se desenvolveu toda a engenhosidade de seu espírito latino.

Os resultados não se fizeram demorar. Em menos de um ano os custos de exploração quase dobraram. Eles atingiram, com efeito, 82% e a sociedade viu chegar rapidamente a hora da ruína.

Ela tomou uma providência heroica. Seu diretor procurou as autoridades, colocou-lhes os resultados sob os olhos, depois lhes ofereceu a manutenção do engenheiro com seu título e seu salário, mas com a condição formal que ele não pusesse mais, sob nenhum pretexto, os pés nos escritórios. A proposta foi aceita, a antiga organização foi restabelecida e os custos de exploração recaíram logo à sua cifra normal de 47%. Esse ensaio de administração latina custou em torno de 500.000 francos à empresa que o tentou.

Aplicado às colônias, nosso sistema de administração produziu os mais desastrosos resultados. E levou à ruína as nossas possessões. Enquanto que as colônias inglesas não custam quase nada ao orçamento, nós gastamos em torno de 110 milhões por ano para mantermos as nossas. Em troca dessa soma, fazemos um número de negócios comerciais com elas que nos deixam menos de 10 milhões de lucro. O déficit anual é então enorme. Este déficit é muito mais do que uma simples perda, pois a soma gasta ser-

ve, na realidade, para desenvolver o comércio de nossos concorrentes. É com eles sobretudo que nossos colonos compram. Nossa nação não é capaz de produzir com os mesmos preços.

O número de negócios feitos por nossos colonos com os estrangeiros é superior em 46 milhões aos feitos com os nacionais. É difícil que isso seja de outra maneira, dados os entraves administrativos que cercamos nosso comércio nas colônias. Para administrar os 2.300.000 habitantes da Cochinchina, possuímos muito mais funcionários que os ingleses para administrar 250 milhões de hindus.

O estado miserável de nossas colônias é igualmente, em grande parte, a consequência de uma das características psicológicas culturais, cuja força irresistível eu já mostrei tantas vezes. A total incapacidade dos latinos em compreender as ideias dos outros povos, sua intolerância e sua sede de igualdade e de uniformidade os conduziram ao princípio da assimilação, segundo o qual os povos conquistados devem ser governados segundo as leis e os costumes do povo conquistador. Negros, malgaches, anamitas, árabes etc. estão deitados sobre o mesmo leito de Procusto. Nós lhes enviamos de Paris um exército de magistrados que lhes impõem leis feitas para os povos de constituição mental muito diferentes, regimentos de funcionários que os submetem a todos os minuciosos regulamentos promulgados por uma burocracia

meticulosa e desconfiada. Para julgar e administrar alguns milhares de negros, dos 2 ou 3 vilarejos que nos restam na Índia, temos mais de 100 funcionários, dos quais 38 magistrados. Em Madagascar nossa administração nos custa 45 milhões. Esses enormes batalhões de agentes inúteis povoam um pouco nossas colônias, mas a que preço! Não apenas eles pesam grandemente sobre o orçamento da metrópole, mas, pior, eles fazem com que todos os nossos colonos europeus se apressem em se refugiar nas colônias inglesas vizinhas, para não serem aprisionados numa rede inextricável de regulamentos e de vexações. [26]

[26] Vexações muito mais pesadas ainda para os nativos, que não compreendemos porque se revoltam tanto. Lemos há algum tempo atrás nos jornais, a história do burocrata que se tornou residente e que, por manifestar sua autoridade, aprisionou em seu próprio palácio e pelo seu primeiro ministro, o rei Norodom, personagem absolutamente sagrado aos olhos da população. É assustador pensar que um grande império colonial possa ser administrado por cérebros tão incompreensíveis. Não é preciso percorrer nossas colônias para ver a que ponto somos detestados pelos nativos, enquanto que os ingleses, que governam segundo princípios bem diferentes, são profundamente respeitados. Esses princípios bem simples consistem em deixar os nativos se administrarem o máximo possível por eles mesmos e intervir o menos possível em seus negócios. O que não tem de maneira alguma o mérito da novidade, pois eles já eram aplicados pelos romanos. Escreve o Sr. Boissier: "Como, após uma tão vigorosa resistência, a Gália se tornou tão rapidamente e tão francamente romana. A administração romana, ao menos nas boas épocas, tinha o mérito __ mesmo hoje em dia isso não é comum __ de ser pouco exigente e, de maneira alguma, incômoda. Ela não interferia com a liberdade dos municípios, intervinha o menos possível em seus assuntos, respeitava os preconceitos religiosos e as vaidades locais, empregava muito poucos funcionários e menos ainda soldados. Algumas tropas de polícia e o ruído longínquo das legiões acampadas na fronteira bastavam para manter em ordem um povo ligeiro, glorioso, frondoso, amigo da mudança, mal disposto com a autoridade e no qual não temos pejo em nos reconhecer. A paz

Escreveu, há alguns anos, Bonvalot: “Para os 1.914 franceses que moram em Tonkin, existem 1.500 funcionários, 400 indivíduos que vivem do protetorado e 13 colonos. E, desses 13 colonos, 6 são subvencionados!”

Um jornal contava recentemente que, na época dos reis do Daomé, nossos comerciantes preferiam se estabelecer em seu território do que se submeter às terríveis complicações administrativas que eles encontravam em nossa colônia. O mais duro dos tiranos é muito menos duro do que a tirania burocrática anônima, a qual, na falta de sabermos nos conduzir, somos obrigados a nos submeter.

Os processos administrativos latinos necessitam naturalmente de um orçamento imenso. De 1,8 bilhão em 1869, ele chegou progressivamente a uns 4 bilhões. Soma que seria preciso elevar a mais de 5 bilhões, se ao orçamento do Estado se acrescentasse o das Comunas. Um tal orçamento só pode se alimentar de impostos esmagadores.[27]

---

logo levou a riqueza a esse país que só pedia para ficar tranquilo e se tornar florescente”.

[27] Para os produtos de uso comum, o imposto se eleva a mais do dobro de seu valor. Para o álcool, ele é 10 vezes o valor do objeto. O sal, o tabaco, o petróleo etc. são impostos de um jeito análogo. Os produtos mais essenciais, tais como o pão e a carne, sofrem, pelos direitos de aduana, um encarecimento que dobram, às vezes, o preço.

Obedecendo à tendência geral dos espíritos que se opõem a todas as empresas da iniciativa privada, o Estado oprime as indústrias com impostos às vezes extravagantes. Em seu relatório de 1898, a **Compagnie des Omnibus** ressaltou que, para um dividendo de 65 francos por ação pagos aos seus acionistas, ela pagava ao Estado, ou à cidade, 149 francos de taxas. Ou seja, um imposto de mais de 200%. Da **Compagnie Général des Voitures**, o Estado e a cidade retiram, da receita quotidiana de cada carro, 2,44 francos, enquanto que ele rende aos acionistas 11 centavos. Todas essas empresas caminham por isso rumo à ruína. São fatalmente destinadas também a passar, mais cedo ou mais tarde, para as mãos do Estado.

Os números precedentes permitem pressentir o que nos reserva o socialismo de Estado, quando sua evolução estiver completa. Será a ruína absoluta e rápida para todas as indústrias dos países onde ele triunfar.

Seria quase supérfluo acrescentar que os efeitos da centralização e da absorção pelo Estado, constatados na França, se observam igualmente nas outras nações latinas e a um grau muito mais intenso ainda. As coisas chegaram na Itália a um ponto em que o governo enviou ao Parlamento, na sessão de 21 de fevereiro de 1894, um projeto de lei segundo o qual o rei devia ser investido, durante um ano, de poderes ditatoriais, para tentar reorganizar as

administrações do Estado. É lamentável que essa lei não tenha sido adotada, pois sua aplicação teria mostrado claramente o quanto são vãs as tentativas de reforma das instituições, quando elas são as consequências do estado mental de um povo.

Pode-se ter uma ideia do desenvolvimento do socialismo de Estado na Itália e dos entraves que ele produz, pelos extratos de um relatório de um deputado italiano, Bonasi, publicado pela **Revue Politique et Parlementaire**, em outubro de 1895:

> *Aos chefes de repartição que presidem na província os diferentes ramos da administração, não se deixa nenhuma iniciativa, nem mesmo essa tímida abertura de interpretação que é, no entanto, inseparável ao exercício de uma função administrativa: fora das atribuições que lhes são expressamente conferidas pelas leis, regulamentos, circulares e instruções ministeriais, eles não podem se mexer um centímetro sem a autorização prévia e a aprovação ulterior do ministro do qual dependem... Os interventores, os intendentes das finanças, os presidentes de tribunais, os reitores de universidade não podem autorizar nem mesmo uma despesa mínima, ou ordenar uma reparação, por mais importante ou urgente que seja, sem que sua decisão receba a unção ministerial...*
>
> *... Se uma comuna ou um estabelecimento de caridade quer adquirir um imóvel, nem que seja um metro de terreno, ou que se trate da aceitação de uma doação feita em seu favor, mesmo alguns francos, exige-se uma deliberação do conselho comunal ou da administração do estabelecimento e mais, nos dois casos, um voto da comissão administrativa provincial, um requerimento ao rei para a autorização suprema, um relatório do inter-*

> *ventor que acompanha o envio ao ministério, com o visto e as peças justificativas. Um relatório do ministro ao Conselho de Estado, um parecer desse conselho e, finalmente, um decreto real e seu registro no Tribunal de Contas.*

As consequências inevitáveis desse estado de coisas foram um crescimento muito rápido desses funcionários italianos e, por consequência, das despesas orçamentárias.

Fatos idênticos se produzem em todos os povos latinos, aparecendo como a consequência da constituição mental de sua cultura. A demonstração é mais comprovadora ainda quando se aproximam esses fatos do que dissemos em um outro capítulo, a respeito dos resultados produzidos pela iniciativa privada entre os anglo-saxões.

É preciso reter, de nossa demonstração, que é unicamente a nós mesmos e não aos governos, que devemos por a culpa pela extensão progressiva do papel do Estado e de suas consequências.

Qualquer que seja o governo que se suponha: república, cesarismo, comunismo ou monarquia. Que tenha a sua frente Heliogábalo, Luís XIV, Robespierre ou um general vitorioso, o papel do Estado não mudaria para os povos latinos. Ele é a consequência das necessidades de sua cultura. O Estado, na realidade, somos nós mesmos e só devemos acusar a nós mesmos pela sua organização. Segundo essa disposição mental, já assinalada por César, é

sempre ao governo que culpamos pelos nossos próprios defeitos. E nos convencemos que, mudando nossas instituições ou nossos líderes, tudo será transformado. Nenhum raciocínio poderia nos curar de tal erro. Nós podemos, no entanto, reconhecê-lo, constatando que, quando os acasos da política, põem a frente de departamentos ministeriais os deputados que mais vivamente criticaram as administrações que agora foram chamados a dirigir, eles não são exemplos do que poderia ser modificado, por mais ligeiramente que fosse, daquilo que consideravam, com razão, como intolerável abuso.

§3. O Estado coletivista.

Acabamos de ver os progressos do socialismo de Estado e suas consequências. E nos resta mostrar como são pouco numerosas as etapas restantes a vencer para chegar ao coletivismo completo, tal como sonham os pontífices da doutrina.

Os perigos do coletivismo não escaparam aos homens de Estado dotados de alguma perspicácia, mas eles não parecem ter percebido muito bem no que nós entramos há algum tempo. Eis como se exprimiu a esse respeito um deles, o Sr. Burdeau, ex-presidente da Câmara dos Deputados:

> *O perigo a temer, não é que o coletivismo triunfe, se estabeleça, modele a sociedade a seu modo. É que ele continue a penetrar os espíritos, a penetrar em pequenas*

doses nas instituições, a desprezar o capital, o patronato, as instituições que dele derivam (estabelecimentos de crédito, bancos etc.), a desprezar a iniciativa privada, sem cessar vilipendiada em proveito dos monopólios de Estado; a desprezar a poupança, a propriedade individual, as heranças, os salários proporcionais ao mérito e à utilidade dos produtos ofertados; desprezar os meios que servem hoje em dia para elevar os humildes a situações melhores (se não a sua, a dos seus descendentes); desprezar a manutenção da sociedade pelos milhões de esforços de iniciativa suscitados pelo lucro.

Chegar-se-ia assim a inflar prodigiosamente o papel do Estado, encarregando-o das estradas de ferro, das minas, dos bancos, talvez empresas de navegação, dos seguros, das grandes lojas. A esmagar com impostos as fortunas médias ou grandes, as heranças, tudo o que estimula o homem às invenções, aos empreendimentos ousados ou de longa maturação, tudo isso que faz dele um agente previdente, que pensa nas gerações futuras, que trabalha para a humanidade vindoura. Ao desenvolver o nojo do trabalhador pelos trabalhos difíceis, pela economia, pela esperança de crescer, em breve o indivíduo será reduzido à mediocridade dos desejos, das ambições, da energia, do talento, sob a tutela do Estado invasor, a substituir cada vez mais a pessoa movida pelo seu próprio interesse por um quase funcionário público.

As conclusões desse homem de Estado são evidentes para todo espírito um pouco familiarizado com as necessidades econômicas e psicológicas que conduzem os povos. Está claro que o triunfo latente do coletivismo é mais assegurado e mais temível ainda do que seu triunfo nominal.

A sociedade do futuro, sonhada pelos coletivistas, se realiza há muito tempo e cada vez mais entre os povos latinos. O socialismo de Estado é, com efeito, como eu já mostrei, a conclusão necessária de seu passado, a etapa final que os conduzirá à decadência. O que nenhuma civilização conseguiu evitar até aqui. Hierarquizados há séculos, nivelados pela educação universitária e um sistema de exames que os moldam todos em uma mesma forma; ávidos de igualdade e muito pouco de liberdade; acostumados a todas as tiranias: administrativas, militares, religiosas e morais; tendo perdido toda iniciativa e toda vontade; habituados cada vez mais a entregar tudo ao Estado, eles foram condenados pelas fatalidades de sua cultura a sofrer esse socialismo de Estado que os coletivistas pregam hoje em dia. Eu disse acima que eles estavam submetidos há muito tempo. Bastará, para se convencer, ver o que os coletivistas propõem e constatar o simples desenvolvimento do que já existe. Eles se acham muito inovadores, esses coletivistas, mas sua doutrina só fez precipitar uma fase natural da evolução, cuja precipitação e advento não são sua obra. O exame sucinto de suas proposições fundamentais provará isso facilmente.

Um dos objetivos principais do coletivismo é a encampação pelo Estado de todas as indústrias, de todas as empresas. Porém, todo o que na Inglaterra e sobretudo na América é criado e administrado pela iniciativa privada, encontra-se hoje em dia, nos po-

vos latinos, mais ou menos nas mãos do governo e a cada dia este se atribui novos monopólios: telefones e fósforo, hoje; álcool, minas e meios de transporte, amanhã. Quando a absorção estiver completa, uma parte importante do sonho coletivista estará realizada.

Os coletivistas querem colocar a fortuna pública nas mãos do Estado por diversos meios, particularmente pela elevação progressiva dos direitos de herança. Esses direitos de herança aumentam entre nós a cada dia: uma nova lei quer elevá-los a 15%. Bastarão alguns aumentos sucessivos para chegar às taxas dos socialistas.

O Estado coletivista dará a todos os cidadãos uma educação idêntica, gratuita e obrigatória. Nossa Universidade, com seu terrível leito de Procusto, realizou este ideal há muito tempo.

O Estado coletivista dirigirá tudo através de um imenso exército de funcionários. Esses funcionários formam já imensos batalhões. Eles são hoje em dia os únicos senhores reais do Estado. Seu número cresce todos os dias, pelo único fato de que crescem as leis e os regulamentos que limitam cada vez mais a iniciativa e a liberdade dos cidadãos. Eles monitoram já, sob diversos pretextos, o trabalho nas fábricas e nas menores empresas privadas. Bastará crescer um pouco mais seu número e estender suas

atribuições para que o sonho coletivista seja igualmente realizado sob esse ponto.

Esperando chegar à absorção das fortunas em proveito do Estado, pelo crescimento dos direitos de herança, o coletivismo persegue também o capital de todas as maneiras. O Estado já o precedeu nesse caminho. Todas as empresas privadas se veem a cada dia esmagadas por impostos os mais pesados, reduzindo cada vez mais o retorno do capital e as chances de prosperidade. Há, como já mostramos acima, indústrias, como a dos ônibus de Paris, por exemplo, que, para cada 65 francos pagos ao acionista, pagam 149 francos de taxas diversas. As outras fontes de lucro são sucessivamente atingidas por impostos crescentes. Chegamos a querer golpear a renda. Na Itália, onde essa fase foi atingida há muito tempo, o imposto sobre a renda foi progressivamente elevado a 20%. Bastará um pequeno número de elevações sucessivas para chegar à absorção completa do lucro e, por consequência, do capital, em proveito do Estado.

Enfim, segundo os coletivistas, o proletariado deve espoliar os poderes políticos das classes atualmente dirigentes. A coisa não foi feita ainda, mas caminhamos rapidamente para isso. As classes populares dominam através do sufrágio universal e elas começam a enviar um número crescente de socialistas ao Parlamento. Quando a maioria for socialista, o ciclo das reivindicações estará

completo. Todas as fantasias serão possíveis. E então, para terminar, se abrirá definitivamente a era dos césares. Depois a das invasões, que sempre marcaram, para os povos muito antigos, a hora final da decadência.

* * *

CAPÍTULO VII

O estado atual dos povos latinos

§1. A fraqueza dos povos latinos.

Sumário

Acabamos de ver as consequências nos povos latinos da extensão progressiva de seu conceito de Estado, ou seja, de um poder central substituto da iniciativa dos cidadãos e que age por eles. Que esse poder central seja um monarca ou uma coletividade, não importa. Sob essas inúteis formas exteriores o conceito fundamental permanece o mesmo.

Sob o ponto de vista prático, o socialismo só representa a extensão do mesmo conceito. O que resta ainda de iniciativa, de vontade na alma, dos cidadãos seria logo quebrado inteiramente pela regulamentação do trabalho, pela ingerência permanente dos funcionários públicos em todos os atos da vida.

Muitos espíritos que a luta assusta parecem dispostos cada vez mais a deixar o socialismo se desenvolver. Não podendo ver além do horizonte que os rodeia, eles não se dão conta do que está do outro lado. Porém, o que está além é ameaçador e terrível. Se eles querem ainda sobreviver, os povos latinos não devem mais arriscar experiências, nem revoluções. Novas necessidades econômicas estão em vias de tumultuar as condições de existência das

nações e logo não haverá mais lugar para os povos muito fracos. Porém a fraqueza da maior parte dos povos latinos irá proximamente atingir o limite extremo, abaixo do qual não há mais recuperação possível. Não é se embriagando com frases brilhantes, se dedicando a discussões estéreis, exibindo as façanhas dos antepassados, que se impedirá as coisas de serem o que são. A era da cavalaria, dos sentimentos heroicos e soberbos, da dialética engenhosa, está morta há muito tempo. Realidades implacáveis nos cercam cada vez mais e sobre essas realidades os discursos mais sutis, os ditirambos mais sonoros sobre o direito e a justiça têm tanto efeito quanto tinham as varas de Xerxes sobre o mar, que ele mandou espancar, em punição por ter destruído seus navios.

Para precisar nosso pensamento vamos tentar apresentar, numa visão de conjunto, o estado atual dos povos latinos. O leitor então poderá melhor avaliar as consequências que poderiam ter para os povos o desenvolvimento do socialismo.

§2. As repúblicas latinas da América. Espanha e Portugal.

Consideremos primeiro as nações que se acham no nível mais inferior da escala da civilização latina, ou seja, as 22 repúblicas espanholas da América. Elas me serviram de exemplo para mostrar a pouca influência das instituições na vida dos povos e seria inútil rever longamente sua situação. Elas realizaram há mui-

to tempo o futuro que nos ameaça. Todas, sem uma única exceção, chegaram a esse grau em que a decadência se manifesta pela mais completa anarquia e em que os povos só têm a ganhar se forem conquistados por uma nação mais forte, para dirigi-las.

Povoadas por povos gastos, sem energia, sem iniciativa, sem moralidade e sem vontade, as 22 repúblicas latinas da América, bem situadas nas terras mais ricas do globo, são incapazes de tirar algum proveito de seus imensos recursos. Elas vivem de empréstimos europeus compartilhados por bandos de políticos piratas associados a outros piratas das finanças europeias encarregados de explorar a ignorância do público e muito mais culpados por serem muito bem informados para acreditarem que os empréstimos sejam pagos algum dia. Nessas infelizes repúblicas a pilhagem é geral e, como cada um quer pegar sua parte, as guerras civis são permanentes, os presidentes regularmente assassinados a fim de permitir a um novo partido a chegada ao poder e seu enriquecimento, por sua vez. Isso ficará assim sem dúvida até o dia em que um aventureiro de talento, a frente de alguns milhares de homens disciplinados, tentará a fácil conquista dessas tristes terras e as sujeitará a um regime de ferro, o único digno dos povos desprovidos de virilidade, de moralidade e incapazes de se governar.

Se alguns estrangeiros __ ingleses e alemães __ atraídos pelas riquezas naturais do solo, não tivessem se estabelecidos nas

capitais, todos esses países degenerados teriam retornado há muito tempo à pura barbárie. A única dessas repúblicas que se mantém um pouco, a República Argentina, só escapa da ruína geral porque é cada vez mais invadida pelos ingleses.

Antes de se constituírem em repúblicas, todas essas províncias estavam sob o domínio da Espanha. Elas conseguiram se libertar, através de revoluções, do sombrio governo de seus monges e de seus governadores ávidos. Mas era muito tarde, o vinco estava formado, a alma estava formada e o crescimento impossível. Os monges estavam encarregados, aliás, há muito tempo, de suprimir todos os espíritos que manifestassem algum traço de inteligência e de independência.

Das repúblicas latinas da América, passemos às monarquias latinas da Europa. Sua situação é menos triste certamente, mas quão pouco brilhante!

Conhece-se o estado atual de Portugal e da Espanha. O viajante menos observador é rapidamente corrigido após uma curta passagem. Finanças arruinadas, indústria e comércio quase inexistentes. As raras indústrias que prosperam estão nas mãos de estrangeiros, sobretudo alemães, ou foram criadas por eles. Esses países, outrora tão poderosos, são hoje tão incapazes de se governar quanto de governar suas colônias, que eles perderam sucessivamente. Restaram à Espanha as Filipinas e Cuba. Ela os subme-

teu a uma exploração tão ávida, a administradores tão corruptos e ferozes, que ela provocou o levante desesperado dos nativos e a intervenção do estrangeiro.

O doutor Pinto de Guimarães forneceu recentemente, num trabalho publicado sob o título **La Terreur Espagnole aux Philippines**, detalhes que mostram o que era nas colônias o domínio espanhol e quanto foi legítimo o horror profundo que ela inspirava. Eu extraí desse trabalho as linhas seguintes:

> *O que aparece numa primeira olhada, é que a intervenção dos Estados Unidos não era menos necessária no Pacífico, quanto no Atlântico. A dominação espanhola pesava tanto sobre as Filipinas quanto sobre Cuba e se as crueldades cometidas permaneceram mais secretas, isso se deve menos a uma paciência maior da parte daqueles que as sofreram, do que a um isolamento absoluto, longe do mundo civilizado e às medidas empregadas pelos governadores locais para sufocar toda queixa e interceptar toda reclamação. Mas a verdade, mais forte do que todos os despotismos, acaba sempre por se fazer ouvir e os filipinos conseguiram, apesar da mordaça espanhola, gritar tão forte que o mundo os ouviu.*
>
> *Não se poderia imaginar que vergonhas, que formalidades incômodas, que ruinosas invenções podem germinar no cérebro de um funcionário público espanhol. Esses senhores só têm um objetivo: fazer, nos 3 ou 6 anos que eles devem passar nas Filipinas, a fortuna maior possível e voltar à Espanha para escapar ao conjunto de maldições dos habitantes da ilha... Todo governador cujo futuro não estiver largamente assegurado após 2 anos na função é universalmente tido como um im-*

becil. O célebre general Weyler pôde depositar, tanto nos bancos de Londres quanto nos de Paris, uma soma que seus próprios compatriotas não avaliaram em menos de 12 a 15 milhões de francos. Como conseguiu economizar 15 milhões em 3 anos com um vencimento anual de 200.000 francos?

E, no entanto, não se pode impedir de pensar nos recursos maravilhosos que ofereceria esse país e nos soberbos resultados que certamente teria tirado qualquer outra potência, que não fosse a Espanha. Roubados, pressionados, arruinados, torturados, os filipinos conseguem no entanto sobreviver. Os caracteres dos funcionários e os incômodos do fisco afastam desse belo país todos que poderiam contribuir para o desenvolvimento de sua prosperidade.

Os monges constituíam, com os funcionários públicos, uma das mais tristes pragas das Filipinas. Eles eram em número de 6.000 e sua avidez[28] só era igualada pela sua apavorante ferocidade. Eles restauraram honrosamente todas as torturas da Inquisição.

O doutor Guimarães forneceu, sobre a crueldade dos espanhóis em relação aos nativos, detalhes que fazem arrepiar. Há, particularmente, a história dos 100 prisioneiros encarcerados numa masmorra chamada “Buraco da Morte”, meio cheia de água poluída e infestada de ratos, de serpentes e de vermes de toda es-

[28] Segundo os números dados pelo Sr. Montero y Vidal, os mais insignificantes curas enviavam a seus titulares 10.000 francos. Cita-se que enviavam 25.000 a 75.000 francos. Essas somas eram pagas pelos nativos, cuja pobreza era, no entanto, extrema.

pécie, digna da imaginação de um romancista: “A noite que eles passaram foi horrível. Eram ouvidos a urrar de sofrimento e suplicar pela morte. No dia seguinte, todos estavam mortos.”

Conclui o Sr. Guimarães: “Em presença de tais fatos, ninguém se mostrará surpreso pela alegria causada aos insurgentes pelo sucesso dos americanos. A Espanha empregou durante séculos, nessas ilhas desafortunadas, uma exibição de ferocidade que o heroísmo de sua defesa não bastaria para perdoá-la”.

A dominação espanhola em Cuba foi a mesma, naturalmente, do que a das Filipinas e a população acabou por se revoltar. Os insurgentes formaram apenas bandos mal equipados e cujo número jamais ultrapassou 10.000 homens. A Espanha enviou contra eles 150.000 homens comandados por numerosos generais e gastou em 4 anos, para vencê-los, quase 2 bilhões. Mas todos esses generais, com proclamações impactantes, não conseguiram, após vários anos de lutas e apesar de suas implacáveis crueldades, triunfar sobre esses bandos mal armados. A dureza dos espanhóis, os massacres da população inofensiva aos quais eles se dedicavam em uma escala muito grande, deram aos Estados Unidos uma excelente razão para intervir. Todos aqueles que possuem alguma preocupação com a humanidade aplaudiram seu sucesso.

A guerra hispano-americana foi cheia de ensinamentos psicológicos. Nunca se viu se manifestar mais visivelmente o papel

do caráter e, por consequência, da raça, na vida dos povos. O mundo não havia assistido ainda a um espetáculo de frotas inteiras, solidamente encouraçadas, destruídas em alguns instantes, sem conseguir fazer ao inimigo o mais leve mal. Em dois encontros, vinte navios espanhóis foram destruídos sem nem mesmo esboçar uma defesa. Morrer estoicamente é uma triste desculpa para a incapacidade e jamais se viu melhor do que em Manila e em Cuba o que podem produzir a imprevidência, a indecisão, a incúria e a falta de sangue frio. Em Manila, enquanto a frota americana se introduzia de noite, os espanhóis tinham esquecido de acender os fogos que assinalariam sua presença e esqueceram também de defender a passagem colocando minas. Em Santiago, negligenciaram o envio de reforços, que não faltavam na ilha e que tornariam a defesa fácil. Em Porto Rico, nem tinham defensores. Quanto à frota que se aniquilou por si só, se precipitando voluntariamente sobre as rochas, sem que um só de seus obuses tivesse atingido seus adversários, ela deu o mais triste espetáculo. Ao se jogar sobre o inimigo, em vez de fugir dele, ela teria certamente feito algum mal e teria, pelo menos, salvado a honra.

Escreve, muito justamente a esse propósito, o Sr. H. Dépasse: “Dir-se-ia que os dois adversários pertenciam a civilizações diferentes ou mesmo a eras diferentes da história. Um, senhor de

seus recursos e de si mesmo, pela educação; o outro, só obedecendo aos movimentos impulsivos da natureza."

Não se poderia melhor marcar, em algumas linhas, um dos principais resultados da educação anglo-saxã e da educação latina.[29]

A opinião que acabamos de expor sobre a Espanha não é apenas a dos estrangeiros. Num estudo notável publicado pela **Revue Bleue**, um escritor espanhol, Bardo Bazan, registrou em termos enérgicos o lamentável estado de decadência de seu infeliz país. Ele notou sobretudo o estado de desmoralização profunda das classes dirigentes: "A imoralidade e a venalidade corroem nossa administração...teme-se a justiça muito mais do aos malfeitores". A pilhagem é geral, os partidos lutam sem cessar, buscando se apossar do poder para pilhar e se enriquecer. O povo, pressionado a dar tudo que possui, caiu no mais baixo grau de miséria. Os professores, que não são pagos há muito tempo, foram reduzidos à mendicância nas ruas, para não morrer rapidamente de fo-

[29] O extrato seguinte de uma entrevista de um marechal espanhol, Campos, reproduzida por todos os jornais, resume muito bem a impressão produzida no mundo pelos inacreditáveis sucessos do exército improvisado pelos Estados Unidos contra exércitos aguerridos e muito numerosos, pois em Cuba os espanhóis tinham 150.000 homens, ou seja, dez vezes mais que os americanos. "Jamais, mesmo os mais pessimistas, teriam podido imaginar que nossos infortúnios seriam tão numerosos. O desastre de Cavite, a destruição da esquadra de Cervera, a rendição de Santiago, a ocupação rápida e sem obstáculo de Porto Rico, ninguém teria podido acreditar na sua realização, mesmo exagerando a potência dos Estados Unidos e a inferioridade da Espanha".

me. A Espanha só tem por ela as suas lendas e no antigo império de Carlos V só os mortos estão bem de vida.

> *Antes dos reis católicos, a Espanha teve duas florações, a civilização romana e a hispano-árabe, da idade média. Naquela época era povoada com até 40 milhões de habitantes, (19 milhões hoje, em 1898) e coberta de cidades soberbas cujas ruínas são admiradas até hoje. Quando éramos poderosos, sábios, tínhamos uma indústria, uma agricultura admirável, nossos sistemas de irrigação são ainda aqueles que os mouros construíram nas regiões do sul. Dois séculos após os reis católicos, a Espanha estava despovoada, esfomeada, esgotada. Quatro séculos após __ hoje __ nada nos resta das conquistas e da grandeza de então. Vestígios, escombros, pálidas lembranças, eis nossa herança.*

§3. A Itália e a França.

A Itália, sem ter caído tão baixo quanto a Espanha, não está numa situação muito melhor e suas finanças traem sua aflição. Ela é vítima não apenas dos conceitos latinos[30] que formaram sua alma, mas também pela fatal ideia de unidade que germinou no cérebro de seus políticos. Reunindo, sob um poder central, popula-

[30] Na sua maneira de entender o papel do Estado, os italianos ultrapassam ainda os franceses, levando até às ultimas consequências os conceitos latinos. Em nenhum lugar é tão desenvolvida quanto na Itália a fé absoluta na onipotência do Estado e na necessidade de sua ingerência em todos os assuntos e, particularmente, no comércio e na indústria. Como consequências finais se vê o desenvolvimento do funcionalismo e a incapacidade dos cidadãos de conduzir seus assuntos por eles mesmos, sem a assistência constante do governo.

ções profundamente diferentes, como os piemonteses, lombardos, napolitanos, sicilianos etc. a Itália empreendeu a mais desastrosa e a mais ruinosa das experiências. De uma situação inviável, ela passou, em 30 anos, à mais completa desorganização política, administrativa, financeira e militar.

Suas finanças não estão numa situação tão miserável quanto a da Espanha, mas ela estabeleceu sobre a renda um imposto que, de progressão em progressão, chegou a 20% e que, se for elevado ainda mais, a conduzirá a uma falência igual à de Portugal. Ela passou, há muito tempo, a ilusão de ser um grande povo, mas sua potência não passava de uma frágil fachada, incapaz de resistir aos mais leves choques. Apesar de tantos milhões gastos para criar uma força militar que lhe permitiu figurar entre as grandes potências, a Itália proporcionou, pela primeira vez ao mundo, o espetáculo inesperado de um exército de 20.000 europeus aniquilado em batalha, arrasado por hordas de negros e de um grande país civilizado obrigado a pagar uma indenização a um reizinho africano, cuja capital foi tomada facilmente por uma pequena tropa de ingleses há alguns anos. Ela vive a reboque da Alemanha e é obrigada a sofrer sem reclamar o desprezo dos jornais alemães que não param de atormentá-la. O desperdício e a incúria ultrapassam na Itália tudo o que se poderia acreditar. Ela ergue monumentos inúteis, como o de Victor Emanuel, que custou mais de 40 mi-

lhões e, ao mesmo tempo, ela possui, na Sicília, províncias mergulhadas na mais negra miséria, cidades abandonadas por seus habitantes e invadidas pelo mato. [31]

Pode-se avaliar sua administração pelo caso dos bancos, ou pelos tristes processos de Palermo e de Nápoles, onde ficou provado que todos os agentes do governo, dos diretores aos últimos dos empregados, se dedicaram durante anos à pilhagem mais vergonhosa das finanças públicas. Perante essas provas diárias de desorganização e de desmoralização que a Itália apresenta e que a coloca na beira de uma revolução, explica-se o que um cientista notável da Península, o Sr. Lombroso, mostrou sobre seu próprio país, num livro recente. Um julgamento desesperado e que queremos acreditar ser muito severo:

> *É preciso ser dez vezes cego para não perceber que, com nosso desejo de louvar, somos na Itália o antepenúltimo, senão o último, dos povos da Europa. O último pela moralidade, o último pela instrução, o último pela integridade da justiça. Sobretudo o último em bem-estar das classes baixas.*
>
> *(**Les Anarchistes**. Tradução francesa, p. 221)*

[31] E, no entanto, as exigências dos camponeses italianos são, na verdade, mínimas. É raro que os salários daqueles que trabalham ultrapasse 50 centavos por dia. Quanto aos trabalhadores, eles se acham muito felizes quando seu salário atinge 2 francos. Se as classes dirigentes possuíssem uma pequena parte da resistência e da energia das classes inferiores, a Itália deveria constar entre as nações mais prósperas.

A Itália parece destinada à inevitáveis revoluções e a logo ver se cumprir nela o ciclo fatal que nós já falamos várias vezes: socialismo, depois cesarismo, dissolução e invasão.

O que foi criado na Itália é um problema cuja solução não se vê. Seu desejo de imitar os povos ricos a leva a criar uma gama enorme de necessidades de luxo e de conforto que sua pobreza não lhe permite satisfazer.

Escreve o Sr. Guglielmo Ferrero:

> *A maioria dos italianos se acha pertencente a uma civilização superior, contraiu necessidades novas, aspira embalar sua vida com um certo grau de conforto e de cultura, mas seus recursos não são suficientes... A Itália não pode ver coisas grandes e belas sem querer possuir. Que desilusões, raivas, mágoas, deve custar a existência diária da maioria das pessoas que vivem em tais condições... Calcule a soma prodigiosa de irritabilidade se amontoa em toda a sociedade e você terá pouco esforço para compreender a terrível instabilidade de seu equilíbrio.*

É entre os indivíduos que possuem necessidades muito grandes, sem ter nem a capacidade nem a energia suficientes para adquirir os recursos de satisfazê-las, que se desenvolve mais facilmente o socialismo. Ele se oferece como remédio para todos os males e é por isso que a Itália parece condenada fatalmente às mais perigosas experiências dos socialistas.

Essas necessidades de luxo, de prazeres e de ostentação diferenciam muito a Itália da Espanha. No que diz respeito ao aspecto exterior da civilização, a Espanha está, evidentemente, bem abaixo da Itália, mas as camadas medianas e inferiores da população espanhola sofrem bem pouco, porque suas necessidades, não tendo crescido, continuam a ser facilmente satisfeitas.

Sendo os meios de comunicação __ as estradas de ferro, particularmente __ pouco desenvolvidos na Espanha, províncias inteiras permaneceram isoladas do mundo e puderam conservar seu antigo modo de existência. A vida permaneceu numa boa marcha incrível. Como as necessidades são muito pequenas e o luxo desconhecido, os objetos produzidos no lugar bastam para a população. A Espanha __ não levando em conta as grandes cidades nem o luxo exterior, as únicas coisas que realmente conhecemos, porque são as únicas que falam por si __ a Espanha, digo, possui um grau de civilização pouco refinada sem dúvida, mas completamente de acordo com sua evolução mental e suas necessidades. O socialismo não poderia, por isso, ameaçá-la muito seriamente.

São, aliás, apenas as classes ditas dirigentes que, na maior parte dos povos latinos, aspiram cada vez mais aos refinamentos onerosos da civilização. A aspiração é muito honrosa quando se sente a energia e a inteligência suficientes para se procurar esses refinamentos. Ela o é muito menos quando o desenvolvimento da

energia e da inteligência é muito inferior ao desenvolvimento das necessidades.

Quando se quer fazer fortuna a qualquer preço e quando as capacidades não permitem satisfazer esse desejo, olha-se pouco para os meios. A honestidade relaxa e a desmoralização se torna logo geral. Ela se tornou geral, com efeito, na maior parte dos povos latinos. Pode-se fazer cada vez mais a observação de que a moralidade das classes dirigentes está frequentemente bem abaixo da moralidade das classes populares. Este é um dos mais perigosos sintomas da decadência que pode se manifestar, pois, se é pelas classes superiores que as civilizações progridem, também é por elas que as civilizações perecem.

Este termo moralidade é muito vago, engloba coisas muito diferentes, seu uso provoca necessariamente graves confusões. Eu o emprego aqui no sentido de simples honestidade, de hábito do respeito a seus compromissos, de sentimentos de dever, ou seja, no mesmo sentido que o empregou um autor inglês, que eu já citei em outro lugar, na passagem onde ele mostra que é graças a essas qualidades, tão modestas na aparência, tão importantes na realidade, que os ingleses rapidamente transformaram o crédito do Egito e tornaram as finanças de suas colônias tão prósperas.

Não é nas estatísticas criminais __ que não registram os casos extremos __ que se deve buscar a escala da moralidade de um

povo. É indispensável penetrar nos detalhes. A bancarrota das finanças é um barômetro que traduz apenas um estado final, precedido de etapas sucessivas. Para ter uma opinião que repouse em bases sérias, é preciso penetrar na vida íntima de cada país, estudar a gestão das empresas financeiras, os costumes comerciais, a independência ou a venalidade da justiça, a probidade dos notários, dos funcionários públicos e muitos outros sintomas que exigem uma observação direta e que não se vê estudadas em nenhum livro.

São assuntos sobre os quais algumas dezenas de pessoas, se muito, estão perfeitamente informadas na Europa. Você quer, no entanto, sem muita pesquisa, se fixar seriamente na moralidade das diferentes nações? Consulte simplesmente um certo número de grandes industriais, armadores, fabricantes, empreendedores etc. que tenham relações com o comércio, a administração, a magistratura de diversos países.

Um empreendedor que construiu, em vários países, estradas de ferro, bondes, eletricidade, gás etc. vos dirá, se ele quiser falar, os países em que tudo se compra: ministros, magistrados e funcionários públicos; aqueles em que não se compra absolutamente ninguém; aqueles onde o comércio é honesto e aqueles onde ele não o é, de maneira alguma. Se, por mais variadas que sejam as fontes dessas informações, você as encontrar perfeitamente con-

cordantes, você poderá evidentemente concluir sobre a sua exatidão.[32]

Nosso rápido exame dos povos latinos não pode ser completo sem que acrescentemos a França, cujo papel foi outrora tão brilhante e tão preponderante no mundo. Ela resiste ainda à decadência, mas ela está bem abalada hoje em dia. Ela experimentou, em um século, tudo o que um povo pode experimentar: as revoluções mais sangrentas, a glória, os desastres, as guerras civis, as invasões e muito pouco descanso. O que ela experimenta mais visivelmente, hoje em dia, é uma fadiga e uma indiferença que parece chegar até à depressão. Com relação às aparências, ela parece vítima da lei biológica segundo a qual "o esgotamento de um ser é, em geral, tão mais completo quanto seu desenvolvimento foi magnífico".

Escreveu recentemente um panfletário suíço citado pelo **France Extérieure**:

---

[32] Seria inútil entrar nos detalhes dessa pesquisa, que as relações criadas por minhas viagens me permitiram fazer em vários países. Eu me limitarei a dizer que fui muito feliz em constatar que, entre os países latinos, a França é aquele onde, exceto alguns políticos, financistas e jornalistas, encontra-se a maior probidade na administração e na justiça. A magistratura é frequentemente muito limitada e cede muito facilmente às pressões políticas e às questões de carreira, mas ela permanece honesta. Apenas a moralidade de nossos industriais e comerciantes é às vezes muito fraca. Há, ao contrário, países __ a Espanha e a Rússia, por exemplo __ onde a venalidade da magistratura e da administração e a falta de probidade chegaram a um grau em que tais vícios não procuram mais se dissimular sob aparências.

> *Comparada com a mesma classe na Inglaterra e na Alemanha, a burguesia francesa vos dará a ideia de uma pessoa avançada na idade. A iniciativa individual vai diminuindo, o espírito empreendedor parece paralisado. A necessidade de repouso, de ocupações sedentárias aumenta, os investimentos em fundos estatais aumentam, o número de funcionários públicos aumenta, ou seja, os capitais, as inteligências, as competências se retiram dos negócios. As receitas diminuem, as exportações diminuem, as crianças diminuem, a energia diminui, o sentimento de autoridade, de justiça, de religião diminuem, o interesse pelos assuntos públicos diminui. As despesas aumentam, as importações de todos os produtos aumentam, a infiltração dos estrangeiros aumenta.*

Estudando as lutas comerciais e industriais entre os povos do Ocidente, veremos a que ponto são, infelizmente, justificadas as afirmações acima.

§4. Resultado da adoção dos conceitos latinos por povos de culturas diferentes.

Os exemplos de nações num estado de civilização inferior que adotam bruscamente e em bloco as instituições de outros povos são raros nos tempos modernos. Eu só posso citar, hoje em dia, o Japão e a Grécia.

A Grécia apresenta o fenômeno interessante de ter adotado em bloco os conceitos latinos; os da educação, particularmente. Os resultados produzidos são impressionantes e devem ser citados porque não chamaram ainda a atenção de nenhum escritor.

Os gregos modernos não têm, como se sabe, nenhum parentesco com os antigos gregos. Confirmando todos os dados históricos, a antropologia moderna mostrou que eles são eslavos, com crânio braquicéfalo, enquanto que os gregos antigos eram dolicocéfalos, o que basta para estabelecer entre os gregos modernos e seus pretensos ancestrais uma separação completa e fundamental.[33]

O caráter dos gregos modernos é muito conhecido para precisar de uma longa descrição. Eles possuem, com um pouco de vontade e de constância, muita frivolidade, instabilidade e irritabilidade. Eles têm o mais completo horror pelo esforço prolongado e um amor pelas frases e discursos. Em todas as camadas sociais o nível da moralidade é extremamente baixo.

---

[33] Em 1851, na época de sua libertação, por uma intervenção bem desajeitada da Europa, a Grécia contava com cerca de 1 milhão de habitantes, dos quais ¼ eram albaneses ou valacos. Era um resíduo das invasões de todos os povos e particularmente de eslavos. Depois de séculos, os gregos propriamente ditos tinham desaparecido completamente. A partir da conquista romana, a Grécia foi considerada por todos os aventureiros como um berçário de escravos onde cada um podia meter a mão. Simples traficantes levaram milhares à Roma, num só golpe. Mais tarde, góticos, hérulos, búlgaros, valacos etc. continuaram a invadir o país e transformar os últimos habitantes em escravos. A Grécia só foi repovoada por invasões de aventureiros eslavos, bandidos profissionais na maior parte. A língua só se conservou porque era falada em todo o Oriente bizantino. A população atual só é composta por eslavos. O antigo tipo grego imortalizado pelas estátuas desapareceu totalmente. O célebre Schliemann, que eu encontrei durante uma viagem à Grécia, me lembrou, no entanto, que o antigo tipo grego se encontrava ainda, excepcionalmente, em várias ilhotas do arquipélago, habitadas por alguns pescadores, cujo isolamento e pobreza provavelmente os livrou das invasões.

Seria interessante ver o efeito da educação latina sobre tal povo.

Com muito custo saídos de uma longa servidão, onde não puderam certamente adquirir muito espírito de iniciativa nem de vontade, os gregos modernos imaginaram que poderiam crescer através da instrução. Em poucos anos o país estava coberto por 3.000 escolas e estabelecimentos de ensino de todos os tipos, onde foram cuidadosamente aplicados nossos desastrosos programas de educação latina. Escreve o Sr. Fouillée: "A língua francesa é ensinada por toda a Grécia, junto com o grego. Nosso espírito, nossa literatura, nossas artes, nossa educação estão muito mais em harmonia com o gênio grego do que com qualquer outro povo".

Essa educação teórica e livresca que só se presta para fabricar funcionários públicos, professores e advogados, não poderia naturalmente produzir outra coisa. "Atenas é uma grande fábrica de advogados inúteis e prejudiciais". Enquanto a indústria e a agricultura permanecem num estado rudimentar, os diplomados sem emprego pululam. E, como entre os latinos submetidos à mesma educação, sua única ambição é obter um emprego público.

Escreve o Sr. Politis: "Todo grego acredita que a principal missão do governo é dar um emprego, seja para ele mesmo, seja para um membro de sua família".

Se ele não o obtém, torna-se imediatamente um revoltado, um socialista e deblatera contra a tirania do capital, se bem que existe muito pouco capital no país. Os deputados têm, como função principal, encontrar emprego para os diplomados das escolas.

A instrução não lhes serviu nem mesmo para curá-los do fanatismo religioso mais estreito. O mundo civilizado viu, com estupor, estudantes fazerem uma pequena revolução, que só terminou com a demissão do ministério, para obter (na aurora do século XX) a excomunhão religiosa de escritores que se permitiram traduzir os evangelhos para o grego vulgar.

O favoritismo, a indisciplina e a desorganização geral foram logo a consequência do sistema de educação ao qual a juventude grega foi submetida. Bastaram duas gerações de desclassificados para levar o país ao último grau da ruína e abaixar ainda mais seu nível de moralidade, já tão baixo, no entanto. A Europa letrada __ que olhava esse povinho através das lembranças clássicas do tempo de Péricles __ só começou a perder suas ilusões quando constatou o perfeito cinismo com o qual políticos, que pegaram dinheiro emprestado por toda a Europa, suspenderam, em uma só penada, a dívida, se recusando a pagar os juros e retomando os produtos dos

monopólios solenemente dados aos credores como garantia, no mesmo dia em que não mais encontraram emprestadores.[34]

A Europa ficou informada sobre a desorganização do país e o valor de todos esses grandes falastrões quando ela viu se desenrolar as peripécias de sua última luta com os turcos e assistiu ao espetáculo de importantes exércitos gregos tomados por pânico selvagem, em debandadas as mais desordenadas, assim que viram, ao longe, a aparição de alguns soldados otomanos. Sem a intervenção da Europa, os gregos desapareceriam de novo da história e o mundo não teria perdido nada. Entendemos então o que pode se esconder sob um verniz enganoso de civilização. Nossos jovens universitários, tão entusiastas da Grécia, adquiriram num só golpe, sobre a psicologia de certos povos, noções um pouco mais sérias do que aquelas encontradas nos livros.

[34] Esse processo de supressão das dívidas, comercialmente qualificado de bancarrota, foi adotado por Portugal, as repúblicas latinas da América, a Turquia e alguns outros países.

Isso pareceu, a princípio, muito engenhoso aos políticos que o aplicaram, mas o que eles não viram, sobretudo, é que essas bancarrotas levariam finalmente os países que a praticaram a cair na monitoração atenta e, por consequência, na dominação de outros países. Os gregos tiveram agora essa experiência. Como era absolutamente impossível encontrar entre eles alguns homens necessários para administrar com um pouco de integridade as finanças, eles precisaram aceitar, como o Egito e a Turquia, que essas finanças fossem administradas por agentes estrangeiros, colocados sob o controle de seus respectivos governos.

§5. O futuro que ameaça os povos latinos.

Tal é, sem grandes imprecisões, eu espero, o estado atual dos povos latinos e daqueles que adotaram os conceitos latinos. Até que esses povos tenham encontrado métodos de crescimento, eles não devem se esquecer de que, na nova evolução em que o mundo entrou, só há lugar para os fortes e que todo povo que se enfraquece está logo destinado a se tornar a presa de seus vizinhos, sobretudo num momento em que os mercados distantes se fecham cada vez mais.

Este ponto de vista é fundamental. Foi muito bem colocado num discurso célebre pronunciado há alguns anos por Lorde Salisbury, então primeiro ministro da Inglaterra e que, em razão de sua importância e da autoridade de seu autor, eu vou reproduzir alguns fragmentos. Nele encontram-se perfeitamente indicadas as consequências do abaixamento da moralidade que eu assinalei acima e que constitui um excelente barômetro da decadência de um povo. Não são os protestos que esse discurso provocou na Espanha que podem modificar a exatidão das proposições enunciadas pelo eminente estadista, nem as conclusões que se pode tirar dele.

Diz ele:

> *Você pode, grosso modo, dividir em duas categorias as nações do mundo: existem as vívidas e existem as*

moribundas. Por um lado, grandes nações exercem um poder enorme, que cresce de ano para ano, aumentando suas riquezas, estendendo seu território, aperfeiçoando sua organização.

Mas, ao lado desses organismos esplêndidos, que parece que nada pode diminuir sua força e que apresentam reivindicações rivais que o futuro, talvez, não conseguirá conciliar sem o recurso de uma arbitragem sangrenta, existe um certo número de comunidades que eu não posso qualificar de outra maneira a não ser chamando de "moribundas", ainda que este epíteto se aplique a elas em graus diferentes. Em certos Estados, a desorganização e a decadência fazem progressos quase tão rápidos quanto a força de concentração e a potência nas nações vívidas que as rodeiam. De dez em dez anos nós as encontramos mais fracas, mais pobres, mais desprovidas de pessoas capazes de conduzi-las ou de instituições que mereçam sua confiança. Elas correm, segundo todas as aparências, para o termo fatal e, no entanto, se agarram com uma estranha tenacidade ao que lhes resta de vida.

Nessas nações, o mau regime governamental, muito longe de se emendar, torna-se cada vez pior. A sociedade e o próprio mundo oficial, a administração, são um monte de corrupção, de maneira que você não encontrará em nenhum lugar uma base sólida sobre a qual fundar uma esperança qualquer de reforma ou de restauração. Em graus diversos, pode-se dizer que essas nações apresentam um terrível espetáculo à porção esclarecida do mundo. Elas oferecem um quadro que, infelizmente, aparece cada vez mais sombrio à medida que esses detalhes sejam exatamente revelados às outras nações e essas são solicitadas a buscar, tanto por piedade quanto por interesse, um remédio a tais males.

> *Quanto tempo esse estado de coisas pode durar? Eu não tentarei, bem entendido, profetizá-lo. Tudo que eu posso dizer aqui, é que o progresso continua, num e noutro sentido: os Estados fracos vão se enfraquecendo, os fortes aumentando suas forças. Não é, portanto, necessário ser profeta para vos dizer a que resultado fatal levará a combinação desses movimentos contrários. Por uma razão ou por outra, (quaisquer que sejam as necessidades da política ou o pretexto da filantropia) as nações vívidas invadirão gradualmente o território das moribundas e germes de conflitos entre povos civilizados não tardarão a se desenvolver.*

É realmente quando os países estão tão abalados, tão divididos, progredindo tão pouco __ como os países latinos__ que deve tentar submetê-los ao socialismo? Não é evidente que isso seria aumentar ainda mais sua fraqueza e torná-los uma presa mais fácil para os povos fortes? Infelizmente os políticos não veem isso. Não mais que os teólogos da idade média, absorvidos por suas controvérsias religiosas no fundo de seus conventos, não ouviam os bárbaros que sacudiam seus muros e se preparavam para massacrá-los.

Devem, no entanto, se desesperar inteiramente pelo futuro, os povos latinos? A necessidade é uma poderosa soberana, que pode mudar as coisas. É possível que, após uma série de calamidades profundas, os povos latinos __ aprendendo com a experiência e tendo conseguido sobreviver à cobiça dos vizinhos que os vigiam __ tentem essa rude empresa de adquirir as qualidades que

lhes faltam para vencerem doravante na vida. Um único meio está em seu poder: mudar inteiramente seu sistema de educação. Não se poderia esperar muito dos poucos apóstolos dedicados a tal tarefa. Os apóstolos podem muito, pois eles conseguem frequentemente transformar a opinião pública e a opinião pública é rainha hoje em dia. Mas seriam precisos grandes esforços para limpar os grandes preconceitos que mantém nosso sistema de educação em seu estado atual. A história nos mostra que, para fundar uma religião basta, às vezes, uma dúzia de apóstolos. Mas as religiões, as crenças, as opiniões, não podem se propagar sem ter conseguido reunir essa dúzia de apóstolos.

Não sejamos muito pessimistas, no entanto. A história é tão cheia de imprevistos, o mundo está em vias de sofrer modificações tão profundas, que é impossível prever hoje em dia o destino dos impérios. O papel dos filósofos está, em todo caso, terminado, quando eles mostraram aos povos os perigos que os ameaçam.

* * *

LIVRO IV

O conflito entre as necessidades econômicas e as aspirações socialistas.

_____

CAPÍTULO I

Evolução industrial e econômica da era atual.

§1. Novos fatores de evolução das sociedades criados pelas descobertas modernas.

Sumário

A era moderna é, talvez, aquela que, no curso dos séculos, apresentou mais mudanças no tempo mais curto. Essas mudanças são a consequência da aparição de certos fatores muito diferentes daqueles que, até os nossos dias, regeram as sociedades. Uma das principais características da época atual reside precisamente nas transformações das causas determinantes da evolução dos povos. Enquanto que os fatores religiosos e políticos exerceram durante séculos uma influência fundamental, essa influência empalideceu consideravelmente hoje em dia. Os fatores econômicos e industriais, cujo papel foi durante muito tempo, muito fraco, assumem agora uma importância preponderante. Era muito indiferente para César, para Luís XIV, para Napoleão ou para um soberano qualquer do Ocidente que a China possuísse ou não possuísse carvão.

Hoje em dia, apenas o fato de que ela o possua e o utilize, traz logo consequências as mais profundas sobre a marcha da civilização europeia. Um fabricante de Birmingham e um agricultor inglês, jamais se preocupariam outrora em saber se a Índia fabricava algodão ou cultivava trigo.

Esse fato, tão insignificante durante séculos aos olhos da Inglaterra, tem doravante para ela uma importância tão grande quanto um acontecimento tão considerável, em aparência, quanto à derrota da Invencível Armada ou a derrubada do poder de Napoleão.

Mas não são apenas os progressos dos povos distantes que têm uma ação intensa sobre a existência das nações europeias. As transformações rápidas da indústria afetaram todas as condições de existência. Lembremos que, até o começo de nosso século, toda a maquinaria industrial havia mudado muito pouco em milhares de anos. Ela era idêntica, com efeito, em suas partes essenciais, aos tipos que figuram no interior das tumbas dos antigos egípcios e que datam de 4.000 anos.[35]

Mas, a cerca de uma centena de anos, a comparação com a indústria das eras antigas não é mais possível. A utilização, pelas

[35] Ter-se-á a prova disso percorrendo as gravuras de nossa obra **Les Premières Civilisations de l'Orient**, onde se encontram representadas, segundo as pinturas das tumbas, a maquinaria industrial do antigo Egito.

máquinas a vapor, da energia solar condensada na hulha, transformou completamente a indústria. O mais modesto dos usineiros tem, em suas caves, mais carvão que ele precisa para executar um trabalho bem superior àquele que poderiam realizar os 20.000 escravos que possuía, diz-se, Crasso. Temos martelos piladores que, com um só golpe, substituem a força de 10.000 homens. Apenas para os Estados Unidos da América, avalia-se em 13 milhões de homens e em 53 milhões de cavalos o que ele precisaria para efetuar os transportes anuais realizados pelas estradas de ferro, ou seja, pela força extraída da hulha. Admitindo-se a hipótese, aliás, impossível, que se possa obter um tal número de homens e de animais[36], seria preciso, para mantê-los, gastar 55 bilhões, em lugar dos 2 bilhões e meio aproximadamente que custa o trabalho executado pelos motores mecânicos.

§2. Consequências das descobertas modernas com relação às condições de existência das sociedades.

O simples fato de que o ser humano encontrou o meio de extrair do carvão uma força utilizável revolucionou inteiramente nossas condições físicas de existência. Suscitando recursos novos, ele criou necessidades novas. As mudanças da vida material pro-

[36] O senhor de Foville calculou que o transporte de uma tonelada de mercadorias por quilômetro custa 3,330 francos por transporte humano (cifra que se eleva até 10,000 francos na África); 0,870 franco por uma besta de carga; 0,060 franco apenas, por estrada de ferro na Europa e 0,015 franco na América.

duziram logo transformações no estado moral e social das pessoas. Após ter inventado a máquina, o ser humano se viu servo dela, como outrora pelos deuses, que sua imaginação havia criado. Ele teve que sofrer as leis econômicas que ela estabeleceu apenas para seu funcionamento. Foi a máquina que permitiu a entrada na fábrica da mulher e da criança e que, no mesmo golpe, desorganizou o lar e a família. Tornando o trabalho fácil ao trabalhador e o obrigando a se especializar, a máquina diminuiu, entre os trabalhadores, a inteligência e a aptidão para o esforço. O artesão de outrora foi rebaixado ao nível do simples operário e dificilmente pode sair dele.

O papel industrial das máquinas não se limitou a multiplicar imensamente a força que o homem dispunha. Transformando os meios de transporte, ela reduziu imensamente as distâncias que existiam entre as diversas partes do globo e colocou em presença povos totalmente separados outrora. Em algumas semanas, em vez de numerosos meses, o Ocidente e o Oriente podem se juntar. Em algumas horas, alguns minutos mesmo, eles podem se comunicar seus pensamentos. Graças ainda ao carvão, os produtos de uns chegam rapidamente aos outros e o mundo se tornou um vasto mercado alheio à ação dos governos. As revoluções mais sangrentas, as guerras mais prolongadas, nunca tiveram resultados compa-

ráveis aos das descobertas científicas deste século. Descobertas que pressagiam outras mais influentes e mais fecundas ainda.

Não são apenas o vapor e a eletricidade que transformaram as condições de vida da humanidade moderna. Invenções, em aparência, quase insignificantes, contribuíram e contribuem sem cessar para modificá-la. Uma simples experiência de laboratório muda inteiramente os elementos de prosperidade de uma província e mesmo de um país. É assim, por exemplo, que a conversão da antracita em alizarina matou a indústria da garança e empobreceu, no mesmo golpe, as regiões que viviam dessa indústria. Terras que valiam 10.000 francos o hectare caíram abaixo de 500 francos. Quando a fabricação artificial do álcool (já realizada em laboratórios) e a do açúcar (que parece próxima) entrarem na prática industrial, certos países serão obrigados a renunciar a fontes de riqueza seculares e serão reduzidos à pobreza. O que serão para eles, depois de tais reviravoltas, acontecimentos como a Guerra dos Cem Anos, a Reforma ou a Revolução Francesa? Pode-se, aliás, avaliar o alcance de tais oscilações comerciais, considerando o que custou à França, em dez anos, a invasão de um inseto microscópico: a filoxera. De 1877 a 1887 a perda de um milhão de hectares de vinhas foi avaliada em 7 bilhões. Isso foi um desastre numericamente quase tão grande quanto as despesas de nossa última guerra, em 1870. A Espanha foi enriquecida momentanea-

mente por essa perda, porque tivemos que lhe comprar a quantidade de vinhos que nos faltava. Sob o ponto de vista econômico, o resultado foi o mesmo que, se vencidos pelos exércitos da Espanha, tivéssemos sido condenados a lhe pagar anualmente um enorme tributo.

Nunca é demais insistir na importância das grandes reviravoltas industriais, que são uma das condições fatais da era atual e que só está no seu início. Seu principal resultado é retirar toda estabilidade de condições de existência que outrora pareciam tão estáveis que poderiam barrar o curso dos séculos.

Escreve o filósofo inglês Maine:

> *Se lhe perguntam qual é a mais terrível calamidade que pode cair sobre uma população, talvez lhe respondam que deva ser uma guerra sanguinária, uma fome desoladora ou uma epidemia mortal. No entanto, nenhum desses desastres causaria sofrimentos tão intensos e tão prolongados quanto uma revolução da moda que imponha à vestimenta feminina um só tecido ou uma só cor, como é hoje em dia a vestimenta dos homens. Muita cidade florescente e opulenta __ seja na Europa, seja na América __ se acharia, por isso, condenada à falência e à inanição. E a catástrofe seria pior que uma fome ou uma epidemia.*

A hipótese não tem nada de improvável e é possível que a revolução determinada no costume feminino, do uso cada vez mais generalizado da bicicleta, se torne realidade em breve. Mas

as descobertas da ciência produzirão certamente variações de uma importância diferente. A química, por exemplo __ ciência que mal começa a se constituir __ nos reserva surpresas. Quando nós manejarmos, de uma maneira corrente, as temperaturas de 3 a 4.000 graus, ou aquelas próximas do zero absoluto, que já começamos a produzir, toda uma nova química aparecerá necessariamente. A teoria já nos diz que nossos corpos simples não passam, muito verossimilmente, de produtos da condensação de outros elementos, cujas propriedades nos são totalmente desconhecidas. Talvez, como supunha num discurso, o químico Berthelot, a ciência fabricará, um dia, todos os elementos das matérias alimentares e nesse dia "não haverá mais campos cobertos de colheitas, nem de vinhedos, nem pradarias repletas de animais. Não haverá mais distinção entre as regiões férteis e as regiões estéreis".

Podemos supor ainda um futuro em que as forças naturais estariam à disposição de todas as nossas necessidades e substituiriam quase inteiramente o trabalho humano. Não há mais nada de quimérico em admitir que, graças à eletricidade __ esse maravilhoso agente de transformação e de transporte de energia __ a força dos ventos, das marés, das quedas d'água, estarão em breve à nossa disposição. As quedas do Niágara, já parcialmente utilizadas, possuem um poder motor de 17 milhões de cavalos-vapor e não está longe o momento em que essa força, que mal se começa a

empregar, será transportada para longe, por meio de cabos elétricos. O calor central do globo e o do sol são também fontes inesgotáveis de energia.

Mas, sem insistir nas futuras descobertas e nos ocupando apenas com os progressos realizados nos últimos 50 anos, vemos nossas condições de existência mudando a cada dia e de uma maneira tão repentina que as sociedades são obrigadas a transformações muito mais rápidas do que comporta o estado mental criado por uma lenta hereditariedade nos seres que a compõem. À estabilidade secular, a instabilidade sucedeu por toda parte.

O resultado disso é que a era moderna é, ao mesmo tempo, uma era de destruição e de criação, uma era de ouro e uma era de morte. Parece que, diante das mudanças determinadas pela ciência e a indústria, nenhuma de nossas ideias, nenhuma de nossas condições de existência passadas pode subsistir. A dificuldade de nos adaptarmos a essas necessidades novas reside sobretudo no fato de que nossos sentimentos e nossos hábitos mudam lentamente, enquanto que as circunstâncias exteriores mudam muito rápido e muito radicalmente para que os conceitos antigos, aos quais gostaríamos de nos prender, possam subsistir por muito tempo. Dessas destruições e dessas criações inesperadas, não se pode dizer qual estado mental surgirá. O que vemos bem claramente é que os fenômenos mais importantes da vida dos Estados e a condição

mesma de seu progresso escapam cada vez mais de sua vontade e são regidas por necessidades econômicas e industriais sobre as quais eles nada podem. O que já pressentimos e que aparecerá melhor ainda no prosseguimento dessa obra, é que as reivindicações dos socialistas serão cada vez mais contrárias à evolução econômica que se prepara, em detrimento deles e muito longe deles. Eles deverão, no entanto, se curvar a ela, como a todas as fatalidades naturais que o ser humano já sofreu até aqui.

* * *

CAPÍTULO II

As lutas econômicas entre o Oriente e o Ocidente

§1. A concorrência econômica.

Sumário

Acabamos de indicar sumariamente que a evolução econômica e industrial do mundo perturbou as antigas condições de existência da humanidade. Essa verdade se tornará mais evidente ao estudarmos um dos problemas que se colocam hoje em dia.

No exposto de suas reivindicações e de seus sonhos, os socialistas manifestam uma completa ignorância das necessidades que regem o mundo moderno. Eles raciocinam sempre como se o universo se limitasse ao país em que vivem, como se o que se passa no resto do mundo não devesse ter nenhuma influência nos ambientes onde eles propagam suas doutrinas, como se as medidas que eles propõem não afetassem inteiramente as relações do povo onde eles as aplicariam com os outros povos. Se isolar assim talvez fosse possível, a rigor, há alguns séculos, mas não é mais assim hoje em dia. O papel dos governos de cada país tende cada vez mais a ser condicionado por fenômenos econômicos de origem muito distante, absolutamente independentes da ação dos homens de Estado e que eles devem aceitar. A arte de governar consiste sobretudo, hoje em dia, em se adaptar o melhor possível

às necessidades exteriores sobre as quais as vontades individuais não conseguiriam agir.

Sem dúvida, cada país constitui sempre uma pátria. Mas o mundo da ciência, da indústria, das relações econômicas, formam um só mundo, com suas leis tão ou mais rigorosas, porque é a necessidade e não os códigos que as impõem. No terreno econômico e industrial, nenhum país tem, hoje em dia, a liberdade de se conduzir por vontade própria, simplesmente porque a evolução da indústria, da agricultura e do comércio têm repercussões numerosas em todos os povos. Fatos econômicos e industriais que se passam em regiões as mais longínquas podem obrigar a nação que lhe é a mais estrangeira possível a transformar sua agricultura, seus processos industriais, seus métodos de fabricação, seus hábitos comerciais e, por via de consequência, suas instituições e suas leis. Os povos tendem, cada vez mais, a serem regidos por necessidades gerais e não por vontades particulares. A ação dos governos tende então a se tornar cada vez mais fraca e incerta. Este fenômeno é um dos mais característicos da era atual.

O problema que vamos abordar neste capítulo vai nos permitir ilustrar, de uma maneira muito clara, o que mencionamos. Ele nos mostrará uma vez mais o quanto são superficiais e irrealizáveis as soluções de felicidade universal propostas pelos socialistas.

Esse problema, que fomos um dos primeiros a assinalar há alguns anos já, é o da luta econômica que se desenha mais nitidamente a cada dia entre o Oriente e o Ocidente. A aproximação das distâncias pelo vapor e a evolução da indústria puderam, por consequência, colocar o Oriente em nossas portas e transformar seus habitantes em concorrentes do Ocidente. Esses concorrentes, aos quais nós exportávamos outrora nossos produtos, se puseram a fabricá-los assim que conseguiram nossas máquinas. E, em lugar de nos comprar, eles nos vendem agora. Eles conseguem facilmente __ porque, por seus hábitos seculares, eles têm quase nenhuma necessidade __ preços de venda dos objetos fabricados por eles, muito inferiores aos mesmos objetos fabricados na Europa. A maior parte dos trabalhadores orientais vive com menos de dez tostões por dia, enquanto que o trabalhador europeu não vive com menos de quatro a cinco francos. O preço do trabalho regula sempre com o das mercadorias e o valor destas, num mercado qualquer, é sempre determinado pelo valor no mercado em que elas podem ser entregues com o preço mais baixo. Segue-se que nossos fabricantes europeus veem todas as suas indústrias ameaçadas por rivais que produzem os mesmos objetos com preços 10 vezes menores. A Índia, o Japão e logo a China entraram na fase que nós previmos um tempo atrás e eles progridem rapidamente. Os produtos estrangeiros chegam cada vez mais à Europa e os produtos

fabricados saem cada vez menos. Não é a invasão militar dos orientais que se deve temer, como se sustentou: é unicamente a de seus produtos.

Durante muito tempo a concorrência permaneceu localizada no terreno dos produtos agrícolas e, por suas consequências, podemos pressentir o que acontecerá quando ela se estender aos objetos fabricados.

Os primeiros resultados da concorrência foram, como destacou o Sr. Méline, na Câmara dos Deputados, fazer abaixar pela metade, em menos de 20 anos, o valor dos produtos agrícolas: trigo, lã, vinho, álcool, açúcar etc. A lã, por exemplo, que valia 2 francos o quilograma, por volta de 1882, não vale mais do que 1 franco, vinte anos após. O sebo caiu de 95 para 42 francos etc. Muitos economistas __ e eu entre eles __ consideram essas baixas como vantajosas, pois é em definitivo o público, ou seja, a maioria que se aproveita disso. Mas é fácil assumir o ponto de vista em que se possa contestar que tais baixas sejam vantajosas. Seu mais grave inconveniente é colocar a agricultura numa situação precária e obrigar alguns países a renunciar a ela, o que, em certos momentos, poderia ter consequências graves.

Essa hipótese, de países obrigados a renunciar à agricultura, não tem nada de quimérica, pois ela se realiza cada vez mais, hoje em dia, para a Inglaterra. Tendo que lutar, por sua vez, contra o

trigo da Índia e contra o da América, ela renunciou progressivamente a cultivá-lo, apesar da perfeição dos métodos ingleses, que permitem obter rendimentos de 29 hectolitros por hectare. Atualmente a produção anual do trigo na Inglaterra caiu para 23 milhões de hectolitros, enquanto que seu consumo anual é de 85 milhões. Ela precisa então comprar em torno de 60 milhões no estrangeiro. Se a Inglaterra estivesse aprisionada em sua ilha não teria os recursos necessários para conseguir esse excedente e uma grande parte de seus habitantes estaria condenada a morrer de fome.

A França, país essencialmente agrícola, pode prolongar essa luta, graças à proteção, artifício muito provisório e muito fictício. Ela tem um interesse vital em lutar. Mas, por quanto tempo ainda? Ela produz uma centena de milhões de hectolitros, cifra que nos próximos anos pode baixar a 75 ou crescer a 135. O trigo vale hoje por volta dos 18 francos, 100 quilos, em baixa regular há vários anos. Este preço é, aliás, artificial, pois o trigo estrangeiro, sem sobretaxa de proteção de 7 francos, tem preço real de 11 francos, preço de venda nos mercados estrangeiros; Londres e Nova Iorque, particularmente. Este preço só pode continuar a abaixar. Na República Argentina, os cultivadores italianos chegam a produzir o trigo a 5 francos o hectolitro.

Essa baixa progressiva poderá ser corrigida, durante muito tempo, através de sobretaxas de proteção, destinadas a manter artificialmente a carestia dos alimentos e impedir, por consequência, que as populações aproveitem do bom mercado em geral? Dado que a França consome anualmente 120 milhões de hectolitros, a sobretaxa atual de 7 francos o hectolitro, que eleva em um terço, pelo menos, o preço do pão, representa uma soma enorme que incide sobre a totalidade da população em benefício de um pequeno número de grandes especuladores, pois muitos agricultores, que produzem apenas o que precisam, têm pouco para vender. Tudo que se pode dizer em favor de processos tão arbitrários é que eles têm uma utilidade provisória, para prolongar num país a existência da agricultura ou lhe dar o tempo necessário para se aprimorar. Mas logo nenhum governo será suficientemente poderoso para manter artificialmente a carestia dos alimentos.

Não foi o Oriente, que entrou há pouco na luta, que causou a decadência da agricultura europeia. Deve-se ver a origem na produção dos cereais na América, onde a terra não custa quase nada, enquanto que ela custa muito caro na Europa. Mas o dia chegou, por sua vez, em que a América se viu em concorrência com países como a Índia, onde não apenas a terra custa ainda menos que nos Estados Unidos, mas onde, para piorar, o trabalho custa dez vezes menos. Ela arrisca sofrer a mesma sorte que a Inglaterra e sua

agricultura está, hoje, ameaçada por uma grave crise. Os agricultores americanos se acham atualmente numa situação a mais precária. O Senhor de Mandat-Grancey cita fazendas que valiam outrora 300 dólares o acre e que, hoje, não encontram comprador pelo preço de 10 dólares. Nenhuma sobretaxa pode melhorar, para os americanos, essa situação, pois seu interesse é vender cereais e não receber subsídio. Não é, portanto, a proteção que pode impedi-los de encontrar concorrência nos mercados estrangeiros, com países que produzem com preços inferiores.

Limitada inicialmente às matérias primas e aos produtos agrícolas, a luta entre o Oriente e o Ocidente se estendeu progressivamente aos produtos industriais. Nos países do Extremo Oriente __ a Índia e o Japão, por exemplo __ o salário dos trabalhadores de fábrica não ultrapassa 10 tostões (0,50 franco) por dia e seus chefes não recebem muito mais que isso. O Senhor de Mandat-Grancey cita uma fábrica, perto de Calcutá, que emprega mais de 1.500 trabalhadores e cujo subdiretor nativo recebe um vencimento de menos de 20 francos por mês. Com preços de venda tão baixos, as exportações da Índia passaram, em dez anos, de 712 milhões para mais de 4 bilhões.

Mas a Índia possui pouco carvão, enquanto o Japão possui muito, bastante em todo caso para exportar a um preço pela metade do carvão inglês. Como resultado, os progressos desse país

foram ainda mais rápidos do que os da Índia. Possuindo o carvão, essa fonte principal da riqueza de um povo, ele só teve que comprar as máquinas europeias e copiá-las para se encontrar logo em pé de igualdade completa com a Europa, sob o ponto de vista da capacidade de produção e com um pé de superioridade muito grande, sob o ponto de vista da economia dessa produção, em razão do baixo preço dos salários.

O Japão possui agora grandes fábricas __ as de algodão, por exemplo __ que empregam 6.000 trabalhadores[37] e fazem negócios tão prósperos que dão dividendos de 10 a 20%, enquanto que na Inglaterra os dividendos das fábricas análogas, reduzidos dia a dia, caíram progressivamente, nas mais prósperas, a 3%. As outras estão em perda e não distribuem mais dividendos e isso porque sua exportação diminui todo dia por causa da concorrência do Oriente.

Os orientais se puseram a fabricar sucessivamente todos os produtos europeus e sempre em condições de competitividade que tornam toda luta impossível. Relojoaria, cerâmica, papel, perfu-

[37] A tecelagem de Kanegafuchi no Japão conta com quase 6.000 trabalhadores que se revezam dia e noite, trabalhando cada um 12 horas. Os salários são em torno de 0,50 franco por dia, pagos em dinheiro, cujo valor monetário é a metade do ouro, como se sabe. Eis, aliás, segundo a estatística resumida do **Empire du Japon**, publicado em 1897 em Tóquio, pelo Sr. Hanabusa, chefe da seção de estatística, o salário médio de algumas categorias de trabalhadores: trabalhadores agrícolas, 0,32 franco por dia; trabalhadores gráficos, 1,40 franco; carpinteiros, 1,75 franco.

maria e até artigos ditos de Paris, são fabricados agora no Japão. O objeto europeu se acha assim cada vez mais eliminado do Oriente. Há artigos __ os fósforos, por exemplo __ que os ingleses vendiam outrora um total de 600.000 francos por ano e não vendem hoje nem 10.000 francos, enquanto que os japoneses, de uma cifra de venda nula, passaram em alguns anos a uma produção que, em 1895, montava a 2.275.000 francos. Esses fósforos são vendidos ao preço de 1,00 franco para 144 caixas, ou seja 15 caixas por 10 centavos. Em 1890, os japoneses vendiam 700 francos em guarda-chuvas e sombrinhas. Cinco anos após eles vendiam 1.300.000 francos e é a mesma coisa para todos os produtos que eles se metem a fabricar.

Essa abundância de produção levou logo os japoneses a aumentarem seus mercados e, por não serem tributários da marinha europeia, se puseram a comprar navios e depois a construir eles mesmos. Eles possuem grandes navios iluminados com luz elétrica, feitos segundo os últimos modelos. Uma só companhia (**Nippon Yusen Kaïsha**), possui 47 que fazem concorrência com nossos Mensageiros e sobretudo com a companhia inglesa chamada **Péninsulaire et Orientale**. Eles criaram um serviço bimensal entre o Japão e Bombaim, um outro com a Austrália e se preparam para criar um para a França e a Inglaterra. Eles têm tripulações

pagas a razão de 10,00 francos por homem, por mês e alimentados com alguns sacos de arroz.

Se bem que o chinês seja, sob vários pontos de vista e apesar de sua inferioridade militar, superior ao japonês, a China não entrou ainda no movimento industrial, mas já vemos o momento em que ela vai se lançar. Pode-se então prever que, com sua imensa população sem necessidades, suas colossais reservas de carvão, ela será, em poucos anos, o primeiro centro comercial do mundo, o regulador dos mercados e que será a bolsa de Pequim que determinará o preço das mercadorias no resto do mundo. Pode-se já apreciar o poder dessa concorrência, lembrando que os americanos, se reconhecendo incapazes de lutar contra ela, não encontraram outro recurso que não fosse interditar aos chineses o acesso a seu território. A hora não tarda em que um barco de mercadorias europeias será raridade nos mares do Oriente. O que ela fará?

Há poucos cônsules ingleses ou alemães do Extremo Oriente que não estejam unânimes, em seus relatórios, sobre essa questão. Nossos próprios agentes, apesar do pouco interesse que dedicam ao comércio, apesar sobretudo da irredutível incapacidade do espírito latino em compreender qualquer coisa estranha às suas próprias concepções, começam a perceber o que se passa ao redor deles e a assinalar.

Na luta econômica que se acentua a cada dia, tudo favoreceu o Oriente. A depreciação do valor da prata no Ocidente nos tornou a concorrência ainda mais difícil. A prata, única moeda do Oriente, conservou todo seu valor, enquanto que perdeu quase a metade na Europa. Quando um mercador hindu ou chinês envia 1.000 francos de trigo, de algodão ou de uma mercadoria qualquer para a Europa, ele recebe 1.000 francos em ouro que ele pode trocar por quase 2.000 francos em lingotes de prata, que ele precisa em seguida transformar, no Oriente, em moedas de prata, para pagar seus trabalhadores. Esses 2.000 francos de prata representam em seu país o mesmo valor que há 25 anos, pois a depreciação sofrida pela prata nos países europeus não teve ainda repercussão no Oriente, onde o preço do trabalho pouco variou. Com as mercadorias não custando mais caro para fabricar do que antes, o industrial oriental, pelo único fato de que vende um produto na Europa, ele o vende 50% mais caro do que pagou no Oriente. Naturalmente ele pagaria também o dobro do que ele gostaria de comprar de nós, pois ele precisaria dar 2.000 francos de prata para ter 1.000 francos de ouro. Assim, ele tem todo interesse em nos vender cada vez mais e nos comprar cada vez menos. A taxa atual do câmbio constitui, portanto, para o Oriente, um prêmio enorme para a exportação. Nenhuma sobretaxa de proteção, a menos que seja abso-

lutamente proibitiva, conseguiria lutar contra tais diferenças nos preços de venda.

O comércio da Europa parece estar destinado a se reduzir brevemente a isso: trocar mercadorias que custam dez vezes mais caro no Oriente e pagas em ouro, por produtos que custam dez vezes menos e pagas em prata. Trocas feitas em tais condições não podem durar muito tempo. Elas só estão durando ainda porque o Oriente ainda não acabou de organizar seu parque industrial. É evidente que a Europa está destinada a perder brevemente a clientela do Extremo Oriente como ela já perdeu a da América. Não apenas ela a perderá como estará condenada brevemente a só produzir o suficiente para alimentar seus habitantes e a comprar de seus antigos clientes, sem poder lhe vender nada. Os japoneses não duvidam do rumo dessas coisas. Um de seus ministros de assuntos estrangeiros, o Sr. Okuma, falando na Europa em um discurso publicado, há alguns anos, disse o seguinte: “Ela mostra sintomas de decrepitude. O próximo século verá suas constituições em pedaços e seus impérios em ruínas”.

Muitas causas complicarão para a maior parte dos povos da Europa as dificuldades da luta comercial com o Oriente. Quando a estrada de ferro transiberiana estiver em pleno funcionamento, todo o comércio entre o Oriente e o Ocidente tenderá a se concentrar nas mãos da Rússia. Essa estrada de ferro liga, como se sabe,

a Rússia ao Japão, atravessando uma parte da China. Os 130 milhões de russos estarão então em contato com os 400 milhões de chineses e a Rússia se tornará a primeira potência comercial do mundo, pois será forçosamente ela que fará a ligação entre o Oriente e o Ocidente. De Londres a Hong Kong, por mar, gasta-se hoje, em torno de 36 dias. Será necessário em torno da metade pela transiberiana. A rota marítima será, sem dúvida, tão abandonada quanto é hoje a do Cabo da Boa Esperança e pode-se perguntar para que servirá, para a Inglaterra, sua frota comercial. A França perderá o pouco de comércio que lhe resta. Nesse dia ela talvez lamente os 10 bilhões emprestados à Rússia e que, em boa parte, serviu para criar essa desastrosa concorrência que arruinará Marselha. Sem ser um espírito muito pessimista, pode-se questionar se não teríamos ganhado mais direcionando essa soma tão grande ao desenvolvimento de nossa indústria e de nosso comércio.[38]

As lutas entre o Oriente e o Ocidente, cuja gênese vamos traçar, só estão no seu começo e não podemos nem suspeitar do

[38] Sem o sucesso dos japoneses, a estrada de ferro transiberiana, cuja importância parece que nenhum de nossos homens de Estado entendeu, tornaria a Rússia comercialmente senhora da China e de seus 400 milhões de habitantes. E como ela tem um regime de protecionismo absoluto, tanto para seus aliados quanto para aqueles que não o são, o Oriente se acharia vedado à Europa. O sucesso do Japão restabeleceu o equilíbrio da balança, que pendia cada vez mais pesadamente para um só lado, mas que agora vai, talvez, pender para o outro. Estamos na aurora de uma luta gigantesca para a partilha do Oriente. Os desarmamentos que são propostos, não sem alguma ironia, eu imagino, não parecem próximos.

final. Os sonhadores da paz perpétua e do desarmamento universal imaginam que as lutas guerreiras são as mais desastrosas. Elas fazem perecer em bloco, com efeito, um grande número de indivíduos, mas parece bem provável que as lutas industriais e comerciais que se apresentam serão mais mortíferas e acumularão mais desastres e ruínas que jamais fizeram as guerras mais sangrentas. Elas destruirão inteiramente, talvez, grandes nações, como jamais puderam fazer os mais numerosos exércitos. Essas lutas, em aparência tão pacíficas, são, na realidade, implacáveis. Elas não conhecem a piedade.

Vencer ou desaparecer são as únicas alternativas.

O socialismo não se preocupa com tais problemas. Suas concepções são muito estreitas, seu horizonte muito limitado para que ele possa pensar. Para as nações onde ele tiver se desenvolvido, a luta comercial com o Oriente será a mais difícil e o esmagamento do derrotado será mais rápido. Os povos que possuírem um grau suficiente de iniciativa industrial, da inteligência necessária para aperfeiçoar seu maquinário e adaptá-lo às novas necessidades, serão os únicos que poderão se defender. Não é o coletivismo, com seu ideal de nivelar por baixo os salários e o trabalho, que poderá fornecer aos trabalhadores os meios de lutar contra a invasão dos produtos do Oriente. Onde conseguirão os fundos necessários para pagar os trabalhadores quando os produtos não

tiverem mais compradores, quando as fábricas forem progressivamente fechadas e quando todos os capitais tiverem emigrado rumo a países onde encontrarão uma retribuição fácil e uma acolhida benevolente em vez de perseguições incessantes?

§2. Os remédios.

Acabamos de mostrar como nasceu e se desenvolveu a concorrência econômica entre o Oriente e o Ocidente. Os fatos que citamos estabelecem o quanto as necessidades econômicas atuais são contrárias às aspirações dos socialistas e a que ponto eles escolheram mal o momento para apresentar suas reivindicações. Examinando agora os remédios possíveis para a concorrência econômica que veremos crescer constataremos, uma vez mais, que a possibilidade de vitória é incompatível com o ideal socialista.

Devemos observar antes de tudo que é fácil combater, em teoria, as deduções pessimistas do estado de coisas que expusemos. Os economistas dizem com razão, que nunca houve, até aqui, uma superprodução real de um só artigo; que o mais leve excesso de produção é acompanhado de uma baixa forçada dos preços e que, se por causa da concorrência, o trabalhador europeu é obrigado a se contentar com um salário de alguns tostões por dia, o tamanho desse salário não será um inconveniente se, com esses tostões, ele conseguir todas as coisas que conseguiria outrora com

alguns francos. O argumento é muito justo, mas só é aplicável numa época longínqua e que não poderia nos interessar atualmente. Antes dessa fase de baixa geral do valor das coisas, haverá um período de transição e convulsões muito longo. Esse período será tão difícil para atravessar porque a luta entre orientais e ocidentais não é somente uma luta entre indivíduos com salários desiguais, mas sobretudo uma luta entre indivíduos com necessidades desiguais. É essa condição que tornou a concorrência com os chineses impossível aos americanos, que se viram forçados a expulsá-los. Para restabelecer a igualdade de oportunidades seria necessário que os chineses estabelecidos na América adquirissem o gosto e os hábitos de consumo dos americanos. Mas eles sofrem influências ancestrais muito antigas para se transformarem a esse ponto. Sem outras necessidades além de uma xícara de chá e um punhado de arroz, eles podem se contentar com salários muito inferiores aos que pedem os trabalhadores americanos.

Qualquer que seja o futuro, é a hora presente que nos afeta e são soluções atuais que devemos encontrar. O remédio que os economistas chamam de evolução espontânea das coisas é, no momento, sem valor. O regime protecionista constitui uma solução provisória, de aplicação fácil e, por isso, vemos os povos da Europa e da América adotando-o, um após outro. Ele pode certamente ter uma utilidade temporária, mas seus efeitos benéficos

não duram. Um país pouco extenso, pouco povoado, poderia, a rigor, se envolver por uma alta muralha e não se preocupar com o que se passa além dela. Mas tais países existem no Ocidente? Pelo desenvolvimento excessivo da população, não há mais na Europa países que produzam o suficiente para alimentar sua população durante mais de 6 meses, segundo todas as estatísticas. Supondo que um país se envolva pela tal muralha que eu mencionei, ele seria obrigado, ao fim de 6 meses e sob pena de morrer de fome, a abrir essa muralha para ir comprar fora o necessário para comer. Mas com o que pagaria então o trigo e os produtos alimentares que precisasse? Até aqui, foi com mercadorias que a Europa adquiriu os gêneros do Oriente. Mas em breve o Oriente não precisará mais das nossas mercadorias, pois o que ele fabrica é mais competitivo. Porém o comércio é baseado em trocas, em que a moeda é apenas um símbolo convencional.

A menos que descobertas científicas aconteçam, o futuro da Europa e sobretudo dos países que vivem principalmente de seu comércio, parece ser bem sombrio.

Na luta que se prepara, duas categorias de povos parecem ser os únicos capazes de resistir. A primeira compreende aqueles cuja agricultura é tão desenvolvida e a população tão pequena que eles podem se bastar por si mesmos e renunciar quase completamente ao comércio exterior. A segunda compreende aqueles cuja

iniciativa, vontade e, ao mesmo tempo, as capacidades industriais, são muito superiores à dos orientais.

Poucos povos europeus se acham hoje em dia na primeira dessas categorias. A França, felizmente para ela, aparece em muito boa posição. Ela produz quase tudo que precisa para sustentar seus habitantes e, por instinto, não exagera no número de sua população e desdenha, com respeito a este assunto, as lamentações dos estatísticos. Bastaria a ela aumentar um pouco sua produtividade agrícola ou reduzir um pouco sua população para conseguir produzir o bastante para sua subsistência. Ao invés de perseguir a indústria, o que não nos ajuda em nada, ou ao comércio, o que também não nos ajuda em nada, é para a agricultura que deveríamos dedicar todos os nossos esforços.[39]

Os ingleses e os americanos se encontram na segunda das categorias que eu mencionei. Mas será apenas ao custo de uma atividade extrema e de um aperfeiçoamento constante do parque industrial que eles conseguirão manter sua superioridade. Será a luta das capacidades superiores contra as capacidades médias,

[39] Sob todos os pontos de vista, aliás, nossa agricultura necessita ser desenvolvida. Num congresso agrícola que aconteceu em Lion há alguns anos, o Sr. de la Rocque lembrou que a mortalidade, que no campo não chegava a 20%, ultrapassa 27% nas cidades e concluiu que, apenas pela emigração das cidades, a França havia perdido 700.000 habitantes. “Se nossa agricultura parasse de produzir vinho ou cereais, nossos campos não perderiam menos de 8 a 10 milhões de habitantes”. É um exemplo interessante.

medíocres e inferiores. Foi assim que a mecanização pôde, com imensos esforços, reduzir cada vez mais na América o preço de venda dos produtos, apesar da carestia da mão-de-obra. Vê-se, nos Estados Unidos, altos-fornos que conseguem produzir 1.000 toneladas de ferro por dia, enquanto que os nossos fabricam 100 a 200, no máximo. Aciarias que laminam 1.500 toneladas por dia, enquanto que as nossas laminam 150 no mesmo tempo. Máquinas que carregam um vagão com 1.000 toneladas em uma hora e outras que carregam um navio de 4.000 toneladas em algumas horas etc.

Para se manter nesse terreno são necessárias qualidades de iniciativa e de capacidade que poucos povos possuem hoje em dia e que são as mais preciosas das heranças, se bem que elas sejam tão antipáticas aos socialistas. Com tais aptidões não existem dificuldades que não se possa vencer.

Se todos esses esforços não bastarem os anglo-saxões encontrarão outros remédios. Eles já procuraram. Vários industriais conseguiram concorrer com os orientais em seu próprio terreno, montando fábricas entre eles, com trabalhadores orientais. Industriais ingleses, não podendo mais trabalhar com perdas na Inglaterra, acabaram por se instalar nas Índias e fazer, eles mesmos, concorrência aos produtos ingleses. Mas se essa emigração das capacidades e dos capitais se generalizasse deixaria fatalmente o

trabalhador inglês sem trabalho e não teria outro resultado do que o de mostrar aos capitalistas o caminho que as reivindicações dos socialistas poderiam conduzi-los fatalmente um dia. Pode-se se perguntar no que se tornaria um Estado assim privado de todos os capitais, de todos os cérebros superiores que ele possui e composto unicamente das mediocridades da fortuna e do talento. Aí então o socialismo poderia se desenvolver livremente e fazer reinar sua pesada escravidão.

Portanto, são outros recursos que buscam os homens de Estado ingleses para fazer frente ao perigo que eles veem crescer rapidamente. Com o Oriente devendo se fechar logo a seus navios, eles se voltam agora para a África e vemos com que tenacidade os ingleses e os alemães assumiram seu controle, só deixando para os latinos alguns farrapos de território sem valor. O império que os ingleses formaram e que compreende quase a metade da África, de Alexandria ao Cabo, será logo coberto de telégrafos e de estradas de ferro e formará sem dúvida, em poucos anos, uma das mais ricas regiões do mundo.

As aptidões herdadas, a organização social atual, o sistema de educação dos povos latinos e sobretudo a infiltração das ideias socialistas, não lhes permitem ter visões tão altas. As aptidões desses povos os levam rumo à agricultura e as artes. Elas lhes tornam muito difícil a indústria, o comércio exterior e sobretudo a

colonização, que lhes custa muito caro sem lhes render nada; nem mesmo as colônias que estão, como a Argélia, à suas portas. É um fato que se pode lamentar certamente, mas não se pode negar e a constatação tem ao menos a utilidade de nos fazer compreender em qual sentido devemos dirigir nossos esforços.

Os povos latinos, aliás, não irão se lamentar muito por não poder desempenhar um papel muito ativo na luta econômica e industrial que, parece, deslocará em breve os pólos da civilização. Essa lua, já penosa para as naturezas enérgicas, seria totalmente impossível para os outros. Duro e mal pago às vezes é o trabalho dos simples operários. Um futuro próximo se mostra, contrariamente aos sonhos dos socialistas, muito mais duro e muito mais mal pago ainda. As grandes civilizações não parecem poder se prolongar, a não ser com uma escravização cada vez mais estreita da massa de trabalhadores. A industrialização e a mecanização estão condenadas a ser cada vez mais opressivas. É, talvez, apenas ao preço de um trabalho cada dia mais penoso, de um formidável esgotamento por excesso de trabalho que os povos industriais e comerciantes da Europa poderão combater, sem muitas chances de insucesso, no terreno econômico com os povos do Oriente. Será, em todo caso, uma guerra muito mais mortífera e desesperada que as carnificinas militares de outrora. Pois nenhuma ilusão, nenhuma esperança podemos ter. As lanternas da fé consoladora, dos

velhos tempos, só jogam vacilantes fachos de luz e estarão em breve extintas para sempre. O ser humano, que lutava outrora pelos seus lares, sua pátria ou seus deuses, parece ameaçado de não ter outro ideal, nessas lutas futuras, que não seja o de comer à vontade ou, pelo menos, de não morrer de fome.

* * *

CAPÍTULO III

As lutas econômicas entre os povos do Ocidente.

§1. As consequências das aptidões herdadas dos povos.

Sumário

Acabamos de mostrar como as necessidades econômicas criadas por circunstâncias novas tornaram muito temível a concorrência que nos fazem hoje em dia os povos do Oriente, que se tornaram produtores, ao invés de serem, como outrora, consumidores. Expulsos progressivamente dos mercados do Oriente, os povos do Ocidente ficaram reduzidos a disputar com aspereza os mercados europeus que lhes restam abertos. Quais são as qualidades que facilitarão o sucesso nas lutas que cada dia se tornam mais duras? O socialismo pode dar vantagem em tais lutas? É isso que nos propomos examinar agora.

As aptidões que determinaram a superioridade dos povos não foram as mesmas nas diversas épocas da história. É, em grande parte, porque um povo possui certas aptidões, mas não poderia possuir todas, que vemos no curso das eras tantos povos diversos passarem por todas as fases, da grandeza à decadência, de acordo com as condições do momento, que tornam úteis ou inúteis as qualidades que os caracterizam.

Durante muito tempo os progressos da civilização exigiram certas qualidades especiais: a bravura, o espírito guerreiro, a eloquência, o bom linguajar, os gostos literários e artísticos; que os povos latinos possuem em um alto grau. É por isso que eles estiveram durante tanto tempo a frente da civilização. Hoje em dia essas qualidades têm uma utilidade muito menor do que antigamente e parece mesmo que, algumas dentre elas, não encontrarão, em breve, mais nenhum emprego. Com a evolução atual do mundo, as aptidões industriais e comerciais, que figuravam outrora numa posição relativamente secundária, chegaram agora à primeira. Isso resulta em que os povos industriais e comerciais tomam os melhores lugares. Os centros de civilização vão então se deslocar.

As consequências desses fatos são muito importantes. Um povo que seja incapaz de mudar suas aptidões deve tratar de bem conhecê-las para utilizá-las da melhor maneira possível e não empreender lutas inúteis num terreno onde o insucesso o espera. Tal pessoa, mesmo que tenha sido um excelente músico ou um brilhante artista, será um triste comerciante ou um muito infeliz industrial. Para os povos, como para os indivíduos, a primeira condição de sucesso na vida é saber bem do que se é capaz e não empreender nenhuma tarefa acima de seus recursos.

Porém, os povos latinos, pelos conceitos herdados cuja gênese eu já mostrei, só possuem em um grau bem fraco as aptidões

comerciais, industriais e colonizadoras, tão necessárias hoje em dia. São guerreiros, agricultores, artistas, inventores; não são industriais, nem comerciantes, nem sobretudo colonizadores.

Por mínimas que sejam as aptidões comerciais, industriais e colonizadoras dos latinos, elas bastavam, no entanto, numa época em que a concorrência entre os povos era pequena. Elas não bastam mais hoje em dia. Fala-se sem cessar da decadência industrial e comercial de nossa cultura. Essa afirmação não é exata de uma maneira absoluta, pois nossa indústria e nosso comércio são muito superiores ao que eram há 50 anos. Não é decadência, mas progresso insuficiente que é preciso dizer. No entanto, a palavra decadência se torna justa se for entendida por essa expressão que, ao progredir muito menos rápido que seus rivais, os povos latinos serão necessariamente em breve suplantados por eles.

Os sintomas dessa desaceleração são observados em todos os povos latinos, o que prova que estamos aqui diante de um fenômeno cultural. A Espanha parece ter atingido o último limite dessa inferioridade progressiva. A Itália parece que vai se juntar a ela em breve. A França luta ainda, mas os índices de enfraquecimento se acentuam a cada dia.

§2. A situação industrial e comercial dos povos latinos.

Só nos ocuparemos, na exposição a seguir, com a França. Para os outros povos latinos só teremos que repetir e acentuar o que lhe é aplicável. Ela é a menos atingida das nações latinas e, no entanto, sua situação comercial e industrial é infinitamente pouco brilhante.

Os fatos que demonstram nossa decadência comercial e industrial são muito evidentes hoje em dia para serem contestados. Todos os relatórios de nossos cônsules ou de nossos deputados encarregados de estudar a questão, são unânimes e se repetem, quase nos mesmos termos.

Eis o que disse, numa publicação recente, o Sr. d'Estournelles:

> *O Senhor Charles Roux resumiu todas as tristezas de uma experiência já longa, num relatório que provocou sensação, sobre a decadência de nosso comércio. Ele poderia escrever o mesmo sobre nossa marinha e nossas colônias. A França compromete ou deixa definhar seus recursos por apatia, tradicionalismo, apego a um grande número de regulamentos que datam de Colbert e de Richelieu. Como todos os apáticos, ela deu prova de vontade em surtos, quando então se manifesta o heroísmo. Mas acontecem ainda as cabeçadas, as reformas sentimentais não estudadas e que são, às vezes, piores que o próprio mal. Quando ela deixa de explorar suas colônias é para assimilá-los, de um dia para o outro, à mãe pátria, transformando-as em departamentos franceses e ar-*

ruiná-las. Ou então ela decide subitamente, sem nenhum motivo, apesar dos obstáculos naturais intransponíveis, que todos os juízes nativos da Argélia serão franceses, eleitores e, em seguida, senhores da população árabe, senhores de nossos próprios colonos. Ou ainda ela deixa ingenuamente organizar nas colônias, em favor de nossa ignorância, a paródia, a caricatura do sufrágio universal, dando o direito de votar nosso orçamento, a paz ou a guerra, aos representantes dos nativos, hindus ou senegaleses, que não pagam nossos impostos, não servem ao nosso exército, nem falam nossa língua.

O perigo alemão __ escreve por outro lado o Sr. Schwob __ é real. Mas nós mencionamos também o perigo britânico, o perigo australiano, o perigo americano e mesmo o perigo russo, o perigo chinês e o japonês. No campo de batalha do comércio e da indústria modernos não há paz nem alianças. Passamos aos tratados que se chamam tratados de comércio, mas esses próprios tratados são pela guerra sem trégua, sem piedade, mais implacável do que a guerra a tiros de canhão e, no entanto, mais perigosa, porque ela faz milhões de vítimas sem ruído e sem fumaça.

Também nossa aliança política com a Rússia, nossa amizade recíproca, inalterável, não impede convenções comerciais que são totalmente vantajosas para a Alemanha e ao nosso dano, neste momento. No terreno econômico, no estado atual da Europa e do mundo, não há amigos. Uma guerra verdadeiramente cruel prossegue entre todos.

Nossos cônsules, que no estrangeiro assistem à eliminação gradual de nosso comércio, fazem ouvir, apesar da reserva que lhes impõe sua situação oficial, as mesmas queixas. Todos fazem,

muito inutilmente aliás, advertências idênticas. Eles reprovam, em nossos industriais e em nossos comerciantes, sua apatia, sua incúria, sua ausência de iniciativa, sua impotência em mudar um parque industrial velho e em adaptá-lo às novas necessidades de sua clientela, as formalidades de todo tipo que cercam os menores negócios. Em uma palavra: a fraqueza de sua inteligência comercial.

Os exemplos que se poderia citar desse estado de espírito são inumeráveis. Eu me limitarei aos seguintes, porque eles são bem típicos.

Escreveu, há alguns anos, o correspondente do **Temps** no Transvaal:

> *Nossos industriais, mesmo os maiores, se mostram minuciosos, desconfiados, desdenhosos de um esforço e trocam voluntariamente longas cartas sobre assuntos que os concorrentes ingleses ou alemães tratam e resolvem em alguns dias.*
>
> *Os engenheiros ingleses ou alemães têm à mão os mais detalhados preços de mercado de todos os tipos de máquinas em uso na indústria mineira e, quando um projeto ou um orçamento são necessários, eles estão prontos para responder no curto intervalo de 5 ou 7 dias, que geralmente são exigidos. Nossos engenheiros franceses, menos informados, por causa da inércia de suas empresas, são forçados a desistir da concorrência, que as seis semanas que o correio leva para ir e voltar da França, quando há pronta resposta, tornam impossível. Os ingleses e os alemães se curvaram ao que se exigia deles.*

Numerosos são os fatos análogos.

Lemos no **Journal**:

> *Há um ano, um negociante da América do Sul quis importar da França e da Alemanha, peles de cordeiro. Ele se reuniu, para isso, através dos cuidados oficiais de nosso cônsul, com uma das nossas casas de comissão. O Negociante americano fez então um pedido de 20.000 peles a essa casa francesa e, simultaneamente, um pedido igual a uma casa alemã de Hamburgo, com a qual ele havia se entendido. O ano se passou, as duas casas lhe mandaram a fatura de sua compra. A primeira criou tantas dificuldades para vender a mercadoria e teve que consentir com preços tão baixos, que a operação resultou numa perda de 10% para o exportador. Mais ativa e melhor equipada, a casa alemã liquidou a mesma mercadoria com um lucro de 12%. E este é o fato característico: foi na própria França que ela tinha encontrado a mercadoria. Todo comentário é supérfluo.*

Eu próprio pude constatar várias vezes a profunda apatia, o horror ao esforço e todos os defeitos assinalados nos relatórios de nossos cônsules. Esses defeitos, que se acentuam a cada dia, aparecem ainda mais espantosos quando, com dez anos de diferença, se encontram os representantes de uma fábrica outrora próspera ou semipróspera.

Quando eu retomei, a propósito da dissociação da matéria, pesquisas de laboratório deixadas de lado durante vários anos, eu fiquei espantado com a decadência profunda do pessoal e da ma-

quinaria de nossos industriais. Decadência que eu, aliás, já havia previsto num capítulo de meu livro: **L'Homme et les Sociétés**, publicado há 20 anos. Em uma semana eu vi recusar, por casas diferentes, a entrega de instrumentos que representam um total de mais de 500 francos, pela única razão de que essas entregas demandariam um pequeno desarranjo para os vendedores. No primeiro pedido tratava-se de uma certa lâmpada elétrica. Antes de adquiri-la eu escrevi ao comerciante para lhe perguntar se ele consentiria em fazê-la funcionar diante de mim. Não obtendo a resposta, eu perguntei, através de um de meus amigos, a causa de seu silêncio. "Seria um incômodo muito grande vender em tais condições", foi a resposta. O segundo pedido tratava-se de um grande aparelho ao qual eu desejava acrescentar um nível de água a uma parte metálica. O comerciante, diretor de uma das principais empresas de Paris, não tinha trabalhador capaz de executar esse trabalho. O terceiro tratava-se de um galvanômetro, no qual eu queria que fossem colocados dois bornes suplementares. Um trabalho que demandaria ¼ de hora. O fabricante tinha os trabalhadores necessários à mão. Ele me respondeu: "Meu sócio não ficaria contente se eu deslocasse o pessoal para um pedido cujo preço não chegava a 200 francos".

Bem diferentes são os procedimentos dos industriais alemães. Tendo necessidade __ e com pouco tempo após os inconve-

nientes que contei __ de uma pequena quantidade de cobalto laminado (metal que não é muito raro) eu escrevi aos principais estabelecimentos de produtos químicos de Paris. Diante da pouca importância do pedido, eles nem se deram ao trabalho de responder. Um apenas o fez para me dizer que, talvez, procurasse o produto pedido em algumas semanas. Tendo esperado 3 meses e com absoluta necessidade desse metal, eu me dirigi a um estabelecimento de Berlim. Mesmo se tratando de um pedido de alguns francos eu obtive a resposta pelo correio e o metal, laminado nas dimensões pedidas, estava entregue ao fim de uma semana.

É sempre assim quando se dirige aos estabelecimentos alemães. O mais insignificante pedido é recebido com reconhecimento e todas as modificações pedidas pelo comprador são executadas rapidamente. Por isso as empresas alemãs se multiplicam todos os dias em Paris e o público é forçado a se dirigir a elas, apesar das repugnâncias patrióticas. Começa-se com compras insignificantes e logo vão além. Eu poderia citar vários grandes estabelecimentos científicos oficiais que, depois de incômodos semelhantes àqueles que eu mesmo experimentei, chegam a fazer quase exclusivamente seus pedidos na Alemanha.

A incapacidade comercial dos latinos se constata infelizmente em todos os ramos da indústria, quaisquer que elas sejam. Compare-se, por exemplo, os hotéis da Suíça, tão atraentes para o

estrangeiro, aos miseráveis e maltrapilhos albergues que se encontram nos lugares mais pitorescos da França e da Espanha. Não se admira que esses lugares sejam tão pouco visitados. Segundo as estatísticas oficiais, os hotéis suíços têm uma receita anual de 115 milhões, deixando a seus proprietários 31 milhões de lucro. Soma realmente imensa para um pequeno país, cujo orçamento das receitas mal chega a 80 milhões. Os hotéis constituem para a Suíça uma verdadeira mina de ouro que pode rivalizar com as mais ricas da África.

Pergunta o Sr. Georges Michel, que cita números no Économiste **Français**:

> *Quanto tempo será preciso para que nossas colônias, que receberam de nós tantas centenas de milhões, nos devolvam a centésima parte do que a Suíça, que não tem colônias, nem minas de ouro ou de prata para explorar, sabe retirar do estrangeiro?*

Hoje em dia não se para de dar aos jovens franceses o conselho de ir colonizar os países estrangeiros. Não seria mais sábio e muito mais produtivo aconselhá-los a tratar primeiro de colonizar seu próprio país? Pois, se não sabemos utilizar as riquezas naturais que temos à mão, como podemos pretender suplantar as dificuldades muito maiores que encontraríamos nos países distantes?

Quanto à nossa grande indústria, seu estado é totalmente lamentável quando a comparamos com a dos ingleses e sobretudo

com a dos alemães. Em 1897, a produção de ferro na França era de 2.472.000 toneladas. A Alemanha, que produzia 1.430.000 toneladas em 1872, produzia __ graças ao desenvolvimento de seu parque industrial __ 6.889.000 toneladas em 1897. Tendo conseguido com a Rússia um tratado de comércio que nos foi recusado, ela lhe vendeu, em 1897, 2.600.000 toneladas, pagas naturalmente com o dinheiro emprestado por nós a esse país ao qual, graças às taxas proibitivas que fecham seu território às nossas mercadorias, não vendemos nada.

Escreve o Sr. Félix Martin, após ter reproduzido os algarismos acima:

> *Porque se chegou a essa situação? É preciso buscar a causa principal em nosso sistema aduaneiro, que reserva a produção francesa para o mercado interno mas que torna a exportação quase impossível. Embalados por uma falsa segurança, nossos industriais não fazem nada para melhorar sua produção. Eles são hoje em dia incapazes de lutar fora da França com as nações que, estimuladas pela concorrência, não param de buscar todos os aperfeiçoamentos. Também nossa exportação metalúrgica está em vias de desaparecer.*

Não maldigamos muito o regime aduaneiro protetor. Se ele é um absurdo econômico ele também é, talvez, uma necessidade psicológica para certos povos cuja falta de maquinaria e energia fraca os tornam incapazes de lutar contra seus concorrentes. Sem a

proteção das taxas alfandegárias provavelmente não se fabricaria mais nem uma tonelada de ferro na França.

O que se diz sobre o ferro infelizmente poderia ser repetido nos mesmos termos para muitas outras indústrias, como a da hulha e do açúcar, por exemplo. “A Alemanha, que extraia menos hulha que a França há 25 anos, nos oferece hoje uma produção quase quatro vezes maior que a nossa”.

Escreve o autor citado acima:

> *Em 10 anos, a França viu sua exportação de açúcar cair de 200 milhões a 60. Ela não produz mais do que 700.000 toneladas por ano, inferior à da Rússia e à da Áustria-Hungria, que ela ultrapassava em outros tempos. A indústria açucareira alemã, que nasceu ontem, jogou no mercado em 1896, 1.835.000 toneladas.*

Aqui, mais uma vez, sem as sobretaxas de proteção, que impedem a invasão dos produtos estrangeiros, a indústria do açúcar desapareceria totalmente da França. Essas sobretaxas de proteção não bastam para fazê-la sobreviver. O Estado foi obrigado a conceder, para os fabricantes, subsídios tão grandes que o orçamento, não podendo mais suportá-los, teve que suprimi-los recentemente.

A indústria dos produtos químicos seguiu a mesma decadência, mas ao menos não tem custo para o Estado. Ele não tem que mantê-la pelo único motivo de que ela não produz mais quase nada. A maior parte dos produtos químicos e farmacêuticos con-

sumidos na França vem agora da Alemanha. “Sua exportação, que era nula há 25 anos, ultrapassa hoje 50 milhões”.

Escreve o autor citado acima:

> *Todos os observadores constatam hoje em dia o estado doentio que vemos mergulhados nossos maiores centros industriais.*
>
> *É de Lion que ouvimos, pela voz de sua Câmara de Comércio, um grito de alarme com a aproximação do desemprego ameaçador. A concorrência da Suíça, da Itália, até da Rússia, ameaça gravemente a indústria lionesa. O que acontecerá quando ela sofrer os efeitos do tratado de comércio franco-japonês que o Parlamento acaba de votar tão impensadamente?*
>
> *Em Marselha, cujo porto, insuficientemente servido pela única via férrea que a liga ao centro da França, privada de comunicações com a grande via fluvial do Ródano, arruinada pelo excesso de taxas marítimas, formalidades aduaneiras, monopólios de todo tipo (docas, companhias de navegação privilegiadas), chega-se a precisar de barcos para as necessidades de suas indústrias locais.*
>
> *Em Rouen, o preço do algodão se avilta, o porto perece, o valor da mão-de-obra abaixou tanto que a confecção de uma camisa de homem caiu a quinze centavos.*
>
> *Em Bordeaux, o porto, salgado, está em pleno declínio e os belos hotéis do século XVIII, últimas testemunhas de sua prosperidade comercial, estão hoje em dia vazios e dilapidados, fazendo lembrar os palácios de Veneza habitados por miseráveis.*
>
> *Em Roubaix, próspera durante muito tempo, pois graças à perfeição de seu parque industrial conseguiu afastar todos seus rivais na indústria da lã __ Reims, Se-*

> *dan, Elboeuf __ se vê, por seu turno, afastada pela indústria alemã, desenvolvida a um tal grau nos últimos 15 anos, que suas compras de matéria prima em Londres aumentaram em 135 %, enquanto que as nossas cresceram, com muito custo, em 15% no mesmo período.*

Acrescentemos ainda, a todas as causas de nossa decadência industrial, o desenvolvimento que os povos estrangeiros souberam dar às grandes vias comerciais. A abertura de Saint-Gothard que assegura a comunicação direta de Suez para Gênova e Milão com Berlim e a Europa central, desferiu um golpe fatal à Marselha e avalia-se em 600 milhões a perda que essa linha proporcionou, em 14 anos, à França. Por contragolpe a tonelagem de Gênes decuplicou. Quando a transiberiana, construída com nosso dinheiro e que colocará Londres a 13 dias do Japão, funcionar regularmente, o golpe desferido ao nosso comércio será igualmente considerável.

Não foi apenas o desenvolvimento das grandes rotas comerciais internacionais que nos custaram tão caro. São também as rotas interiores de um país que contribuem para sua riqueza. Roterdã, Antuérpia, Hamburgo, devem uma parte de sua prosperidade aos rios que as ligam a numerosas cidades situadas no interior do país. Se Marselha, situada na foz do Ródano, pudesse ser ligada ao rio por um canal, como foi proposto tantas vezes, sua prosperidade poderia, talvez, renascer um pouco. Os alemães multiplicam sem parar seus canais, aperfeiçoando a navegabilidade de

seus rios. Esses trabalhos lhes custaram mais de um bilhão, em 25 anos.

Ao lado desse desenvolvimento das vias navegáveis da Alemanha, seria triste falar do estado da navegação interior da França. O que se vê, com efeito?

> *O Loire,*[40] *completamente abandonado e de onde toda navegação desapareceu. O Sena está obstruído a jusante de Paris pela lama e as imundícies que se deixa acumular em seu leito. O Ródano, um pouco mais navegável, mas sem comunicação com o porto de Marselha, ostenta raros e antigos barcos contemporâneos de Papin. Canais que, fora alguns do norte ou do leste, remontam a Luís XIV e não sofreram melhorias há séculos...*

Tudo isso é bem conhecido, mas a indiferença por essas questões é tanta que não se acha mais ninguém que se ocupe delas. Parece que não somos mais capazes de dar prova de um mínimo de energia quando se trata de discussões políticas. Para o resto, estamos satisfeitos se conseguimos ganhar modestas somas sem preocupação, sem riscos e sem trabalho.

Escreve um dos autores citados acima:

> *Os franceses são felizes se vivem com um pequeno ganho honesto e, certamente, sem risco e se conseguem, ano após ano, colocar os dois objetivos juntos, como o*

[40] Em 1802, a navegação no Loire representava um total de 402.500 toneladas. Não chega hoje a 30.000 toneladas.

sapateiro de La Fontaine. Mas eles acabarão por não mais conseguir juntá-los, as duas pontas de seu pequeno cordão muito honesto. Eles precisam embolsar uma pequena soma, imediatamente.

E quando ela está no bolso, esse humilde lucro de lá não sairá mais para se expor a novas aventuras. Sobretudo se livrará de renovar a maquinaria e o parque industrial. Não me fale mais de reforma! Faremos assim que pudermos, mas não podemos sempre. E eis que as pessoas mais competentes, as mais moderadas em seus julgamentos, nos dizem que estamos no limite, ou quase.

Estamos realmente. Vivemos na sombra do passado, ou melhor, na sombra de uma sombra e a decadência se acentua com uma rapidez que espanta todos os estatísticos. Nossas exportações, que há 20 anos eram muito superiores às da Alemanha, agora são muito inferiores. Como já se disse justamente, nossas perdas comerciais são tais que nós repagamos, a cada três ou quatro anos, a compensação de guerra que pensávamos ter que pagar de uma só vez.

O que salva de um aniquilamento completo nosso comércio exterior é o monopólio de certos produtos naturais, tais como os vinhos de qualidade superior, que quase só nós possuímos e a exportação de alguns artigos de luxo __ moda, sedas, flores artificiais, perfumaria, joalheria etc. __ onde nossa habilidade artística ainda não foi atingida, por enquanto. Mas sobre todo o resto a queda é rápida.

Nossa marinha mercante seguiu naturalmente essa decadência. Ela permanece estacionada, enquanto todas as nações aumentam a sua em enormes proporções. A Alemanha quase dobrou a sua em dez anos. A Inglaterra aumentou a sua em um terço. Nós caímos progressivamente dos primeiros lugares aos últimos. Enquanto que a tonelagem do porto de Hamburgo decuplicou em 25 anos, a decadência dos portos do Havre e de Marselha se acentua de ano para ano. São estrangeiros que comerciam por nossa conta em nosso próprio território. Das 16 milhões de toneladas que representam o movimento marítimo anual entre os países de além-mar e a França, 4 milhões de toneladas são transportadas por barcos franceses. O resto, ou seja, ¾, são por embarcações estrangeiras. E, no entanto, essas embarcações estrangeiras não recebem nada dos 11 milhões em subsídios que o governou destina anualmente à nossa marinha comercial para salvá-la de uma ruína total, que sua incúria e sua incapacidade tornam inevitável.

Os estaleiros alemães, mesmo não parando de crescer em número e importância, não conseguem atender os pedidos e, no entanto, eles produzem anualmente mais de 165.000 toneladas, enquanto que nós chegamos com muito custo a 40.000.

Nossos estaleiros só vivem, aliás, para atender os pedidos do Estado. Ninguém, além dele, sonharia em lhes dar algum pedido, porque, em virtude de seu maquinário ultrapassado, de seu pessoal

mecanicista e burocrático, seus preços de venda são 50% a 60% superiores aos preços ingleses e alemães. E, apesar desses preços tão elevados, nossos armadores levam, para construir seus navios, quatro vezes mais tempo que os ingleses e duas vezes mais tempo que os alemães!

Eles custam espantosamente caros ao Estado, os raros barcos que nós construímos. Sem os subsídios dados aos armadores eles não construiriam, sem dúvida, mais nenhum. Durante a expedição a Madagascar, foi preciso alugar barcos ingleses para transportar nosso material. O Estado faz o que pode para prestigiar nossa marinha, mas como mudar a alma de nossos industriais?

De acordo com os números fornecidos à Câmara dos Deputados pelo Ministro do Comércio na sessão de 29 de outubro de 1901, os subsídios pagos pelo Estado chegam, para alguns veleiros, a 75.000 francos por ano, o que dá, para um capital de 500.000 francos, um dividendo de 31%. Eis alguns extratos do discurso do mesmo ministro:

> *Os trabalhos da comissão extraparlamentar de 1896 permitiram reconhecer o quanto é profundo o mal que atinge nossa marinha mercante. Todos os depoimentos constataram que nossa frota mercante era muito inferior à das nações vizinhas e que a França não utiliza as vantagens enormes que parece lhe assegurar sua situação geográfica.*

Nossa marinha mercante foi, nos últimos anos, de pouca utilidade para nosso comércio. E os números mostram que em 1900 a parcela do pavilhão francês no movimento de nossos portos foi de 20% apenas, enquanto que a dos pavilhões estrangeiros foi de 80%. O resultado é calculado pela diretoria de alfândega.

Nossa marinha mercante deixou se perder quase 5 bilhões por causa de seu material limitado e nosso comércio paga 370 milhões por ano, quase um milhão por dia, às marinhas mercantes estrangeiras.

*(**Le Temps**, de 30 de outubro de 1901)*

Podemos ao menos nos compensar comerciando com nossas colônias. Infelizmente não! Elas se recusam a aceitar nossos produtos, preferindo os artigos ingleses e alemães. Essas colônias, que nos custaram centenas de milhões para conquistar, só servem de mercado para as casas de Londres, Bremen, Hamburgo, Berlim etc. Jamais nossos comerciantes chegaram a entender que um árabe, um chinês, um canaque, um negro podem ter gostos diferentes de um francês. Essa impotência em representar ideias diferentes das suas é, como já dissemos, totalmente característica dos latinos.

Mesmo com as colônias que estão a nossas portas nós não conseguimos fazer comércio. Um jornal publicou recentemente as seguintes reflexões sobre o comércio da França com a Regência de Túnis:

O açúcar vem da Inglaterra, da Áustria e da Alemanha. O álcool, da Áustria. Os fios de algodão, em

grande parte, da Inglaterra e, numa parte menor, da Áustria. Os tecidos de algodão, de linho, de cânhamo, de lã, da Inglaterra. Os tecidos de seda vêm da Índia e da Alemanha. A camisaria, da Áustria e da Inglaterra. As madeiras, da América. A vela, da Inglaterra e da Holanda. Os papeis são de origem inglesa e austríaca. A cutelaria vem da Inglaterra, a vidraria, da Áustria. As garrafas, da Inglaterra. A relojoaria, da Suíça ou da Alemanha. Os bibelôs, da Alemanha. Os produtos químicos, da Inglaterra. Os petrolíferos, da Rússia.

E da França? Vem soldados e funcionários, sempre.

E, no entanto, elas nos custam horrivelmente caras em homens e em dinheiro, nossas muito inúteis colônias. Em seu relatório para o orçamento de 1897, um deputado, o Sr. Siegfried, destacou justamente que todas as colônias inglesas, com uma superfície de 38.414.000 quilômetros quadrados e 393 milhões de habitantes, só custavam à metrópole 62 milhões, enquanto que as nossas, com menos de 7 milhões de quilômetros quadrados e 32 milhões de habitantes, nos custam muito mais.[41]

[41] De acordo com o orçamento publicado pelo Diário Oficial de 26 de fevereiro de 1901, as despesas militares coloniais e as ligadas a elas chegam agora a 91 milhões, sem a Argélia, que, administrativamente, não é considerada como uma colônia. Madagascar custa mais de 29 milhões por ano. A Indochina, a mesma cifra. Nesses números não estão compreendidas as subvenções que distribuímos generosamente a nossas diversas colônias e que, aliás, não demonstram nenhuma gratidão. 840.000 francos à Guadalupe, 618.000 à Martinica, 440.000 francos à Reunião, 455.000 francos a nossos vilarejos da Índia etc. etc. A despesa real das colônias chega a 111 milhões. Nós não as exploramos. Elas é que nos exploram e muito. Nada é mais difícil para uma nação pouco povoada do que

Bem entendido que, não é pela glória de possuir colônias que os ingleses gastam 62 milhões com elas. Esses 62 milhões são apenas um adiantamento, muitas vezes reembolsados pelo comércio que fazem essas colônias com a metrópole. Os únicos produtos que os latinos exportaram até aqui para suas colônias são enormes batalhões de funcionários públicos e alguns artigos de luxo em quantidade insignificante, consumidos quase unicamente por esses mesmos funcionários. O orçamento definitivo de nossas colônias é muito límpido. Elas nos custam 110 milhões por ano e nos rendem em torno de 7 milhões. É uma operação totalmente lamentável, acompanhada com grande estupefação pelos povos que nos veem persistir em praticá-la.

A todas as causas de nossa decadência comercial, é preciso, infelizmente, acrescentar ainda os processos pouco escrupulosos de muitos de nossos comerciantes. Processos que só conhecem

---

ser ao mesmo tempo uma grande potência militar e uma grande potência colonial. Ela pode ser uma ou outra, mas jamais uma e outra. Nossas colônias são a causa de estarmos a mercê da potência que possua uma marinha superior a nossa. Viu-se isso, bem claramente, a propósito do caso de Fachoda. Nosso domínio colonial só nos causa enfraquecimento e perigos temíveis e imprevistos. E mais, nossos processos administrativos latinos exasperam os nativos, que estão sempre prontos para se revoltar. Para manter, com muito custo, a paz na Argélia, cuja população árabe é, no entanto, tão escassa, somos obrigados a manter tropas tão numerosas quanto o exército europeu que os ingleses utilizam para manter, numa tranquilidade profunda, 250 milhões de hindus, entre os quais 50 milhões de muçulmanos tão temíveis quanto aqueles da Argélia e que se lembram sempre que a Índia conquistada outrora por eles, ainda lhes pertencia no fim do século XVIII.

aqueles que viajaram para o estrangeiro. Eu me lembro que, quando estava na Índia, eu fiquei espantado ao ver, em todas as garrafas de bordô e de conhaque, uma pequena etiqueta inglesa indicando que a garrafa havia sido enchida por uma casa de Londres que garantia a pureza do produto. Tendo me informado, eu soube que as grandes casas de Bordeaux e de Cognac tinham vendido, durante muito tempo, produtos de qualidade tão inferior para os comerciantes ingleses estabelecidos no exterior, que esses últimos tinham desistido de se dirigir diretamente a elas, preferindo passar pela intermediação de casas inglesas que compravam os produtos em lugar deles. Esse fato não espanta as pessoas que conhecem o valor dos objetos que nossos negociantes qualificam de "produto de exportação".

Essa queda da qualidade dos produtos não se observa apenas naqueles destinados ao estrangeiro, mas atinge cada vez mais aqueles que vendemos entre nós e explica o sucesso arrasador da concorrência estrangeira. Tomemos um artigo bem definido, por exemplo, as objetivas fotográficas, que hoje em dia são um produto de grande comércio. Um fotógrafo qualquer lhe dirá que a objetiva inglesa e sobretudo a alemã, mesmo custando 3 ou 4 vezes mais cara, fez desaparecer quase inteiramente do mercado a objetiva francesa. A que se deve o sucesso dessa concorrência? Simplesmente a isso: todas as objetivas estrangeiras de grande marca

são boas e as nossas só o são excepcionalmente. O fabricante estrangeiro, compreendendo que é de seu interesse não depreciar sua marca, só coloca no mercado objetivas vencedoras. O fabricante francês não chegou ainda a essa concepção. Tudo o que ele fabricou, bom ou mau, ele precisa escoar. Finalmente ele não escoa mais nada.[42]

A mesma observação serve para uma infinidade de produtos. Por exemplo, as placas fotográficas. Pegue as melhores marcas francesas e em cada caixa você encontrará infalivelmente uma ou duas placas ruins, providas com emulsões ruins e que o fabricante francês colocou nas caixas boas, não podendo aceitar descartá-las. Nada parecido com as placas estrangeiras. O fabricante inglês ou alemão talvez não seja mais honesto do que o fabricante francês, mas ele defende muito mais inteligentemente seus interesses. A conclusão inevitável é que, em poucos anos, apesar de todas as sobretaxas protetoras imagináveis, apesar de toda propaganda de nossos fabricantes e pela simples força das coisas, a placa fotográfica estrangeira substituirá a placa francesa, exatamente como aconteceu com a objetiva fotográfica.

[42] Num catálogo das lojas do Louvre, de artigos para viagem, publicado em junho de 1898, em quatro categorias de objetivas fotográficas postas a venda, três são indicadas como sendo de fabricação alemã, uma só qualidade de objetiva de marca francesa é posta à venda ao comprador e que ainda só se aplica a um aparelho de boa vendagem. A objetiva francesa é quase invendável hoje em dia, enquanto que, há trinta anos, era a objetiva alemã que era invendável.

O relaxamento da probidade de nossos comerciantes constitui um sintoma muito grave e que, infelizmente, se observa em todas as indústrias e que só faz progredir. É em vão que se acumulam regulamentos para por um freio à fraude em todos os ramos do comércio. Em Paris, por exemplo, a polícia quase desistiu de apanhar os combustíveis vendidos em sacos com pesos pretensamente garantidos. Invariavelmente o peso é inferior em 25% àquele indicado e os tribunais não dariam conta em condenar tudo.

Num desses casos, numa carga de 25.000 quilos de carvão, faltava ¼ do peso. Os empregados do grande industrial que se dedicava a essa operação reconheceram que ela era praticada diariamente. Em casos análogos foi constatado que o patrão roubava um quarto da mercadoria a entregar e o transportador um outro quarto.

E, infelizmente, essa tendência é cada vez mais generalizada, mesmo no comércio praticado por pessoas instruídas. Num relatório escrito para o **Officiel**, de 23 de dezembro de 1897, que resumia as análises feitas pelo laboratório municipal durante 3 anos, em produtos vendidos nas farmácias, o relator destacou que “o número de preparações ou de produtos isentos de qualquer reprovação não chega a um terço”.

§3. Causas da superioridade comercial e industrial dos alemães.

A superioridade industrial e comercial dos ingleses e, sobretudo, dos alemães, já foi suficientemente demonstrada e seria pueril querer negá-la hoje em dia. Os alemães sabem perfeitamente, aliás, a que ponto chegaram. Eis o que diz um de seus escritores numa publicação recente:

> *...Agora nós exportamos para Paris os artigos de Paris! Como os tempos e os papeis mudaram!*
>
> *...A França precisa de italianos para os aterros, os trabalhos pesados e pouco remunerados. Precisa de alemães, belgas, suíços, para a indústria, o banco e o comércio em geral...*
>
> *Chega a dezenas de milhares os trabalhadores franceses sem trabalho. E, no entanto, é muito significativo que o alemão que chega a Paris não fica muito tempo de braços cruzados. Todos que vimos partir para a França encontraram emprego, sem que possamos citar uma só exceção!*
>
> *Entre nossos vizinhos, enviar um filho ao estrangeiro é o supremo luxo. Apenas algumas famílias ricas o permitem. Quantos empregados franceses você encontrará entre nós? Na Inglaterra? Quantos sem outro meio de existência que seu salário? Para a Alemanha a conta é rapidamente feita, há, se muito, uma dezena.*
>
> *A cada ano a França cede o passo para uma ou outra nação, em tal ou tal artigo. Do terceiro lugar ela passa para o quarto, do quarto ao quinto, sem jamais retomar o terreno perdido. O quadro das diferentes exportações do mundo inteiro, durante os dez últimos anos,*

apresenta um aspecto impressionante. Parece uma corrida na qual a França, exausta e mal equipada, se deixa pouco a pouco ultrapassar por todos os concorrentes.

...Quando uma nação em crescimento dá uma cotovelada numa outra enfraquecida isso produz um centro de depressão e se forma uma corrente de ar, vulgarmente chamada de invasão. Fenômeno durante o qual o Código Civil é posto de lado. Cabe às nações enfraquecidas se proteger dos cotovelos.[43]

Fazendo alusão ao autor que reproduzi algumas passagens, o Sr. Arthur Maillet diz o seguinte:

Este alemão escreveu frases que assombram meu espírito sem parar. Ele previu que a França se tornaria um tipo de colônia que seria administrada por funcionários franceses e valorizada por industriais, comerciantes e agricultores alemães, ajudados por uma mão-de-obra igualmente imigrante. A primeira vez que eu li essa previsão, há 3 ou 4 anos, ela me pareceu ser uma simples injúria. Mas, examinando com cuidado, eu pude constatar que ela já se realizou em mais de ¾. Duvida? Então pergunte àqueles que tem experiência nessas coisas no que se tornaria a indústria e o comércio franceses se, de repente, todos os estrangeiros fossem obrigados a sair da França. Quantas são elas, as novas empresas das quais eles são os promotores e detém todos os recursos?

[43] Nossos jovens "intelectuais" fariam bem em meditar seriamente sobre as últimas linhas dessa citação. Com um pouco mais de intelectualidade, eles acabariam por entender que não podem conservar a faculdade de cultivar em paz o Eu que lhes é tão caro, desprezando um pouco menos sua pátria e respeitando muito mais o exército que pode, apenas ele, defendê-la. Como escreveu o grande Fréderic: "É sob a proteção da arte militar que todas as outras artes florescem... O Estado se sustenta sobre as armas que o protegem".

Tentemos nos dar conta das causas que deram aos alemães uma tal superioridade industrial e comercial em menos de trinta anos.

Eliminaremos logo no início essa razão tão frequentemente repetida que é o prestígio de suas vitórias que facilita seu comércio. Esse prestígio não serve absolutamente para nada. Ele é apenas a evidência, com efeito, de que o comprador se beneficia unicamente da mercadoria que lhe é entregue e, de maneira alguma, da nacionalidade daquele que a vende. O comércio é coisa individual e não nacional. Todos os povos podem livremente comerciar nas colônias inglesas e se os nativos preferiram, durante muito tempo, as mercadorias inglesas, foi simplesmente porque elas tinham melhor preço e caíam melhor ao seu gosto. Se eles agora começam a preferir as mercadorias alemãs, é, evidentemente, porque elas lhe parecem mais vantajosas. Se o comércio alemão invade cada vem mais o mundo, não é porque os alemães têm um exército poderoso. É simplesmente porque os clientes preferem as mercadorias alemãs. Os sucessos militares não têm nada a ver com essa preferência. Tudo o que se poderia dizer a favor da influência do regime militar alemão é que o jovem que passou por ele adquire qualidades de ordem, de regularidade, de devoção, de disciplina, que lhe serão muito úteis mais tarde no comércio.

Eliminando essa primeira causa de influência da superioridade militar, é preciso buscar outras.

Em primeiro lugar aparecem, como sempre, qualidades da cultura. Mas, antes de insistir nela, devemos observar que a potência dos alemães não se compõe apenas de sua própria força, mas também de nossa fraqueza.

Estudando os conceitos formadores da alma latina, nós demonstramos as causas dessa fraqueza. Nossos leitores sabem como as aptidões dos povos latinos foram criadas pelo seu passado e a que ponto esses povos sofrem, hoje em dia, os efeitos desse passado. Eles sabem da influência de nossa centralização secular, da absorção progressiva pelo Estado, destruidora de todas as iniciativas individuais e que tornou os cidadãos incapazes de conseguir as coisas por eles mesmos quando são privados de direção. Eles conhecem também o terrível efeito de um sistema de educação que retira da juventude os vestígios de iniciativa e de vontade que a hereditariedade lhes deixou e a lança na vida sem outros conhecimentos que não sejam palavras e distorce seu raciocínio para sempre.

E, para mostrar que a força dos alemães é, em grande parte, formada pela nossa própria fraqueza, bastará mostrar que são nossos industriais e nossos comerciantes que, em vez de lutar contra eles, são precisamente os propagadores na França de seus produ-

tos. Esses fatos escapam à estatística, mas eles revelam um estado de espírito que eu creio ser muito mais grave ainda do que a apatia, a disposição detalhista e desconfiada, a falta de iniciativa, que todos nossos cônsules atribuem a nossos industriais e a nossos comerciantes. Não apenas eles renunciam cada vez mais a todo esforço e a toda ideia de luta, mas eles chegam a fornecer armas a nossos rivais, vendendo cada vez mais exclusivamente os produtos desses rivais.

Em muitas indústrias, nossos antigos fabricantes se tornaram simples representantes, se limitando a revender com um grande lucro, após ter posto seu nome, o artigo que eles buscaram na Alemanha. Foi assim que, em menos de vinte anos, indústrias onde a França brilhava em primeiro lugar, tais como a dos aparelhos fotográficos, dos produtos químicos, dos instrumentos de precisão e mesmo de artigos ditos de Paris, passaram quase inteiramente às mãos estrangeiras. Eu poderia citar empresas muito antigas, que davam empregos a muitos trabalhadores e que não empregam mais, hoje em dia. Fabricar em Paris o mais simples objeto de precisão se tornou de uma dificuldade considerável. A dificuldade será mesmo insuperável quando os antigos fabricantes, que ainda vivem, desaparecerem.

Evidentemente parece muito mais simples vender um artigo fabricado do que fabricá-lo. O que é menos simples, talvez, é prever as consequências dessa operação.

Elas são, no entanto, bem claras.

O fabricante alemão, que entregou ao seu concorrente parisiense um objeto que esse último não pode fabricar e com o qual consegue às vezes um lucro considerável, logo se dará conta que é muito mais vantajoso vender em Paris, diretamente ao público, o mesmo objeto, com sua própria marca.

Ele primeiro começa a vender a vários representantes com sua marca, o que coloca o francês na impossibilidade de vender o mesmo objeto com seu nome e suprime, no mesmo golpe, uma parte de seu lucro. Encorajado pelo sucesso, o industrial estrangeiro se decide rapidamente a abrir em Paris uma empresa de venda com sua própria marca.[44]

Não são, infelizmente, apenas as indústrias da fotografia, dos instrumentos de precisão, dos produtos químicos que passa-

[44] E frequentemente também uma fábrica. Existem atualmente em Paris 3 empresas alemãs que vendem objetivas. Uma delas instalou, em plena Paris, para fabricação dessas objetivas, uma fábrica que conta com 200 trabalhadores, todos vindos da Alemanha naturalmente e que mal dão conta para atender os pedidos dos clientes franceses. Quando nossos comerciantes e industriais afirmam sofrer com a concorrência estrangeira, não poderíamos lhes responder que é, sobretudo, de sua incompetência e de sua apatia que eles sofrem realmente? Paris será logo considerada pelos alemães como a mais produtiva de suas colônias.

ram a mãos estrangeiras. Os artigos ditos de Paris, vendidos pelas grandes lojas de confecção, são cada vez mais dos alemães. Os tecidos de roupas para homens vêm cada vez mais da Alemanha ou da Inglaterra e cada vez mais eles são vendidos por alfaiates estrangeiros, que abrem agora lojas em todos os pontos da capital. Quase todas as cervejarias, que substituíram nossos restaurantes, são comandadas por alemães. Os estrangeiros abrem, entre nós, livrarias, mercearias, lojas de objetos de arte, joalherias e começam agora a empreender o comércio de seda e de artigos de toalete para senhoras. Se na grande Exposição Universal de 1900, o júri fosse alertado para eliminar todos os artigos estrangeiros vendidos com uma marca francesa, nossa participação teria sido, talvez, bem reduzida.[45]

Seria demasiado severo jogar pedra em nossos industriais e atribuir exclusivamente à sua incompetência e à sua preguiça o que é também, em parte, a consequência de outras causas. É bem evidente, com efeito, que as exigências crescentes dos trabalhadores favorecidos pela benevolência dos poderes públicos e depois os impostos enormes que esmagam nossas indústrias contribuem, tanto quanto a imperfeição e a ineficiência de nosso parque indus-

[45] Em minha qualidade de membro do júri de admissão para os instrumentos de precisão, eu pensei em propor essa eliminação, mas desisti desse projeto, cuja realização provocaria muita contestação de parte dos expositores.

trial e a elevação de nossos preços de venda, para a impossibilidade de lutar contra nossos concorrentes. É bem explicável que o patrão, assediado e irritado, acabe por deixar de fabricar artigos que ele pode conseguir com preços de revenda inferiores. Ele fecha então suas fábricas e se limita ao papel de simples revendedor. Sem dúvida, se ele tivesse outras aptidões herdadas, ele faria como seus confrades ingleses ou americanos, que também se encontram em presença de exigências dos trabalhadores e da concorrência, mas que, graças a sua energia e ao aperfeiçoamento constante de sua maquinaria, lutam sem muita desvantagem contra os rivais alemães.

Infelizmente para nossos industriais, faltam-lhes todas as qualidades de caráter que asseguram a superioridade em tal luta. No fundo de todos os problemas sociais se encontra sempre essa questão dominante da CULTURA, reguladora suprema do destino dos povos. Todos os fatos que enumeramos neste capítulo são atuais, mas quão distantes estão suas causas!

O sistema de centralização ao qual estão, há algum tempo, submetidos os alemães, os conduzirá, talvez, um dia, eles também, como eu destaquei em outro lugar, ao ponto em que estamos hoje em dia. Mas, enquanto isso, eles se beneficiam das qualidades criadas pelo seu passado. Qualidades pouco brilhantes, mas sóli-

das e que se acham completamente de acordo com as novas necessidades criadas pela evolução das ciências, indústrias e comércio.

O que dissemos no parágrafo precedente a respeito de seus sucessos industriais e comerciais já faz pressentir as causas desses sucessos. Compreenderemos isso melhor ainda estudando suas qualidades nacionais e o partido que eles tiram disso.

As qualidades principais dos alemães são a paciência, a resistência, a perseverança, o hábito da observação e da reflexão e uma grande aptidão para a associação. Todas essas qualidades são muito bem desenvolvidas por uma maravilhosa educação técnica.[46]

Essas são as causas mais gerais e ao mesmo tempo as mais profundas de seu sucesso. Elas se traduzem industrialmente e comercialmente da maneira seguinte: aperfeiçoamento constante do parque industrial e dos produtos;[47] fabricação de mercadorias fei-

[46] Um industrial me falou recentemente do quão espantado ele ficou, ao visitar uma grande usina de eletricidade alemã, da quantidade de contramestres e de simples trabalhadores que ele ouviu ser chamado de "Sr. Doutor", "Sr. Engenheiro". Os alemães não sofrem, como nós, com a pletora de licenciados e de bacharéis sem emprego, porque sua educação técnica, sendo bem cuidada, eles encontram facilmente utilidade na indústria, enquanto que a educação puramente teórica dos latinos só os torna aptos a serem professores, magistrados, ou políticos.

[47] Citam-se certas fábricas alemãs que possuem até 80 químicos, alguns se dedicando a pesquisas teóricas que são replicadas em seguida por outros químicos que tratam de tirar dela uma aplicação industrial. Os industriais alemães estão à procura de todas as invenções novas e tratam logo de aperfeiçoá-las. Alguns dias após a publicação da invenção do telégrafo sem fio, uma empresa

tas ao gosto do cliente e modificadas sem cessar segundo suas observações; pontualidade extrema nas entregas; envio para o mundo inteiro de representantes inteligentes que conhecem a língua e os costumes dos diversos países e levando mercadorias. Várias associações comerciais fornecem sem parar para seus associados, por meio de numerosos agentes expedidos a todos os pontos do globo, as informações as mais precisas. O **Export Verein**, de Dresden, gastou de 1885 a 1895 quase 500.000 francos para enviar pesquisadores viajantes. A Société **Coloniale Allemande** possui um orçamento anual de 120.000 francos, fornecidos pelas cotizações de seus membros e tem 249 representantes no estrangeiro. O sindicato dos empregados do comércio, sediado em Hamburgo, tem 42.000 membros e coloca no mercado mil empregados por ano.

A maior parte das mercadorias destinadas à exportação saem pelo porto de Hamburgo, cujo comércio decuplicou desde 1871 e que ultrapassa hoje em dia Liverpool em tonelagens dos navios, enquanto Marselha e o Havre declinam de ano para ano. Lá se acham numerosos agentes de exportação que representam os interesses dos fabricantes e os colocam em relação com seus compra-

---

de Berlim fabricava o aparelho completo, inclusive o Morse, por 200 marcos. Eu tive o instrumento nas mãos e constatei que as muito grandes dificuldades de regulagem que apresenta seu relê foram admiravelmente suplantadas.

dores. Eles possuem em suas lojas amostras de todos os artigos e fazem os fabricantes modificar sem cessar sua forma e natureza, segundo as informações que recebem dos mais distantes pontos do globo.

Os resultados que todas essas associações obtém são consideráveis e rápidos. Num relatório de 1894, um cônsul americano, o Sr. Monagan, deu como exemplo os negócios realizados na Bósnia pela sucursal em Sofia, de uma das empresas que mencionei acima. Após ter editado com muito custo um almanaque búlgaro; enviado quase 200.000 cartas ou prospecto; gasto quase 100.000 francos com caixeiros-viajantes; ela obteve, já no primeiro ano, 10 milhões de pedidos e reduziu, no mesmo golpe, o comércio de todos seus concorrentes, em imensas proporções.

Não é sem dificuldade que se chega a tais resultados, mas o alemão não recua jamais diante da dificuldade. Ao contrário do industrial francês, ele estuda com o maior cuidado os gostos, os hábitos, os costumes, em uma palavra: a psicologia de seus clientes. E as informações que publicam anualmente as sociedades que já mencionei contém, a esse respeito, os documentos mais precisos. O Senhor Delines, resumindo um relatório do professor Yanjoul, mostrou com que minúcia os pesquisadores alemães estudam a psicologia dos povos com os quais os negociantes devem comerciar. Para os russos, por exemplo, indica-se seus gostos, a ne-

cessidade de beber chá com água antes de tratar de qualquer negócio, depois se examina os objetos que se pode lhes vender, especificando diante dos melhores: “venda absolutamente certa”. No livro **Export Hand-Adressbuch** que está nas mãos de todos os comerciantes alemães, encontra-se indicações características, como as seguintes:

> *Os chineses estão acostumados a preparar seu alimento em vasilhas de ferro com paredes muito finas. O arroz é rapidamente cozido, mas a caçarola se queima em pouco tempo e é preciso ser substituída frequentemente. Uma empresa inglesa, para desafiar toda a concorrência, expediu para a China um lote de panelas de ferro mais espessas, mais resistentes e que ela entregava a preços mais baixos. Os chineses se deixaram, a princípio, seduzir e as panelas de ferro foram retiradas do mercado em pouco tempo. O sucesso teve curta duração, pois a venda parou ao fim de poucos dias. A razão era lógica: o combustível custa muito caro na China. As caçarolas inglesas eram muito grossas, o arroz cozinhava mais lentamente e, em definitivo, elas acabavam com um custo muito mais elevado do que as antigas panelas de ferro, nas quais o arroz cozinhava rapidamente. Os chineses retornaram a seus antigos utensílios, de um uso muito mais econômico.*

Se entramos aqui em tais detalhes, é para mostrar bem quais são os elementos que compõem, hoje em dia, o sucesso dos povos. Vistos separadamente esses elementos parecem mínimos. É sua soma que faz sua importância e essa importância é imensa. A

mentalidade graças a qual um alemão se preocupa seriamente com o jeito com que um chinês cozinha seu arroz deve parecer desprezível a um latino, preocupado com grandes questões, como a revisão da constituição, a separação entre a Igreja e o Estado, a utilidade do ensino do grego etc. etc. etc.

É preciso, portanto, que os latinos se convençam que seu papel no mundo estará logo terminado e que eles desaparecerão totalmente da história se eles não se decidirem em abandonar suas inúteis discussões teóricas, sua vã e sentimental fraseologia, para se ocupar com essas pequenas questões práticas nas quais repousam, hoje em dia, a vida dos povos. Nenhum governo pode lhes dar o que lhes falta. É neles mesmos e não fora deles que devem procurar os apoios.

É possível supor que a aplicação das doutrinas socialistas remediarão o estado de coisas que assinalamos neste capítulo? É numa sociedade socialista, ainda mais burocratizada do que a nossa, que se desenvolveria esse espírito de iniciativa e essa energia tão necessários hoje em dia e que fazem tanta falta aos latinos? Quando o Estado coletivista dirigir tudo, fabricar tudo, os produtos serão melhores e menos caros, sua exportação mais fácil, a concorrência estrangeira menos temível?

Bastaria, na verdade, ignorar as leis gerais da indústria e do comércio para acreditar nisso. Se a decadência é tão profunda en-

tre os povos latinos é, pelo contrário, em grande parte porque o socialismo de Estado há muito tempo já fez imensos progressos entre eles e porque eles são incapazes de empreender qualquer coisa sem o apoio perpétuo do governo. Bastaria tornar a conquista socialista mais completa para acentuar ainda mais a decadência.

* * *

CAPÍTULO IV

As necessidades econômicas e o crescimento das populações.

§1. O desenvolvimento atual da população nos diversos países e suas causas.

Sumário

Os fenômenos sociais se apresentam sempre com a dupla característica de parecer muito simples e ser, na realidade, de uma complicação extrema. Os remédios para os males que sofremos parecem de um emprego muito fácil, mas logo que se decide aplicá-los, descobre-se que as necessidades invisíveis que nos cercam limitam estreitamente a esfera de nossa ação. A vida coletiva de um povo é um tecido formado de inumeráveis tramas. Não se pode tocar uma delas sem que a ação produzida repercuta logo sobre todas as outras.

É só tomando separadamente, um a um, todos os pequenos problemas que compõem o grande problema social que se vê aparecer a formidável complicação deste último e o quanto são quiméricos os remédios que as almas simples não param de propor a cada dia.

Vamos encontrar uma nova prova dessa complexidade dos problemas sociais examinando uma das questões mais estreitamente ligadas ao progresso do socialismo. Eu quero falar das rela-

ções existentes entre o desenvolvimento da população e as necessidades econômicas que vemos crescer cada dia.

Nós tentamos, nos últimos capítulos, colocar em evidência dois pontos fundamentais: o primeiro, que a evolução industrial e econômica do mundo reveste-se de um caráter completamente diferente daquele dos séculos passados; o segundo, que povos possuidores de aptidões especiais, de uma utilidade outrora fraca, devem, quando essas aptidões se tornam aplicáveis, se elevar a um nível superior.

A evolução industrial e econômica do mundo, cuja aurora só começamos a vislumbrar, coincidiu com circunstâncias diversas, que provocaram, na maior parte dos povos, um crescimento rápido de sua população.

Podemos dizer, em presença das necessidades econômicas atuais, que esse crescimento apresenta vantagens ou inconvenientes? Veremos que a resposta deve variar segundo o estado dos povos nos quais esse fenômeno se manifestou.

Quando um país apresenta uma grande superfície de território pouco povoada, como os Estados Unidos e a Rússia, ou como a Inglaterra, graças a suas colônias, o aumento da população apresenta, ao menos durante um certo tempo, vantagens evidentes. É o mesmo para países suficientemente povoados, que possuem poucas colônias e não tem nenhuma razão para enviar, para aquelas

que eles possuem, habitantes bem dotados para a agricultura e muito pouco para a indústria e o comércio exterior. Pensamos que nos parece o contrário, tais países agem muito sabiamente ao não procurar o crescimento de sua população. Dada a evolução econômica que descrevemos, essa abstenção é o único meio que possuem de evitar uma sombria miséria.

Esta não é, como se sabe, a opinião dos estatísticos.

Tendo constatado que a população da maior parte dos países da Europa progride muito rapidamente, enquanto que a da França permanece quase estacionada. Tendo constatado que tínhamos, em 1800, 33 nascimentos para cada 1.000 habitantes, 27 em 1840, 25 em 1880 e 22 em 1895, eles não param de encher os jornais e as sociedades de cientistas com suas lamentações. O Estado (sempre o Estado) deve se apressar em intervir. E é através de medidas extravagantes: imposto sobre os celibatários, subsídios para os pais de famílias numerosas etc. que eles propõem para remediar o que consideram como um desastre. E que nós consideramos, dada a situação de nosso país, como um benefício e, em todo caso, como uma necessidade resultante de causas contra as quais todas as medidas propostas têm um caráter de puerilidade e de ineficácia evidente.

Todos esses bravos estatísticos parecem acreditar que o número de crianças nas famílias pode ser fixado pelas fantasias de

um legislador. Eles não parecem duvidar que as famílias criam tantas crianças quantas podem e têm razões bem sérias para não criar mais.

O único inconveniente que os estatísticos puderam descobrir, aliás, nesse estado estacionário de nossa população é que os alemães, tendo muito mais crianças, terão logo, por consequência, muito mais soldados que nós e poderão então facilmente nos invadir. Considerando a questão sob esse estrito ponto de vista, pode-se dizer que esse perigo suspenso sob nossas cabeças é muito pequeno. Os alemães nos ameaçam muito mais pela sua indústria e seu comércio do que pelos seus canhões e não podemos esquecer que, no dia em que eles forem suficientemente numerosos para tentar contra nós, com sucesso, uma invasão guerreira, eles estariam ameaçados da mesma invasão, pelos 130 milhões de russos posicionados atrás deles. Pois os estatísticos admitem, por hipótese, que os povos mais numerosos devem necessariamente invadir os menos numerosos.

É muito provável que quando os alemães __ um povo cuja história não permite desconhecer as qualidades guerreiras __ puderem reunir multidões capazes de invadir um povo, a Europa acordará dessa ilusão de que o poder dos exércitos se mede pelo seu efetivo. A experiência deu provas, de acordo com as judiciosas previsões do general alemão Von der Golz, que essas hordas

de soldados semidisciplinados, sem educação militar real, sem resistência possível, que constituem os exércitos atuais, serão rapidamente destruídos por um pequeno exército de soldados profissionais aguerridos, como outrora os milhares de homens de Xerxes e de Dario foram aniquilados por um punhado de gregos disciplinados, treinados por todos os exercícios e por todas as fatigas.

Quando se examina as causas dessa diminuição progressiva de nossa população, vê-se que, por um lado ela é a consequência, quase invariável em todas as eras, do crescimento do espírito de previdência criado pela riqueza. Aqueles que a possuem, pensam em conservá-la e assegurar alguns recursos a seus descendentes, que eles limitam intencionalmente em número.

A essa razão determinante, cujos efeitos foram observados em todas as épocas e, particularmente, no apogeu da civilização romana, vieram se juntar causas particulares à era atual, cujas principais são: a evolução da indústria que, pelo aperfeiçoamento das máquinas, reduz o número de braços necessários e a ausência de espírito colonizador, que restringe o alcance de nossas oportunidades no exterior e nos deixa sobrecarregados internamente por um excedente de população.

Estes elementos não são particulares à França, pois eles são observados em países habitados por culturas bem diferentes. Os Estados Unidos podem ser certamente listados entre os países

mais prósperos e, no entanto, os estatísticos constatam, não sem espanto, a mesma diminuição no crescimento da população, como acontece na França. Sua taxa de natalidade geral atual está em 2,6%, ou seja, apenas um pouco superior à nossa. Em 10 estados dos Estados Unidos ela é mesmo inferior, pois varia entre 1,6 a 2,2%. Esses países não podem invocar nem a influência do serviço militar obrigatório, que não existe, nem a do álcool, cuja venda é proibida, nem as disposições legais, pois lá a liberdade é completa. Isso quer dizer que os pais só têm que restringir o número de seus filhos para evitar ter que dividir sua fortuna. Uma diminuição análoga da natalidade se observa igualmente na Austrália, onde ela caiu de 4 % há 20 anos a 3% hoje.

Todos esses fatos demonstram categoricamente a pobreza dos argumentos dos estatísticos para explicar o que eles chamam de perigo de nosso despovoamento.

A mesma diminuição do crescimento da população se observa quase em todo lugar, até nos países onde o crescimento se mostrou mais intenso durante um momento.

Na Alemanha, a natalidade, que era de 4,2% em 1875, foi progressivamente caindo até 3,6% vinte anos mais tarde. Na Inglaterra ela caiu de 3,5 a 2,9% durante o mesmo período. A perda é maior do que na França, pois nesse mesmo período sua natalidade caiu de 2,5 para 2,2%. Os dois povos perdem então gradual-

mente sua vantagem sobre nós e é bem provável que eles acabarão por perdê-la completamente.

§2. Consequências do crescimento ou da redução da população nos diversos países.

Vimos, pelo que precede, que a queda no progresso da população tende a se manifestar por toda parte e que não será pelo seu tamanho que nossos rivais nos ameaçarão brevemente.

Admitamos, no entanto, que o avanço que eles têm hoje em dia sobre nós eles não o percam e vejamos se a elevação do tamanho de sua população pode constituir um sério perigo para nós.

Pareceria realmente __ se ouvirmos as queixas desses estatísticos, bem qualificados pela **Économiste Français** de "jacobinos aturdidos" e que parecem ser de uma mentalidade bem estreita __ que é o número que faz a superioridade dos povos. Porém, uma olhada bem rápida lançada na história prova, pelo exemplo dos egípcios, dos gregos, dos romanos etc. que o número desempenhou em toda a antiguidade um papel bem pequeno. É preciso lembrar que, com 100.000 homens bem treinados, os gregos triunfaram sobre os milhões de Xerxes; que os romanos não tiveram mais do que 400.000 soldados espalhados sobre um império que, do oceano Atlântico ao Eufrates, tinha 1.000 milhas de comprimento por 500 de largura?

E sem remontar a essas longínquas épocas, podemos admitir que o número tenha desempenhado nos tempos modernos um papel mais considerável do que na antiguidade? Nada nos autoriza pensar assim. Sem falar dos chineses, que parecem bem pouco temíveis, sob o ponto de vista militar, apesar de seus 400 milhões de habitantes. Sabe-se que basta aos ingleses um exército de 65.000 homens para manter sob seu jugo 250 milhões de hindus e à Holanda um exército muito menor para dominar 40 milhões de súditos asiáticos. Até mesmo a Alemanha se acha seriamente ameaçada, porque às suas portas está um imenso império civilizado cuja população é três vezes superior a sua?

Deixemos de lado essas crenças pueris e lembremos que o que nos ameaça realmente é a capacidade industrial e comercial de nossos concorrentes e não seu número. As três fontes reais da potência de um país são a agricultura, a indústria e o comércio e não os exércitos.

Não é de se supor, felizmente, que todas as recriminações dos estatísticos tenham feito aumentar em um só indivíduo o número dos habitantes de nosso país.

Felicitemo-nos pela completa inutilidade de seu discurso. Suponhamos que um deus irritado venha fazer cair sobre a França a mais perigosa das calamidades. Qual delas ele poderia escolher? A cólera, a peste ou a guerra? Nenhuma delas, certamente, pois

são males efêmeros. Seria dobrar o número de nossa população. Isso seria, dadas as condições econômicas atuais do mundo, as disposições psicológicas e as necessidades dos franceses, um irremediável desastre. Veríamos, num curto espaço de tempo, sangrentas revoluções, uma miséria sem esperança e o triunfo certo do socialismo, seguido de guerras permanentes e de não menos permanentes invasões.

Mas porque, em outros países, como a Inglaterra e a Alemanha, o excesso da população não tem tais inconvenientes? Simplesmente, por um lado, porque esses países possuem colônias que recebem o excedente da população. E, por outro lado, porque a emigração, tão absolutamente antipática para os franceses, é considerada como coisa muito desejável, ou mesmo constituiria para eles uma necessidade completamente imperiosa.

É o gosto pela emigração e a possibilidade de satisfazê-lo que permitem a um povo aumentar notavelmente o número de sua população. Consequência, a princípio, de um excedente da população, a tendência a emigrar se torna causa, por sua vez e contribui para aumentar ainda mais esse excedente. O célebre explorador Stanley colocou muito bem esse ponto em evidência, numa carta publicada por um jornal, em resposta a uma questão que lhe foi dirigida. Ele destacou que é apenas no dia em que uma população

ultrapassa um certo algarismo por milha quadrada que a emigração começa.

A Grã-Bretanha tinha 130 habitantes por milha quadrada em 1801. Quando ela atingiu 224 habitantes por milha quadrada, ou seja, em 1841, ela começou um movimento de emigração que se acentuou rapidamente. Quando a Alemanha viu sua população atingir o mesmo algarismo de 224 por milha quadrada, ela precisou, por sua vez, procurar colônias.[48]

A Itália pode esperar mais tempo em razão da extrema sobriedade de seus habitantes, mas sua população acabou por atingir o número de 253 habitantes por milha quadrada e ela deve sofrer a lei comum e tratar de se abrir para o exterior. Ela não consegue ser vitoriosa nessa tentativa tão difícil para os latinos e gasta inutilmente 200 milhões na África, para só conseguir humilhantes perdas. Mas, sob pena de uma ruína inevitável, rumo à qual ela marcha a grandes passos, ela precisará recomeçar suas tentativas. O verdadeiro perigo que ameaça a Itália e a condena proximamen-

[48] Eu forneço os números em medidas inglesas, de acordo com Stanley. Eis qual é a população atual dos diversos países da Europa por quilômetro quadrado (segundo o Anuário do escritório de geografia, para 1898): Inglaterra, 117; Itália, 110; Alemanha, 99; França, 73; Espanha, 36.

te às revoluções e ao socialismo é que ela é muitíssimo povoada. Como em todo lugar, a miséria foi muito fecunda.[49]

A França, bem menos povoada, não tem nenhuma necessidade de emigração, destaca Stanley e é erradamente que ela gasta a força viva de seus jovens em Tonquim, em Madagascar, no Daomé (para onde só emigram funcionários de manutenção bem custosa), enquanto que ela possui, às suas portas, a Argélia e a Tunísia, sem conseguir povoá-las. [50]

Esses países não têm mais que 25 habitantes por milha quadrada e apenas uma pequena fração é constituída de franceses.

Stanley tem total razão e destacou bem o nó do problema. Suas conclusões são análogas àquelas indicadas anteriormente por um de seus compatriotas, Malthus. Este tinha demonstrado nitidamente que havia uma estreita relação entre a população de um país e seus meios de subsistência e que, quando o equilíbrio é

---

[49] A miséria é sempre fecunda porque ela é imprevidente. Podemos realmente ter em alto conceito de moralidade indivíduos que fazem filhos que não podem alimentar e ter por eles muita simpatia? Eu não acredito e estaria mais próximo da opinião de John Stuart Mill, que disse: "Não se pode esperar que a moralidade faça progressos enquanto não se considerar as famílias numerosas com o mesmo desprezo que a embriagues ou qualquer outro excesso corporal". Essa reflexão só se aplica, bem entendido, àqueles que sabem não ter condições de educar as crianças que põem no mundo.

[50] Conquistada há 70 anos, a Argélia, segundo o censo de 1901, contém, para uma população de 4.739.000 habitantes, 364.000 franceses de origem e 317.000 estrangeiros (dos quais 155.000 espanhóis e 57.000 judeus). Ela possui um pouco mais de 4 milhões de árabes. Esses últimos dobraram em menos de 50 anos.

rompido, a fome, a guerra e epidemias de todo tipo caem sobre o povo que se tornou muito numeroso e determinam uma mortalidade que restabelece prontamente o equilíbrio.

Os ingleses puderam verificar a correção dessa lei. Quando, após guerras numerosas e mortíferas para os vencidos, eles terminaram a conquista do grande império da Índia e curvaram 250 milhões de pessoas sob sua lei, eles tornaram impossíveis as lutas entre os diversos soberanos e estabeleceram na península uma paz profunda. Os resultados foram rápidos. A população aumentou em imensas proporções (33 milhões de 1881 a 1891) e ela não foi mais rápida por causa dos meios de subsistência. Não podendo se reduzir pelas guerras, pois essas guerras estão proibidas, ela tende a se reduzir segundo a velha lei de Malthus, pela fome periódica, que mata vários milhões de pessoas e por epidemias quase tão desastrosas. Os ingleses, que nada podem contra as leis naturais, assistem filosoficamente a essas hecatombes, que destroem tantas pessoas quanto as guerras todas de Napoleão.

Como se trata de orientais, a Europa permanece indiferente a esse espetáculo. Ele merece ao menos um pouco de atenção a título de demonstração, aguardando o que lhe fornecerá brevemente a Itália. Os estatísticos poderiam tomar isso como lição para o erro de pregar a multiplicação de certos povos, o que os

levaria assim para o caminho do desastre, se suas frases produzissem o efeito que eles esperam.

Poderíamos supor que, com a evolução econômica próxima que descrevemos, os povos muito numerosos retirarão, no futuro, do excesso de sua população, vantagens que não poderiam contar hoje em dia? É bem visível, ao contrário, que esse excedente lhes seria muito funesto e que, no futuro, a sorte mais feliz está reservada aos países menos populosos, ou seja, aqueles cuja população não ultrapassa o número de pessoas que pode alimentar os fundos de subsistência produzidos pelo próprio país. No capítulo dedicado à luta econômica entre o Oriente e o Ocidente, demonstramos que, logo em seguida ao desenvolvimento exagerado de sua população, a maior parte dos países da Europa, não podendo mais produzir o que alimentar sua população, eles ficaram reduzidos a comprar no Oriente seu enorme déficit alimentar anual. Esses alimentos eles pagaram até aqui com mercadorias fabricadas para os orientais. Mas, como esses orientais começaram a produzir as mesmas mercadorias, com preços de venda dez vezes menores do que as da Europa, o comércio entre o Oriente e o Ocidente tende a se restringir a cada dia.

Os povos que vivem apenas de seu comércio e de sua indústria, não de sua agricultura, serão proximamente os mais ameaçados. Aqueles que, como a França, sendo agrícolas, produzem qua-

se o bastante para o consumo de seus habitantes e podem, numa situação extrema, passar sem seu comércio exterior, estarão numa situação infinitamente melhor e sofrerão bem menos com a crise que ameaça cada vez mais a Europa e que precipitaria rapidamente o triunfo dos socialistas.

* * *

LIVRO V

O conflito entre as leis da evolução, as ideias democráticas e as aspirações socialistas.

_____

CAPÍTULO I

As leis da evolução, as ideias democráticas e as aspirações socialistas.

§1. As relações dos seres com seus meios.

Sumário

Os naturalistas provaram há muito tempo que a existência de todos os seres é rigorosamente condicionada pelos meios onde eles vivem e que uma modificação bem leve desses meios basta, com a simples condição de que ela seja prolongada, para transformar inteiramente seus habitantes.

O processo dessas transformações é, hoje em dia, perfeitamente conhecido. A embriologia dos seres, que repete a série das evoluções ancestrais, nos mostra as mudanças profundas acontecidas durante a sucessão das eras geológicas.

Para que essas transformações se produzam não é necessário que as variações dos meios sejam muito grandes. É preciso simplesmente que sua influência seja suficientemente prolongada. Uma variação muito grande ou muito rápida levaria à morte e não

à mudança. Uma queda ou uma elevação da temperatura de alguns graus, continuada durante várias gerações, basta para transformar inteiramente a fauna e a flora de uma região, através de lentas adaptações.

Num trabalho recente, o Sr. Quinton fornece um exemplo interessante das mudanças produzidas por simples variações de temperatura:

> *Em face do resfriamento do globo, os seres organizados tendem a manter artificialmente, em seus tecidos, a alta temperatura exterior primitiva. A importância dessa tendência é capital. Sabe-se que ela já determina, na ramificação dos vertebrados, a evolução do aparelho reprodutor e, correlatamente, do aparelho ósseo. Ela produz igualmente a modificação de todos os outros aparelhos orgânicos e, por consequência, a própria evolução.*
>
> *Isso surgirá com força de uma simples consideração 'a priori'. Imagine-se anatomicamente um tipo esquemático primitivo. O resfriamento do globo surge. A vida tende a manter sua alta temperatura precedente. Essa manutenção só pode ser obtida através de uma produção de calor operada nos tecidos, ou seja, por uma combustão. Toda combustão exige materiais combustíveis e oxigênio. E aqui está determinado, para satisfazê-la, o desenvolvimento dos aparelhos digestivo e respiratório. A obrigação de levar aos tecidos esses materiais e esse oxigênio, obrigação crescente com a combustão, leva à evolução do aparelho circulatório. Do progresso desses três aparelhos, ao qual se junta o aparelho reprodutor, resulta necessariamente o progresso do aparelho de inervação. Enfim, produzir calor é apenas o primeiro*

ponto, é preciso conservá-lo e eis encomendada a evolução do aparelho tegumentar. Mas o resfriamento do globo crescendo, a diferença térmica mantida entre os dois meios, animal e ambiente, cresce. Uma combustão mais viva, uma organização mais perfeita então, são incessantemente necessárias. Vê-se assim como, em face do resfriamento do globo, o esforço muito natural que faz a vida para manter as condições primárias de seu fenômeno químico determina implacavelmente a evolução de todos os aparelhos orgânicos e lhes impõe 'a priori' um aperfeiçoamento crescente. Para confirmar essa visão teórica bastará alinhar os diferentes grupos animais segundo a ordem de seu aparecimento no globo e observar em seguida, segundo essa ordem, um progresso efetivo de cada um de seus aparelhos orgânicos.

O que é verdadeiro para os meios físicos o é igualmente para os meios morais; os meios sociais particularmente. Os seres vivos tendem sempre a se adaptar. Mas, em razão do poder da hereditariedade, que luta contra a tendência à mudança, eles só se adaptam com lentidão. É isso que faz com que as espécies, quando só se considera a curta duração dos tempos históricos, pareçam invariáveis. Elas o são na aparência, como o é o indivíduo, que só se considera durante um instante. O lento trabalho que leva da juventude à decrepitude e à morte não diminuiu durante esse tempo. Ele aconteceu, mesmo que não o tenhamos visto.

Todos os seres são então condicionados por seus meios físicos ou morais. Se eles se encontram em meios que mudam lentamente (como é o caso geral dos continentes e dos climas, bem

como as civilizações), eles têm tempo para se adaptar. Se uma circunstância particular vem modificar bruscamente o meio, a adaptação se torna impossível e o ser está condenado a desaparecer. Se, em seguida a uma convulsão geológica, a temperatura do pólo ou a do equador se estabilizasse na França, esse país perderia, após 2 ou 3 gerações, a maior parte de seus habitantes e sua civilização não poderia sobreviver em seu estado atual.

Mas a geologia não conhece esses bruscos cataclismos e sabemos hoje que a maior parte das transformações que acontecem na superfície do globo são produzidas muito lentamente.

A mesma coisa foi, até aqui, para os meios sociais. Salvo o caso da destruição por conquista, as civilizações são sempre transformadas gradualmente. Mesmo que as instituições periguem, mesmo que os deuses caiam no pó, uns e outros só são substituídos após um período de longa velhice. Grandes impérios desapareceram, mas após um período de lenta decadência, da qual as sociedades, como os seres vivos, não podem fugir. O poderio de Roma acabou por desaparecer diante das invasões dos bárbaros. Mas só foi muito lenta e muito progressivamente, após vários séculos de decomposição, que ela acabou por lhes ceder o lugar. E isso aconteceu, na realidade, através de transições imperceptíveis, contrariamente ao que nos dizem a maior parte dos livros, que o mundo antigo se liga ao mundo moderno.

Por um fenômeno único até aqui nos anais do mundo, as descobertas científicas e industriais modernas criaram nas condições de existência, em menos de um século, mudanças mais profundas que todas aquelas registradas pela história desde a época em que, às margens do Nilo e nas planícies da Caldeia, o ser humano esboçou os germes de suas primeiras civilizações. Sociedades muito antigas, estabelecidas sobre certas bases que elas acreditavam eternas, viram essas bases desmoronarem. Tendo os meios mudado muito bruscamente para dar ao ser humano o tempo de se adaptar, isso provocou uma reviravolta considerável nas mentes, um mal-estar intenso, uma oposição geral entre os sentimentos fixados pela herança e conflitos de existência e de pensamento criados por necessidades modernas. Por todo lado explodem conflitos entre as ideias passadas e as ideias novas, filhas das necessidades novas.

Não sabemos ainda o que resultará de todos esses conflitos e só podemos constatá-los. Estudando aqui aqueles que se ligam às questões que são objeto dessa obra, veremos o quanto alguns são profundos.

§2. O conflito entre as leis naturais da evolução e as concepções democráticas.

Dentre os conflitos que a hora próxima nos prepara e que a hora presente já vê nascer, um dos mais manifestos será talvez a

oposição crescente existente entre as concepções teóricas do mundo criadas outrora por nossa imaginação e as realidades que a ciência acabou por colocar em evidência.

Não é apenas entre as concepções religiosas, sobre as quais nossa civilização está ainda baseada e as concepções científicas, provenientes das descobertas modernas, que há contradição evidente. Essa velha divergência não espanta mais e o tempo já desbastou seus cantos. É entre as doutrinas científicas novas e as concepções políticas sobre as quais os povos modernos apoiam suas instituições que se estabelece o antagonismo.

Quando as pessoas da Revolução Francesa, guiadas pelos sonhos dos filósofos, faziam triunfar as ideias humanitárias e inscreviam nos frontões dos edifícios as palavras Igualdade, Liberdade e Fraternidade, que sintetizavam esses sonhos, as ciências modernas não estavam ainda nascidas. Eles podiam então invocar, sem que nenhuma contradição fosse possível, o estado da natureza, a bondade primitiva do ser humano e sua perversão pelas sociedades e agir como se as sociedades fossem coisas artificiais que os legisladores podem reconstruir segundo a sua vontade.

Mas novas ciências fizeram aparecer a frivolidade de tais concepções. A doutrina da evolução, sobretudo, as abalou poderosamente mostrando, por toda parte na natureza uma luta incessante, que termina sempre pelo esmagamento dos mais fracos. Lei

sanguinária sem dúvida, mas geradora de todos os progressos e sem a qual a humanidade não teria saído da barbárie primitiva e não teria jamais dado nascimento a nenhuma civilização.

Que esses princípios científicos tenham podido parecer democráticos e que as democracias tenham conseguido se acomodar a eles, sem ver a que ponto eles lhes eram contrários[51], é um dos fenômenos que só podem compreender os pensadores que, tendo estudado a história das religiões, sabem com que facilidade as crenças tiram de um texto sagrado as deduções as mais contraditórias a esse texto e as mais inverossímeis. De fato, nada é mais aristocrático do que as leis da natureza. "A aristocracia, pode-se dizer com razão, é a lei das sociedades humanas, como ela é, sob o nome de seleção, a lei das espécies".

Temos dificuldade hoje em dia para concordar os dados novos fornecidos pela ciência com nossas ilusões democráticas, tanto quanto os teólogos outrora tinham para concordar a Bíblia com as descobertas geológicas. Com muito custo se mascara ainda um pouco as divergências. Mas, como elas se acentuam cada dia mais, elas logo aparecerão para todos os olhos.

---

[51] A oposição entre as ideias democráticas e a ciência começa já, no entanto, a penetrar nos livros didáticos escritos pelos professores da Universidade. Eis o que diz um dos mais conhecidos por suas obras de popularização, o Sr. Lavisse:

Os filósofos do século passado colocaram na moda o sentimento da fraternidade na humanidade. Hoje, a mais difundida das filosofias, aquela que penetrou as ciências, ensina a necessidade do combate pela vida, a legitimidade da seleção que se faz por meio da morte, a ilegitimidade da fraqueza.

Se bem que muito real, esse conflito está longe de ser tão grave quanto se possa acreditar. Eu duvido mesmo que ele tenha jamais uma grande importância prática e ultrapasse a região das discussões filosóficas. Para falar a verdade, o desacordo é puramente teórico. Ele não está nos fatos. E como, aliás, poderia ser? Pois os fatos são a consequência de leis naturais superiores a nossas vontades e que não podemos, por consequência, evitar a ação.

Nós o veremos pesquisando qual é o sentido verdadeiro das democracias. Se, apesar das aparências, elas favorecem as superioridades de todo tipo, inclusive a de nascimento, elas são, na realidade, tão aristocráticas, ou seja, propícias a uma elite, quanto as formas de governo que as precederam. Por isso, sua contradição com as leis da evolução não existe.

Deixemos de lado, por essa demonstração, as palavras pelas quais se define as democracias e busquemos seu espírito. Eu o encontro indicado nas linhas seguintes, que pego emprestado do Sr. Bourget:

> *Se você procurar definir para si próprio o que representa realmente esses dois termos: uma aristocracia e uma democracia, você encontrará que o primeiro designa um conjunto de costumes cujo fim é a produção de um pequeno número de indivíduos superiores. É a aplicação do adágio* ***humanum paucis vivit genus****. O segundo, ao contrário, designa um conjunto de costumes que levam ao bem-estar e à cultura do maior número possível de*

indivíduos. Portanto, o ponto de excelência de uma sociedade aristocrática, sua prova, é o personagem de exceção, resultado supremo e resumido dos milhares de destinados a sustentar esse ser raro. E o ponto de excelência de uma sociedade democrática é uma comunidade onde a felicidade e o trabalho sejam repartidos por porções indefinidamente fracionadas entre muitos. Não há necessidade de um grande espírito de observação para constatar que o mundo moderno __ e nosso mundo francês em particular __ se dirige inteiro rumo a essa segunda forma de existência. O que constitui a novidade da sociedade moderna é a substituição da massa organizada pela iniciativa pessoal, o advento das massas e o desaparecimento __ a diminuição pelo menos __ do poder da elite.

Tais são, muito certamente, as tendências teóricas das democracias. Vejamos se as realidades concordam com essas tendências.

As democracias colocam como princípio fundamental a igualdade de direitos de todos as pessoas e a livre concorrência. Mas, nessa concorrência, quem pode triunfar senão os mais capazes, ou seja, aqueles que possuem certas aptidões mais ou menos devidas à hereditariedade e sempre favorecidas pela educação e a sorte? Nós rejeitamos hoje os direitos de nascença e temos razão de rejeitá-los para não exagerá-los ainda mais e acrescentar privilégios sociais. Por outro lado, na prática, eles conservam todo seu império e mesmo um império superior àquele que eles possuíam outrora, pois a competição livre, vindo se sobrepor aos dons inte-

lectuais dados pelo nascimento, só faz favorecer a seleção hereditária. A democracia é, na realidade, o regime que cria as maiores desigualdades sociais. As aristocracias as criam muito menos e só fazem consolidar aquelas que já existem. As instituições democráticas são sobretudo vantajosas para as elites de todo tipo e é por isso que as elites devem defendê-las e preferi-las a todos os outros regimes.

Pode-se dizer que as democracias não fazem nascer castas com poderes análogos ao das velhas castas aristocráticas? Eis o que diz o Sr. Tarde a este respeito:

> *Em toda democracia como a nossa, podemos estar certos de que existe uma hierarquia social subsistente ou emergente, das superioridades reconhecidas, hereditárias ou* ***seletivas****. Entre nós não é difícil perceber pelo que a antiga nobreza foi substituída. A princípio a hierarquia administrativa foi se sofisticando, se desenvolvendo pela elevação do número de seus graus e se estendendo pelo número dos funcionários. Mesmo a hierarquia militar, em virtude dos compromissos que assumem os Estados europeus modernos, com o armamento universal. Depois, os prelados e os príncipes de sangue, os monges e os gentis-homens, os monastérios e os castelos, só foram derrubados para maior benefício dos publicitários e dos financistas, dos artistas e políticos, dos teatros, dos bancos, dos ministérios, das grandes lojas, das grandes casernas e outros monumentos agrupados nos limites de uma única capital. Todas as celebridades se encontram lá. E o que são essas diversas espécies de notoriedades e de glória, com todos os seus graus de desi-*

> *gualdades, se não são uma hierarquia de postos brilhantes, ocupados ou disponíveis, que apenas o público dispõe, ou acredita dispor, livremente? Porém, longe de se simplificar e se reduzir, essa aristocracia de situações orgulhosas, essa arquibancada de assentos ou tronos luminosos, não para de se tornar mais grandiosa, pelo efeito mesmo das transformações democráticas.*

É preciso então reconhecer que as democracias criam castas exatamente como as aristocracias. A única diferença consiste em que, nas democracias essas castas não parecem fechadas. Qualquer um pode entrar, ou acredita poder entrar. Mas como entrar se não for possuindo certas aptidões intelectuais que apenas o nascimento pode dar e que dão, aos que as possuem, uma superioridade esmagadora sobre os rivais que não as possuem? Isso resulta em que apenas as elites são favorecidas pelas instituições democráticas. Elas devem, portanto, se felicitar pelo fato dessas instituições serem tão invasivas. Ainda está longe a hora em que as massas a contornarão. Ela chegará, no entanto, por razões que diremos em breve. Mas, antes disso, as democracias estão expostas a perigos saídos de sua própria essência e que é preciso indicar agora.

O primeiro desses perigos é que as democracias são muito onerosas. Há já muito tempo que Leon Say demonstrou que a democracia está destinada a se tornar o mais custoso dos regimes. Um jornal recentemente fundamentou muito bem esse fato nas linhas seguintes:

> *Com muita justeza a opinião se indignava outrora contra as prodigalidades do poder monárquico, contra os cortesãos que animavam o príncipe com prodigalidades que retornavam a eles em chuvas de benesses e de pensões. Desde que o povo é rei, os cortesãos desapareceram? Seu número não cresceu, ao contrário, com as fantasias do senhor irresponsável e múltiplo que eles têm que servir? Os cortesãos não estão mais em Versalhes, nos salões históricos onde sua trupe dourada cabia toda. Eles pululam nas cidades, nos campos, nos mais humildes distritos e cantões, por todo lugar em que o sufrágio universal dispõe de um mandato e pode conferir uma parcela de poder. Com eles chegam o anúncio de liberalidades ruinosas, a criação de empregos supérfluos, o desenvolvimento irresponsável dos trabalhos e dos serviços públicos. Meios de popularidade fácil e promessa eleitoral. No parlamento eles se fazem os distribuidores de largas promessas, se ocupam em beneficiar suas circunscrições às custas do equilíbrio orçamentário. É o triunfo da estreita competição local sobre o interesse do Estado, a vitória do distrito sobre a França.*

São, às vezes, singularmente excessivas as exigências do eleitor e, no entanto, o legislador que quer ser reeleito deve respeitá-la. Ele deve, muito frequentemente, obedecer às ordens dos comerciantes de vinho e dos pequenos comerciantes, de cérebros muito pequenos, que compõem seus principais agentes eleitorais. O eleitor exige o impossível e é preciso lhe prometer. Daí as reformas apressadas decretadas sem pensar em suas repercussões. Cada partido que quer chegar ao poder sabe que só pode conseguir isso exagerando ainda mais as promessas de seus rivais.

> *Vê-se surgir no âmbito de cada partido um novo partido que persegue o primeiro, o insulta e o denuncia. Quando a Convenção reinava, ouvia-se Montaigne ameaçando bem acima da Convenção. E Montaigne, por seu lado, temia a Comuna e a Comuna temia parecer muito condescendente com o Bispado. Até os últimos limites da demagogia, essa lei reina e se verifica. Há, no entanto, nessa exploração dos extremos, uma região ambígua e turva em que não se distingue muito nitidamente quem são os mais ardentes, os mais "puros", os mais sanguinários (como Fouché, Tallien, Barras), bons em se fazerem de fornecedores de guilhotinas, bons em se fazerem de criados de César. Isso também __ essa confusão de partidos com seus extremos mais longínquos __ é uma lei política constante. Saímos de uma experiência muito conclusiva a esse respeito.*

O que constitui o sério perigo dessa intervenção das massas nos governos democráticos, não são apenas as despesas exageradas que acontecem em seguida, mas, sobretudo, essa ilusão popular temerária de que se pode resolver todos os males através de leis. Os parlamentos estão assim condenados a produzir um número imenso de leis e de regulamentos, que ninguém prevê as consequências e que só fazem cercar de mil entraves a liberdade dos cidadãos e aumentar os males que eles deveriam remediar.

Escreve um economista italiano, o Sr. Luzzati:

> *As instituições de Estado não podem mudar as condições de nossa miserável natureza humana, nem inserir nas almas as virtudes que lhes faltam, nem elevar*

os salários para permitir fazer uma poupança maior, porque nós dependemos das condições gerais e inexoráveis da economia nacional e mesmo mundial.

Essa proposição parecerá muito elementar aos filósofos, mas ela só tem chance de ser compreendida pelo público após uma centena de anos de guerras, de bilhões gastos e revoluções sangrentas. É só a esse preço, de resto, que se estabelecem no mundo a maior parte das verdades elementares.

As instituições democráticas têm ainda, por consequência, uma instabilidade ministerial muito grande. Mas essa instabilidade apresenta vantagens que contrabalançam, às vezes, suas inconveniências. Ela coloca o poder real nas mãos de administrações que cada ministro precisa e que ele não tem tempo de mudar a velha organização e as tradições que fazem sua força. Por outro lado, cada ministro, sabendo que sua existência será efêmera e desejoso de deixar alguma coisa atrás dele, está acessível a muitas proposições liberais. Sem as mudanças frequentes de ministros muitos empreendimentos inteligentes não teriam sido possíveis na França.

É preciso acrescentar também que essa facilidade de mudança de governo, que é a consequência das instituições democráticas, torna as revoluções inúteis e, por consequência, muito raras. Entre os povos latinos essa vantagem não pode ser considerada como mínima.

Um inconveniente mais sério das democracias é a mediocridade crescente das pessoas que as governam. Eles só têm necessidade de uma qualidade essencial: estar prontos para falar do que quer que seja, encontrar logo argumentos plausíveis, ou pelo menos ruidosos, para responder a seus adversários. Os espíritos superiores, que querem refletir antes de falar, como Pascal ou Newton, fariam pobre figura nas assembleias parlamentares. Essa necessidade de falar sem refletir elimina dos Parlamentos muitas pessoas de valor sólido e de julgamento ponderado.

Eles são eliminados também por outros motivos e particularmente este: as democracias não suportam a superioridade daqueles que as governam. Em contato direto com a massa, os eleitos só podem lhe agradar lisonjeando suas paixões e suas necessidades as menos elevadas, lhes fazendo as mais inverossímeis promessas. Por seguir esse instinto tão natural que leva sempre as pessoas a buscar seus semelhantes, as massas vão aos espíritos quiméricos ou medíocres e os introduzem, cada vez mais, no seio dos governos democráticos.

Escreveu recentemente a Revue Politique et Parlementaire:

> *Por natureza, a massa prefere os espíritos vulgares aos espíritos cultivados, se dá com os agitados ou com os faladores e não com os pensadores e os calmos. Torna difícil, para estes, com o risco de se tornar desagradável, de se fazerem escutar e serem eleitos. O nível baixa as-*

> *sim de uma maneira quase contínua nas preocupações que se colocam, nas considerações que decidem, nos assuntos que empreendem, no pessoal nomeado e nos motivos da nomeação. Nós temos isso à vista. Sob o risco de cairmos a um grau muito baixo e muito infeliz é preciso chamar a atenção sobre isso.*[52] *Chegaremos a um ponto que, para captar a massa, mesmo os letrados e pessoas de talento encontram, como recurso, lhe oferecer diariamente como objetivo, a supressão da fortuna adquirida e dificilmente ousa-se reprová-los.*

E o que pareceria demonstrar que esse vício é inerente a todas as democracias e não um efeito da cultura, é que o fenômeno observado na França, se observa também e, num grau bem mais elevado ainda, nos Estados Unidos da América. A queda do nível intelectual e moral na classe especial qualificada de políticos se acentua a cada dia em proporções inquietantes para o futuro da Grande República. Isso se deve também ao fato de que, sendo as funções políticas geralmente desdenhadas pelas pessoas capazes, só são exercidas pelos desclassificados de todos os partidos. O inconveniente não é tão grande como seria na Europa, porque lá o papel do governo sendo mínimo, o valor do pessoal político importa menos.

---

[52] O autor se esqueceu de nos dizer como se poderá “chamar a atenção”. Como não é através de regulamentos, porque tais regulamentos seriam a negação mesma dos princípios fundamentais da democracia, é bem visível que sua proposição é completamente quimérica.

É também na América que se pode observar um dos perigos que mais ameaçam as democracias, a venalidade. Ela não tomou em nenhum lugar o desenvolvimento que atingiu nos Estados Unidos. A corrupção existe em todos os graus das funções públicas e não há eleição, concessão, privilégio que não se possa obter com dinheiro. Segundo um artigo da **Contemporary Review**, uma eleição presidencial custa 200 milhões, adiantados pela plutocracia americana.

O partido que triunfa é largamente reembolsado, aliás, de seus adiantamentos. Começa-se por exonerar em bloco todos os funcionários e seus cargos são dados aos eleitores do novo partido. Os numerosos partidários que não puderem ser encaixados recebem pensões às custas do fundo de pensão da guerra de secessão, fundo que aumenta sempre, mesmo que a maior parte dos sobreviventes dessa guerra tenham desaparecido há muito tempo. Essas pensões eleitorais atingem agora a cifra anual de quase 800 milhões de francos.

Quanto aos chefes partidários, eles têm apetites igualmente vastos. Os grandes especuladores, particularmente, cujo papel é sempre preponderante nas eleições, se fazem pagar regiamente. Há uns vinte anos, após uma eleição, eles fizeram decretar que poderiam trocar, junto ao Tesouro, a prata metálica pelo ouro, na base da antiga relação. Isso quer dizer simplesmente que, entre-

gando ao Tesouro uma porção de prata comprada por 12 francos no mercado, eles recebiam em troca uma peça de ouro que valia 20 francos. A medida era tão ruinosa para o Estado que foi preciso logo limitar em 240 milhões por ano o presente que dava o governo a alguns privilegiados. Quando o Tesouro foi quase esgotado, a execução da **bill** foi suspensa. Essa colossal pirataria colocou uma fortuna tal nas mãos dos especuladores que eles não pensavam muito em protestar.[53]

Nós fizemos um barulho enorme na França, a propósito do Panamá e a desesperadora imbecilidade de certos magistrados que tudo fizeram para nos desonrar frente ao estrangeiro, por causa de algumas notas de 1.000 francos recebidas por uma meia dúzia de deputados necessitados. Os americanos não entenderam nada, pois não há um só político que não tenha feito o mesmo, com a única diferença de que nenhum deles se contentou com remunerações tão insignificantes. Comparada às Câmaras americanas, nosso Parlamento possui uma virtude catoniana. Ela é tão meritória que os vencimentos de nossos legisladores atendem com muito sacrifício às suas necessidades. Apoiando o Panamá, que é tão critica-

[53] Na campanha frutuosa que eles conduziram contra o Tesouro americano, ou seja, contra os interesses financeiros da nação, os produtores de prata tiveram como aliados diretos os produtores de trigo e, de uma maneira mais geral, os grandes fazendeiros do oeste. Fazer aceitar, pela força da cumplicidade do Estado, uma moeda aviltada como a prata, não é outra coisa do que preparar uma alta artificial no curso das mercadorias.

do, eles só fizeram obedecer às exigências unânimes de seus eleitores. O Canal de Suez, que transformou em semideus o seu criador, não foi feito de uma maneira diferente do Panamá e não poderia ser feito de outra maneira. Não foi jamais por processos de virtude austera que se abriu a bolsa dos financistas.

Não há evidentemente, sob o ponto de vista das ideias europeias, nenhuma desculpa possível para os costumes políticos dos Estados Unidos. Eles são desonrosos para um país. No entanto, como os americanos se acomodam muito bem a eles e não os acham desonrosos de maneira alguma, é porque eles correspondem a um ideal particular que nós devemos tratar de compreender. Na Europa, o gosto pela riqueza é, pelo menos, tão difundido quanto na América. Mas nós conservamos antigas tradições que fazem com que, mesmo os negociantes e os financistas suspeitos sendo invejados quando vitoriosos, são desprezados e considerados um pouco como piratas felizes. Sofre-se com eles e não chegaríamos jamais a compará-los a cientistas, artistas, militares, marinheiros, ou seja, a indivíduos que exercem profissões que exigem, para serem praticadas, uma certa elevação de ideias ou de sentimentos que, sabe-se, a maior parte dos especuladores está completamente desprovida.

Num país como a América __ sem tradições __ dedicado quase exclusivamente ao comércio e à indústria, onde reina uma

igualdade perfeita, onde não existe nenhuma hierarquia social, já que todos os empregos importantes __ como a magistratura __ são preenchidos por titulares renovados sem cessar e não gozam, aliás, de mais consideração do que o mais insignificante comerciante. Num país tal, digo, uma única distinção pode existir: a da fortuna. O valor, bem como o poder de um indivíduo e, por consequência, sua posição social, tem forçosamente como única medida o número de dólares que ele possui. A posse de dólares se torna então o único ideal visado e todos os meios são bons para consegui-lo. A importância de uma função só é medida pelo que ela rende. A política só é considerada como uma simples ocupação que deve remunerar bem aquele que a pratica. Mesmo que essa concepção seja evidentemente muito perigosa e muito baixa, o público americano a aceita perfeitamente porque dá, sem dificuldade, suas vozes aos políticos mais conhecidos por seus hábitos de pilhagem.

A política, considerada como um negócio, explica a formação de sindicatos para explorá-la. Somente assim podemos conceber o poder __ tão misterioso, numa primeira abordagem, para os europeus __ de associações tais como a famosa **Tammany Hall**, de Nova Iorque, que explora, numa larga escala, as finanças dessa cidade há mais de 50 anos. É uma espécie de franco-maçonaria que nomeia os empregados da municipalidade, os magistrados, os agentes de polícia da cidade, os empreendedores, os fornecedores,

em uma palavra, todo o pessoal. Esse pessoal lhe é devotado de corpo e alma e obedece cegamente às ordens do chefe supremo da associação. Apenas em duas ocasiões, em 1894 e em 1901, a associação não conseguiu se manter. Uma das investigações feitas sobre suas ações, revelou as mais incríveis depredações. Sob apenas um dos seus chefes, o famoso William Twed, o montante dos furtos partilhados entre os associados se elevou, segundo a comissão de inquérito, a 800 milhões de francos. Após um curto eclipse o sindicato reconquistou todo seu poder, depois o perdeu de novo recentemente, mas por pouco tempo. Nas penúltimas eleições ele gastou 35 milhões, digamos, para fazer nomear seu candidato prefeito de Nova Iorque. Essa soma foi reembolsada facilmente aos associados, porque o prefeito dispõe de um orçamento anual de 400 milhões.

Qualquer outro povo, fora o americano, estaria rapidamente desorganizado por tais costumes. Sabemos o que eles produziram nas repúblicas latinas da América. Mas a população dos Estados Unidos possui essa qualidade soberana: a energia, que triunfa sobre todos os obstáculos. O perigo da intervenção dos financistas nos negócios não sendo ainda muito visível, o público não está preocupado. No dia, provavelmente não muito distante, em que esse perigo aparecer, os americanos empregarão sua energia habitual para remediar o mal. Eles têm, para esse uso, processos sumá-

rios. Sabe-se como eles se desembaraçam dos negros e dos chineses que os incomodam. Quando os financistas e os prevaricadores lhes incomodarem muito, eles não terão nenhum escrúpulo em linchar algumas dúzias para fazer os outros refletirem sobre a utilidade da virtude.

A desmoralização que assinalamos só atingiu, até aqui, na América, a classe especial dos políticos e muito pouco a dos comerciantes e dos industriais. O que, eu repito, limita estreitamente seus efeitos, é que nos Estados Unidos, como em todos os países anglo-saxões, a intervenção do governo nos assuntos é muito restrita, em vez de se estender por todo lado como nos povos latinos.

Este ponto é capital e explica a vitalidade das democracias americanas, comparada com a fraca vitalidade das democracias latinas. As instituições democráticas só podem prosperar entre os povos que tenham bastante iniciativa e vontade para saber se conduzir e fazer seus negócios sem a intervenção constante do Estado. A corrupção dos funcionários não tem consequências infelizes quando a influência dos poderes públicos é muito limitada. Quando, ao contrário, essa influência é grande, a desmoralização se estende a todos e a desorganização está próxima. O sombrio exemplo das repúblicas latinas da América está aí para mostrar a sorte que espera as democracias entre os povos sem vontade, sem moralidade e sem energia. O espírito autoritário, a intolerância, o

desprezo pela legalidade, a ignorância das questões práticas, o gosto inveterado pela pilhagem, se desenvolvem então rapidamente. A anarquia vem logo e à anarquia sucede sempre a ditadura.

Tal fim sempre ameaçou os governos democráticos. Ela ameaçaria muito mais ainda um governo totalmente popular baseado no socialismo.

Mas, fora os perigos que assinalamos e que atinge o estado dos costumes, as democracias têm ainda outras dificuldades para combater que residem no estado de espírito das classes populares, que elas, no entanto, fazem todo esforço para favorecer.

Os mais temíveis inimigos das democracias não se encontram, de maneira alguma, nos locais onde elas se obstinam em procurá-la. Elas são ameaçadas não pelas aristocracias, mas pelas classes populares. Logo que a massa sofra com a discórdia e a anarquia dos seus governantes, ela pensa imediatamente num ditador. Foi sempre assim nos períodos conturbados da história, entre os povos que não possuíam, ou não possuíam mais, as qualidades necessárias para suportar instituições livres. Após Sylla, Mário e as guerras civis, vieram César, Tibério e Nero. Após a Convenção, Bonaparte. Após 1848, Napoleão III. E todos esses déspotas, filhos do sufrágio universal de todas as eras, foram sempre adorados pelas massas. Como poderiam se manter, aliás, se a alma dos povos não estivessem com eles?

Escreveu um dos mais firmes defensores da democracia, o Sr. Schérer:

> *Ousamos dizer e redizer, condena-se a ignorar os instintos os mais característicos do sufrágio universal, na França pelo menos, quando se obstina em não levar em conta quatro plebiscitos: o que levou Luís Napoleão à presidência da República, o que ratificou o atentado de 2 de dezembro, o que fez o Império e, em 1870, renovou o pacto da nação com o funesto aventureiro.*

Poucos anos se passaram desde que o mesmo sufrágio universal negou a renovação de um pacto semelhante com um outro aventureiro desprovido da autoridade do nome e não tendo o prestígio do bastão de general.

São numerosos os justiceiros que processaram os reis. Muito raros são aqueles que ousaram fazer o mesmo com os povos.

§3. O conflito entre as ideias democráticas e as aspirações socialistas.

Tais são as vantagens e também os inconvenientes das instituições democráticas. Elas convêm admiravelmente aos povos fortes e enérgicos, naqueles em que o indivíduo está habituado a só contar com seus próprios esforços. Elas não possuem propriamente a virtude de criar nenhum progresso, mas elas constituem uma atmosfera propícia a todos os progressos. Sob este ponto de vista nada as iguala e nada poderia substituí-las. Nenhum regime

assegura aos mais capazes uma tal liberdade de desenvolvimento, não lhes dá tais chances de vencer na vida. Graças à liberdade que elas dão a cada um e à igualdade que elas proclamam, elas favorecem o desenvolvimento de todas as superioridades e, sobretudo, a da inteligência, ou seja, a superioridade de onde derivam todos os grandes progressos.

Mas essa igualdade, essa liberdade, numa luta em que os concorrentes são desigualmente dotados, não coloca no mesmo plano os favorecidos pela hereditariedade intelectual e a massa de espíritos medíocres que só possuem aptidões mentais pouco desenvolvidas? Não dá, a todos esses indivíduos mal dotados, grandes chances, não de triunfar sobre seus rivais, mas simplesmente de serem esmagados por eles? Em uma palavra, os seres fracos, sem energia e sem coragem podem encontrar nas instituições livres o apoio que eles são incapazes de encontrar por conta própria? Parece evidente que a resposta é negativa e parece evidente também que, quanto mais existe igualdade e liberdade, mais a servidão dos incapazes, ou mesmo dos semicapazes, é completa.

Consertar essa servidão é, talvez, o mais difícil problema dos tempos modernos. Se não se limita as liberdades, a situação dos deserdados só pode piorar cada dia. Se são limitadas __ e apenas o Estado pode, evidentemente, se encarregar de tal limitação __ chega-se logo ao socialismo de Estado, cujas consequências

são piores que os males que ele pretende consertar. Resta então apelar para os sentimentos altruístas dos mais fortes. Mas apenas as religiões conseguiram até aqui __ e apenas nas eras de fé __ revelar tais sentimentos, que, mesmo assim, constituíram bases sociais verdadeiramente muito frágeis.

De toda maneira, devemos reconhecer que a sorte dos indivíduos fracos e mal adaptados é certamente infinitamente mais dura nos países de liberdade e igualdade completas, como os Estados Unidos, que nos países de constituição aristocrática. Falando dos Estados Unidos, em sua obra sobre o governo popular, o eminente inglês Maine diz o seguinte:

> *Jamais se viu, até aqui, uma comunidade em que o fraco tenha sido mais impiedosamente jogado contra o muro, onde aqueles que venceram tenham sido tão uniformemente da raça dos fortes, onde, num tempo tão curto, tenha se formado uma tão grande desigualdade de fortunas privadas e de luxo doméstico.*

São, evidentemente, os inconvenientes necessários de todo regime que tenha por base a liberdade e são, no entanto, as condições inevitáveis do progresso. A única questão que se pode levantar é que se deve sacrificar os elementos necessários para o progresso, só considerar o interesse imediato e visível das multidões e combater sem cessar, por todo tipo de meios arbitrários, as conse-

quências das desigualdades que a natureza se obstina em repetir a cada geração?

Escreve o Sr. Fouquier:

> *Quem tem razão: o individualismo aristocrático ou a solidariedade democrática? Qual é o mais favorável ao progresso da humanidade? Quem vale mais, ainda que virtualmente: um Molière ou 200 professores primários? Quem prestou os melhores serviços: Fulton e Watt ou 100 sociedades de auxílio mútuo? Visivelmente o individualismo eleva, a democracia rebaixa. Visivelmente, a flor humana brota no esterco humano. Mas, essas criaturas medíocres, inúteis, de instinto baixo, de corações invejosos frequentemente, de inteligência vã e vaidosa, perigosas às vezes, estúpidas sempre, são ainda criaturas humanas!*

Pode-se, teoricamente, supor a inversão das leis naturais e sacrificar os fortes, que são a minoria, aos fracos, que constituem a maioria. Tal é, livre de fórmulas vãs, o sonho perseguido pelos socialistas.

Admitamos por um instante a realização de tal sonho. Suponhamos o indivíduo aprisionado na estreita rede de regulamentos e de entraves propostos pelos socialistas. Suprimamos o capital, a concorrência e a inteligência. Para dar satisfação às teorias igualitárias, coloquemos um povo nesse estado de fraqueza onde ele estaria a mercê da primeira invasão que acontecesse. A massa ganharia, mesmo momentaneamente, alguma coisa?

Infelizmente não. Ela não ganharia nada, em princípio e logo perderia tudo. É apenas pela influência das mentes superiores que se faz o progresso que enriquece todos os trabalhadores e é apenas sob sua direção que o mecanismo tão complicado da civilização moderna pode funcionar. Sem as mentes superiores um grande país seria logo um corpo sem alma. A fábrica, sem o engenheiro que a constrói e a dirige, não funcionaria por muito tempo. Ela se tornaria um navio privado de seus oficiais: ficaria à deriva, a mercê das ondas e que se partiria no primeiro rochedo encontrado. Sem os poderosos e os fortes, o futuro dos medíocres e dos fracos seria mais miserável do que nunca.

Tais conclusões se tornam evidentes pelo raciocínio. Mas a demonstração não pode ser acessível a todos os espíritos porque a experiência não foi tentada ainda. Não são argumentos que convenceriam os adeptos da fé socialista.

As democracias favorecem, pelos seus próprios princípios, a liberdade e a concorrência que fazem triunfar necessariamente os mais capazes, enquanto que o socialismo sonha, ao contrário, com a supressão da concorrência, o desaparecimento da liberdade e uma equalização geral. Existe oposição evidente e irredutível entre os princípios socialistas e os princípios democráticos.

Essa oposição, os socialistas modernos acabaram por perceber ao menos por instinto. Pois, com sua pretensão de que todos as

pessoas tenham capacidades iguais, eles não podem reconhecê-la nitidamente. Desse instinto, confuso e inconsciente na maioria das vezes, mas, no entanto, muito real, nasceu seu ódio pelo regime democrático. Ódio muito mais intenso do que aquele que a Revolução Francesa devotou ao antigo regime. Nada é mais democrático do que sua ideia de destruir os efeitos da liberdade e das desigualdades naturais, por um regime absolutamente despótico que suprimiria toda concorrência, daria o mesmo salário aos capazes e aos incapazes e destruiria sem parar, através de medidas legislativas, as desigualdades resultantes das desigualdades naturais.

Não faltam, hoje em dia, bajuladores prontos a persuadir as massas de que a realização de tal sonho é fácil. Esses perigosos profetas acreditam que viverão o suficiente para colher os frutos de sua popularidade e não o bastante para que os acontecimentos desvendem sua impostura. Eles não têm nada a perder.

Esse conflito entre as ideias democráticas e as aspirações socialistas não está ainda muito visível para os espíritos ordinários e a maior parte só considera o socialismo como o resultado necessário, a consequência prevista das ideias democráticas. Na realidade, não existem concepções políticas que sejam mais separadas, por abismos mais profundos, do que a democracia e o socialismo. Um ateu puro é, em muitos pontos, muito mais próximo de um devoto do que um socialista o é de um democrata fiel aos princí-

pios da Revolução Francesa. As divergências entre as duas doutrinas apenas começam a se desenhar. Logo elas explodirão e então a ruptura será violenta.

Não é, portanto, entre a democracia e a ciência que existe realmente conflito, mas entre o socialismo e a democracia. A democracia criou indiretamente o socialismo e é pelo socialismo que ela perigará, talvez.

Não se pode pensar, como já se propôs algumas vezes, em deixar o socialismo tentar suas experiências a fim de pôr em evidência sua fraqueza. Ele geraria imediatamente o cesarismo, que suprimiria rapidamente todas as instituições democráticas.

Não é no futuro, mas hoje, que os democratas devem combater seu temível inimigo, o socialismo. Ele constitui um perigo contra o qual devem se unir todos os partidos sem exceção e com o qual nenhum __ os republicanos menos que os outros __ deveriam jamais compactuar. Pode-se contestar o valor teórico das instituições que nos regem, pode-se desejar que a marcha das coisas seja outra, mas tais desejos devem permanecer platônicos. Diante do inimigo comum todos os partidos devem se unir, quaisquer que sejam suas aspirações. Eles teriam muito poucas chances de ganhar alguma coisa com uma mudança de regime e eles se arriscariam a perder tudo.

Certamente que as ideias democráticas não tem, sob o ponto de vista teórico, uma base científica mais sólida do que as ideias religiosas. Mas essa lacuna, que não teve outrora nenhuma influência na sorte de uma, não poderia entravar o destino da outra. O gosto pela democracia é universal, hoje em dia, em todos os povos, qualquer que seja a forma de seu governo.

Estamos aqui, portanto, diante de uma das grandes correntes sociais que seria inútil querer represar. O principal inimigo atual da democracia, o único que poderia vencê-la, é o socialismo.

* * *

CAPÍTULO II

A luta dos povos e das classes.

§1. A luta natural dos indivíduos e das espécies.

Sumário

O único processo que a natureza encontrou para melhorar as espécies foi fazer nascer mais seres do que ela pode alimentar e estabelecer entre eles uma luta perpétua na qual apenas os mais fortes, os mais adaptados, podem sobreviver. A luta tem lugar não apenas entre as diversas espécies, mas também entre os indivíduos da mesma espécie e é, frequentemente, entre estes últimos que ela é mais violenta.

É por esse processo de seleção que são aperfeiçoados os seres, desde a origem do mundo. É assim que a humanidade se livra dos tipos deformados, desde os tempos geológicos. E foi com ele também que os nossos selvagens ancestrais do tempo das cavernas foram lentamente erguidos até à civilização. Vista sob um ponto de vista dos nossos sentimentos, a lei da luta pela existência, com a sobrevivência dos mais aptos, pode parecer muito bárbara. Não se pode esquecer, no entanto, que, sem ela, estaríamos ainda disputando uma presa incerta com todos os animais que nós acabamos por domesticar.

A luta que a natureza impôs aos seres criado por ela é universal e constante. Por todo lado onde não há luta, não apenas não há progresso como há uma tendência para o retrocesso.

Após nos terem mostrado a luta que reina entre todos os seres, os naturalistas nos mostraram que ela reina também dentro de nós mesmos.

Escreve o Sr. Kunstler:

> *Longe de se prestar a uma assistência mútua, as diferentes partes do corpo dos seres vivos parecem, ao contrário, estar em luta perpétua entre elas. Todo desenvolvimento de uma delas tem, por consequência, uma diminuição da importância das outras. Em outros termos, toda parte que se desenvolve determina o enfraquecimento das outras partes.*
>
> *Geoffroy Saint-Hilaire já tinha percebido as grandes linhas desse fenômeno e estabeleceu seu* ***princípio do balanceamento dos órgãos****. A teoria moderna da fagocitose não acrescenta muita coisa a este princípio, mas ela determina com mais nitidez o processo pelo qual o fenômeno se produz.*
>
> *Não apenas os organismos lutam entre eles, mas também todas as partes, quaisquer que sejam elas. Por exemplo, o conflito existe entre os tecidos e entre os elementos de um mesmo tecido. A evolução dos mais fracos é enfraquecida ou parada. Eles podem ser impiedosamente sacrificados em benefício dos fortes, que se tornam mais vistosos.*
>
> *As coisas parecem se passar como se os organismos vivos só possuíssem uma dose determinada de poder evolutivo para gastar. Se, graças a um artifício qualquer,*

> *essa força de desenvolvimento é gasta com um órgão ou um aparelho, os outros órgãos permanecem mais ou menos estacionados, ou eles podem mesmo periclitar.*

Escreve, por seu lado, o Sr. Duclaux:

> *Constantemente há, na sociedade celular que constitui um ser vivo, indivíduos que estão doentes ou morrem, células que estão fracas e devem desaparecer, no interesse comum, mesmo antes de estarem completamente mortos. São os leucócitos que estão encarregados dessa tarefa e estão organizados para estarem em luta perpétua com as células, no meio das quais eles circulam. Eles ameaçam todas e assim que elas enfraquecem em sua resistência, por qualquer motivo que seja, todos os leucócitos vizinhos se jogam sobre ela, envolvem-na, matam-na, digerem-na e levam com eles os últimos elementos. O regime permanente de nosso organismo é então, não o estado de paz, mas o estado de guerra e a opressão do fraco, do doente e do velho. A natureza nos dá, neste ponto, sua ordinária lição de crueldade.*

A natureza professa, portanto, uma intolerância absoluta pela fraqueza. Tudo que é fraco é logo condenado por ela a perecer. Ela só respeita a força.

A inteligência, estando em relação estreita com a massa de matéria cerebral que o indivíduo possui, segue-se que, na natureza, os direitos de um ser vivo estão estreitamente em relação com a capacidade de seu cérebro. Foi em razão de sua capacidade cerebral maior que o homem pôde se arrogar o direito de matar e de comer os seres que lhe são inferiores. Se esses últimos pudessem

ser consultados, eles achariam sem dúvida que as leis naturais são muito desagradáveis. O único consolo a lhes oferecer seria que a natureza é plena de fatalidades igualmente desagradáveis. Com um cérebro mais desenvolvido os animais comestíveis conseguiriam talvez se sindicalizar para escapar do machado do açougueiro, mas eles não ganhariam grande coisa. Abandonados à própria sorte e não podendo contar com os cuidados interessados e, por isso mesmo, muito atentos, dos criadores, do que seria sua sorte? Nos países ainda virgens eles poderiam encontrar seu pasto no meio das pradarias, mas eles encontrariam também os dentes dos carniceiros e, se escapassem, não escapariam da morte lenta pela fome, assim que se tornassem muito velhos para procurar sua comida e disputá-la com seus semelhantes.

A natureza deu, no entanto, aos seres fracos, um meio certo de se perpetuar através das eras, apesar de seus inimigos, dando-lhes uma fecundidade capaz de saciar o apetite de todos esses inimigos. Com uma fêmea de arenque pondo anualmente mais de 60.000 ovos, sempre haverá um número suficiente de jovens arenques para assegurar a continuação da espécie.

Parece mesmo que a natureza dedicou tanta atenção para manter a perpetuidade das espécies mais ínfimas, dos parasitas os mais obscuros, quanto para assegurar a existência dos seres mais elevados. A vida dos maiores gênios não pesa mais, diante dela,

do que a existência dos mais miseráveis micróbios. A natureza não é nem benevolente nem cruel. Ela “pensa” apenas na espécie e fica indiferente (formidavelmente indiferente) em relação ao indivíduo. Nossas ideias de justiça, ela não as conhece. Pode-se protestar contra suas leis, mas é preciso viver com elas.

§2. A luta dos povos.

O homem conseguiu se livrar das duras leis da natureza, às quais estão submetidos todos os seres? A civilização atenuou um pouco as relações entre os povos? A luta se tornou menos viva no seio da humanidade do que entre as diversas espécies?

A história nos ensina o contrário. Ela nos diz que os povos estão permanentemente em luta e que, desde a origem do mundo, o direito do mais forte foi o único árbitro de seus destinos.

Essa foi a lei dos tempos antigos, bem como a da era moderna. Nada indica que ela não a será também nos séculos futuros.

Sem dúvida que não faltam teólogos e filantropos, hoje em dia, para protestar contra essa lei inexorável. Devemos a eles numerosos livros em que, em frases eloquentes, fazem apelos urgentes ao direito e à justiça __ tipos de divindades soberanas que dirigiriam o mundo do alto dos céus. Mas os fatos vêm sempre desmentir essa inútil fraseologia. Esses fatos nos dizem que o direito só existe quando possui a força necessária para se fazer respeitar.

Não se pode dizer que a força tem primazia sobre o direito, porque a força e o direito são identidades. Onde não há força nenhum direito poderia subsistir.[54]

Ninguém duvida, eu imagino, que um país que, confiando no direito e na justiça, quisesse dissolver seus exércitos, seria imediatamente invadido, pilhado e escravizado por seus vizinhos. Se, hoje em dia, estados fracos como a Turquia, a Grécia, o Marrocos, Portugal, Espanha e a China conseguem sobreviver sofrivelmente, é por causa das rivalidades dos povos poderosos que gostariam de se apoderar deles. Obrigados a conviver com rivais tão poderosos quanto eles, os grandes Estados só podem espoliar os países fracos com prudência e se apoderando de suas províncias aos pedaços. Os ducados dinamarqueses, a Bósnia, Malta,

[54] Não se pode contestar, no entanto, que já se vislumbra a futura formação de um direito internacional fundamentado sobre a opinião pública. Ela já começa a se tornar tão poderosa que obriga os soberanos a levá-la em conta. É certo, por exemplo, que os ingleses não teriam jamais pensado em desembarcar em Calais para se apoderar dela, quando, em 1870, estávamos sem defesa. Há alguns séculos uma tal invasão teria sido considerada como muito natural. Uma das razões que impediu o imperador da Alemanha, no dia seguinte à derrota dos russos, de se aproveitar da ocasião para nos declarar guerra a fim de se apoderar de algumas províncias foi o movimento unânime de reprovação levantado na Europa pela miserável querela do Marrocos. Os povos agirão muito sabiamente, no entanto, se contarem muito mais com seus canhões para se defender do que com o poder muito limitado ainda da opinião pública.

Chipre, Egito, o Transvaal, Cuba, as Filipinas etc. foram todos subtraídos desta forma das nações que os possuíam.

Nenhum povo deve se esquecer, hoje em dia, que os limites de seu direito são exatamente medidos pelas forças que dispõe para defendê-lo. O único direito reconhecido ao carneiro é de servir de alimento aos seres que possuem um cérebro maior que o seu. O único direito reconhecido aos negros é de ver seus países serem invadidos e pilhados pelos brancos e de serem abatidos a tiros de fuzil, se resistirem. Se eles não resistem, limita-se a se apoderar de seus bens, depois de fazê-los trabalhar a golpes de chicote, para enriquecer seus conquistadores. Essa foi a história dos nativos da América. Essa é hoje a dos habitantes da África. Os negros aprenderam assim o que custa ser fraco. Para agradar aos filantropos que escrevem livros, proporciona-se a eles belas tiradas sobre a infeliz sorte dessas populações, antes de metralhá-las. Sua benevolência até os leva a expedir-lhes missionários, com os bolsos cheios de bíblias e de garrafas de álcool, a fim de iniciá-los nos benefícios da civilização. Deixando de lado a pueril verborragia dos teólogos e dos filantropos, reconheceremos como um fato a observação constante de que as leis humanas foram totalmente impotentes para modificar as leis da natureza e que são essas últimas que continuam a reger as relações entre os povos. Todas as teorias do direito e da justiça não podem nada contra elas.

As relações entre os povos são, hoje em dia, as mesmas desde a origem do mundo, desde que interesses diferentes estão em presença ou simplesmente quando um país desenvolve o desejo de se expandir. O direito e a justiça jamais desempenharam qualquer papel todas as vezes que se tratou de relações entre povos de força desigual. Ou vencedor ou vencido, ou caça ou caçador, esta sempre foi a lei. As frases dos diplomatas, os discursos dos demagogos são amenidades que se fazem às pessoas do mundo, desde que passaram a usar roupa. É como se inclinar para deixá-lo passar e vos perguntar, com afetuosa simpatia, como vão seus parentes mais longínquos. Manifeste-se uma circunstância qualquer em que o interesse esteja em jogo e logo se verá desaparecer esses superficiais sentimentos. Então se verá a disputa para ver quem será o primeiro que, como no incêndio da **Charité** ou no naufrágio do **Bourgogne**, esmagará a golpes de salto de botas ou de porretes as mulheres e as crianças que interferirem. Existem certamente exceções, seres intrépidos prontos a se devotar aos seus semelhantes, mas eles são tão raros que são considerados heróis e seus nomes consignados à história.

Existem poucas razões para se acreditar que as lutas entre os povos serão menos intensas no futuro do que foram no passado. Há, ao contrário, muito fortes razões para admitir que elas serão muito mais violentas. Quando as nações eram separadas por gran-

des distâncias, quando a ciência não tinha ainda aprendido a superá-las, as causas de conflitos eram raras. Hoje elas se tornam cada vez mais frequentes.

Antigamente eram sobretudo interesses dinásticos ou fantasias de conquistadores que provocavam as lutas internacionais. No futuro elas terão como principais motivadores os grandes interesses econômicos dos quais depende a vida dos povos e cuja força nós já mostramos. As próximas lutas entre as nações serão verdadeiras lutas pela existência, só podendo terminar com o aniquilamento completo de um dos combatentes. A última guerra do Transvaal foi um exemplo bem típico.[55]

São verdades essenciais que a ninguém interessa esconder e que é muito perigoso querer esconder. Admitir-se-á como suficientemente evidente, eu penso, que se prestou um grande favor aos

[55] Os ingleses acreditaram por algum tempo só poder terminá-la pelo extermínio total dos Bôeres e tomaram medidas muito eficazes para conseguir isso. Em todo lugar em que seus colonos penetravam, as vilas, as fazendas, as colheitas eram incendiadas, os habitantes (incluindo mulheres, velhos e crianças) levados presos. Eram conduzidos para cercados chamados de "campos de concentração" onde, expostos seminus a todas as intempéries e recebendo uma alimentação insuficiente cuidadosamente dosada, eles morriam muito rapidamente. O número de prisioneiros era de 109.000 em setembro de 1901. Segundo as estatísticas oficiais, a mortalidade anual era, em junho, de 10,9 % por ano, em julho de 18%, em agosto de 21%, em setembro de 26, 4%. Vê-se a progressão. Quanto às crianças, arranjava-se, prevendo o futuro, para que sua mortalidade fosse mais elevada ainda. Ela chega a 43,3%, o que significa que, se a guerra fosse prolongada, ao fim de dez anos elas teriam desaparecido todas. O preço da alimentação fornecida para essa população era de 19 centavos por dia por cabeça, segundo os documentos fornecidos pelos jornais ingleses.

espanhóis, há 25 anos, inculcando-lhes solidamente a noção de que, assim que eles estivessem suficientemente enfraquecidos pelas suas dissensões intestinas, um povo qualquer se aproveitaria do primeiro pretexto que surgisse para se apoderar de suas últimas colônias. E conseguiria isso sem dificuldade, apesar das orações dos monges e a proteção das madonas. Talvez assim eles pudessem compreender a utilidade de fazer menos revoluções, de pronunciar menos discursos e de organizar sua defesa de maneira a dissuadir a ideia de atacá-los. Um povo pequeno, suficientemente enérgico, sabe muito bem se defender. Muitas nações consagram, hoje em dia, um terço de seu orçamento às despesas militares e esse custo da segurança contra as agressões de seus vizinhos não seria certamente muito elevado se ele fosse sempre bem empregado.

§3. A luta das classes.

Os coletivistas atribuem a seu teórico Karl Marx a constatação do fato de que a história é dominada pelas lutas das classes que disputam interesses econômicos e também a afirmação de que essa luta deve desaparecer assim que todas as classes forem absorvidas por uma apenas: a classe trabalhadora.

O primeiro ponto, a luta de classes, é uma banalidade tão velha quanto o mundo. Pelo único fato da repartição desigual da

riqueza e do poder, consequência das diferenças naturais de capacidade ou simplesmente das necessidades sociais, as pessoas sempre foram divididas em classes, cujos interesses foram necessariamente mais ou menos opostos e, por consequência, confrontados. Mas a ideia de que essa luta possa cessar é uma das concepções quiméricas que todas as realidades contradizem e que seria bom não desejar sua realização. Sem a luta dos seres, dos povos e das classes __ numa frase: o combate universal __ o ser humano jamais teria saído da selvageria primitiva e não teria evoluído até à civilização.

A tendência à luta, que vemos dirigir as relações entre as espécies animais e entre os povos, dirige também as relações entre os indivíduos e entre as classes.

Escreve o Sr. B. Kidd:

> *Temos que olhar ao redor de nós para vermos que a rivalidade constante do ser humano com seu semelhante se torna o traço dominante de nosso caráter. Ela se acha em todas as partes do edifício social. Se examinarmos os motivos de nossos atos quotidianos e dos atos daqueles que nos cercam, devemos reconhecer que o primeiro e principal pensamento da maioria entre nós é de saber como nos defender na sociedade... O ferramental da indústria é mais mortal do que as espadas.*

E não somente existe luta entre as classes, mas ainda luta entre os indivíduos de uma mesma classe e a luta entre estes é,

como na natureza, a mais violenta. Mesmo os socialistas, se bem que unidos por um objetivo comum __ a destruição da sociedade atual __ não podem se reunir sem que as mais barulhentas dissensões explodam entre eles.

A luta é mais violenta hoje em dia do que jamais foi. Essa violência tem causas diversas e, entre outras, essa: a de que nós perseguimos quimeras de justiça e de igualdade que a natureza não conhece. Essas frívolas fórmulas fizeram e farão mais mal ao ser humano do que todos os males que o destino o condenou a sofrer.

Escreve, muito justamente, o Sr. Bouge:

> *Não há justiça social, porque mesmo a natureza não é igual. A injustiça e a desigualdade estão no berço.*
>
> *Do berço à morte, no curso de uma existência que arbitrariamente ela encurta ou prolonga o benefício ou o encargo, a desigualdade natural segue o ser humano passo a passo.*
>
> *Desigualdade sob mil formas __ desigualdade natural, acasos de nascença ou de herança, vantagens ou desgraças físicas, disparidades intelectuais, desigualdades de destino __ agitam e conduzem a vida humana em sentido contrário e em contragolpe.*

Muito antes do socialismo, as religiões, elas também, sonharam em suprimir as lutas dos povos, dos indivíduos e das classes. Mas o que elas obtiveram se não foi tornar mais duros os combates que elas queriam abolir? As guerras que elas próprias provoca-

ram não foram as mais cruéis de todas, as mais fecundas em desastres políticos e sociais?

Podemos esperar que, com o progresso da civilização, a luta entre as classes se atenuará? Tudo leva a crer, ao contrário, que ela vai se tornar muito mais intensa do que no passado.

A razão dessa provável progressão é dupla. Primeiro a divisão cada vez mais profunda que separa as classes e, em segundo lugar, o poder que as formas novas de associação dão às diversas classes para defender suas reivindicações.

O primeiro ponto é pouco contestável. As divergências entre as classes __ trabalhadores e patrões, proprietários e proletários, por exemplo __ são visivelmente mais duras que aquelas que separavam outrora as castas; o povo e a nobreza, por exemplo. A distância criada pelo nascimento era então considerada como intransponível. Resultante de vontades divinas, ela era aceita sem discussão. A violência dos abusos podia, às vezes, provocar revoltas, mas era apenas contra esse abuso que se insurgia e não contra a ordem das coisas estabelecidas.

É bem diferente hoje em dia. As revoltas acontecem não contra os abusos __ eles nunca foram menores do que agora __ mas contra o regime social inteiro. Atualmente, para o socialismo, trata-se de destruir a burguesia, simplesmente para tomar seu lugar e se apoderar de suas riquezas.

Como disse corretamente o Sr. Boilley:

> *O objetivo é claramente explicado: trata-se, sem embargo, de formar uma classe popular para expropriar a burguesia. É o pobre que se quer lançar na perseguição dos ricos e o benefício da conquista será a posse dos despojos dos vencidos. Timur e Gengis Khan não dariam outros motivos para conduzir suas multidões.*

Os conquistadores não propuseram outros, com efeito, mas aqueles que eles ameaçavam de conquista sabiam perfeitamente que sua única chance de não perecer era se defender com energia. Tanto outrora, quanto hoje em dia, os adversários dos novos bárbaros só pensam em parlamentar com eles e em prolongar um pouco sua existência por uma série de concessões, que só fazem encorajar aqueles que lhes preparam o assalto e provocar seu desprezo.

O que agravará essas lutas futuras é que elas não serão apenas inspiradas, como nas guerras de conquista, pelo desejo de se apoderar dos despojos dos inimigos que, vencidos, deixam de interessar. Hoje reina um ódio furioso entre os combatentes. Ela tende cada vez mais a tomar uma forma religiosa e a se revestir desse caráter especial de ferocidade e de intransigência que anima as verdadeiras crenças.

Vimos anteriormente que uma das causas mais poderosas do ódio atual das classes são as ideias bem falsas que fazem um dos

outros os partidos atuais. Estudando os fundamentos de nossas crenças mostramos bem a que ponto a incompreensão domina as relações existentes entre as pessoas a ponto de persuadi-las da impossibilidade de fazê-la desaparecer. As guerras mais violentas, as lutas religiosas que tem ensanguentado o mundo, as mudanças mais profundas na face das civilizações e dos impérios, têm como causa, na maioria das vezes, a incompreensão recíproca dos partidos em presença e também a falsidade de seus conceitos.

É o próprio erro das ideias que, às vezes, faz sua força. Suficientemente repetido, o erro mais manifesto se torna, para a massa, uma verdade óbvia. Nada é mais fácil de germinar do que o erro e, quando ele se enraíza, possui a onipotência dos dogmas religiosos. Ele inspira a fé e nada resiste à fé. Foi com os conceitos mais errôneos que se lançou, na idade média, uma parte do Ocidente sobre o Oriente e que os sucessores de Maomé fundaram seu poderoso império que, mais tarde, a Europa pôs a fogo e a sangue.

A falsidade das ideias geradoras dessas convulsões é evidente hoje em dia até para as crianças. Não passam de palavras vagas cuja força os séculos desgastaram até ao ponto de não entendermos o poder que elas exerceram. Poder irresistível, no entanto, pois houve um momento em que os raciocínios mais claros, as

demonstrações mais evidentes não prevaleceram contra ele. O tempo apenas, jamais a razão, desagregou essas quimeras.

Não foi apenas nas velhas eras que os conceitos errôneos, as palavras enganosas exerceram um prestigioso império. A alma popular mudou, mas suas crenças são sempre muito falsas e as palavras que a guiam são igualmente enganosas. O erro, sob nomes novos, guarda a mesma magia que nos tempos passados.

§4. As futuras lutas sociais.

Tornada inevitável pelas irresistíveis leis da natureza, a luta entre as classes, será agravada pelas novas condições da civilização, pela incompreensão que rege as relações recíprocas dessas classes, pela divergência crescente de seus interesses e, sobretudo, de suas ideias. A luta está destinada sem dúvida a se tornar mais violenta do que jamais foi em qualquer época. Aproxima-se a hora em que o edifício social sofrerá os mais terríveis assaltos que jamais enfrentou.

Pois não são apenas os detentores da riqueza que são ameaçados pelos novos bárbaros, mas mesmo nossa civilização. Ela só lhes aparece como a protetora do luxo e como uma complicação inútil.

Jamais as maldições de seus líderes foram tão furiosas. Jamais um povo, que o inimigo ameaçava sem piedade os lares e os

deuses, ouviu tais imprecações. Os mais pacíficos dos socialistas se limitam a pedir a expropriação da burguesia. Os mais ardentes querem seu aniquilamento completo. Segundo as palavras pronunciadas por um deles em um congresso e citadas num livro do Sr. Boilley: “a pele dos infames burgueses é muito boa para fazer luvas”.

Esses líderes juntam, tanto quanto podem, a ação à palavra. O relato dos crimes cometidos nos últimos quinze anos na Europa, pela vanguarda do partido socialista é significativo: cinco chefes de Estado __ dentre eles uma imperatriz __ assassinados e dois outros feridos, uma dezena de chefes de polícia mortos e um número considerável de mortos em explosões de palácios, de teatros, de casas e de trens. Numa só dessas explosões __ a do teatro do Liceu, em Barcelona __ fez 83 vítimas. A do Palácio de Inverno de Petersburgo matou 8 pessoas e feriu 45. Estima-se em 40, na Europa, o número de jornais que estimula essa excitação. A violência dessas escaramuças demonstra com que ferocidade selvagem será a luta, quando ela se generalizar.

O passado conheceu, sem dúvida, violência semelhante, mas as condições das forças em presença eram muito diferentes e a defesa social muito mais fácil. As massas não tinham então poder político. Elas não sabiam ainda se sindicalizar e formar assim e-xércitos que obedecem cegamente as ordens de líderes absolutos.

Vimos o que podem esses sindicatos através da última greve de Chicago. Ela envolveu todos os trabalhadores das estradas de ferro dos Estados Unidos e teve como resultado o incêndio do palácio de exposições e das imensas usinas Pullman. O governo só conseguiu triunfar suspendendo as liberdades públicas, decretando a lei marcial e travando verdadeiras batalhas aos insurgentes. Os grevistas foram vencidos após terem sido metralhados sem piedade. Mas, imagina-se que ódios devem residir na alma dos sobreviventes.

Os Estados Unidos parecem fornecer ao velho mundo os primeiros exemplos dessas lutas que oporão à inteligência, à capacidade e à fortuna esse terrível exército de inadaptados do qual falaremos em breve; um dejeto social que a evolução atual da indústria fez crescer imensamente.

Para os Estados Unidos, a saída da luta será talvez sua separação em várias repúblicas rivais. Não vamos nos ocupar com sua sorte; ela só nos interessa a título de exemplo. É esse exemplo que salvará talvez a Europa do triunfo completo do socialismo, ou seja, de uma volta à mais vergonhosa barbárie.

O que complicará singularmente ainda a questão social nos Estados Unidos é que a grande república é dividida em regiões cujos interesses são muito contrários e, por consequência, estão

em luta. Foi isso o que o Sr. Varigny colocou bem em evidência nas linhas seguintes:

> *Washington continua a ser o terreno neutro e neutralizado em que se resolvem as questões políticas. Ela não é a cidade em que as questões nascem e se desenvolvem. A vida está fora de lá; a unidade não está feita, a homogeneidade não existe. Sob a união aparente de um grande povo (e a união não é a unidade), subsistem divergências profundas, interesses diversos, tendências que se contrariam. Elas se acentuam na medida em que se avança e que a história é criada; elas se afirmam por fatos como a guerra de secessão, que quase pôs a União a perder.*
>
> *Se examinamos de perto essa vasta república, que a Rússia, o Canadá e a China ultrapassam apenas em extensão territorial e que, como população, já ocupa o quinto lugar no mundo, seremos a princípio tocados por este fato: um grupamento geográfico e comercial que divide os Estados Unidos em três seções __ os estados do sul, os do norte e os do oeste; aqueles do Pacífico e ainda, entre o norte e o oeste existe germes de divisão. Entre esses grupos, interesses diversos criam exigências incompatíveis e, há quinze anos, busca-se, sem descobrir, o meio de fazer viver e prosperar, sob uma tarifa comum, indústrias que reclamam um regime especial. O sul produz matérias primas, açúcar e algodão. O norte é manufatureiro, o oeste é agrícola, o Pacífico é agrícola e mineiro. O sistema protecionista em vigor arruína o sul e atrapalha o oeste fazendo a fortuna do norte, em quem o livre comércio daria um golpe terrível.*
>
> *E não é apenas no domínio dos interesses materiais que a dissensão se produz. O norte é republicano, o sul democrata. O norte tende à centralização, o sul mantêm*

> *os direitos dos estados. O norte quer um poder federal fortemente organizado e a união autoritária, o sul reclama a autonomia e o direito de discussão do pacto federativo. Um venceu o outro e o vencido não perdoa o vencedor.*

Não seria possível, no entanto, para nenhum povo, basear-se sobre algumas indicações gerais e fazer previsões muito precisas. Nosso destino está ainda coberto pelas brumas impenetráveis do futuro. É possível, às vezes, pressentir a direção das forças que nos conduzem. Mas como é vã a ideia de querer definir seus efeitos ou conjurar seu curso! O que vemos é apenas que a defesa das velhas sociedades vai se tornar bem difícil. A evolução das coisas minou as bases do edifício das eras antigas. O exército, última coluna desse edifício, o único que poderia sustentá-lo ainda, se desagrega dia a dia e está recheado de indivíduos instruídos, no meio dos quais se recrutam hoje em dia seus piores inimigos. Nossa ignorância de certas evidências psicológicas incontestáveis __ ignorância que causará estupor nos historiadores do futuro __ levou a maior parte dos estados europeus a renunciar quase inteiramente a seus meios de defesa, substituindo os exércitos profissionais, como se contesta tão justamente na Inglaterra, por massas indisciplinadas, às quais se acredita poder ensinar em alguns meses uma das mais difíceis profissões. Não é porque se ensinou alguns exercícios a milhões de homens que se fez soldados. Fabri-

ca-se assim bandos sem disciplina, sem resistência e sem valor, mais perigosos para aqueles que querem utilizá-los do que para seus inimigos.[56]

Não é apenas em sua ineficiência militar que reside o perigo dessas multidões, sob o ponto de vista da defesa social, mas no espírito que os anima. Os exércitos profissionais formavam uma casta especial, interessada na defesa da ordem social e sobre a qual as sociedades podiam se apoiar para se defender. Que sentimentos análogos poderiam ter massas que só passam no regimento o tempo necessário para sofrer as agruras da profissão de militar e lhe tomar horror? Oriundos da fábrica, da oficina, do estaleiro, para onde retornarão logo, de que utilidade poderão ser para defender uma ordem social que elas detestam cada vez mais? Aqui está o perigo que os governos ainda não veem e sobre o qual seria inútil insistir. Eu duvido que uma única sociedade europeia possa subsistir por muito tempo sem um exército permanente e só se apoiando em recrutas do serviço militar universal. Sem dúvida esse serviço obrigatório satisfaz nossa ávida necessidade de baixa

[56] Evidentemente, por motivos de ordem moral, é impossível suprimir o serviço militar obrigatório universal que, no mínimo tem como vantagem dar um pouco de disciplina a indivíduos que não tem nenhuma. Mas poder-se-ia chegar a um compromisso muito simples: reduzir a um ano o serviço obrigatório e ter um exército permanente de 200.000 a 300.000 homens, formado, como na Inglaterra, de engajados voluntários que fariam da carreira militar sua profissão definitiva.

igualdade, mas é realmente admissível que a satisfação de uma tal necessidade deva se sobrepor à existência de um povo?

O futuro mostrará isso às nações e seus governos. A experiência é o único livro cuja leitura pode instruir os povos. Sua leitura infelizmente sempre lhes custou muito caro.

* * *

CAPÍTULO III

O problema fundamental do socialismo. Os inadaptados.

§1. A multiplicação dos inadaptados.

Sumário

Entre as características mais importantes de nossa era é preciso mencionar a presença, no seio das sociedades, de indivíduos que, não tendo podido, por uma razão qualquer, se adaptar às necessidades da civilização moderna, não encontram lugar nessa civilização. Eles formam um dejeto inutilizável. São os **inadaptados**.

Todas as sociedades sempre possuíram um certo número deles, mas jamais esse número foi tão considerável quanto hoje em dia. Inadaptados da indústria e da ciência, das profissões e das artes, eles formam um exército que cresce a cada dia. Apesar da diversidade de suas origens, eles são ligados por esse sentimento comum: o ódio pela civilização na qual eles não podem encontrar lugar. Todas as revoluções, qualquer que seja o objetivo que elas persigam, estão certas de vê-los acorrer ao primeiro sinal. É entre eles que o socialismo recruta seus mais ardentes soldados.

Seu número imenso, sua presença em todas as camadas de nossas sociedades, os tornam mais perigosos para elas do que foram os bárbaros para o império romano. Roma conseguiu se de-

fender durante muito tempo contra os invasores de fora. Os bárbaros modernos estão dentro de nossos muros, nativos ou imigrados. Se eles não conseguiram incendiar Paris completamente na época da Comuna, foi unicamente porque os meios de execução lhes faltaram.

Não temos que pesquisar como, em todos os graus da escala social, se formou o dejeto social dos inadaptados. Bastará mostrar que a evolução da indústria contribuiu para o crescimento rápido de seu número. Os números mostrados em um capítulo precedente demonstraram a elevação progressiva dos salários das classes trabalhadoras e a extensão da riqueza nas massas profundas. Mas essa melhoria geral só se estendeu à categoria média dos trabalhadores. O que acontece com aqueles cujas incapacidades naturais colocam abaixo dessa média? No quadro brilhante da melhoria geral que vamos mostrar, vai aparecer uma pintura muito sombria.

Com o velho sistema das corporações, as profissões eram regidas por regulamentos que limitavam o número de trabalhadores e impedia a concorrência. Os inconvenientes da inferioridade não se manifestavam muito. O indivíduo que fazia parte dessas corporações não se elevava muito, mas também não se abaixava muito. Não era um solitário, um nômade. A corporação era para ele uma família e ele não ficava, em nenhum momento, sozinho na vida. Seu lugar podia não ser muito grande, mas ele estava

sempre certo de ter um lugar, um alvéolo na grande colmeia social.

Com as necessidades econômicas que regem o mundo moderno e a concorrência, que é a lei da produção, as coisas mudaram muito. Como disse muito acertadamente o Sr. Cheyson:

> *Os antigos cimentos que mantinham as sociedades estando dissolvidos, os grãos de areia com que são formadas hoje em dia obedecem a um tipo de impulso individual. Toda pessoa que, na luta pela vida, tenha uma superioridade qualquer em seu ambiente, se elevará como um balão de gás leve no ar, sem que nenhum laço impeça sua ascensão. Do mesmo modo, toda pessoa mal dotada sob o ponto de vista moral ou material vai cair fatalmente, sem que nenhum paraquedas retarde sua queda. É o triunfo do individualismo livre de toda servidão, mas destituído de qualquer tutela.*

Na época de transição em que ainda nos encontramos, os inadaptados pela incapacidade conseguem sobreviver, se bem que muito miseravelmente. Parece fatal que sua miséria, já tão profunda, só possa crescer mais. Pesquisemos por quê.

Hoje em dia, em todos os ramos do comércio, da indústria e da arte, os mais capazes avançam muito rapidamente. Os menos capazes encontram os melhores lugares já tomados e, só podendo produzir __ por causa de sua própria incapacidade __ um trabalho inferior, são obrigados a oferecer esse trabalho de uma execução fácil a preços mínimos. Mas a concorrência no terreno da incapa-

cidade é muito mais vivo do que no da capacidade, porque o primeiro é muito mais povoado do que o segundo e o trabalho fácil encontra muito mais executantes do que o trabalho difícil. Nisso resulta em que o inadaptado se vê forçado, a fim de obter a preferência sobre seus rivais, a abaixar o preço pedido pelo que ele produz. Por seu lado, o patrão comprador dessas produções medíocres, destinadas a uma clientela pouco exigente, mas numerosa, tende naturalmente a pagá-los o menos possível, de maneira a vender com bom preço e aumentar sua clientela. O preço da mão-de-obra chega assim ao limite extremo abaixo do qual o trabalhador, vítima por sua vez de sua incapacidade e das necessidades econômicas, morreria de fome.

Esse sistema de concorrência entre inadaptados, para o trabalho fácil, constitui o que os ingleses traduziram por uma expressão enérgica e justa, o **sweating system**[57].

Ele não passa, na realidade, da velha "Lei de Bronze"[58] que os socialistas abandonaram rapidamente, pois ela sempre regeu o trabalho dos inadaptados.

Diz o Sr. Roussiers:

---

[57] Sistema do suor. (Nota do tradutor)

[58] Lei de Bronze. Conceito de Ferdinand Lassalle (Breslau, 1825 - Genebra, 1864), que defende que o salário não deve ser menor do que o necessário para atender às necessidades vitais do trabalhador. (Nota do tradutor)

> *O **sweating system** reina soberano onde os indivíduos sem capacidade suficiente produzem por sua conta os objetos usuais de qualidade inferior.*
>
> *O **sweating system** assume uma multidão de formas: nas indústrias de roupas, o alfaiate que, em vez de executar seu trabalho em seu ateliê, o executa fora a preços ínfimos, pratica o **sweating system**. Da mesma forma, a grande loja que encarregou os trabalhos de costura a pobres mulheres que permaneceram em suas casas, no meio de seus afazeres domésticos e seus filhos.*

É pelo **sweating system** que se fabricam, hoje em dia, a preços vis, todos os artigos ordinários das lojas de confecção e de mobiliário. Da mesma forma, os fazedores de espartilhos, coletes, sapatos, camisas, etc. não ganham mais do que 1,25 a 1,50 franco por dia. Certos marceneiros ganham, com muito custo, 3 francos etc.

Nada é mais triste do que tal sorte, mas nada é mais pesado do que a cadeia de necessidades que a torna inevitável. Pode-se culpar o patrão que contrata o trabalhador a preços tão vis? De maneira nenhuma, pois o patrão está dominado por um senhor soberano: a clientela. Se ele aumentar os salários ele terá que aumentar também, em alguns centavos, a camisa vendida a 2,50 francos e o par de sapatos vendido a 5,00 francos. Imediatamente sua clientela o deixará para ir comprar no vizinho que vende a melhor preço. Vamos supor que todos os patrões se unam para aumentar os salários? Logo os estrangeiros que tenham melhor

preço inundarão imediatamente o mercado com seus produtos, o que tornaria a sorte dos inadaptados mais miserável ainda.

Os trabalhadores vítimas dessas fatalidades acreditaram remediá-las simplesmente estabelecendo, através de seus sindicatos, salários fixos, abaixo dos quais o patrão não poderia descer sem ver parar todos os seus trabalhadores. Eles foram ajudados em suas reivindicações por tarifas mínimas estabelecidas pelas municipalidades de grandes cidades como Paris e abaixo das quais os empresários de serviços públicos não tem o direito de empregar os trabalhadores.

Esses salários fixos e essas tarifas foram, até aqui, mais inúteis do que úteis àqueles que queriam proteger e só serviram para mostrar o quanto os regulamentos são impotentes diante das necessidades econômicas. Os patrões sofreram com as exigências dos sindicatos em certas indústrias estabelecidas há muito tempo, que necessitam de um material complicado e custoso ou de trabalhadores hábeis. Para as outras, muito numerosas, que não precisam de tanta complicação, nem tanta habilidade, a dificuldade foi rapidamente contornada e com vantagem total do patrão. Como exemplo, entre inumeráveis casos análogos, citarei a indústria de móveis de Paris.

Outrora os patrões mantinham os trabalhadores em suas fábricas. Por exigência dos sindicatos os patrões demitiram ¾ de

seus trabalhadores, só mantendo os mais capazes para os trabalhos mais urgentes ou manutenção. O trabalhador passou então a trabalhar em suas próprias oficinas e, como só tinha como cliente o patrão, foi a ele que precisou oferecer os móveis fabricados. O patrão pôde, por seu lado, ditar suas condições. Por causa da concorrência que se faziam os produtores franceses e estrangeiros, os preços caíram pela metade e o trabalhador de capacidade comum, que ganhava facilmente 7 a 8 francos por dia na fábrica, agora não ganha mais, com muito custo, trabalhando por conta própria, mais do que 4 ou 5. O patrão aprendeu assim como fugir das exigências socialistas. O público passou a poder ter móveis. Vagabundos, é verdade, mas a preço vil. O trabalhador, em troca de sua ruína, adquiriu ao menos a noção de que as necessidades econômicas que guiam o mundo moderno não são modificadas pelos sindicatos e nem por regulamentos.

Quanto aos empresários, obrigados a aceitar tarifas impostas pelas municipalidades, contornaram a dificuldade de um jeito análogo, só empregando os mais capazes, ou seja, justamente aqueles que não tinham necessidade alguma de proteção porque sua capacidade lhes assegura em todo lugar os salários mais elevados. As tarifas obrigatórias tiveram simplesmente, como resultado, obrigar os empresários a eliminar os trabalhadores medíocres, que utilizavam antigamente em trabalhos secundários, mal remunerados,

sem dúvida, mas, enfim, remunerados. Em resumo, as tarifas, que tinham por objetivo proteger os trabalhadores aos quais a fraqueza de suas capacidades tornava a proteção útil, voltaram-se contra eles e não tiveram outro resultado além de tornar sua situação bem mais difícil do que antes.

A grande lição que se tira de tudo isso é aquilo que ressaltou o Sr. de Roussiers a propósito do **sweating system**: "Nada pode substituir, no trabalhador, o valor pessoal."[59]

Esta é, com efeito, a consequência mais óbvia resultante da concorrência, tal como as necessidades econômicas a criaram. Se ela não faz sempre triunfar os mais capazes, ela elimina os menos capazes. Essa fórmula é quase a expressão da lei da seleção, de

[59] O valor pessoal é o capital mais importante, aquele que é preciso fazer crescer por todos os meios. Esse deveria ser o papel da educação. Ela o desempenha muito mal nos países latinos e muito bem fora deles. Num artigo do **Temps** de 18 de janeiro de 1902 lemos que nossas companhias de estradas de ferro são obrigadas a comprar um grande número de suas locomotivas e de seu material (por quase 40 milhões de francos em dois anos) na Alemanha, não apenas porque os preços são 26% mais baratos do que na França, mas sobretudo porque nossos industriais não têm capacidade instalada para atender à demanda. Por que essa inferioridade? Simplesmente porque o pessoal dirigente e executante é de capacidade insuficiente. Nossos processos de fabricação são obsoletos, a maquinaria defeituosa, os trabalhadores medíocres etc. "O conjunto de nossa indústria de construção mecânica", diz o redator desse artigo que menciono, "não acompanha nem de longe os progressos enormes realizados por nossos concorrentes no estrangeiro".

Eu mostrei várias vezes nessa obra as causas de nossa ineficiência, mas nunca é demais insistir num assunto tão capital. Nosso futuro depende totalmente da melhoria de nossa técnica científica e industrial.

onde deriva o aperfeiçoamento das espécies em toda a série de seres vivos e da qual o ser humano não pôde ainda fugir.

Os capazes têm tudo a ganhar com a concorrência, os incapazes só têm a perder. Sabe-se, por isso, porque os socialistas desejam sua supressão. Mas, supondo que eles possam destruí-la nos países em que eles chegassem a ser mestres, como anulá-la então nos países em que eles não tivessem ação e donde os produtos chegariam rapidamente __ a despeito de todos as barreiras protetoras __ e invadiriam os mercados?

Nós vimos, estudando as lutas comerciais entre os povos do Oriente e do Ocidente, depois entre os povos do Ocidente, que a concorrência é uma lei inevitável da era moderna. Ela penetra absolutamente em todo lugar e todos os entraves que se tenta lhe opor só fazem torná-la mais dura para suas vítimas. Ela se impõe por si só quando se trata de melhorar um trabalho qualquer, científico ou industrial, executado num interesse privado ou geral. Como exemplo típico dos efeitos que ela produz eu citarei o caso seguinte que eu tive sob os olhos e que, sob formas diversas, deve ter se repetido milhares de vezes.

Um engenheiro amigo meu foi colocado a frente de um grande empreendimento às custas do orçamento público e que consistia em refazer, com muita precisão, o nivelamento de uma região. Ele foi deixado totalmente livre para escolher seus empre-

gados e pagá-los como quisesse, sob a única condição de não exceder a verba anual que lhe foi destinada. Os empregados eram muito numerosos e a verba muito pequena. Com isso, o engenheiro tentou inicialmente repartir igualmente entre eles a soma que dispunha. Após ter constatado que o trabalho era feito mediocremente e lentamente ele teve a ideia de pagar seus empregados unicamente por tarefa, criando meios de controle automáticos que permitiam verificar o valor do trabalho executado. Cada empregado competente logo chegava a fazer sozinho o trabalho de 3 ou 4 empregados comuns e ganhava três vezes mais que antes. Os empregados incapazes ou apenas meio capazes, só podendo ganhar o suficiente para viver, se eliminaram por vontade própria e, em menos de dois anos, o orçamento acordado pelo Estado, que no início era apenas suficiente, apresentou um excedente de 30% em relação às despesas. O Estado ganhou então, com essa operação, um trabalho mais bem feito, gastando menos. E os empregados capazes viram triplicar seu salário. Todo mundo ficou satisfeito, salvo naturalmente os incapazes, cuja incapacidade os eliminou. Esse resultado, muito feliz para as finanças públicas e para o progresso, foi evidentemente muito infeliz para os empregados ineficientes. Qualquer que seja a simpatia que se possa ter por esses últimos, é sustentável que o interesse geral deva ser sacrificado?

O leitor que quiser se aprofundar nessa questão verá rapidamente a dificuldade de um dos mais formidáveis problemas sociais e a impotência dos meios propostos pelos socialistas para resolvê-lo.

A importância desse problema não escapou, aliás, a todos os socialistas. Eis o que disse sobre isso um socialista italiano muito convicto, o Sr. Colejanni, numa obra recente:

> *Esse exército de sem-trabalho foi criado pela organização capitalista para sua vantagem e ele tem a obrigação de mantê-lo segundo os princípios da justiça. Essa obrigação não pode ser atenuada pelo aumento dos inadaptados que preocupa Gustave Le Bon. Uma questão de justiça não pode ser mudada porque o número daqueles que são interessados é infinito. E se os inadaptados aumentam terrivelmente é sinal de que a organização social atual é viciada e que, por conseguinte, é preciso mudá-la.*

Vê-se o quanto a solução dos problemas mais difíceis pode se tornar elementar para os socialistas latinos. Sua fórmula universal "transformar a sociedade" permite resolver todas as questões e fazer reinar a felicidade sobre a terra. Sobre essas almas de teólogos subjugados pela fé e que a dúvida não mais atinge, nenhum argumento conseguiria agir.

§2. Os inadaptados por degeneração

A essa camada de inadaptados criada pela concorrência, é preciso juntar a massa de degenerados de todo tipo __ alcoólatras, raquíticos etc. __ que a medicina moderna conserva preciosamente, graças aos progressos da higiene. São precisamente quase os únicos indivíduos que se abandonam sem medida à mais inquietante fecundidade, confirmando o fato já assinalado de que as sociedades tendem hoje em dia a se perpetuar sobretudo pelos seus elementos mais inferiores.

Conhece-se os progressos do alcoolismo em toda a Europa. Os cabarés se multiplicam rapidamente em toda parte, tanto na França[60] quanto nos outros países.

Eles constituem hoje em dia a única distração que possuem milhares de pobres diabos, o único lar da ilusão, o único centro de sociabilidade onde se afastam das existências frequentemente bem sombrias. A Igreja não os encanta mais. O que lhes restaria então se lhe tirassem o cabaré? O álcool é o ópio da miséria. Seu consumo é primeiro um efeito, antes de se tornar uma causa. Não é, aliás, pelo excesso que ele se torna funesto. Se suas devastações são tão graves é porque elas comprometem o futuro pelas degenerações hereditárias que elas provocam.

[60] Havia 350.000 em 1850; 364.000 em 1870; 372.000 em 1881; 430.000 em 1891, dos quais 31.000 em Paris.

O perigo de todos os degenerados __ raquíticos, alcoólatras, epiléticos, alienados etc. __ é que eles multiplicam em excesso uma massa de seres muito inferiores para se adaptarem à civilização e que, por consequência, se tornam fatalmente seus inimigos. Querendo conservar muito preciosamente o indivíduo ameaça-se seriamente a espécie.

Escreve o Sr. Schera:

> *Deixa-se viver, hoje em dia, uma massa de criaturas que a natureza havia condenado __ crianças raquíticas, doentias, semimoribundas __ e considera-se como uma grande vitória ter, assim, prolongado seus dias e como um grande progresso essa preocupação bem moderna da sociedade...*
>
> *Somente __ eis a ironia __ esses cuidados devotados, engenhosos, a que se dedicam tantos seres humanos na sociedade, não os tornando mais sãos e vigorosos, e, afetados pelos vícios do sangue que eles trouxeram ao nascer, e, como nossos costumes __ não mais que nossas leis __ não impedem esses seres de se casar, eles são destinados a transmitir seu envenenamento. Disso decorre, evidentemente, numa alteração da saúde geral, numa contaminação da raça.*

O Dr. Salomon citou um exemplo bem marcante dos casos que se observam a cada dia. Trata-se de uma família proveniente da união de um alcoólatra com um epilético. Eles tiveram 12 filhos, dentre os quais, justamente, 12 epiléticos ou tuberculosos.

Pergunta-se o Dr. Salomon:

> *Que fazer com esses tristes produtos? Não seria mil vezes melhor que nenhum deles tivesse chegado à existência? E que terríveis encargos tais famílias não criam para a sociedade, às despesas de Assistência Pública e, até mesmo, para a justiça criminal! Hospital ou forca, o filho do alcoólatra só pode aspirar uma dessas coisas. Multiplicar os hospitais e os policiais, parece ser esse o futuro das sociedades civilizadas. Elas acabarão por perecer, se a fecundidade se torna o apanágio daqueles para quem a esterilidade seria precisamente um dever.*

Muitos outros escritores __ e entre eles, os mais ilustres __ estão preocupados com esse difícil problema. Eis o que Darwin escreveu a esse respeito:

> *Entre os selvagens, os indivíduos fracos de corpo e espírito são prontamente eliminados e os sobreviventes se destacam ordinariamente pelo seu vigoroso estado de saúde. Quanto a nós, pessoas civilizadas, fazemos todos os esforços para parar a marcha da eliminação. Construímos asilos para os idiotas, os enfermos e os fracos. Fazemos leis para ajudar os indigentes, nossos médicos empregam toda sua ciência para prolongar o máximo possível a vida de cada um. Existem razões para acreditar que a vacina preservou milhares de indivíduos que, fracos de constituição, teriam outrora sucumbido à varíola. Os membros débeis das sociedades civilizadas podem assim se reproduzir indefinidamente. Porém, todo aquele que já se ocupou com a reprodução dos animais domésticos sabe, sem dúvida alguma, o quanto essa reprodução dos seres débeis deve ser nociva à raça humana. Não é de se surpreender ao ver que a falta de cuidados, ou de cuidados mal dirigidos, levam rapidamente à*

degeneração de uma raça doméstica e, à exceção do próprio ser humano, ninguém é tão ignorante nem tão inábil para permitir aos animais débeis se reproduzirem.

Sob o império de nossa herança cristã conservamos todos esses degenerados, nos limitando a internar os mais degradados e mantendo zelosamente os outros, que podem então se reproduzir à vontade. É preciso ver de perto alguns desses degenerados para compreender o absurdo das ideias que nos levam a conservá-los. Eis como trata esse assunto o Dr. Maurice de Fleury:

Desapareceram os espartanos que jogavam no rio Eurotas, em afogamentos legais, administrativos, crianças mal formadas, de corpo e espírito atrofiados. E, no entanto, um dia, em Bicêtre, como eu visitava o serviço de crianças retardadas do Dr. Bourneville, eu tive, diante da tropa de idiotas sem conserto, completamente incuráveis, vivamente o desejo da supressão imediata desses pequenos seres sem nome.

Colocados em uma varanda com piso de ferro, com um caminho que dava acima de uma fossa que recebia suas imundícies, uniformemente vestidos com um roupão de lã e sandálias sempre sujas, eles viviam lá, os filhos do álcool e da degeneração, abortos assimétricos, com crânio mal formados, ossos espessos e mal soldados, olhos oblíquos, orelhas mal destacadas, um olhar desatento e que não se fixava em nada, um pescoço flácido que mal sustentava uma cabeça oscilante. De tempos em tempos um deles abria a boca, uma boca semelhante a um bico membranoso de um pássaro e dela saía um grito fraco, um grito de cólera sem causa. No entanto, uma assistente, jovem, resignada e sem impaciência, ia de um a

outro, examinando aqui, limpando mais além, prendendo às barras aqueles que querem bater ou morder e dando a todos uma sopa grosseira, vorazmente engolida. Ela lhes falava sem ser entendida por esses cérebros embrionários. Palavras inúteis, trabalho sempre inútil, pois eles são incuráveis, jamais um vislumbre de espírito lhes virá, jamais uma parcela de alma. Eles crescerão assim, mais bestas que as bestas, sem uma palavra, sem uma ideia e sem um sentimento. Eles não farão progressos. Em dez anos estarão na mesma, a menos que alguma pneumonia benfazeja os leve.

Cuida-se deles, no entanto. São criados em gaiola, são livrados da morte. Porque isso, grandes deuses! É realmente humano deixar respirar esses monstros, esses seres das trevas, essas larvas de pesadelo? Não acham que aqui seria, ao contrário, mais piedoso matar, destruir essa feiura e essa inconsciência que nem mesmo o sofrimento enobrece?

*(**Revue du Palais**, 1º de outubro de 1898)*

É preciso reconhecer que se uma divindade benfazeja suprimisse em cada geração o exército crescente de degenerados, que protegemos tão zelosamente, ela prestaria um imenso favor à raça, à civilização e aos próprios degenerados. Mas, porque nossos sentimentos humanitários exigem que os conservemos e que favoreçamos sua reprodução, temos que sofrer as consequências desses sentimentos. Saibamos ao menos que todos esses degenerados, como diz justamente John Fiske, "constituem um elemento de vitalidade inferior, comparável ao câncer implantado nos teci-

dos sãos e todos os seus esforços tenderão a abolir uma civilização que tem por resultado fatal sua própria miséria".

São, bem entendido, adeptos certos do socialismo.[61]

À medida que avançamos nesta obra, vemos de que elementos variados e perigosos se compõe a multidão de discípulos da nova fé.

§3. A produção artificial dos inadaptados.

À massa de inadaptados criados pela concorrência e pela degeneração, se juntam, nos povos latinos, os degenerados produzidos pela incapacidade artificial. Esses inadaptados são fabricados, com um custo muito alto, pelas nossas faculdades e nossas universidades. A legião dos bacharéis, licenciados, professores primários e professores sem emprego constituirá, talvez um dia, um dos mais sérios perigos contra os quais as sociedades terão que se defender.

A formação dessa classe de inadaptados artificiais é bem moderna. Sua origem é psicológica. Ela é a consequência das ideias atuais.

---

[61] Um professor universitário ilustre me disse recentemente que tinha constatado que a maior parte de seus colegas que viraram socialistas eram frequentemente frágeis e sofredores. O socialismo é, hoje em dia, como o cristianismo em seu início, a religião dos deserdados da vida.

As pessoas de cada era vivem de acordo com um certo número de ideias políticas, religiosas ou sociais, consideradas como dogmas indiscutíveis e das quais eles devem, necessariamente sofrer os efeitos. Entre essas ideias, uma das mais poderosas hoje em dia é a da superioridade que se obtém com a instrução teórica dada em nossos estabelecimentos de ensino. O mestre de escola e o professor da universidade, um pouco desdenhados outrora, se tornaram, em um só golpe, os grandes fetiches modernos. São eles que devem resolver as desigualdades naturais, apagar as distinções de classes e ganhar batalhas.

A instrução, ao se tornar a panaceia universal, devia atulhar os miolos dos jovens cidadãos com grego, latim, história e fórmulas científicas. Nenhum sacrifício, nenhuma despesa foi considerada exagerada para obter esse resultado. A fabricação de professores primários, bacharéis e licenciados se tornou a mais importante das indústrias latinas. É mesmo quase a única que não desemprega hoje em dia.

Estudando, em outra obra, o conceito latino de educação, mostramos os resultados produzidos pelo nosso sistema de ensino. Vimos que a decisão errada de atulhar a mente com frases e fórmulas destinadas a serem esquecidas, não prepara em nada para as necessidades da vida moderna e só fabrica, definitivamente, um

exército imenso de incapazes, de desclassificados e, por consequência, de revoltados.

Mas, porque nossa educação, em vez de ser simplesmente inútil como era antigamente, tornou-se, hoje em dia, uma fábrica de desclassificados e revoltados?

A razão é muito clara. Nossa educação teórica, em golpes de manuais, não prepara para nada mais além de funções públicas e, ao tornar os jovens totalmente inaptos para qualquer outra carreira, faz com que eles sejam obrigados, para viver, a se atirar furiosamente rumo aos empregos pagos pelo Estado. Mas, como o número dos candidatos é imenso e o número dos postos mínimo, a grande maioria é eliminada e se encontra sem nenhum meio de existência e, por consequência, desclassificados e naturalmente revoltados.

Os números sobre os quais se apoia o que eu digo mostram a extensão do mal.

A Universidade fabrica todos os anos quase 1.200 candidatos para as 200 vagas de professores que ela dispõe. Ela deixa então mil na rua. Naturalmente eles se dirigem para outras funções. Mas eles encontram o imenso exército de diplomados de todo tipo que buscam todos os empregos, até os mais medíocres. Para 40 vagas de despachantes que vagam anualmente no Departamento do Sena, há 2 a 3.000 candidatos. Para 150 postos de pro-

fessores primários que vagam nas escolas de Paris, há 15.000 concorrentes. Aqueles que não passam baixam gradualmente suas pretensões e se dão por felizes quando conseguem entrar para uma dessas empresas que fabricam placas de endereços e onde ganham 40 centavos por dia, trabalhando sem descanso doze horas seguidas. Não é preciso uma psicologia muito refinada para adivinhar os sentimentos que povoam a alma desses infelizes operários.

Quanto aos eleitos, ou seja, aos candidatos vitoriosos, não é preciso acreditar que sua sorte seja invejável: empregados a 1.500 francos, juízes de paz a 1.800 francos, engenheiros da **École Centrale** ganhando, com muito custo, quase tanto como um operário numa companhia de estrada de ferro ou químico numa fábrica, têm uma situação pecuniária bem abaixo da de um trabalhador de capacidade média e, por outro lado, são bem menos independentes.

Mas então porque essa busca obstinada pelos cargos públicos? Porque a multidão dos diplomados desempregados não se dirige para a indústria, a agricultura, o comércio ou as profissões manuais?

Por duas razões: primeiro porque esses diplomados são totalmente incapazes, em razão de sua educação teórica, de fazer qualquer outra coisa que não sejam as profissões fáceis de burocratas, magistrados ou professores. Sem dúvida eles poderiam

recomeçar sua educação e se entregar a um aprendizado. Eles não o fazem (e aqui está a segunda razão), por causa do preconceito inextirpável contra o trabalho manual, a indústria e a agricultura, que existe nos povos latinos e só existe, aliás, neles.

Os povos latinos possuem, com efeito, apesar de enganadoras aparências, um temperamento tão pouco democrático que o trabalho manual, muito estimado na aristocrática Inglaterra, é julgado por eles como humilhante ou mesmo desonroso. O mais humilde subchefe de escritório, o menor dos professores, o mais modesto despachante, se acredita um personagem acima de um mecânico, de um contramestre, de um ajustador, de um fazendeiro, que, no entanto, utilizam geralmente infinitamente mais inteligência, raciocínio e iniciativa em suas profissões do que os burocratas e os professores nas suas. Eu nunca pude descobrir e tenho a certeza que ninguém jamais descobrirá, em que um latinista, um empregado, um professor de gramática ou de história, podem ser considerados como intelectualmente superiores a um bom marceneiro, a um ajustador capacitado, a um contramestre inteligente. Se, após ter estabelecido a comparação entre eles sob o ponto de vista intelectual, se estabelecesse sob o ponto de vista utilitário, reconhecer-se-ia rapidamente que o latinista, o burocrata, o professor são muito inferiores ao bom trabalhador, porque este último é, em geral, muito mais bem pago.

A única superioridade visível que se pode reconhecer aos primeiros é que eles usam um casaco, muito surrado geralmente, mas que, enfim, conserva quase o aspecto de um casaco, enquanto que o contramestre e o trabalhador executam seu trabalho usando uma blusa, artigo muito depreciado no público elegante. Se verificarmos a influência psicológica exercida na França por essas duas categorias de vestimentas, veremos que ela é imensa, muito maior em todo caso do que aquela de todas as constituições fabricadas há 100 anos pela onda de advogados desempregados. Se, por meio de uma varinha de condão, pudéssemos nos convencer que a blusa é tão elegante e tão boa vestimenta quanto o casaco, nossas condições de existência seriam, no mesmo golpe, transformadas. Assistiríamos, nos costumes e nas ideias, a uma revolução cujo alcance seria muito maior do que todas aquelas do passado. Mas estamos muito longe disso e os latinos deverão, durante muito tempo ainda, suportar o peso de seus preconceitos e de seus erros.

As consequências de nosso desprezo latino ao trabalho manual serão muito mais graves ainda no futuro. É por causa desse desprezo que veremos crescer cada vez mais o exército temível dos inadaptados criados pelo nosso ensino. Constatando a fraca consideração que goza o trabalho manual, se vendo desdenhado pela burguesia e a Universidade, o agricultor e o trabalhador acabam por acreditar que eles são uma casta inferior, da qual é preci-

so a todo custo sair. E, por isso, seu único sonho é lançar, a custo de privações, seus filhos na casta dos diplomados. Eles só conseguem, na maioria das vezes, torná-los inadaptados, incapazes de ascender até à burguesia por falta de dinheiro e incapazes, por causa de sua educação, de seguir a profissão de seu pai. Esses inadaptados carregarão, durante uma miserável existência, o peso dos funestos erros que seus pais cometeram. Serão soldados certos do socialismo.

Não é apenas pelo ensino que ela fornece, mas também por seu espírito tão pouco democrático, que a Universidade atual exerceu na França a ação mais nefasta. Fixando seu desprezo por todo trabalho manual e por tudo que não é teoria, frase ou discurso. Deixando seus alunos acreditarem que os diplomas criam um tipo de nobreza intelectual que colocam seus possuidores numa casta superior que dá acesso à riqueza, ou pelo menos à boa-vida, ela desempenhou um funesto papel. Após longos e custosos estudos, os diplomados são obrigados a reconhecer que eles não conseguiram nenhuma elevação intelectual, nem tampouco saíram de sua casta e que sua existência está por recomeçar. Diante do tempo perdido, diante de suas faculdades embotadas para todo traba-

lho útil, diante da perspectiva da humilhante pobreza que os espera, como não se tornarão revoltados?[62]

Os mestres de nossa Universidade não veem, naturalmente, nada disso. Sua obra lhes inspira, ao contrário, como a todos os apóstolos, o mais vivo entusiasmo e eles não perdem uma ocasião de entoar cantos de triunfo.

Escreve o Sr. H. Béranger:

> *É preciso ler os livros dos senhores Liard e Lavisse, os dois principais arquitetos de nosso ensino superior, para compreender o tipo de entusiasmo que os tomaram diante do resultado de sua obra. Eles ouvem o som abafado, mas formidável, de todos aqueles que a Universidade decepciona, que os educa para cair na miséria e que em toda parte já são chamados de proletários intelectuais?*

Infelizmente não, eles não ouvem e, se ouvissem, tampouco o compreenderiam. Certamente que a obra desses acadêmicos foi particularmente nefasta, muito mais nefasta do que a de Marat e Robespierre, porque eles não corromperam as almas. Mas pode-se dizer que isso seja realmente sua obra? Quando certas ilusões reinam poderosamente sobre as almas, devemos nos prender aos

[62] Pode-se dar conta dos progressos crescentes do socialismo na juventude universitária lendo o manifesto cheio de ódio e furor contra a sociedade, publicado recentemente pelos “estudantes coletivistas”.

comparsas obscuros, aos comparsas cegos que só fazem obedecer às tendências gerais de seu tempo?

A hora em que nossas ilusões sobre o valor da educação latina desaparecerão ainda não chegou. Elas vicejam, ao contrário, mais do que nunca. A cada dia uma laboriosa juventude, cada dia mais numerosa, vai demandar à Universidade a realização de seus sonhos e de suas esperanças.[63]

O número de estudantes, que era de 10.900 em 1878, de 17.600 em 1888, oscila em torno de 30.000 agora. Que exército de desclassificados, de revoltados e, por consequência, de partidários do socialismo para o futuro!

E, como o número desses futuros desclassificados não parece tão grande ainda, há que se solicitar ao Estado bolsas para permitir o crescimento desse número. Em vão alguns espíritos esclarecidos veem o perigo e o demonstram. Sua voz soa inutilmente num deserto sem eco.

Dizia recentemente o Sr. Bouge diante da Câmara dos Deputados:

> *Os milhões que essas bolsas custam ao orçamento são pouca coisa diante desse problema social: impedir que elas se tornem uma fábrica de desclassificados. Des-*

[63] Ver os documentos reunidos em minha obra **Psychologie de l'Éducation**, sétima edição.

classificados, eles já se formam sem que o Estado ajude através de distribuições de bolsas.[64]

Nossos leitores veem agora como é formado, de uma maneira totalmente artificial, um novo exército de inadaptados. É ele sobretudo que será perigoso um dia e que fornecerá ao socialismo seus mais temíveis batalhões. Não é, repito, nas almas populares que germina mais ativamente o socialismo, mas na dos desclassificados fabricados pela Universidade. Para a destruição social que se prepara, nossa Universidade terá desempenhado um papel muito ativo. Os historiadores do futuro serão severos com ela e não lhe pouparão suas maldições, vendo todo mal que ela fez e comparando a todo bem que ela poderia ter feito.

* * *

[64] A instrução clássica superior, sendo coisa de luxo e só podendo servir àqueles que possuem uma certa essência, não há uma única razão séria para dá-la gratuitamente. Isso os americanos compreenderam perfeitamente. Um jovem que sentisse necessidade, após a manifestação de aptidão, encontraria sempre o meio de ganhar sua existência e isso seria para ele uma excelente preparação para a vida. Assim fazem os estudantes pobres nos países realmente democráticos como a América. Num trabalho sobre a universidade de Chicago, que ele visitou, um dos mais ilustres cientistas franceses, o Sr. Moissan, diz o seguinte:
Na maior parte das universidades americanas, encontra-se jovens sem fortuna que, para pagar as mensalidades escolares __ que custam em Chicago em torno de 178 francos por trimestre __ se dedicam a um trabalho manual qualquer fora das horas de estudo. Um estudante se fará acendedor de lampião de gás, um outro oferecerá à noite seus serviços em um hotel. Ali ganhará seu sustento se fazendo de mordomo ou de cozinheiro de seus colegas. Ele terá economizado durante vários anos, com um modesto vencimento, o suficiente para conseguir um diploma da universidade.
Pode-se estar certo que os jovens que tem a energia suficiente para dispensar tais esforços não serão jamais desclassificados e vencerão na vida, qualquer que seja a carreira que empreenda.

CAPÍTULO IV

A utilização dos inadaptados.

§1. O ataque futuro dos inadaptados.

Sumário

Veremos como condições especiais à era atual multiplicaram em imensas proporções a massa dos inadaptados. Essa multidão de incapazes, de deserdados, de degenerados, é um perigo grave para todas as civilizações. Unidos num ódio comum contra a sociedade em que eles não têm lugar, eles só querem combatê-la. É um exército pronto para todas as revoluções, que não têm nada a perder e tudo a ganhar __ pelo menos em esperança. Ele está pronto sobretudo para todas as destruições. Nada é mais natural do que os sentimentos de ódio que esses desclassificados professam a uma civilização muito complicada para eles e à qual eles sentem que jamais poderão se adaptar. Para realizar o assalto eles só esperam uma oportunidade.

Os perigos que ameaçam a Europa, ameaçam os Estados Unidos num futuro muito mais próximo ainda. A Guerra de Secessão foi o prelúdio da luta sangrenta que se engajarão em breve as diversas camadas que vivem sobre seu solo. É rumo ao novo mundo que se dirigem instintivamente todos os inadaptados do mundo. Apesar dessas invasões, que nenhum homem de Estado

compreendeu o perigo, a etnia anglo-saxã está ainda em maioria nos Estados Unidos. Mas outras etnias __ mexicanos, negros, italianos, porto-riquenhos etc. __ se multiplicam cada vez mais. É assim, por exemplo, que os Estados Unidos contam hoje em dia com cerca de 8 milhões de negros. Uma imigração anual de 400.000 estrangeiros cresce sem cessar essa perigosa população. Esses estrangeiros formam verdadeiras colônias, perfeitamente indiferentes e, na maioria das vezes, muito hostis à sua pátria de adoção. Sem laço de sangue, de tradição ou de língua com ela, eles não se preocupam em nada com seus interesses gerais. Eles só se fazem alimentar por ela.

Mas sua existência é tão mais dura, sua miséria tão mais profunda que eles estão em concorrência com a etnia mais enérgica do mundo. Eles quase que só podem viver se contentando com os trabalhos mais ínfimos, os empregos mais inferiores e, por consequência, com os mais baixos salários.

Esses estrangeiros não formam ainda 15% da população total dos Estados Unidos, mas em certas regiões eles estão quase em maioria e eles o serão logo, se os negros continuarem a pulular nos decênios vindouros. O estado de Dakota setentrional conta já com 44% de estrangeiros. Nove décimos de negros estão concentrados nos 15 estados do sul, onde formam um terço da população.

Na Carolina do Sul, eles estão agora em maioria e ultrapassam a cifra de 60%. Eles igualam os brancos em número na Louisiana.

Sabe-se como os negros são tratados no solo americano, onde geralmente sua libertação da escravatura é considerada como um erro colossal. Eles gozam teoricamente de todos os direitos reconhecidos aos outros cidadãos, mas na prática são pendurados e fuzilados sem nenhuma forma de processo, ao primeiro delito. Tratados como uma espécie animal intermediária entre o símio e o homem, eles estarão prontos a entrar no primeiro exército que empreenda uma luta contra a grande república.

A população negra se tornou o pesadelo da América. Não apenas esses 8 milhões de selvagens não puderam, após 30 anos de esforços, serem erguidos a uma semicivilização, mas é preciso constatar que, desde a abolição da escravatura, eles estão em regressão mental muito visível. Sua preguiça incurável, sua estupidez e sua perigosa bestialidade os tornam inúteis num país civilizado. As medidas mais variadas foram propostas para se desembaraçar deles. Aconselhou-se que fossem confinados em certos estados, deportados em massa para Cuba e Filipinas etc. O negro é, infelizmente, um ser tão inferior, salvo ínfimas exceções, que ele não é educável e utilizável sem antes ter sido reduzido a escravo. O que mais exaspera os americanos, é que, para descobrir essa verdade psicológica elementar, foi preciso gastar 5 bilhões e pere-

cerem um milhão de pessoas durante a Guerra da Secessão, feita, como se sabe, para suprimir a escravatura. Foi apenas após tais despesas que pôde se difundir nas massas certas noções que são banais há muito tempo para os cientistas.[65]

Seja como for, os 8 milhões de negros americanos formam uma massa da qual não é fácil se desfazer e muitos interesses diversos estão em jogo para que se possa pensar agora no restabelecimento da escravidão. Os americanos se desembaraçaram dos chineses impedindo sua entrada nos estados, dos indígenas confinando-os em reservas cercadas por guardas vigilantes munidos de fuzis de repetição e tendo ordem de abatê-los como coelhos, assim que a fome os obrigue a sair de seu enclave. Através desses processos sumários puderam-se destruir quase todos os indígenas em muito poucos anos. Mas eles parecem dificilmente aplicáveis a milhões de negros e totalmente inaplicáveis ao estoque imenso de branquinhos estrangeiros, de todas as origens, disseminados nas cidades. Ainda mais que esses brancos são eleitores e podem enviar seus representantes para se sentarem nas Câmaras ou exercer

[65] Eu estou plenamente convencido que, quando a conquista da África tiver terminado, os europeus serão obrigados, para civilizá-la, a estabelecer a escravidão. Tendo o cuidado, bem entendido, de dar um novo nome a ela, para não ofender os filantropos. Eu não encontrei ainda, aliás, um só viajante vindo da África, que esteja convencido de que o negro seja "civilizável" de outra maneira. Todos dizem isso, mas eu acredito ser o primeiro escritor que ousou escrevê-lo.

os poderes públicos. Na última greve de Chicago, o governador da província estava ao lado dos insurgentes.

O grande historiador Macaulay previa, da seguinte maneira, o surgimento dessas lutas futuras, numa carta dirigida a um americano em 1857:

> *O dia virá em que no estado de Nova Iorque, uma multidão de pessoas, que só tiveram um magro almoço e que não esperam um jantar melhor, terão eleito as Câmaras; e pode-se duvidar do caráter das Câmaras que serão eleitas? Eis, de um lado, um político que prega a paciência, o respeito aos direitos adquiridos, a fidelidade aos compromissos públicos; eis, do outro lado, um demagogo que discursa contra a tirania dos capitalistas e dos usurários, que pergunta com que direito alguns bebem champanhe e passeiam de carro, enquanto milhares de bravas gentes não têm o necessário. Qual desses candidatos tem mais chances de ser eleito pelo trabalhador cujos filhos pedem pão? Eu temo que, em tais circunstâncias, você toma medidas fatais. Das duas, uma: ou algum César, algum Napoleão tomará em suas mãos as rédeas do governo, ou vossa República será pilhada pelos bárbaros do século XX, tão terrivelmente quanto o império romano foi pelos bárbaros do século V. A diferença será que os hunos e os vândalos vinham de fora e vossos saqueadores virão de vosso próprio país, suscitados por vossas próprias instituições.*
>
> *Minha convicção é que, depois de algum tempo, instituições completamente democráticas são feitas para destruir, mais cedo ou mais tarde, seja a liberdade, seja a civilização, seja uma e a outra por vez.*

Eu não duvido, dado o caráter enérgico dos anglo-saxões da América, que eles chegam a superar os perigos dos quais os ameaça Macaulay, mas que isso se dará a custas de lutas mais destrutivas que todas as já registradas pela história.

Não temos, aliás, que nos ocupar aqui com o destino da América, mas não é impossível que suas dissensões intestinas, cedo ou tarde, toquem a Europa e que conheçamos, um dia, os mesmos problemas étnicos que os Estados Unidos.

Nossos inadaptados europeus não são atualmente nem tão numerosos nem tão perigosos quanto aqueles da América, mas eles não são menos temíveis e chegará a hora em que eles serão alistados sob a bandeira do socialismo e em que será preciso enfrentá-los em sangrentas batalhas. Mas essas crises agudas serão necessariamente efêmeras. Qualquer que seja a solução, o problema da utilização dos inadaptados estará posto durante muito tempo, com as mesmas dificuldades. A busca de sua solução pesará muito no destino dos povos do futuro e é impossível pressentir, hoje, por quais meios eles poderão ser resolvidos. Vamos mostrar por quê.

§2. A utilização dos inadaptados.

Os únicos métodos propostos até aqui para irem em ajuda aos inadaptados foram a caridade privada e a assistência do Esta-

do. Porém a experiência ensinou, depois de muito tempo, que eles são insuficientes no início e perigosos em seguida. Mesmo supondo que o Estado ou os particulares fossem tão ricos para sustentar a multidão dos inadaptados, essa manutenção só faria multiplicar rapidamente seu número. Aos verdadeiros inadaptados viriam logo se juntar os semi-inadaptados e todos aqueles que, preferindo a preguiça ao trabalho, só trabalham hoje porque são forçados pela fome.

Até aqui a caridade pública ou privada só fez aumentar consideravelmente a massa dos inadaptados. Assim que um escritório da Assistência Pública é aberto em alguma parte, o número dos pobres cresce em imensas proporções. Eu conheço um pequeno vilarejo, às portas de Paris, em que quase a metade da população está inscrita no escritório de assistência social.

As pesquisas feitas a esse respeito provaram que 95% dos pobres socorridos na França são indivíduos que recusam toda espécie de trabalho. A cifra resulta sobretudo das experiências feitas sob a supervisão do Sr. Monod, diretor do Ministério do Interior. De 727 mendigos válidos, tomados ao acaso e que se lamentavam de não ter trabalho, apenas 18 consentiram em executar um trabalho fácil que lhes daria 4 francos por dia. A assistência privada ou pública só faz mantê-los em sua preguiça. Num relatório sobre

essa situação da pobreza na França, o Sr. de Wateville escreveu, há alguns anos:

> *Nos 60 anos em que a administração da Assistência Pública em domicílio exerce seu trabalho, jamais se viu um indigente retirado da miséria, já que ele podia suprir suas necessidades pelos meios e a ajuda desse modo de caridade. Ao contrário, ela constitui frequentemente uma pobreza em estado hereditário. Assim, vemos hoje, inscritos nos controles dessa administração, os netos dos indigentes admitidos nos socorros públicos em 1802, enquanto que os filhos tinham sido, em 1830, igualmente levados a esses registros fatais.*

Em seu **Essais Sur le Principe de la Population**, Malthus se exprimia a esse respeito, da seguinte maneira:

> *A causa principal e permanente da pobreza tem pouco ou quase nenhuma relação com a forma do governo ou com a divisão desigual dos bens (não está no poder dos ricos fornecer aos pobres ocupação e pão) e, em consequência, os pobres, pela natureza mesma das coisas, não têm nenhum direito de lhes pedir isso... Mas, como a experiência e a teoria demonstram sem dúvida nenhuma, que a concessão de tal direito faria crescer as necessidades além de toda possibilidade de satisfazê-las e como a simples tentativa de uma tal empresa teria inevitavelmente o efeito de mergulhar a raça humana na mais horrível miséria, é claro que nossa conduta, que nega tacitamente a existência do direito de que ela trata, é melhor seguir às leis de nossa natureza do que às estéreis afirmações pelas quais pretendemos suplantá-la.*

O ilustre escritor inglês Herbert Spencer escreveu, sobre a mesma questão, uma página muito mais enérgica ainda:

> *Alimentar os incapazes às custas dos capazes, é uma grande crueldade. É uma reserva de miséria empilhada de propósito para as gerações futuras. Não se pode dar um presente mais triste para a posteridade do que juntar um número sempre crescente de imbecis, de preguiçosos e de criminosos. Ajudar os maldosos a se multiplicar e, no fundo, preparar maliciosamente para nossos descendentes, uma multidão de inimigos. Tem-se o direito de se perguntar se a filantropia boba, que só pensa em suavizar os males do momento e persiste em não ver os males indiretos, não produz, no fim, uma soma maior de miséria do que o egoísmo extremo. Ao se recusar a olhar as consequências distantes de sua generosidade imponderada, aquele que dá sem refletir está apenas um grau acima do bêbado que só pensa no prazer de hoje e ignora as dores de amanhã, ou do pródigo que busca as felicidades imediatas ao preço da pobreza final. Num certo sentido ele é pior, pois gozando no momento a doçura de dar prazer ele lega a outros as misérias futuras das quais ele próprio escapa. Há algo que demanda uma reprovação ainda mais severa: é esse desperdício de dinheiro inspirado por uma falsa interpretação da máxima "a caridade apaga uma multidão de pecados". Entre as numerosas pessoas que imaginam, segundo essa falsa interpretação, que dando muito elas podem expiar suas más ações, podemos reconhecer um elemento de verdadeira baixeza. Esforça-se para adquirir um bom lugar no outro mundo, sem se preocupar com o que pode custar a seus semelhantes.*

Mas, fora a caridade propriamente dita, destinada a socorrer simplesmente as necessidades daqueles que não podem ou não querem trabalhar, um outro problema consiste em saber se o Estado, segundo a pretensão dos socialistas, não deveria se encarregar de distribuir trabalho aos indivíduos que não tem e o procura.

Essa teoria decorre evidentemente do conceito latino de Estado, que nós já discutimos aqui. Bastar-nos-á, sem nos ocupar com o princípio, pesquisar simplesmente se o Estado tem possibilidade de desempenhar o papel que se quer lhe atribuir. A experiência já foi feita várias vezes, pois não é de hoje que se proclama o direito ao trabalho e é fácil responder essa questão.

A Assembleia Nacional e a Convenção, após terem, em 1791 e em 1793, decretado a criação de um estabelecimento destinado a "dar trabalho aos pobres válidos que não tinham podido procurá-lo", estabeleceram oficinas nacionais. Em 1791, elas empregavam, em Paris, 31.000 trabalhadores, pagos a 40 centavos por dia. Esses trabalhadores chegavam ao trabalho por volta das dez horas, partiam às 15 horas e só o que faziam era beber e jogar cartas no intervalo. Quanto aos inspetores encarregados de supervisioná-los, quando eram interrogados, respondiam simplesmente que não tinham força para fazê-los obedecer e não queriam correr o risco de serem degolados.

Segundo o Sr. Cheyson

O quadro foi o mesmo em nossas oficinas nacionais em 1848, que levaram aos sangrentos dias de junho (quando se quis aboli-las).

É curioso constatar que, apesar das lições da história, esse preconceito do direito ao trabalho mantém seus fieis. Acabou de acontecer em Erfurt, o sexto congresso evangélico social __ um tipo de parlamento das igrejas reformadas __ muito impregnado de socialismo cristão. Com a ajuda do especialista em direito público, o Sr. de Masson, ativo colaborador do pastor Badelswing para a criação das colônias de trabalhadores, o Congresso proclamou que "era, num Estado bem administrado, um dever estrito estancar, na medida do possível, o doloroso flagelo social do desemprego imerecido". É a fórmula mitigada do direito ao trabalho.

No sistema socialista será o Estado que organizará as novas fábricas nacionais. Tem-se que visitar nossos arsenais para saber o que poderá produzir uma tal organização.

O Sr. Lockroy, ex-ministro da Marinha, assinalava no **Temps** de 2 de novembro de 1906, que a "tonelagem de armamento" era revendida a 141 francos em Brest, a 220 francos em Lorient e a 460 francos em Rochefort.

Vê-se aonde pode levar a teoria do direito ao trabalho e à intervenção do Estado. O problema discutido nesse parágrafo preocupa há muito tempo as grandes mentes e nenhuma delas encontrou, nem de longe, a solução. É evidente, aliás, que se essa solução tivesse sido encontrada, a questão social estaria em grande parte resolvida.

E é porque ela ainda está por ser encontrada que o socialismo __ que pretende resolver o insolúvel problema e não recua diante de nenhuma promessa __ é tão temível hoje em dia. Ele tem por aliados todos os deserdados, todos os vencidos pela vida, todos os inadaptados, cuja formação já explicamos. Ele representa para eles esse último brilho de esperança que não morre nunca no coração do homem. Mas como suas promessas serão necessariamente vãs __ porque as leis da natureza que dirigem nossa sorte não podem ser mudadas __ sua impotência explodirá a todos os olhos assim que ele triunfar. E então ele terá por inimigos as mesmas multidões que ele seduziu e que agora colocam nele sua esperança. Mais uma vez desiludido o ser humano retomará o eterno trabalho de criar quimeras capazes de encantar sua alma por algum tempo.

* * *

LIVRO VI

A evolução da organização social.

———

CAPÍTULO I

As origens e a repartição das riquezas: a inteligência, o capital e o trabalho.

Sumário

As descobertas científicas e industriais da era atual condenam as sociedades a sofrer uma evolução profunda. Já o dissemos em várias partes dessa obra. Resta-nos precisar, neste capítulo e nos próximos, as características mais essenciais dessa evolução.

As mais importantes transformações atuais derivam do problema da repartição das riquezas. Antes de pesquisar como a riqueza pode ser repartida é preciso saber primeiro como ela é produzida. É o que vamos examinar primeiramente.

Os socialistas só reconhecem 2 fontes da riqueza: o capital e o trabalho. Todas as suas reclamações recaem sobre o valor maior, segundo eles, que se atribui ao capital. Não podendo negar a necessidade do capital na indústria moderna, eles sonham ao menos com a supressão dos capitalistas.

Fora do capital e do trabalho existe, no entanto, uma terceira fonte da riqueza: a inteligência. Os socialistas só lhe atribuem,

geralmente, um pequeno valor. Sua ação é, no entanto, dominante e, por isso, começaremos por ela nosso exame.

§1. A inteligência.

Na aurora da civilização a capacidade intelectual desempenhava um papel apenas um pouco superior ao do trabalho manual.

Com os progressos das ciências e da indústria, esse papel acabou por se tornar tão preponderante que sua importância não pode ser exagerada. O trabalho do obscuro operário mal serve para ele mesmo, enquanto que as obras da inteligência enriquecem a humanidade inteira. Um socialista assegurava, num discurso na Câmara dos Deputados, "que não há homens que sejam, na realidade humana, o equivalente humano de 100.000 homens".

É evidente, pelo contrário, que, em menos de um século, pode-se citar, de Stéphenson a Pasteur, toda uma elite de inventores em que cada um deles vale muito mais do que 100.000 homens, não apenas pelo valor teórico das invenções saídas de seus cérebros, mas pelas riquezas que essas invenções distribuíram no mundo e os benefícios que receberam todos os trabalhadores.[66]

[66] Mesmo negligenciando as grandes descobertas como a da máquina a vapor, das estradas de ferro etc. poder-se-ia citar centenas de invenções que beneficiaram todos os trabalhadores. Certas invenções __ como a transformação do ferro fundido em aço, realizada por Bessemer __ revolucionaram a indústria e deram trabalho a milhares de trabalhadores. Antes dele o preço da tonelada de aço era de 1.500 francos e seu consumo mal ultrapassava 50.000 toneladas. Após sua

Se, no dia do julgamento final, as obras forem avaliadas pelo seu valor real, que valor imenso terão aquelas desses poderosos gênios? É às suas descobertas que se deve a maior parte do capital existente no mundo. O economista inglês Mallock avalia em um terço da renda atual da Inglaterra a parte imputável à capacidade de uma pequena elite. Apenas essa pequena elite produz sozinha muito mais do que todo o resto da população. A história da civilização não passa, na realidade, da história dos grandes homens que se sucederam de era em era. Os povos que não possuíram tais homens não tiveram nem civilização nem história.

Os socialistas de todas as escolas repugnam reconhecer a importância da superioridade intelectual. Marx só entende por trabalho a atividade manual e relega a segundo plano o espírito de invenção, de capacidade, de direção que, no entanto, transformou o mundo.

Esse ódio dos socialistas pela inteligência é bem fundamentado, pois é precisamente a inteligência que será o obstáculo eterno diante do qual se baterão todas as suas ideias igualitárias. Su-

---

descoberta o preço caiu para 150 francos e o consumo se tornou 20 vezes maior. O aço substituiu a madeira na construção de navios e a pedra na dos grandes edifícios. Pode-se imaginar que entraves encontrariam descobertas análogas sob o regime socialista vendo a oposição que elas provocam, às vezes, por parte dos cientistas organizados em corporação. Quando Bessemer expôs, em 1856, sua descoberta na Associação Britânica para o Avanço da Ciência, ela foi considerada como tão pouco interessante que se recusou registrar sua exposição nas atas da associação.

ponhamos que, por uma medida análoga à revogação do Édito de Nantes (medida que os socialistas, se fossem os senhores, seriam logo levados a tentar), todas as superioridades intelectuais da Europa __ cientistas, artistas, industriais, inventores, trabalhadores de elite etc. __ fossem expulsos dos países civilizados e obrigados hoje a se refugiar numa ilha qualquer desabitada. Admitamos que eles sejam obrigados a se refugiar sem um centavo de capital. Não há dúvida nenhuma que essa ilha, tão inóspita quanto se suponha, se tornaria rapidamente o primeiro país do mundo em civilização e riqueza. Essa riqueza seria tal que seus possuidores poderiam manter um poderoso exército de mercenários e não teriam nada a temer de ninguém.

§2. O capital.

O capital compreende todos os objetos __ mercadorias, ferramental, casas, terras etc. __ que possuam um valor negociável qualquer. A moeda é apenas o sinal representativo, a unidade comercial que serve para avaliar e trocar os diversos objetos.

Para os socialistas, o trabalho é a fonte única e a medida do valor. O capital seria apenas uma porção de trabalho não pago roubado do trabalhador.

Seria inútil perder tempo discutindo afirmações refutadas tantas vezes. O capital é trabalho __ seja material, seja sobretudo

intelectual __ acumulado. Foi o capital que tirou o homem da escravidão das velhas eras, a da natureza sobretudo e que constitui hoje em dia o suporte fundamental de toda civilização. Acuá-lo e persegui-lo seria obrigá-lo a fugir ou se esconder e matar, no mesmo golpe, a indústria, que não viria mais alimentá-lo e, depois, por via de consequência, acabar com todo salário. Isso são banalidades que não necessitam realmente de nenhuma demonstração.

A utilidade do capital na grande indústria é tão evidente que todos os socialistas falam em suprimir os capitalistas, mas não falam em suprimir o capital. O grande capitalista presta imensos serviços ao público pela redução do preço de venda e revenda dos objetos. Um grande industrial, um grande importador, uma grande loja, podem se contentar com um lucro de 5 a 6% e vender, por consequência, os produtos bem menos caros do que o pequeno industrial e o pequeno comerciante, obrigados __ para cobrirem seus custos e viverem __ a majorar suas mercadorias em 40 ou 50%.[67]

[67] As majorações são, às vezes, mais elevadas ainda. Num documento publicado por vários jornais vemos que o valor das mercadorias de primeira necessidade é, às vezes, quadruplicado pelos intermediários. Só para citar um exemplo: o produtor que envia uma caixa com 150 quilos de alface à Paris recebe um pouco menos de 10 francos, num preço de venda ao público em torno de 45 francos. “Pode-se dizer”, observou o autor do artigo, “que no trânsito dos alimentos de Halles à Paris os consumidores parisienses pagam 5 francos pelo que

O crescimento da riqueza __ e o número dos beneficiários dessa riqueza __ é, hoje em dia, considerável. Pode-se avaliar isso pelos seguintes números extraídos de um trabalho lido na Société de Statistique e publicado pelo **Officiel** de 27 de junho de 1896. Eles dão informações muito interessantes e que parecem exatas __ pelo menos grosso modo __ como a maioria das estatísticas. O capital nominal das rendas francesas que era de 713 milhões em 1800 se elevou a 4,426 bilhões em 1830. 5,516 bilhões em 1852 e 26 bilhões em 1896.

O número de inscrições de rendas, que era de 195.000 em 1830, era de 5 milhões em 1895. O número dos rentistas seria então 25 vezes maior do que em 1814.[68]

O número de participantes nas empresas industriais tende também a aumentar. Em 1888, as ações do **Crédit Foncier** pertenciam a 22.000 indivíduos; elas pertencem a 40.000 hoje em dia.

---

os produtores vendem por 1 franco". Vê-se facilmente o que ganharia o público se grandes capitalistas pudessem se encarregar da indústria de alimentos como eles fizeram com a de vestimenta.

[68] Não se pode esquecer, no entanto, que a mesma pessoa pode ter e tem mesmo necessariamente vários títulos. Esses números não são, portanto, absolutos. Segundo uma confirmação que obtive no Ministério das Finanças, o número de inscrições nominais ou ao portador era, no fim de 1896, de 4.522.449 (e não de 5.000.000, como assegura o relatório que mencionei). Naturalmente ignora-se por quantas mãos esses títulos estavam repartidos, apesar das conclusões da mesma estatística.

Mesma fragmentação para as ações e obrigações das companhias de estradas de ferro: elas estão repartidas pelas mãos de 2 milhões de pessoas.

Veremos que é a mesma coisa para as propriedades. Quase dois terços da França estão nas mãos de 6 milhões de proprietários. O Sr. Leroy-Beaulieu chega finalmente à conclusão de que "3/4 da fortuna acumulada e provavelmente quase 4/5 da renda nacional estão nas mãos de trabalhadores, agricultores, pequenos burgueses, pequenos rentistas".

Assim, as grandes fortunas são cada vez mais raras. Os estatísticos avaliam em 2% ou menos o número de famílias que possuem 7.500 francos de renda. Nas 500.000 heranças anuais, 2.600 apenas ultrapassam a soma de 20.000 francos de capital.

O capital tende então a se distribuir cada vez mais por um grande número de mãos e se distribui porque ele cresce constantemente. As leis econômicas agem aqui no sentido sonhado pelos socialistas, mas por meios bem diferentes do que aqueles que eles preconizam, porque o efeito produzido é a consequência da abundância dos capitais e não de sua supressão.

Pode-se se perguntar, no entanto, o que produziria a repartição igual entre todos da fortuna geral de um país e se os trabalhadores ganhariam com isso. É fácil responder a essa questão.

Admitamos que, seguindo o desejo de certos socialistas, reparta-se os 220 bilhões que representam a fortuna da França, entre seus 38 milhões de habitantes. Admitamos também que se possa transformar essa fortuna em espécie __ realização evidentemente impossível porque não existe mais do que 7 ou 8 bilhões em ouro ou prata[69], o resto é representado pelas casas, fábricas, terras, objetos de todo tipo. Admitamos ainda que, ao anúncio dessa partilha, a taxa dos valores mobiliários não afunde em 24 horas. Admitindo todas essas impossibilidades, cada indivíduo teria então um capital de 5.500 francos aproximadamente, que geraria 165 francos de renda. Seria preciso conhecer bem pouco a natureza do ser humano para não estar convencido de que a incapacidade e o desperdício, por um lado e a economia, a energia e a capacidade, por outro lado fariam rapidamente sua obra: a desigualdade das fortunas seria rapidamente restabelecida. Se, para evitar uma partilha geral, limitasse-se a dividir as grandes fortunas apenas. Se, por exemplo, se confiscasse todas as rendas acima de 25.000 francos para reparti-las entre as outras categorias de cidadãos. A renda desses últi-

[69] Não existe no mundo inteiro, segundo os economistas, mais do que 24 bilhões em moeda de ouro e 20 bilhões em moeda de prata. Se elas fossem repartidas entre os 1,5 bilhões de habitantes da terra, caberia a cada um 29 francos. O país mais rico do mundo, os Estados Unidos, não possui mais do que 8 bilhões em numerário. A fortuna dos numerosos bilionários que ele possui se constitui sobretudo de papel. O numerário só adquire seu valor por uma rápida circulação.

mos só teria crescido em 4,5%. O indivíduo que tivesse 1.000 francos de salário anual receberia então 1.045 francos.[70]

Em troca desse insignificante aumento, o comércio e muitas indústrias que sustentam milhões de pessoas, seriam totalmente aniquilados. A ruína dos trabalhadores seria então geral e sua sorte bem pior do que é hoje.

Ao mesmo tempo em que se constata a difusão dos capitais __ que todos os socialistas sinceros deveriam abençoar __ observa-se também que o lucro do capital em todas as empresas indus-

[70] E isso é apenas o lado material da questão. Ela comporta também um lado psicológico que não se pode negligenciar. O que provoca escândalo nas grandes fortunas e provoca tantas recriminações contra elas são: 1º) sua origem, constituída, frequentemente por verdadeiras depredações financeiras; 2º) o poder imenso que elas dão a seus possuidores permitindo-lhes comprar de tudo, até títulos das academias as mais importantes; 3º) a vida escandalosa dos herdeiros daqueles que criaram as fortunas.

É evidente que um industrial que se enriquece vendendo com bom preço produtos caros até para ele, ou criando uma indústria nova, como por exemplo a transformação do ferro gusa em aço, um novo modo de aquecimento etc. presta um serviço ao público, enriquecendo. É bem diferente desses financistas cuja fortuna tem por única origem a colocação ao público de toda uma série de empréstimos a países suspeitos e ações de sociedades fraudulentas, sobre as quais eles recebem enormes comissões. Suas colossais fortunas só se compõem pela adição de roubos impunes. E todos os Estados deverão encontrar, um dia, um meio qualquer __ seja através de enormes taxas de sucessão, seja através de impostos especiais __ de impedi-los de fundar um Estado dentro de um Estado. Essa necessidade já preocupou vários filósofos ilustres. Eis o que diz sobre isso Stuart Mill: “A possibilidade de ser passada adiante é um dos privilégios da propriedade que podem ser utilmente regulamentados a bem do interesse público e a melhor maneira de impedir o acúmulo de grandes fortunas em mãos daqueles que não as adquiriram com seu trabalho é colocar um limite ao que cada um pode adquirir por herança ou sucessão”.

triais se reduz, enquanto que, ao contrário, o dos trabalhadores cresce.

O Sr. Harzé, inspetor das minas na Bélgica, demonstrou que nos últimos 30 anos, enquanto os custos de exploração tinham variado pouco e oscilavam em torno de 38%, a parte dos acionistas foi progressivamente reduzida para menos da metade, enquanto a do trabalhador tinha aumentado consideravelmente.

Calculou-se que, se fossem repartidos com os trabalhadores de certas empresas a totalidade de seus lucros, cada trabalhador ganharia menos de 86 francos a mais por ano. Ele não os ganharia por muito tempo, aliás. A empresa, sendo obrigatoriamente dirigida pelos trabalhadores nessa hipótese, periclitaria logo e eles ganhariam, finalmente, muito menos do que no estado de coisas atual.

O mesmo fenômeno, ou seja, o crescimento dos salários às custas do lucro do capital, se observa em todo lugar. Segundo o Sr. Daniel Zolla, enquanto o capital fundiário baixava em 25%, os salários agrícolas se elevavam em 11%. Na Inglaterra, segundo o Sr. Lavollée, em 30 anos a renda das classes trabalhadoras se elevou em 59% e a renda das classes altas abaixou em 30%.

O salário do trabalhador continuará, sem dúvida, a se elevar ainda mais, até que permaneça o mínimo indispensável à remuneração, não mais do capital empregado num empreendimento, mas

simplesmente dos administradores necessários para dirigi-lo. Esta é, pelo menos, a lei atual. Não deve ser a do futuro. Os capitais imobilizados nas antigas empresas não podem evitar o desaparecimento que os ameaça. Mas os capitais do futuro saberão se defender melhor. Veremos isso estudando como os sindicatos de produção industrial providenciam agora sua defesa.

O trabalhador atual está numa fase que ele não verá mais, em que ele pode ditar suas leis e sangrar impunemente a galinha dos ovos de ouro. Para todas as velhas sociedades anônimas __ transportes, estradas de ferro, ônibus, fábricas, minas etc. __ os sindicatos de trabalhadores estão certos de que conseguirão exigir progressivamente a totalidade dos lucros e só pararão quando o dividendo do acionista estiver reduzido a zero e só ficar o suficiente para pagar diretores e administradores. Sabe-se, através de inumeráveis exemplos, com que resignação admirável o acionista suporta, da parte do Estado e das companhias privadas, a redução, inicialmente e depois, a supressão total de seu lucro. Os cordeiros não estendem com mais mansidão seu pescoço ao açougueiro.

Esse fenômeno da redução progressiva, (que tende para o desaparecimento total) dos rendimentos do acionista, se observa hoje em dia, numa grande escala, nos países latinos. Acompanhando a indiferença e a desprezível fraqueza dos administradores das empresas, todas as exigências do pessoal sindicalizado são

imediatamente satisfeitas. Isso só pode ser feito, bem entendido, avançando sobre os lucros dos acionistas. Naturalmente, as reivindicações dos sindicalizados logo se repetem e, naturalmente ainda, os administradores __ que, eles mesmos, não têm nada a perder e são movidos pelo medo __ continuam a ceder, o que reduz de novo o dividendo e, em seguida, o valor da ação. Essa série de operações pode se prolongar até o dia em que o dividendo se tornar nulo e, igualmente, o valor da ação. Por esse engenhoso método de espoliação, muitas das nossas grandes empresas industriais rendem cada vez menos e renderão absolutamente nada em alguns anos. Os verdadeiros proprietários da empresa terão sido progressivamente e totalmente eliminados, o que é o sonho do coletivismo. Não é fácil imaginar como se poderá encontrar acionistas para criar novas empresas. Desde o presente se vê desenhar uma judiciosa desconfiança e uma tendência para exportar os capitais para os países em que eles estão menos expostos. O êxodo dos capitais e também dos capacitados, seria a primeira consequência do triunfo completo dos socialistas.

O duplo fenômeno que constatamos para a riqueza mobiliária __ repartição da riqueza em um número cada vez maior de mãos e redução da renda do capital após a elevação progressiva da parte dada aos trabalhadores __ é constatada igualmente para a fortuna imobiliária.

Segundo o relatório do Sr. E. Tisserand sobre a última pesquisa decenal, há na França 49 milhões e meio de hectares submetidos à exploração agrícola. Eles estão repartidos em 5.672.000 propriedades. 2,5% apenas dessas propriedades estão definidas como grande propriedade, ou seja, possuem uma superfície superior a 40 hectares. Mas esses 2,5% de propriedades compreendem, em extensão, a 45% do solo. Se então há grande preponderância, em número, das pequenas propriedades, quase metade do solo pertencem a 2,5% apenas do número de propriedades.

A grande propriedade compreende então, ainda na França, quase a metade do território. Mas é visível que ela não conseguirá se manter por muito tempo, em razão, precisamente, da parte cada vez menor deixada para o capital em todo tipo de empresa. As causas do seu desaparecimento próximo são fáceis de mostrar.

A profissão agrícola é exercida por 8.500.000 indivíduos aproximadamente[71], dos quais a metade é proprietária do solo que

[71] Os números variam notavelmente segundo a maneira de utilizar os recenseamentos. Eis, segundo os números do **Office du Travail** resumidos pelo Sr. de Flaix no **Économiste Français,** o recenseamento do pessoal das indústrias e das profissões na França de 1896. Eu forneço as cifras em números redondos:

Agricultores	8.502.000, dos dois sexos
Industriais	5.605.000
Comerciantes	2.287.000
Profissionais liberais	339.000
Serviço pessoal (Cabeleireiros etc.)	52.000
Domésticos	917.000
Funcionários públicos	689.000

cultiva, a outra metade vive de salários. Porém, se se compara a estatística agrícola de 1856 com a de 1886 __ a última publicada com alguns detalhes __ vê-se que, se o número de agricultores diminuiu um pouco, o dos proprietários cultivadores, ao contrário, aumentou. A diminuição aparente dos agricultores __ que inquietam tantos escritores __ é **o simples resultado da extensão crescente da pequena propriedade**.

Essa extensão do número dos proprietários é um fenômeno exatamente paralelo ao do crescimento do número de portadores de títulos mobiliários.

Se o número dos indivíduos que são cultivadores aumenta, é evidente que o dos fazendeiros __ meeiros e diaristas __ deve diminuir. Deve diminuir mais ainda para os diaristas, principalmente, já que a mão-de-obra cara é substituída cada vez mais por máquinas agrícolas. O aumento das culturas forrageiras, que cresceram em ¼ desde 1862 e que exigem um pessoal bem menos numeroso, contribuiu igualmente. Se então os campos estão um pouco despovoados é unicamente porque eles têm menos necessidade de braços. Mas eles nunca faltaram. Os braços são abundantes. São as cabeças que, às vezes, fazem um pouco de falta.

18.391.000, dos dois sexos

Dos 38.500.000 de franceses, quase a metade faz parte do mercado de trabalho nacional e nesse número figuram 6 milhões de mulheres.

Evidentemente a pequena cultura não é muito produtiva. Ela alimenta, no entanto, aqueles que a praticam. Eles ganham certamente menos trabalhando para si próprios do que se trabalhassem para os outros. Mas é algo totalmente diferente trabalhar para si do que trabalhar para um patrão.

A situação dos grandes proprietários se tornou das mais precárias, tanto na França quanto na Inglaterra. Isso porque, como já disse acima, eles tendem a desaparecer. Suas terras estão condenadas a uma fragmentação próxima. Incapazes de cultivá-las eles mesmos, vendo que rendem cada vez menos por causa da concorrência dos cereais estrangeiros e das exigências crescentes dos trabalhadores, eles são progressivamente obrigados a renunciar ao cultivo, que lhes custa às vezes mais caro do que ele rende.[72]

Eles acabarão necessariamente por vender suas terras em pedaços a pequenos proprietários que a explorarão eles mesmos. Estes, não tendo nenhum custo e pouco capital para remunerar, diante do baixo preço de suas aquisições viverão folgadamente em terras nas quais os grandes proprietários viviam muito mal. A grande propriedade será em breve apenas um objeto de luxo inútil. Ela é ainda um sinal, mas não é mais uma fonte de riqueza.

---

[72] Em Aisne, região de grande cultura, contava-se, diz-se, há alguns anos, com 900 fazendas importantes abandonadas. Mas jamais se citou uma única pequena propriedade abandonada por seu proprietário. Esta última observação é aplicável igualmente à Inglaterra.

Os fenômenos que eu constato são observados em todo lugar e, de uma maneira mais particular, nos países de grandes propriedades, tais como a Inglaterra. Eles resultam, como disse, das exigências crescentes da população trabalhadora, coincidindo com a redução do valor das produções do solo por causa da concorrência estrangeira feita pelos povos cujas terras têm pouco valor __ como na América __ ou por aqueles nos quais o trabalho manual é que é sem valor __ como a Índia. Foi essa concorrência que, em poucos anos, fez cair entre nós o preço do trigo em 25%, apesar das taxas protetoras __ pagas naturalmente por todos aqueles que consomem pão.

Na Inglaterra, país de liberdade, onde não há nenhuma taxa protetora contra a concorrência estrangeira, a crise assola com toda sua intensidade. Os grãos estrangeiros atulham os portos ingleses, bem como as carnes estrangeiras. Navios frigoríficos fazem continuamente o trajeto entre Sidnei, Melbourne e Londres. Eles trazem, a 10 ou 15 centavos a libra, os carneiros e os bois já cortados, sem falar da manteiga, que certos estabelecimentos importam até 600.000 quilos numa só viagem. Mesmo tendo os proprietários abaixado em mais de 30% o preço de seus produtos agrícolas eles não conseguem quase mais nada. O Sr. de Mandat-Grancey, numa notável pesquisa, cita proprietários cujos livros ele examinou e cujas terras rendiam 500.000 a 800.000 francos há

alguns anos e acabaram por não render mais do que 10.000 a 12.000 francos, por causa do não pagamento do arrendamento. É impossível descartar os arrendatários que não pagam, pela simples razão de que não se encontraria ninguém que consentisse em pagar. Mesmo não pagando, os ocupantes prestam pelo menos o serviço de cuidar do solo e impedir que ele retorne ao estado selvagem. Os proprietários ingleses serão forçados __ como os proprietários franceses que mencionei __ a fracionar suas terras e vendê-las, a preço vil, a pequenos agricultores. Estes poderão então explorá-las com proveito. Primeiro porque eles próprios as exploram e depois porque o preço de compra será insignificante.

Não é necessário lamentar muito, eu creio, que os grandes proprietários estejam por todo lado destinados a ser vítimas da evolução das leis econômicas. Há um interesse considerável para as sociedades do futuro em que a propriedade seja fatiada até o ponto em que cada um só possua um pouco para cultivar. Desse estado de coisas resultaria uma estabilidade política muito grande. O socialismo não teria nenhuma chance de sucesso em tais sociedades.

Em resumo, o que dissemos para a repartição do capital se constata também para a repartição do solo. Pela ação das leis econômicas, a grande propriedade está condenada a desaparecer. Antes que os socialistas terminem de discutir sobre ela, o objeto de

suas discussões terá desaparecido, por causa do jogo imperturbável dessas leis naturais, que funcionam, tanto no sentido de nossas doutrinas, quanto contra, mas sem jamais se preocupar com elas.

§3. O trabalho.

Os números que nós fornecemos mostraram a progressão crescente da remuneração do trabalho e a redução não menos crescente da remuneração do capital. Em razão de sua incontestável necessidade o capital pôde impor durante muito tempo aos trabalhadores suas exigências, mas hoje em dia os papeis mudaram muito. As relações do capital e do trabalho, que eram inicialmente aquelas de senhor e servidor, tendem agora a se inverter. O progresso das ideias humanitárias, a indiferença progressiva dos empresários pelos lucros dos acionistas que eles não conhecem e, sobretudo, a enorme expansão dos sindicatos, puderam conduzir, pouco a pouco, o capital a esse papel apagado.

Apesar das reclamações ruidosas dos socialistas, é perfeitamente evidente que a situação dos trabalhadores jamais foi tão próspera quanto no momento presente.

Dadas as necessidades econômicas que regem o mundo, parece muito provável que os trabalhadores atravessam uma era de ouro que, talvez, eles não tornarão a ver. Jamais suas reivindica-

ções foram atendidas como hoje, jamais o capital foi tão pouco opressivo nem tão pouco exigente.

Como destacou muito corretamente o economista inglês Mallock, a renda das classes trabalhadoras modernas ultrapassa em muito a renda de todas as classes há 60 anos. Elas possuem, na realidade, muito mais do que possuiriam se toda a fortuna pública tivesse sido passada para suas mãos, segundo o sonho de certos socialistas.

Na França, desde 1813, segundo o Sr. de Foville, os salários mais que dobraram, enquanto que o dinheiro só perdeu um terço de seu valor.

Em Paris, quase 60% dos trabalhadores têm salários diários que oscilam entre 5,00 e 8,00 francos e, segundo os números publicados pelo **Office du Travail**, os salários da elite deles se elevam bem mais alto. O salário quotidiano dos ajustadores varia de 7,50 francos a 9,50; o dos torneiros, de 9,00 a 10,00 francos. Os talhadores de pedras finas ganham até 15,00 francos por dia. Os eletricistas, de 6,00 a 10,00 francos; os fundidores de cobre, de 8,50 a 12,50; os funileiros, de 9,00 a 10,75. Os contramestres comuns ganham 10,00 francos por dia; os mais capazes até 800,00 francos por mês. São salários que um oficial, um magistrado, um engenheiro, um funcionário público, levam frequentemente bons longos anos para conseguir; quando conseguem. Pode-se então

repetir, com o Sr. Leroy-Beaulieu: "O trabalhador manual é o grande beneficiário de nossa civilização. A situação de todos se abaixa em torno dele e a dele se eleva".[73]

§4. As relações entre o capital e o trabalho. Patrões e trabalhadores.

Apesar dessa situação tão satisfatória do trabalhador moderno, pode-se dizer que jamais as relações entre patrões e trabalhadores, ou seja, entre o capital e o trabalho, foram mais tensas. O trabalhador se torna cada vez mais exigente na medida em que seus desejos são satisfeitos. Sua hostilidade contra o patrão cresce na medida em que ele obtém mais vantagem. Ele se habitua a só ver neste último um inimigo e, naturalmente, o patrão tende a também só ver em seus colaboradores adversários, dos quais se deve defender e para os quais acaba por não mais dissimular sua antipatia.

Embora constatando as exigências e os erros evidentes dos trabalhadores, não se pode negar, no entanto, o dos patrões. A

[73] Pareceria, quando se lê os discursos pronunciados no Parlamento, que a classe trabalhadora deva ser a única com que se ocupar numa sociedade. É certo que é a com que mais se ocupa. Os agricultores __ mais numerosos e muito mais interessantes, eu penso __ recebem muito pouca atenção. É para os trabalhadores que são feitos os fundos de aposentadoria, as sociedades de socorro e assistência contra acidentes, as habitações econômicas, as sociedades cooperativas, as reduções de impostos etc. Os poderes públicos ou privados se desculpam sem parar de não fazer mais. Os empresários seguem o movimento e são de cuidados os mais variados que se cerca o trabalhador.

gestão do pessoal trabalhador é coisa de psicologia delicada e sutil, que demanda um estudo atento das pessoas. O patrão moderno que conduz de longe massas anônimas, não as conhece bem. Com um pouco de habilidade, ele conseguiria na maioria das vezes restabelecer o entendimento, como prova a prosperidade de certas fábricas em que patrões e trabalhadores formam uma verdadeira família.

Não vendo seus trabalhadores, o patrão moderno os dirige através de intermediários, geralmente pouco hábeis. Sem encontro, só resta a hostilidade e a antipatia, apesar de todas as sociedades de socorro, os fundos de aposentadoria etc.[74] e a elevação dos salários.

Os laços de uma disciplina anônima e forçosamente rígida substituíram os laços pessoais de outrora. O patrão se faz temer algumas vezes, ele não sabe mais se fazer amar nem respeitar e

[74] 97% das empresas de mineração dão aposentadorias a seus trabalhadores e, segundo o Sr. Leroy-Beaulieu, mais da metade do lucro dessas empresas é repassado para às instituições de socorro aos mineiros. Todos os diretores das companhias industriais seguem esse caminho, o que lhes é, aliás, extremamente fácil, porque todos os custos dessa filantropia são pagos pelos acionistas __ gente talhada e cortada para a caridade, como se sabe. A companhia de estrada de ferro Paris-Lyon gasta anualmente 12 milhões em instituições de assistência de todo tipo; a Companhia do Leste distribui anualmente a seus empregados 11 milhões (57% do dividendo dos acionistas) fora, bem entendido, 55 milhões em salários que ela reparte entre seus 36.000 empregados. Todas as companhias de estrada de ferro agem da mesma maneira, ou seja, dão prova da mesma generosidade às custas de seus acionistas.

não tem mais prestígio. Desconfiando de seus trabalhadores, ele não lhes deixa nenhuma iniciativa e sempre quer __ eu falo dos povos latinos, bem entendido __ intervir em seus assuntos. Ele criará caixas de socorro, sociedades cooperativas etc. mas jamais as deixará serem dirigidas pelos próprios trabalhadores. Esses últimos só veem nisso, por essa razão, obras de servidão, de especulação ou, no mínimo, caridade desdenhosa. É preciso ter um pobre conhecimento da psicologia das massas para acreditar que as benesses coletivas podem provocar reconhecimento. Elas só provocam, na maioria das vezes, ingratidão e desprezo pela fraqueza daquele que cedeu tão facilmente a todas as exigências.[75]

Aqui é o caso de dizer que a maneira de dar é melhor do que o que se dá. Os sindicatos de trabalhadores que, em razão de seu anonimato, podem exercer __ e exercem, com efeito __ uma tira-

[75] O fato foi curiosamente constatado na célebre greve de Carmaux. O diretor da fábrica teve a experiência do que pode custar a maldita filantropia e a fraqueza. Ele pagava bem mais a seus trabalhadores do que os outros e organizava bazares onde eles tinham a varejo, a preço de custo, os objetos necessários ao seu consumo. Os resultados obtidos estão claramente indicados no seguinte extrato de uma entrevista com esse diretor, publicada pelo **Journal** de 13 de agosto de 1895: "Os trabalhadores de Carmaux sempre receberam salários mais altos que todos os outros. Eu quis, pagando-os mais, estar certo de ficar tranquilo. Todos os anos eu lhes paguei, por esse fato, 100.000 francos a mais do que receberiam numa outra vidraria. E do que serviu esse enorme sacrifício? Para me criar inimigos que quis a todo custo evitar". Com uma psicologia menos rudimentar, esse diretor teria pressentido que tais concessões deveriam forçosamente provocar novas exigências. Todos os seres primitivos sempre tiveram desprezo pela bondade e a fraqueza, sentimentos muito próximos e que não dão nenhum prestígio.

nia muito mais dura do que a do patrão mais inflexível, são religiosamente respeitados. Eles têm prestígio e o trabalhador sempre lhes obedece, mesmo quando essa obediência o obriga a perder seu salário.

O dirigente da grande empresa moderna tende, cada vez mais, a ser alguém contratado por essa companhia e não tem, por isso, nenhum motivo para se interessar por seu pessoal. Ele nem sabe, aliás, falar com ele. Um pequeno diretor, que também já foi trabalhador, será frequentemente bem mais duro, mas ele saberá muito bem como proceder para conduzir seus trabalhadores e administrar seu amor-próprio. Os dirigentes das fábricas atuais são, frequentemente, jovens engenheiros saídos de nossas grandes escolas, com uma grande bagagem de instrução teórica, mas profundamente ignorantes da vida e das pessoas. Tão estranhos quanto possível à profissão que exercem, eles não admitem, no entanto, que alguma prática dos seres e das coisas possa ser superior a sua ciência abstrata. Eles serão tão mais malditos quanto mais professarem um profundo desdém pela classe da qual, na maioria das vezes, eles mais ou menos saíram.[76]

[76] Os candidatos às grandes escolas do Estado: a École Polytechnique, a École Centrale etc. são recrutados, hoje em dia, principalmente nas classes mais humildes da sociedade. Os exames de entrada e de saída demandam esforços de memória e uma dose de trabalho que só os indivíduos marcados pela miséria são capazes. Mesmo sendo o preço das mensalidades da École Polytechnique

Ninguém despreza tanto o agricultor quanto o filho do agricultor, nem o trabalhador quanto o filho do trabalhador, quando eles conseguem se educar às custas de sua casta. Essa é uma das verdades psicológicas desagradáveis para reconhecer, como aliás a maior parte das verdades psicológicas, mas que é preciso constatar bem.

Muito mais instruído do que propriamente inteligente, o jovem engenheiro é totalmente incapaz de entender __ e ele, aliás, jamais tenta __ os encadeamentos de raciocínio e as ideias das pessoas que ele é chamado a dirigir. Ele não se preocupa também com os meios reais de agir sobre eles. Essas coisas, que não se ensina nas escolas, para ele não existem. Toda sua psicologia se reduz a duas ou três ideias prontas, que ele ouviu serem repetidas em sua carreira, sobre a grosseria do trabalhador, seu alcoolismo, sua necessidade de controle etc. As ideias e as concepções do trabalhador só lhe aparecem por fragmentos deformados e ele tocará de qualquer maneira as engrenagens tão delicadas da máquina

---

muito pequenos, mais da metade dos alunos não pode pagá-lo. São filhos de comerciantes modestos, de domésticos, de trabalhadores, de pequenos empregados, que já obtiveram bolsa no liceu. Segundo um trabalho publicado pelo Sr. Cheyson nos **Annales des Ponts et Chaussées**, de novembro de 1882, o número dos bolsistas da École Polytechnique, que era em torno de 30%, em 1850, ultrapassava 40% em 1880. Desde essa época os números só fazem aumentar. Segundo minha pesquisa pessoal, feita na mesma escola em 1897, entre 447 alunos, 249 não pagavam nenhuma mensalidade.

humana. Segundo seu temperamento, ele será fraco ou despótico. Mas em qualquer caso, sem autoridade real e sem prestígio.

Em geral, a concepção que o burguês faz do trabalhador é bem pouco exata. Para ele, o trabalhador é um ser grosseiro e beberrão. Incapaz de fazer economia, ele gasta todo seu salário nas tabernas, ao invés de ficar sabiamente no seu quarto à noite. Ele não deveria estar contente com sua sorte e não ganha muito mais do que merece? Dão a ele bibliotecas, conferências, casas a baixo custo. Que mais ele quer? Não é capaz de conduzir seus próprios assuntos? É preciso conduzi-lo com mão de ferro e, se se faz alguma coisa para ele, é preciso fazê-lo sempre sem ele e tratá-lo como um cachorro a quem se joga de vez em quando um osso para roer quando ele rosna um pouco alto. Pode-se tentar aperfeiçoar um ser tão pouco aperfeiçoável? O mundo não levou tanto tempo para adquirir sua forma definitiva, em economia política, em moral e mesmo na religião? O que significa toda essa sede de mudança? Como se vê, nada é mais rudimentar do que essa psicologia.

É sobretudo a incompreensão irredutível existente entre patrões e trabalhadores que torna hoje em dia suas relações tão tensas. Incapazes cada um de assimilar os pensamentos, as necessidades e os gostos da parte adversária, eles interpretam o que não conhecem segundo sua própria mentalidade.

A ideia que o proletário faz da burguesia __ ou seja, do indivíduo que não trabalha com as mãos __ é tão inexata quanto a do patrão em relação ao trabalhador, como mostrarei. Para o trabalhador, o patrão é um ser duro e voraz, que faz as pessoas trabalharem para lhes tirar o dinheiro, comendo e bebendo muito e se dedicando a todo tipo de orgias. Seu luxo, por menor que seja e apenas consistindo em roupas um pouco limpas e um interior um pouco cuidado, é de uma monstruosa inutilidade. Seus trabalhos de escritório são um total absurdo, ocupações de desocupados. O burguês tem dinheiro e não sabe o que fazer com ele, enquanto que o trabalhador não o tem. Nada seria mais fácil do que consertar essas injustiças. Bastariam alguns bons decretos para transformar a sociedade da noite para o dia. Obrigar os ricos a devolverem ao povo o que lhe pertence seria a simples reparação de gritantes injustiças.

Se o proletário pudesse duvidar do valor de sua fraca lógica, não lhe faltariam demagogos, mais servis diante dele do que são os cortesãos diante dos déspotas do Oriente, sempre prontos a clamar sem cessar por seus direitos imaginários. Foi preciso __ como eu já demonstrei __ que a hereditariedade tivesse fixado bem solidamente certas noções no inconsciente popular para que os socialistas tivessem triunfado depois de um certo tempo.

Em resumo, patrões e proletários formam hoje em dia, ao menos entre os povos latinos, duas classes inimigas. E, como uns e outros se sentem incapazes de superar por eles mesmos as dificuldades de suas relações cotidianas, apelam invariavelmente para a intervenção do Estado. Mostram assim, mais uma vez, a indestrutível necessidade de nosso povo de ser governado e sua incapacidade em conceber a sociedade de uma maneira que não seja como uma hierarquia de castas sob o controle todo poderoso de um senhor. A livre concorrência, a associação espontânea, a iniciativa pessoal são conceitos inacessíveis ao nosso espírito nacional. Seu ideal é sempre o assalariado sob a lei de um chefe. Este ideal reduz sem dúvida o rendimento do indivíduo ao seu nível mais baixo, mas não demanda mais do que um mínimo de caráter e de ação. E assim voltamos mais uma vez a esta noção fundamental: é o caráter de um povo e não suas instituições que rege seu destino.

* * *

CAPÍTULO II

A solidariedade social.

§1. A solidariedade social e a caridade.

Sumário

A luta que mostramos existir no seio das sociedades põe em presença combatentes muito desigualmente dotados. Veremos como os mais fracos conseguiram, unindo suas forças, tornar essa luta menos desigual.

Para muitas pessoas a expressão “solidariedade social” revela sempre um pouco a ideia de caridade. O sentido é, no entanto, bem diferente. As sociedades atuais marcham visivelmente rumo à solidariedade de interesses e se afastam cada vez mais da caridade. É mesmo muito provável que as sociedades do futuro considerarão a caridade como uma concepção inferior e bárbara, só tendo de altruísta a aparência, mas muito egoísta em sua essência e geralmente muito prejudicial.

O termo solidariedade significa simplesmente associação e, de maneira alguma, caridade ou altruísmo. A caridade é antissocial e prejudicial; o altruísmo é artificial e sem poder. Examinando as obras mais úteis da solidariedade __ sociedades de assistência, de socorro mútuo, de aposentadorias, de cooperação etc. __ constata-se que elas não têm nunca a caridade nem o altruísmo por

base, mas apenas combinações de interesses entre pessoas que, na maioria das vezes, não se conhecem. Despendendo uma certa quantia anual o indivíduo que fica doente ou envelhece tem direito a uma certa pensão, em relação com seu vencimento. É direito, não favor, do mesmo modo que o segurado contra incêndio tem direito, em caso de sinistro, de receber a soma pela qual ele está assegurado. Ele se beneficia de um direito que ele comprou e não de um favor.

Deve-se destacar bem essas diferenças para mostrar o abismo que existe entre as associações de interesses baseadas em combinações financeiras regidas pelo cálculo de probabilidades e as obras de caridade baseadas em boas vontades hipotéticas e no altruísmo incerto de um pequeno número de indivíduos. As obras de caridade não têm nenhuma eficácia social séria e é muito justamente que muitos socialistas, de acordo com o ponto de vista dos mais eminentes pensadores, as rejeitam inteiramente. Que haja hospitais, escritórios de assistência, administrados pelo Estado às custas do público, para certos casos de urgência, só se pode felicitar; mas as obras de caridade, tomadas em seu conjunto, são, na prática, muito mais prejudiciais que úteis. Na falta de uma fiscalização impossível elas servem, na maioria das vezes, para manter categorias inteiras de indivíduos que exploram a piedade para viver na preguiça.

Seu resultado mais claro é afastar do trabalho muitos indigentes, que acham os recursos da caridade mais produtivos e cresce em enormes proporções a mendicância profissional.

As inumeráveis obras de pretensa assistência, aos indivíduos sem trabalho, às viúvas sem recursos, aos chinesinhos abandonados etc. etc. são muito bons para dar ocupações a velhas senhoras sem emprego ou a pessoas desocupadas, desejosas de conseguir, com baixo custo, sua salvação e se satisfazer ocupando seu lazer sendo presidentes, relatores, secretários, conselheiros, tesoureiros etc. de alguma coisa. Eles se dão assim a ilusão de terem sido de alguma utilidade aqui embaixo. E nisso eles se enganam redondamente.

O movimento pela solidariedade, ou seja, pela associação de interesses similares, que está surgindo por todo lado é, talvez, a mais nítida das novas tendências sociais e provavelmente uma das que mais agirão sobre nossa evolução. Hoje a palavra solidariedade se tornou de um emprego bem mais frequente do que os velhos vocábulos igualdade e fraternidade e tende a substituí-los. Ela não lhes é sinônima. Sendo o objetivo final das coalizões de interesses lutar contra outros interesses, é visível que a solidariedade é apenas uma forma particular do combate universal dos seres ou das classes. Como ela é compreendida hoje em dia, a solidariedade

reduz a associações muito circunscritas nossos velhos sonhos de fraternidade.

Essa tendência à solidariedade por via da associação __ que vemos se acentuar a cada dia __ tem causas diversas. A mais importante é o enfraquecimento da iniciativa e da vontade individual, bem como a frequente impotência dessa iniciativa e dessa vontade nas condições criadas pela evolução econômica atual. A necessidade de ação isolada se perde cada vez mais. É apenas por intermédio das associações, ou seja, pela ajuda das coletividades, que os esforços individuais conseguem agora agir.

Uma causa mais profunda ainda impulsiona os seres humanos modernos rumo à associação. Tendo perdido seus deuses e vendo desaparecer seus lares, não tendo mais esperança no futuro, eles sentem cada vez mais a necessidade de um apoio. A associação substitui o egoísmo individual e impotente por um egoísmo coletivo e potente em que cada um se beneficia. Na falta de agrupamentos fundados pelos laços religiosos, pelos laços de sangue, pelos laços políticos __ laços diversos cuja ação se enfraquece a cada dia __ a solidariedade pode unir muito fortemente as pessoas.

Esse gênero de solidariedade é, por outro lado, quase o único meio que resta aos fracos __ quer dizer, à grande maioria __ para lutar contra os poderosos e não serem muito oprimidos por eles.

Na luta universal, cujas leis nós traçamos precedentemente, o mais fraco está sempre muito desarmado diante do mais forte e o mais forte não hesita em esmagá-lo. Barões feudais, barões financeiros ou barões industriais nunca pouparam, até aqui, aqueles que as circunstâncias colocaram em suas mãos.

Diante dessa universal opressão, que nem as religiões nem os códigos puderam combater de outra maneira que não fosse por meio de palavras inúteis, o ser humano moderno opõe o princípio da associação, que torna solidários todos os indivíduos de um mesmo grupo. A solidariedade é quase a única arma que os fracos possuem para diminuir um pouco as consequências das desigualdades sociais e torná-las menos duras.

Longe de ser contradita pelas leis naturais, essa solidariedade tem, pelo contrário, o mérito de poder se apoiar sobre elas. A ciência não acredita muito na liberdade ou, pelo menos, não a aceita em seu domínio, pois ela constata por todo lado fenômenos regidos por um determinismo rigoroso. Ela acredita menos ainda na igualdade, pois a biologia vê nas desigualdades entre os seres a condição fundamental de seu progresso. Quanto à fraternidade, ela menos ainda poderia aceitá-la, pois a luta sem piedade é um fenômeno constante desde os tempos geológicos. A solidariedade, ao contrário, não falta em nenhuma observação. Certas sociedades animais __ e são as mais inferiores, sobretudo, quer dizer, as mais

fracas __ só sobrevivem através de uma solidariedade estreita; a única coisa que torna possível a defesa contra seus inimigos.

A associação de interesses semelhantes entre os diversos membros das sociedades humanas é certamente muito antiga, pois ela remonta aos primeiros tempos de nossa história; mas, em todas as eras, ela foi mais ou menos limitada e entravada. Com muito custo ela foi suportada no estreito limite dos interesses religiosos e econômicos. A Revolução Francesa acreditou que seria útil suprimir as corporações. Nenhuma medida poderia ser mais nefasta para a causa democrática que ela acreditava defender. Hoje essas corporações renascem por todo lado, sob novos nomes e também sob novas formas. Com os progressos modernos da indústria, que expandiram consideravelmente a divisão do trabalho, esse renascimento era fatal.

§2. As formas modernas da solidariedade.

Estando bem marcada a distinção fundamental entre as obras de solidariedade baseadas em combinações de interesses e aquelas que se apoiam sobre a caridade, vamos dar uma olhada rápida nas diversas formas da solidariedade moderna.

É evidente logo a princípio que, não é somente pelo fato de haver indivíduos trabalhando numa obra comum, cujo sucesso depende da associação de seus esforços, que existe necessaria-

mente solidariedade entre eles; é bem o contrário que se observa na maioria das vezes. O diretor de uma fábrica, seus trabalhadores e seus acionistas têm, teoricamente, um interesse semelhante pela prosperidade da obra, da qual sua existência ou fortuna depende. Na realidade, essa solidariedade forçada só faz encobrir interesses contrários e não são, de maneira alguma, sentimentos de benevolência recíproca que animam as partes em presença. O trabalhador deseja o aumento de seu salário e, por consequência, a redução da parte do acionista. O acionista, representado pelo diretor, tem, pelo contrário, todo interesse em reduzir a parte do trabalhador para aumentar a sua. A solidariedade, que deveria existir teoricamente entre trabalhadores, diretores e acionistas, não existe então, de maneira alguma.

A verdadeira solidariedade só é possível entre indivíduos que possuem interesses similares imediatos. São esses interesses que levaram à instituição moderna dos sindicatos, do qual iremos nos ocupar em breve.

São, no entanto, certas formas de associação que podem tornar solidários interesses naturalmente em conflito. São, por exemplo, as sociedades cooperativas. Elas associam interesses contrários dos produtores e dos consumidores lhes oferecendo vantagens recíprocas. O produtor se contenta voluntariamente com um lucro reduzido em cada objeto se ele tem a venda assegu-

rada de um grande número desses objetos. Venda que se tornou certa pela associação de muitos compradores.

Nas grandes sociedades cooperativas inglesas só há interesses idênticos associados, pois o consumidor é, ao mesmo tempo, produtor. Essas sociedades conseguem fabricar, com efeito, quase tudo que elas consomem e possuem fazendas que produzem trigo, carne, leite, legumes etc. Elas apresentam a grande vantagem de que os associados mais fracos, menos capazes, se beneficiam da inteligência dos mais capazes, colocados a frente dessas empresas, que não poderiam prosperar sem eles. Os países latinos ainda não chegaram lá.

Eu já mostrei, em outro lugar, que foi administrando eles mesmos suas diversas associações e particularmente as sociedades cooperativas que os trabalhadores anglo-saxões aprenderam a dirigir seus próprios negócios. O trabalhador francês está muito imbuído dos conceitos latinos de sua cultura para ter tais iniciativas e criar sociedades que lhe permitam melhorar sua sorte. Se, graças a alguns líderes inteligentes, ele consegue excepcionalmente criá-las, ele a confia logo a mandatários medíocres, tratados com desconfiança e incapazes de conduzi-las.

As sociedades cooperativas latinas são também conduzidas com os métodos administrativos meticulosos e complicados, próprios de nosso temperamento nacional e vegetam miseravelmente.

Elas perecem rapidamente porque o trabalhador latino, tendo muito pouco o sentido de previdência, prefere comprar diariamente a varejo, de pequenos comerciantes com os quais ele bate papo e que lhe dá com muito gosto um crédito pago bem caro, do que se dirigir a grandes entrepostos onde ele tem que pagar a vista e que não pode dividir ao infinito a venda das mercadorias.

Seria, no entanto, de grande interesse financeiro para o trabalhador francês se desembaraçar dos intermediários, por meio das sociedades cooperativas. Avalia-se na França em mais de 7 bilhões por ano __ ou seja, quase o dobro do que nós pagamos de impostos __ as somas adicionadas pelos intermediários que separam o produtor do consumidor. As exigências dos intermediários são tão duras quanto as do capital. Mas o trabalhador não as vê e as sofre, por consequência, sem murmurar.

A mais difundida das formas modernas de associação, a mais anônima ao mesmo tempo, aparece nas sociedades por ações. Como diz muito bem o Sr. Leroy-Beaulieu, essas sociedades constituem

> *...o traço dominante da organização econômica do mundo moderno... Indústria, finanças, comércio, mesmo a agricultura, empresas coloniais, elas se estendem por todo lado. Elas já são, em quase todos os povos, o instrumento habitual da produção mecânica e exploração das forças da natureza... A sociedade anônima parece chamada a se tornar a rainha do mundo; é a verdadeira*

herdeira das aristocracias decadentes e do antigo feudalismo. Ela tem o império do mundo, pois vai chegar a hora em que o mundo será posto em ações.

Ela é, como diz ainda este autor, um produto não da riqueza, mas do estado democrático e da disseminação dos capitais em muitas mãos.

A exploração por ações é, com efeito, a única forma possível de associação dos pequenos capitais. Ela constitui um coletivismo em aparência, mas apenas em aparência, pois neste coletivismo se entra e se sai livremente e a parte dos lucros é rigorosamente proporcional ao esforço, quer dizer, à soma de economia que cada um investe. No dia em que, pelo sistema de ações, o trabalhador for proprietário __ anônimo, mas interessado __ da fábrica onde ele trabalha, neste dia, um imenso progresso acontecerá. Será talvez por este método fecundo que se fará a emancipação econômica das classes trabalhadoras __ se ela for possível __ e que as desigualdades naturais e sociais diminuirão um pouco.

Até agora as sociedades por ações não penetraram nas classes populares. O único modo de associação que se aproxima um pouco __ muito pouco, na realidade __ dessa forma de exploração, é a participação nos lucros. Várias sociedades fundadas sobre este princípio foram vitoriosas.

Se essas sociedades não são mais numerosas é, em parte, porque sua boa organização demanda capacidades bem superiores e, por consequência, sempre muito raras.

Entre essas últimas associações, pode-se citar: a empresa de pintura fundada em 1829 por Leclaire, continuada sob a razão social de Redouly & Cie, em Paris; a usina de Guise, em Aisne; a de Laeken, na Bélgica etc. A primeira distribui a seus participantes __ todos os trabalhadores da empresa __ 25% dos lucros e lhes dá, após um certo número de anos, 1.500 francos de pensão. Essas pensões são hoje em número de 120.

O falanstério de Guise é um tipo de comunidade em que a associação do capital e do trabalho produziu excelentes resultados. Em 1894, o negócio ultrapassou 5 milhões, dando 738.000 francos de lucro.

Conta-se hoje com mais de 300 estabelecimentos análogos, na França e no estrangeiro, tendo introduzido entre eles a participação nos lucros.

Na Inglaterra, a mais célebre dessas sociedades de participação é a dos Equitables Pioniers of Rochdal que, fundada em 1844 por 28 trabalhadores associados, com um modesto capital, contava com 12.000 adeptos em 1891 e um capital de 9 milhões. Ela fatura anualmente 7.400.000 francos e tem um lucro de 1.300.000.

Associações deste tipo também tiveram sucesso na Bélgica, particularmente “le Woruit”, de Gand. A Alemanha também conta com muitas e muito prósperas. A Itália do norte viu serem fundadas várias há alguns anos. Mas, como na França, a falta de direção fará desaparecer a maior parte delas. Sua organização é totalmente latina, o que significa que sua sorte depende unicamente da pessoa colocada à sua frente e seus membros não têm nem a capacidade nem o perfil de administrador, como têm os trabalhadores anglo-saxões.

A armadilha principal dessas sociedades é que a participação nos lucros implica também a participação nas perdas __ necessariamente frequentes na indústria. Quando há lucro, os associados se entendem perfeitamente, mas, assim que há uma perda, o acordo cessa geralmente muito rápido. A América nos forneceu há poucos anos uma prova bem marcante disso com a destruição pelo fogo de grandes estabelecimentos da Companhia Pullman e os atos de pilhagem e de vandalismo selvagem que se seguiram, mostrando o que se tornam essas grandes empresas quando o sucesso não lhes sorri mais.

A Companhia Pullman tinha construído vastas fábricas que empregavam 6.000 trabalhadores e, para estes últimos e suas famílias, uma linda cidade que contava com 13.000 habitantes que gozavam de todo conforto moderno: grande parque, teatro, biblio-

teca etc. As casas só podiam ser adquiridas pelos trabalhadores, que se tornavam proprietários mediante uma pequena taxa anual.

Enquanto os negócios estavam em plena prosperidade, a paz e a abundância reinavam. Os trabalhadores tinham posto na poupança quase 4.000.000, em alguns anos.

Mas, quando as encomendas foram escasseando, após a redução dos lucros das companhias de estradas de ferro, clientes da fábrica, a empresa Pullman, para não trabalhar com perda empregando todos seus trabalhadores e desejosa de não demitir nenhum, foi obrigada a diminuir seu salário e abaixá-lo para 7,50 francos por dia em vez de 11,00 francos. Seguiu-se uma verdadeira revolução. As fábricas foram pilhadas e incendiadas e os trabalhadores decidiram por uma greve, que se estendeu para as estradas de ferro e levou a cenas de violências tais que o presidente da república Cleveland, foi obrigado a decretar lei marcial. Só as armas venceram os revoltados.

Eu acredito muito pouco no futuro durável dessas sociedades por participação, que colocam o trabalhador a mercê de seu patrão e o ligam por um tempo muito longo a esse patrão. Este último, aliás, não tem nenhum interesse real na participação dos trabalhadores em seus lucros, porque ele está certo de que eles sempre recusarão participar nas perdas e se revoltarão assim que essas perdas acontecerem. É apenas por filantropia pura ou medo

que um patrão consente em partilhar seus lucros e nada pode forçá-lo. Pode-se fundar qualquer coisa durável sobre o interesse (sentimento sólido e não cambiante) mas não sobre a filantropia ou o medo (sentimentos móveis e de uma duração sempre efêmera). A filantropia é mesmo muito próxima da piedade para inspirar algum reconhecimento por aqueles que lhe são objeto. Eu imagino que, diante de suas fábricas incendiadas, o Sr. Pullman deve ter adquirido __ sobre o valor da filantropia __ as úteis noções de psicologia prática que não ensinam os livros e cuja ignorância custa, às vezes, muito caro.

A única forma possível de participação que une completamente os interesses do patrão e do trabalhador e os torna independentes um do outro é a sociedade por ações, que implica tanto a participação nas perdas quanto nos lucros __ única combinação justa e, por consequência, aceitável. A ação emitida a 25 francos __ como certas ações inglesas __ está ao alcance de todos os bolsos e eu me espanto que ainda não foram criadas empresas cujos acionistas sejam unicamente os trabalhadores. No dia em que os trabalhadores forem transformados em capitalistas, interessados no sucesso das empresas, suas reclamações atuais não teriam mais razão de ser, pois eles trabalhariam unicamente para eles mesmos. O trabalhador que, por um motivo qualquer, quisesse mudar de empresa, só teria, como um acionista qualquer, que vender suas

ações para retomar sua liberdade. A única dificuldade seria encontrar pessoas capazes para dirigir a empresa, mas a experiência ensinaria rapidamente aos trabalhadores o valor dessas pessoas capazes e a necessidade de retê-las, pagando-as convenientemente.

Eu já forneci, há muito tempo, algumas indicações sobre este assunto, num dos meus livros. Esse livro caiu nas mãos de um engenheiro belga, ocupado com grandes trabalhos industriais. Ele ficou impressionado com a utilidade prática de minhas ideias e me escreveu dizendo que iria tratar de realizá-las. Eu lhe desejei muito sucesso. A grande dificuldade consiste evidentemente na subscrição __ que não se pode pedir a trabalhadores que não possuem nada __do capital necessário para montar um negócio qualquer, uma fábrica, por exemplo. Eu não vejo __ ao menos no início __ outro meio de execução possível do que a venda da totalidade ou de parte da propriedade de uma empresa já existente aos trabalhadores que nela trabalham. Como se vende aos acionistas, mas empregando combinações que lhes permitam adquiri-las progressivamente. Suponhamos, por exemplo, um proprietário de fábrica que queira dividi-la em ações para vendê-la a seus trabalhadores. Suponhamos ainda que ele tenha sempre pago a esses últimos 5 francos por dia. Admitamos que ele não os pague, daqui para frente, mais do 4,75 ou 4,50 francos e que a soma paga a menos seja

posta numa conta do trabalhador, até que o total das pequenas somas, diariamente retidas, forme uma ação de 25,00 francos. Essa ação produtora de dividendos seria depositada numa caixa pública em nome de seu dono, com a cláusula de que ele poderia pegar os títulos à vontade, mas não vendê-los antes de um certo número de anos, para bloquear-lhe a tentação de se desfazer deles. Continuando com essa operação, o trabalhador possuiria logo um número de ações mais ou menos considerável, cujos rendimentos rapidamente acabariam por compensar a redução de seu salário e constituiria uma renda para sua velhice. Ele teria então se tornado um rentista sem nenhuma intervenção do Estado.

O efeito moral assim obtido seria superior ainda, para o trabalhador, do que as vantagens materiais. Ele consideraria a fábrica, com razão, sua propriedade pessoal e se interessaria pelo seu sucesso. Assistindo as assembleias de acionistas ele aprenderia, primeiro a entender, depois a discutir os negócios. Ele aprenderia logo o papel do capital e a engrenagem das necessidades econômicas. Transformado em capitalista, ele deixaria de ser um simples operário. Finalmente ele teria saído de sua esfera estreita, de seu horizonte limitado. A aliança entre o capital e o trabalho teria gradualmente substituído o antagonismo que reina hoje em dia entre eles. Interesses atualmente em luta seriam fundidos. A pessoa de ação e de cabeça que, pregando o exemplo, conseguir reali-

zar primeiro essa ideia poderá ser considerada um dos benfeitores da humanidade.

Nós não podemos examinar aqui todas as formas da solidariedade. Se não estudamos uma das mais importantes __ os sindicatos __ é porque vamos lhe dedicar um parágrafo especial.

Há, no entanto, uma forma de solidariedade que devemos mencionar ainda. Ela é constituída pelas ligas de indivíduos reunidos de maneira momentânea ou durável para obter uma reforma ou defender certos interesses.

Essa forma de associação __ muito nova nos povos latinos __ já é bem antiga entre os povos que gozam há muito tempo da liberdade e que sabem usá-la, como os anglo-saxões.

Diz Taine, falando da Inglaterra:

> *Aqui, se uma pessoa tem uma boa ideia, ela a comunica a seus vários amigos e vários deles a acham boa. Todos juntos fornecem o dinheiro, a divulgam, atraem para ela simpatia e subscrições. As simpatias e as subscrições chegam, a publicidade aumenta. A bola de neve vai crescendo, bate à porta do Parlamento, abre uma brecha ou acaba por abri-la ou empurrá-la. Eis o mecanismo das reformas. É assim que se fazem os negócios e é preciso dizer que, sobretudo no solo da Inglaterra, há muitas bolinhas de neve em vias de se tornarem bolas.*

Foi através de associações desse tipo, como a **Liga para a Liberdade das Trocas**, de Cobden, que os ingleses obtiveram

suas mais úteis reformas. Elas impõem sua vontade ao Parlamento assim que se torna visível que elas são a expressão de um desejo popular.

É evidente, com efeito, que nenhum indivíduo isolado, por mais influente que ele se ache, pode obter o que obtém uma associação que representa numerosos interesses coletivos. Bonvalot demonstrou, numa conferência interessante, o que pode obter um agrupamento de indivíduos que possuem interesses solidários.

> *O Touring Clube, que conta com mais de 70.000 membros atualmente, é uma potência. Não apenas o Touring Clube forneceu aos ciclistas mapas rodoviários, listas de itinerários, preços reduzidos nos hotéis, postos de atendimento, mas ele revelou a terrível administração das pontes e estradas e fez construir estradas circuláveis. Dobrou as temíveis companhias de estradas de ferro. Transformou os rudes fiscais aduaneiros em pessoas agradáveis e tornou agradável a passagem pelas fronteiras.*

O quadro é brilhante, mas muito embelezado. O Touring Clube foi fundado sem dificuldade porque cada um de seus membros, que despendeu uma contribuição muito pequena, acreditava poder obter proteção de uma poderosa associação que se pensava precisar diariamente e que poderia lhe devolver, multiplicada por cem, sua cota, através dos serviços que ela lhe prestaria. Eu pude

constatar, no entanto, que praticamente ela não lhe rende nada. Sua organização se tornou rapidamente latina.

§3. Os sindicatos dos trabalhadores.

Os sindicatos têm por objetivo agrupar, sob uma única direção, indivíduos que tenham interesses idênticos e, na maioria das vezes, exercendo a mesma profissão. Seu número e seu poder crescem a cada dia. Eles nasceram das necessidades criadas pela evolução da indústria moderna.

São as classes trabalhadoras que inteligentemente mais tiraram partido dos sindicatos e nunca é demais estudar os resultados de seus esforços. Não foi, na realidade, o sufrágio universal, mas, sobretudo, os sindicatos que lhes deram o seu poder atual. Esses sindicatos se tornaram o exército dos pequenos, dos fracos, que podem doravante tratar em pé de igualdade com os mais altos barões da indústria e das finanças. Graças a essas associações as relações entre patrões e trabalhadores, empregadores e empregados, tendem a se transformar inteiramente. Diante dele, o patrão não é mais esse autocrata vagamente paternal, que administra sem discussão as coisas do trabalho, que governa como quer populações inteiras de trabalhadores, que regula as condições do trabalho, as questões de salubridade, de saúde etc. Rumo à sua vontade, suas fantasias, suas fraquezas ou seus erros, se dirige hoje em dia

o sindicato, que representa __ pelo número e pela unidade de vontades __ um poder quase igual ao seu. Poder despótico, sem dúvida, mas que desapareceria se deixasse de ser despótico.[77]

Esses sindicatos bem que parecem ser uma consequência da evolução moderna, pois os vemos se propagarem muito rapidamente. Não existe hoje em dia, mesmo fora da classe trabalhadora, corporação (merceeiros, carvoeiros, encanadores) que não se sindicalize. Naturalmente também os patrões se sindicalizam, por seu turno, para se defender. Mas, enquanto que na França os sindicatos patronais são em número de 1.400, com 114.000 membros, os sindicatos de trabalhadores são em número de 2.000, com mais de 400.000 membros. Existem sindicatos, como o dos empregados

[77] A obediência que os sindicatos latinos exigem de seus associados é totalmente absoluta e seu anonimato lhe permite tratar esses últimos com uma dureza que não se toleraria de nenhum tirano. Lembremos da história do trabalhador de fundição que o sindicato dos fundidores de cobre pôs na lista negra porque se recusou a deixar uma empresa que estava na lista negra. Não podendo mais encontrar trabalho em lugar algum __ pois os patrões que o tinham empregado veriam suas oficinas correrem o risco de interdição __ ele se viu reduzido, para não morrer de fome, a pedir uma indenização nos tribunais. Graças a vários anos de perseverança ele conseguiu a condenação do sindicato e o pagamento por este de uma indenização de 5.000 francos. Parece que o trabalhador só pode evitar uma tirania com a condição de sofrer uma outra. Pelo menos essa outra pode lhe prestar alguns serviços. Os poderes públicos temem extremamente os sindicatos e os tratam como verdadeiras potências. Todo mundo tem os olhos fixos neles. Por ocasião da greve geral dos mineradores franceses, os jornais se preocupavam tanto com as deliberações de uma meia dúzia de delegados, reunidos nos fundos de uma loja de vinhos, quanto as de um potentado discutindo a paz ou a guerra com seus conselheiros. Os ministros recebem os representantes do sindicato como receberiam os embaixadores de uma potência estrangeira e examinam com deferência suas mais incríveis exigências.

das estradas de ferro, que contam com 80.000 membros. São exércitos poderosos, que obedecem sem discussão à voz de uma liderança e com os quais ele pode contar. Eles constituem uma força cega frequentemente, temível sempre e que, em todo caso, presta serviços aos trabalhadores, não apenas de elevar seu nível moral, mas também transformar mercenários medrosos em pessoas as quais se deve respeitar e com as quais é preciso discutir em pé de igualdade.

Os povos latinos têm, infelizmente, tendências muito autocráticas e os sindicatos trabalhadores formados entre eles se tornam tão despóticos quanto eram outrora os patrões. Atualmente a sorte desses últimos se tornou bem pouco invejável. As linhas seguintes, extraídas de um discurso pronunciado por um ex-ministro, o Sr. Barthou, dão uma ideia da sua existência.

> *Ameaçados sem cessar por leis guardiãs da liberdade dos sindicatos; expostos a brutalidades legais e à prisão; sem ter mais autoridade efetiva sobre seu pessoal trabalhador; onerados por encargos para sustentar as caixas de desemprego, de acidentes, de doença e de velhice; não podendo mais descontar esses encargos dos salários, já que, devido a sua enormidade, isso provocaria um levante popular; frustrados ainda pelo imposto progressivo da fortuna; consegue superar todas essas dificuldades e todas essas humilhações, apenas sendo senhores no nome e para sofrer os acasos infelizes e os riscos. Os patrões, os industriais, desencorajados, renunciarão, abdicarão, ou, pelo menos, trabalharão sem ânimo*

e sem coragem, fugindo de suas tarefas como os coletores dos últimos séculos do império romano.

Não é apenas na França que se ouve prantos análogos. Até mesmo na Inglaterra __ onde o papel dos sindicatos de trabalhadores (**Trades-Unions**) foram durante muito tempo considerados úteis __ começa-se a vê-los muito tirânicos, tanto para os patrões quanto para os trabalhadores. Parecem temer sobretudo seu papel político, que poderia se tornar considerável, pois seus membros formam agora um quarto do corpo eleitoral.

Uma força superior a todas as instituições, a necessidade, acabará sem dúvida por suavizar relações tão cheias de amargura e tão tensas hoje em dia. O trabalhador, que trata agora o patrão como inimigo, acabará por compreender que os interesses dos empresários e dos trabalhadores são de mesma ordem e que, tanto os primeiros como os segundos, obedecem a mestres comuns: a clientela e as leis econômicas, únicos reguladores reais dos salários.

De qualquer maneira, as antigas relações familiares ou autocráticas entre patrões e trabalhadores, senhores e servos, estão encerradas hoje em dia. Podemos lamentar, como lamentamos os mortos, mas sabendo que eles não voltarão mais. Na futura evolução do mundo serão os interesses econômicos que regerão o

curso das coisas. A pessoa, para se proteger e se defender, não apelará mais à beneficência e à caridade, mas à solidariedade.

A caridade e a beneficência são sobreviventes sem prestígio e sem ação de um passado que vemos morrer. O futuro não as conhecerá mais.

§4. A gestão comunitária das indústrias. O socialismo municipal.

A era moderna é a era das coletividades. A civilização é coisa muito complicada e muito pesada para que a imensa maioria dos indivíduos possa lidar facilmente com ela. É preciso uma ajuda, um apoio. Vemos nascer, cada vez mais, instituições, filhas dessa necessidade imperiosa.

Para as necessidades semelhantes de um grupo limitado, compreendido por indivíduos de mesma profissão, existem os sindicatos. Para necessidades diferentes e sempre coletivas __ a saúde de uma cidade, por exemplo __ existiram, em todas as épocas, administrações locais. Mas em nenhuma época elas tentaram, como hoje em dia, em certos países, se encarregar de funções tão numerosas e diversas. A cada dia suas atribuições se estendem mais.

Esse movimento se desenvolve sobretudo na Inglaterra, país bem pouco socialista, como se sabe. As municipalidades se encarregam agora __ unicamente, aliás, com objetivo de economia __

de uma gama enorme de empresas: iluminação, transportes etc. Elas são eficazes, frequentemente, simplesmente porque têm a sua frente pessoas capazes que possuem aptidões práticas que poucos povos possuem.

Escreve o Sr. Bourdeau:

> *Foi em Glasgow que a transformação foi mais completa e mais rápida. A cidade obrigou os proprietários a destruir todas as casas insalubres; os bairros operários foram transformados. Viu-se erguerem imensos edifícios municipais, que a própria municipalidade coloca em locação a preços módicos. A cidade construiu banheiros, lavanderias, abatedouros, galerias de arte, um museu, bibliotecas, casas de refúgio, escolas técnicas etc. Tudo isso, graças aos lucros que retornaram para a municipalidade, por ter posto a mão em diferentes empresas de interesse público, com pleno sucesso: os bondes, a água, a luz elétrica. O preço do gás foi consideravelmente abaixado.*

Isto é, sem dúvida, socialismo, se se quiser dar a esta palavra uma extensão indefinida. Mas então seria preciso qualificar também de socialistas todas as sociedades cooperativas e mesmo aquelas por ações. O que é bem certo é que a Inglaterra, que pratica esse tipo de socialismo comunal, não enviou socialistas ao parlamento, até o presente.

As cidades alemãs seguem as pegadas das municipalidades inglesas e lá também, como as pessoas capazes não são raras, elas foram bem com suas empresas.

> *As cidades do Império, sem espírito partidário, organizaram escolas profissionais, bibliotecas, caixas de assistência, escritórios de emprego gratuitos; elas buscam soluções para o desemprego. A questão das farmácias municipais, na ordem do dia, foi resolvida em Colônia. Numerosas cidades trabalham para aumentar a propriedade fundiária da comunidade. As habitações dos trabalhadores preocupam todas as classes. No ducado de Baden, em Estrasburgo e em Hamburgo, as municipalidades alugam casas à população trabalhadora... Como na Inglaterra, as cidades aspiram não deixar os serviços públicos serem explorados por sociedades por ações.*
>
> *... Desde 1847 a municipalidade de Berlim obteve o direito de construir uma usina de gás. Desde 1876 ela exerce total controle dos serviços públicos e pede ainda mais autonomia.*
>
> *Todo esse movimento se produz a despeito dos socialistas.*

Na França, esse tipo de socialismo municipal falhou em quase toda parte, porque, no pequeno número de cidades em que foi tentado, ele foi praticado por políticos sem capacidade e recrutados geralmente nas classes baixas da sociedade. Viu-se uma cidade outrora muito evoluída, como Dijon, subjugada pelos discursos de alguns líderes, nomear um conselho municipal socialista em que figuravam: dois sapateiros, um ferreiro, mercadores de

vinho, vários vendedores ambulantes, jardineiros, um operário etc. Nas últimas eleições ela escolheu para prefeito um simples despachante da estrada de ferro. Roubaix produziu igualmente uma municipalidade socialista que se dedicou durante muito tempo às mais singulares fantasias. Ela era composta, em boa parte, de donos de cabaré e entregadores de jornais. Eles começaram criando cargos públicos para seus parentes, que consumiram 75.000 francos. Os eleitores de Roubaix acabaram por compreender que era necessário possuir alguns conhecimentos para administrar uma grande cidade e se livraram de seu conselho municipal socialista.

O que impede as municipalidades socialistas de fazerem um mal muito grande na França é que a maior parte dos atos municipais devem ser aprovados pelo poder central antes de serem executados e tornam, com isso, as fantasias bem limitadas. Exemplos como os de Dijon, Boubaix, Brest etc. mostram simplesmente o quanto a descentralização, tão excelente na teoria, seria irrealizável entre os povos latinos. Certo, essa centralização é dura, embaraçosa e ruinosa. Ela é, no entanto, indispensável, pois, sem sua ação, nós cairíamos imediatamente numa apavorante anarquia.

Esses pequenos ensaios de coletivismo revolucionário são extremamente instrutivos e é desejável, para a edificação do público, que eles se multipliquem um pouco, mesmo com o risco de arruinar algumas cidades. A experiência é um dos raros modos de

demonstração acessíveis às massas. Os ensaios de socialismo municipal dão uma ideia bem nítida dos resultados que produziria o coletivismo se ele conseguisse se apoderar de um grande país.

Escreve o **Temps**:

> *A experiência socialista esteve em vias de comprometer para sempre a prosperidade da comuna de Roubaix. As experiências administrativas dos coletivistas, suas fantasias financeiras, produziram uma era de desordem, desperdício e de ruína.*
>
> *Roubaix conheceu o jugo revolucionário. Roubaix o sacudiu. Não é impunemente que uma grande cidade sofre a tirania e o capricho coletivistas. A experiência se paga caro. Mas ainda é preciso se felicitar quando ela é curta e não deixa atrás de si ruínas irreparáveis. E a moral dessa história é que a última palavra pertence sempre ao bom senso, com a condição de que não se deixe de combater por ele. Foi pela perseverança e pela energia que Roubaix foi reconquistada dos revolucionários. Bom exemplo a imitar!*

Certo, o exemplo é para imitar. Infelizmente é preciso pessoas de primeira ordem para ganhar tais batalhas. As personalidades suficientemente corajosas para superar as correntes populares, em vez de segui-las timidamente, tornam-se cada vez mais raras. Esses valorosos defensores do edifício social são dignos de toda nossa admiração e merecem estátuas. Foi um simples diretor de fábrica que, em Roubaix, conseguiu criar o movimento de onde saiu, contra todas as probabilidades, a derrota do conselho muni-

cipal socialista e de um deputado considerado como um dos principais chefes do partido coletivista.

Se as experiências de socialismo municipal triunfam tão bem algumas vezes na Inglaterra e na Alemanha e tão pouco na França e na Itália é simplesmente porque a condição indispensável de seu sucesso é __ como eu já destaquei __ que eles sejam geridos por pessoas muito capazes. As mais ruidosas opiniões políticas não podem substituir as mais modestas capacidades práticas. Se as classes trabalhadoras soubessem se administrar, dirigir empresas, fazer leis e regulamentos, elas não teriam nenhuma necessidade da burguesia, que não podem dispensar hoje em dia. Desde que o trabalhador possua capacidades suficientes, ele está bem próximo __ por este único fato __ de entrar para a burguesia. Ele se aproxima visivelmente dessa classe na Inglaterra e na América; ele está bem longe dela ainda na Alemanha; ele está extremamente longe dela nos povos latinos.

* * *

CAPÍTULO III

Os sindicatos de produção.

§1. Extensão da lei do agrupamento dos interesses similares.

Sumário

Nós vimos diversas vezes nesta obra que os sindicatos e as associações __ ou seja, os agrupamentos de interesses similares __ constituem um dos fenômenos característicos da era moderna. Patrões, trabalhadores, empregados se sindicalizam cada vem mais. Só nos falta estudar uma forma nova de sindicato cujo nascimento é recente e cuja importância tende a se tornar preponderante.

A redução das rendas do capital depois da elevação progressiva dos salários e também pela concorrência que os produtores se fazem entre si, levou os grandes industriais a formar sindicatos de monopolização destinados a evitar a concorrência, reduzir os custos e manter os preços de venda. Seu desenvolvimento rápido em países bem diversos indica que eles correspondem a uma certa evolução econômica.

Foi na América que eles nasceram. Seu desenvolvimento tomou rapidamente proporções gigantescas. Numa forma bem diferente eles se desenvolveram igualmente na Alemanha. Vamos estudá-lo principalmente nesses dois países.

§2. Os trustes americanos.

Os sindicatos de produção americanos são designados geralmente pelo nome de trustes. Se bem que eles tenham renunciado a esta denominação.

O truste constitui um sindicato industrial de monopolização formado por produtores cujas empresas são, não associadas, mas propriedades de um ou vários capitalistas que se tornam seus senhores absolutos. Esse monopólio de produção se parece com a especulação, mas não deve ser confundido, de maneira alguma, com ela. A especulação é um fenômeno comercial e não industrial, cuja duração é necessariamente muito curta. O especulador compra para escassear e poder vender mais caro uma mercadoria que ele não fabrica e frequentemente não vê. O sindicato de produção especula com uma produção e não com uma mercadoria. O interesse que ele tem em diminuir a fabricação de um produto para torná-lo escasso __ e, por consequência, aumentar seu preço __ é limitado pelos inconvenientes da desorganização de suas fábricas e a elevação de seus custos gerais. Custos que diminuem com o aumento de sua produção.

Os sindicatos de monopolização industrial têm justamente por objetivo não apenas reduzir esses custos gerais, mas, sobretudo, suprimir a concorrência entre estabelecimentos similares e,

por consequência, impedir os preços de venda de descerem abaixo de um certo nível.

Os trustes só puderam atingir o enorme poder que possuem na América porque são dirigidos por lideranças únicas que gozam de uma autoridade absoluta. As empresas reunidas não são apenas sindicalizadas, como veremos na Alemanha, mas compradas por um único capitalista, com os recursos que ele pode reunir através de diversas combinações financeiras. A regra constante da criação desses sindicatos nos Estados Unidos é que eles fiquem em uma só mão. Os americanos admitem em política as virtudes do regime representativo, mas em matéria industrial e comercial eles dão preferência à autocracia pura.

Em virtude desse princípio, os diversos trustes americanos são, quase sempre, dirigidos por um único senhor. O truste do petróleo, por exemplo, formado pela reunião de toda uma série de refinarias, tem um único chefe. O truste do aço __ que reúne a quase totalidade das usinas metalúrgicas da América e possui uma frota mais importante do que a de muitos países europeus __ está igualmente nas mãos de um único senhor. Esses potentados dirigem os negócios ao seu modo, sem sofrer nenhum controle, removendo os diretores de fábricas que não lhes convém mais, fixando os números da produção, os salários dos trabalhadores e os preços de venda. Eles cuidam de especializar o trabalho de cada

empresa, de maneira a reduzir os custos gerais e aumentar, portanto, os lucros. Graças às taxas de proteção aduaneiras __ mantidas por legisladores, geralmente, a seu soldo __ eles não temem nenhuma concorrência estrangeira.

O mecanismo de criação desses trustes é sempre o mesmo. Um financista __ ajudado ou não por um sindicato de capitalistas __ compra todas as empresas dedicadas à fabricação de um produto determinado, de maneira a ter o monopólio completo de sua fabricação.

É preciso ser, naturalmente, um poderoso capitalista para empreender tais operações. Sobretudo quando elas atingem proporções tão grandes quanto a compra de todas as usinas metalúrgicas da América, pelo preço de 5 bilhões, como fez recentemente um financista. Os criadores dessas colossais empresas não necessitam, de maneira alguma, possuir os bilhões que elas representam. Eles não precisam gastar nem mesmo um centavo, se possuem o prestígio suficiente. Usar 5 bilhões sem gastar nada é muito simples, se podemos pegar emprestado essa soma. A única fonte possível é, naturalmente, o público. Emite-se ações que são colocadas à venda e com o dinheiro delas se paga os proprietários das empresas.[78]

[78] Em termos práticos a operação é muito complicada e acompanhada de manobras cuja engenhosidade é incontestável, mas cuja moralidade parece notavel-

Pode-se se perguntar que interesse tem as diversas empresas em se prestar a essas operações e entrar num truste em que perdem totalmente sua independência. Elas entram porque o exemplo das empresas que tentaram resistir ensina que toda recusa é sinal de uma guerra sem misericórdia, em que se deve necessariamente sucumbir. Os fundadores de trustes, que possuem em suas mãos a maior parte das estradas de ferro, logo colocam a empresa recalcitrante na impossibilidade de expedir suas mercadorias, impondo-lhes tarifas de transporte ruinosas. Se a empresa se acha em condições de expedir suas mercadorias, seus produtos, no entanto,

---

mente inferior àquela dos antigos salteadores de estradas. O ideal dos criadores de trustes é sempre obter dinheiro do público, sem nada lhe dar em troca; o que às vezes conseguem. O sucesso de seu modo de operar só se explica porque a maior parte dos trustes foi fundada simultaneamente. As ações de cada truste compreendem duas categorias muito diferentes: ações preferenciais e ações ordinárias. As primeiras recebem do lucro conseguido __ e antes de toda partilha __ um percentual (7% em geral) de seu valor nominal. Elas jamais são ofertadas ao público. Representando o preço das empresas unidas no truste, elas são dadas em pagamento aos antigos proprietários. Quanto às ações ordinárias __ as únicas lançadas ao público __ elas só têm direito ao excedente do lucro, quando há algum. Mas, até o presente momento, os fundadores de trustes cuidaram para que não sobrasse nenhum. O Sr. de Roussiers __ de quem pego emprestado esses detalhes __ destacou que não é possível citar um só truste que tenha distribuído dividendos às ações emitidas ao público. Sem receber nenhum dividendo, essas ações sofreram, naturalmente, uma baixa enorme. Emitidas por 500 francos geralmente, elas estão agora cotadas, na maior parte, abaixo de 150 francos. Os diretores dos trustes não perdem nada. Quando o preço das ações está quase perto do zero, eles as compram e podem então distribuir bons dividendos, que não lhes custam nada, porque é a eles mesmos que esses dividendos são distribuídos. As ações sobem naturalmente, o que lhes permite fundar novos trustes, pelo mesmo mecanismo e evitar um pouco as reclamações desagradáveis dos acionistas completamente espoliados.

não escapam a sua sorte. O truste venderá abaixo do custo, até que a empresa concorrente seja arruinada. Na maioria das vezes ela prefere deixar-se comprar a deixar-se ser esmagada.

Havia na América, em 1899, 353 trustes, que representavam um total de 29 bilhões de francos. Assim, como eu disse, eles regulam completamente, em proveito de seus associados, o preço de todos os artigos de consumo: cereais, algodão, metais etc. E, graças a taxas de importação quase proibitivas, não temem nenhuma concorrência estrangeira. Eles começam geralmente por reduzir a mão-de-obra e aumentar os preços de venda. O **Standard Oil Trust**, num só golpe, despediu 1.500 trabalhadores e reduziu em 15% os salários dos outros. O **Tin Plate Trust** dobrou, em um ano, o preço do estanho. Para a exportação os trustes reduzem, ao contrário, seus preços, a fim de provocar a ruína das empresas estrangeiras.

O interesse do público não foi levado em conta no que precede e o leitor não acha, eu suponho, que esse interesse possa ser levado em conta um só instante em tais operações. O interesse dos fundadores de trustes pelo público é quase de mesma ordem que o do salteador de estrada por sua vítima ou do açougueiro pelos carneiros do abatedouro.

E, no entanto, pelo simples jogo das leis naturais às quais os trustes, apesar do seu poder, não podem escapar, o público acabou

por tirar vantagens incontestáveis da existência desses sindicatos. Após a reunião das usinas em uma só mão os custos gerais se reduzem, a especialização cresce e os preços de venda diminuem consideravelmente. O truste que tem um monopólio trata naturalmente de aumentar os preços, mas como ele acaba sempre por descobrir que vendendo a bom preço ele vende muito mais, ele acaba finalmente por abaixá-los e a mercadoria produzida pelos trustes cai geralmente abaixo de seu antigo preço. Foi justamente o que aconteceu com o truste do cobre (**Amalgamated Copper Co.**). Ele no início tentou subir o preço do cobre, depois, vendo que não conseguia ganhar nada com isso, logo o abaixou.[79]

Os trabalhadores americanos bem que tentaram lutar contra os trustes, mas eles eram muito fracos para que sua resistência pudesse durar por muito tempo. Os trustes lhes oferecem, aliás, a vantagem da redução do desemprego e, sobretudo, lhes ensinam a necessidade de se sindicalizar mais fortemente do que eles já o fizeram até aqui. Quando todos os trabalhadores de um truste estiverem nas mãos do diretor de seu sindicato e possuírem reservas financeiras que lhes permitam prolongar a luta, eles poderão, num

[79] Essa é ao menos uma das razões da queda do cobre que, em janeiro de 1902, caiu para 47 libras esterlinas, enquanto que alguns meses atrás valia 75 libras. É bem possível, como se supõe, que o verdadeiro motivo da queda foi simplesmente o desejo do truste americano do cobre de arruinar inteiramente os sindicatos europeus __ que tentavam manter a elevação do preço desse metal __ a fim de poder comprar a preço vil suas empresas.

dado momento, comprar toda a fabricação e obter o aumento dos salários. Evidentemente, como o truste é muito mais rico do que o trabalhador, será mais fácil para ele prolongar a luta por mais tempo e este último será sempre vencido. Mas essas lutas serão bem custosas e o truste terá todo o interesse em evitá-las e só excepcionalmente em reduzir os salários.

Os trustes americanos se apresentam frequentemente sob formas tão desmoralizantes e bárbaras que a legislação não para de combatê-los há muito tempo.

Após anos de conflitos inúteis foi preciso reconhecer que o Estado não era suficientemente poderoso para lutar contra tão formidáveis adversários e acabou por renunciar à luta. Na batalha entre a lei e os trustes, foi a lei que foi completa e definitivamente vencida. Não há direito nem justiça a opor ao poder dos bilhões. As leis se calam diante deles como outrora se calavam diante dos conquistadores.

Todos os presidentes de trustes se consideram (não sem razão), como poderosos potentados. Seguem alguns extratos de uma muito instrutiva entrevista de um redator de jornal com o diretor do truste do aço, durante sua estada recente em Paris:

> *Mais poderoso que qualquer monarca jamais o foi, sim, é verdade, nós somos. Por que negaríamos? Nosso truste, a* ***United States Steel & Iron Corporation*** *da qual sou o presidente, paga anualmente, em salários, às*

600.000 pessoas que ele emprega, 200 milhões de dólares, quer dizer, um bilhão de francos. De nossos empregados dependem diretamente 5 ou 6 milhões e indiretamente uma quinzena de milhões de seres humanos. Nosso truste possui vias férreas e 217 navios a vapor. É suficientemente forte para ditar suas vontades às companhias de estrada de ferro, cujo material ele quer utilizar. Sim, somos poderosos, muito poderosos!

Em recentes greves, eu lutei com resolução, com fúria, contra as associações trabalhadoras e eu venci sua resistência.

Observa o jornalista:

...Isso impede que, com vossos métodos, o cidadão pobre goze de algum livre arbítrio. Ele não passa de uma coisa, um indivíduo insignificante, envolvido numa coletividade imensa, numa engrenagem de aço. Ele não tem mais dignidade, direitos...

O potentado explode de rir.

Ele me fez lentamente essa declaração, que vos parecerá talvez um pouco cínica: "Meu prezado senhor! Eu observei que, quando as pessoas ganham bem, seus direitos não as preocupam muito. É certo que os novos métodos tendem cada vez mais a suprimir as individualidades. Mas eu admito perfeitamente que essa ameaça de absorção do indivíduo pela coletividade constitui uma dificuldade a ser vencida".

Interrogado sobre o valor dos processos da indústria francesa, o diretor do truste responde:

"Antiquados! Fora de moda! Tradicionalistas. Aqui é a Idade Média. Eu vos digo francamente: vocês já eram! De todos os países europeus, foi a Alemanha que

soube adotar industrialmente os métodos mais modernos. O industrial alemão é um inovador. E depois, não está paralisado, como seu colega inglês, pela tirania dos sindicatos".

Se quisermos julgar os trustes apenas pelos resultados definitivos __ sem levar em conta seus processos bárbaros, seu desprezo por toda legalidade, sua maneira de espoliar o público __ devemos reconhecer que eles criaram um resultado que não buscavam: a supremacia industrial e comercial dos Estados Unidos. Essa supremacia se traduz hoje em dia pela exportação crescente dos produtos americanos. Em muito pouco tempo a exportação de ferro passou de 123 milhões, em 1890, a 600, em 1900; a de máquinas agrícolas, de 19 milhões a 89 milhões; a de produtos químicos, de 31 milhões a 66 milhões; a de couro, de 62 a 136 etc. O valor de suas exportações passou de 5 bilhões em 1897 para 7,5 bilhões em 1901. Para a Inglaterra e a Alemanha __ sobretudo para a primeira __ essa invasão foi desastrosa. As lutas econômicas que o mundo testemunha atualmente são menos sangrentas, em aparência, do que as batalhas. Elas não são menos desastrosas para os vencidos. Os partidários da paz universal ainda não perceberam isso.

§3. Os sindicatos da produção na Alemanha.

Encontraremos na Alemanha os sindicatos de produção que vamos descrever, mas com características bem diferentes. A invés de constituir monopólios formados pela reunião de empresas similares compradas por um único indivíduo, os sindicatos de produção alemães são formados pela associação de várias empresas que mantêm sua independência, no que concerne à direção da empresa e os processos de fabricação, mas se curvando __ no interesse dos membros associados __ a certas condições de produção e de preço de venda, de maneira a não se fazerem concorrência. Essas associações têm um caráter de utilidade (ao menos em aparência), que fez com que fossem reconhecidas e protegidas pelo Estado.

Os sindicatos de produtores alemães são conhecidos pelo nome de **cartells**. Todas essas federações __ como o sindicato westphaliano do carvão, que representa os interesse de uma centena de associações mineiras; a do açúcar, a do vidro etc. __ são constituídas da mesma maneira. O sindicato é representado por um escritório de venda que tem o direito exclusivo de fixar os preços de venda e de tratar com o comprador. Ele vende a mercadoria para o associado, mas a um preço que apenas ele estabelece. Os associados não podem se fazer concorrência. Se o sindicato não tem um escritório __ o que é excepcional __ o comitê diretor fixa os preços de venda e o quantitativo de produção de cada usi-

na. Inspetores velam pela estrita execução do contrato. Punem com muitas altíssimas as menores infrações aos regulamentos aceitos.

Os regulamentos dos sindicatos alemães variam um pouco, mas todos contêm esses dois artigos fundamentais: venda com preços idênticos, de maneira a que as empresas não se façam concorrência e proibição a que cada empresa ultrapasse um quantitativo de produção, de maneira a não inundar o mercado, o que levaria fatalmente ao aviltamento dos preços, apesar dos regulamentos.

Os cartéis alemães se formam, sobretudo, quando se trata de produtos similares. Há grandes cartéis para a fabricação de locomotivas, de vagões, de extração de carvão etc. e pequenos cartéis para a fabricação de objetos menos importantes, como tecidos de qualidade regular, o cetim da China, os tecidos para guarda-chuvas etc. Não os há para artigos de luxo e supérfluos, muito díspares para serem submetidos a preços uniformes: tecidos de luxo, papeis de parede, rendas, objetos de arte etc. Quanto mais são idênticos os produtos, mais fácil é o estabelecimento de um sindicato. Os produtores de álcool, que fabricam um produto rigorosamente semelhante, puderam __ já são em número de 4.000 __ se sindicalizar facilmente. Todos os seus produtos são reunidos num mesmo sindicato de venda que possui 26.000 depósitos.

Todos esses sindicatos se multiplicam cada vez mais. Seu número, que era de 14 em 1879, cresceu para 260 em 1896.

§4. Os sindicatos de produção na França.

Nos países latinos e particularmente na França __ onde o espírito de solidariedade é muito pouco desenvolvido e a legislação industrial é detalhista, formalista, pouco simpática às iniciativas e muito hostil a tudo que pareça um monopólio __ o movimento de concentração industrial que constatamos na América e na Alemanha é muito pouco e muito timidamente desenvolvido. Nós só possuímos sindicatos que exploram uma concessão ou uma indústria que exige __ como a do refino de petróleo, por exemplo __ grandes capitais. De fato, sindicatos constituídos regularmente, só se pode citar o dos grandes refinadores de açúcar, que não possuem mais do que quatro associados. Depois o sindicato dos refinadores de petróleo __ que compreende 17 associados __ e alguns pequenos sindicatos, como o dos fabricantes de papel de palha de Limousin; o sindicato dos fabricantes de vidro; o sindicato metalúrgico de Longwy, destinado à fabricação de ferro-gusa. Este último reúne 11 associados, dos quais ele é o único vendedor.

A maior parte desses sindicatos têm muito pouca importância para desempenhar um papel qualquer sobre o preço de mercado, o que justamente deveria ser seu papel principal. Na falta des-

se espírito de solidariedade de que são desprovidos os latinos, nossos industriais preferem ver suas indústrias vegetarem e depois desaparecerem do que se associar para se apoiarem.

E, no entanto, se existe um país no mundo em que a associação das indústrias seria necessária, este país é certamente a França. A cada dia nós vemos periclitar indústrias __ como a dos bondes __ que sucumbem sob o peso dos custos gerais, que uma associação inteligente reduziria em enormes proporções. O mesmo para nossas companhias de navegação, que vegetam tão miseravelmente. Não apenas a associação reduziria seus custos gerais, mas também lhes permitiria lutar contra os sindicatos dos trabalhadores que fazem, a cada instante, as greves mais irracionais, simplesmente para obedecerem às sugestões de alguns políticos aos quais essas greves podem ser úteis.

Eu não creio que os latinos tenham um espírito de organização suficiente para dirigirem grandes sindicatos de produção e é de se temer por eles. Ou esperar (isso eu não sei), que os americanos venham fundar trustes na Europa. Anunciou-se recentemente que eles já tinham pensado em comprar todas as empresas de transporte de Paris, como tinham tentado __ parece __ se apoderar de todas as linhas marítimas alemãs.

§5. O futuro dos sindicatos de produção industrial.

É bem difícil dizer com certeza se a lei da concentração da produção industrial persistirá sob a forma que vemos reinar na América e na Alemanha. Ela presta __ ao menos no momento __ certos serviços e parece a consequência necessária da corrente geral que une as pessoas rumo à associação de interesses semelhantes. Mas o fato de que os sindicatos são constituídos acima de tudo para evitar a concorrência e, por consequência, para lutar contra a lei natural que rege a evolução dos seres e das sociedades, permite pressentir que eles não subsistirão por muito tempo na presente forma.

Eles têm, com efeito, um caráter muito artificial, violando todos os princípios de oferta e procura e só podem se constituir sob o abrigo de barreiras aduaneiras muito fortes. Parece por isso que as leis econômicas acabarão por ter razão. Não há motivos sérios para pensar que essas leis não regerão a evolução futura do mundo, se bem que é preciso constatar que os povos marcham cada vez mais numa direção bem contrária. Eles erguem barreiras aduaneiras cada dia mais fortes e criam sindicatos cada vez mais tirânicos. Há conflito gritante entre as teorias da antiga ciência econômica e todas as organizações que vemos se desenvolver.

Certas consequências atuais dos sindicatos de concentração industrial parecem mostrar, no entanto, que as leis econômicas

permanecem inabaláveis. Os sindicatos de produção europeus tendo conseguido __ graças à sua organização __ vender com preços muito remuneradores, naturalmente elevaram sua produção. Chegou o momento em que a produção ultrapassou em muito o consumo interno e foi preciso buscar clientes em outros países. Mas como esses países também protegeram sua produção com barreiras aduaneiras, tornou-se necessário, para compensar as tarifas protetoras, vender com preços muito baixos. Esses preços, vantajosos para o consumidor, deixaram logo de ser compensadores para os produtores. Eles solicitaram então de seus governos subsídios de exportação pagos pelos contribuintes. Frequentemente eles concordaram e tiveram por consequência __ grotesca, na verdade __que os consumidores de um país produtor pagam muito mais caro por um produto que os consumidores de um país estrangeiro adquire com bom preço. Foi o que vimos durante muito tempo na França com o açúcar. Pagava-se muito caro por ele enquanto o consumidor estrangeiro para os quais nós o vendíamos pagavam quatro vezes menos, graças aos subsídios concedidos aos fabricantes. Esses subsídios significavam simplesmente isso: todas as vezes que um refinador vendia a preço baixo, a um consumidor estrangeiro, uma libra de açúcar, nós lhe dávamos uma certa soma para reembolsá-lo pela diminuição de seu lucro. O estrangeiro era o único que ganhava alguma coisa com essa incrível operação.

A Alemanha, apesar de sua organização inteligente, está em vias de sofrer as consequências inesperadas das leis econômicas que ela esperava contornar.

Para evitar a concorrência estrangeira, os industriais alemães se sindicalizaram e o Estado os protegeu através de barreiras aduaneiras que impedem a entrada dos produtos estrangeiros. Porém, a situação atual é que, apesar de uma organização inteligente, as barreiras aduaneiras se tornaram ilusórias e não impedem a indústria dos Estados Unidos de ameaçar muito seriamente as da Alemanha. Naturalmente a exportação americana se desviou da Alemanha, porque seus produtos não podiam entrar, mas então ela se dirigiu aos países menos protegidos por suas aduanas e que antes eram clientes da Alemanha. Em razão do bom preço dos artigos vendidos, esses países compram agora da América, em vez de se dirigir à Alemanha e ela agora vê seus depósitos abarrotados por mercadorias para as quais ela não encontra compradores.

Obrigada a vender seus produtos com perda, ela é vítima da inevitável lei da concorrência, contra a qual as medidas mais draconianas não podem proteger um povo por muito tempo.

O resultado de alguns dos conflitos que nascerão será provavelmente imprevisto. Os sindicatos da produção parecem hoje em dia só sobreviver sob o abrigo das barreiras aduaneiras. Parece

certo que são eles que provocarão fatalmente o desaparecimento dessas barreiras.

O que sobressai mais nitidamente dos fenômenos que vemos nascer e crescer, sem que nada permitisse prevê-los, é que o papel dos governos de cada país se torna cada vez mais restrito e que eles estão cada vez mais condicionados por necessidades econômicas fora de sua esfera de ação. Elas funcionam com a regularidade de uma engrenagem e as medidas mais violentas sonhadas pelos socialistas seriam tão impotentes para modificar sua marcha quanto os discursos dirigidos a uma torrente para obrigá-la a mudar seu curso.

É preciso tratar de nos adaptar a essas necessidades e não utilizar inutilmente nossas forças para combatê-las. O ser humano __ outrora governado por seus deuses, com seus códigos e suas leis __ é conduzido hoje por suas leis econômicas, que não pode dobrar e cujo poder é tão temível quanto o dos antigos déspotas. Seria inútil maldizê-las, porque é preciso sofrê-las. Não é com regulamentos que se muda o curso do destino.

* * *

LIVRO VII

O destino do socialismo.

CAPÍTULO I

Os limites das previsões históricas.

§1. A noção de necessidade na concepção moderna dos fenômenos históricos.

Sumário

Logo resumiremos nossas previsões sobre o futuro do socialismo. Não será inútil primeiro buscar em que limites a ciência permite tais previsões e sob que reservas é possível formulá-las.

Desde que os progressos das ciências revelaram à humanidade a ordem do universo e o encadeamento regular dos fenômenos, sua concepção geral das coisas se transformou. Não está longe o tempo em que uma Providência benfazeja guiava o curso dos acontecimentos, conduzia o ser humano pela mão, presidia a sorte nas batalhas e o destino dos impérios. Como prever seus decretos? Eles eram insondáveis. Como discutir suas decisões? Elas eram todo-poderosas. Diante dela, os povos só tinham que se prostrar e tentar conjurar, através de humildes preces, seus furores ou seus caprichos.

As novas concepções do mundo __ trazidas pelas descobertas da ciência __ libertaram o ser humano do poder dos deuses, criados outrora pelos seus sonhos. Elas não o tornaram mais livre, mas lhe ensinaram que é inútil querer influenciar, com preces, a engrenagem rígida e surda das necessidades que dirigem o universo.

Após ter mostrado um pouco a hierarquia dessas necessidades, a ciência nos mostrou o processo geral da transformação de nosso planeta e o mecanismo da evolução que conduziu, através do tempo, os humildes seres das primeiras eras geológicas às formas atuais.

As leis dessa evolução foram determinadas para os indivíduos e tenta-se aplicá-las às sociedades humanas. As pesquisas modernas provaram que as sociedades também passaram por uma série de formas inferiores, antes de atingir o nível em que nos encontramos hoje em dia.

Dessas pesquisas nasceu a sociologia: um conjunto de conhecimentos que estará pronto, talvez, um dia, mas que teve que se limitar, até aqui, a registrar os fenômenos sem conseguir prever nenhum.

É em razão dessa incapacidade de previsão que a sociologia não poderia ser considerada como uma ciência, nem mesmo um esboço de ciência. Um conjunto de conhecimentos merece o nome

de ciência quando ele permite determinar as condições de um fenômeno e, por consequência, reproduzi-lo, ou pelo menos prever com antecedência sua consequência. Como são a química, a física, a astronomia e até mesmo, em certos limites, a biologia. Não é o caso, de maneira alguma, da sociologia. Tudo o que ela pode nos dizer __ mesmo isso não foi ela que nos ensinou __ é que o mundo moral é, como o mundo físico, regido por inflexíveis leis. Isso que qualificamos de acaso é apenas a cadeia infinita de causas que não conhecemos.

Mas o encadeamento dessas causas torna toda previsão precisa impossível. Só conseguimos, não a prever os fenômenos, mas simplesmente a compreendê-los um pouco, estudando separadamente cada um dos fatores que os produzem. Depois a ação recíproca desses fatores. Teoricamente o método é o mesmo da astronomia que busca determinar a trajetória dos astros. Quando os elementos que agem uns sobre os outros são em número muito grande, a ciência atual se declara impotente para descobrir seu resultado definitivo. Determinar as posições relativas de três corpos cujas massas e velocidades são diferentes e que agem uns sobre os outros, é um fenômeno que desconcertou durante muito tempo a sagacidade dos mais ilustres matemáticos.

Para os fenômenos sociais, não são mais três causas, mas milhões de causas que se precisa descobrir sua ação recíproca.

Como então antecipar o resultado final de tal entrecruzamento? Para obter __ não certezas, nem mesmo aproximações __ mas indicações gerais e sumárias, é preciso agir como o astrônomo que, tentando deduzir a posição de um astro desconhecido através das perturbações que ele produz na trajetória de um astro conhecido, não tenta abranger nessas fórmulas a ação simultânea de todos os corpos do universo. Ele negligencia as perturbações secundárias, que tornariam o problema insolúvel e se contenta com aproximações.

Mesmo nas ciências mais exatas, os resultados aproximados são os únicos que se pode atingir com a fraqueza de nosso espírito. Mas uma inteligência como a que fala Laplace, "que num dado instante conhecesse todas as forças que animam a natureza e a situação respectiva dos seres que a compõem __ se, aliás, ela fosse tão vasta para submeter todos esses dados à análise __ englobaria numa mesma fórmula os movimentos dos maiores corpos do universo e os do mais leve átomo. Nada seria incerto para ela e o futuro, como o passado, estaria presente a seus olhos".

Ignoramos se entre os milhões de mundos que prosseguem em sua ronda silenciosa no firmamento algum dia tenha surgido essa inteligência de que fala Laplace. Inteligência que teria podido ler, em nossa nebulosa, o nascimento do ser humano, as fases de sua história e a hora em que, sobre nosso globo resfriado, os últi-

mos seres verão seu último dia. Não invejemos muito uma tal clarividência. Se o livro do destino fosse aberto a nossos olhos, os mais poderosos recursos da atividade humana estariam logo destruídos. Aquilo que a sibila antiga mostrava do futuro empalidecia de terror e precipitava rumo à fonte sagrada cuja água provocava o esquecimento.

As mentes mais ilustres __ Kant, Stuart Mill e, bem recentemente, psicólogos como Gumplowicz __ afirmam que se a psicologia dos indivíduos e dos povos fosse bem conhecida, poderíamos prever sua conduta. Mas enuncia, sob uma outra forma, a hipótese de Laplace, ou seja, supor conhecidos elementos muito numerosos para que possamos conhecê-los e tendo, uns sobre os outros, ações muito complexas para que possamos submetê-los à análise.

Precisamos então nos limitar em saber que o mundo moral é, ele também, submetido a leis, mas nos resignar em ignorar as consequências futuras dessas leis.

Essa noção de necessidade, que todas as descobertas da ciência moderna tendem cada vez mais em estabelecer, não é uma teoria vã, sem utilidade para nós. Ela nos ensina pelo menos a tolerância e permite abordar o estudo dos fenômenos sociais com a frieza do químico analisando um corpo ou pesquisando a densidade de um gás. Ela nos ensina a não mais nos irritarmos diante

dos eventos que chocam nossas ideias, como o cientista diante do resultado imprevisto de uma experiência. Para o filósofo não há indignação possível contra fenômenos submetidos a leis inevitáveis. Devemos nos limitar a constatá-los, com a convicção de que nada teria podido impedi-los.

§2. A previsão dos fenômenos sociais.

A sociologia deve então limitar seu papel a registrar fenômenos. Todas as vezes que seus adeptos mais ilustres __ como Auguste Comte __ quiseram abordar o domínio das previsões, eles erraram lamentavelmente.

E são principalmente os políticos __ mergulhados, portanto, na esfera dos acontecimentos políticos e mais aptos, aparentemente, em observar sua marcha __ que menos sabem prever.

Escreve o Sr. Fouillée:

> *Quantas vezes os profetas foram desmentidos pelos acontecimentos! Napoleão havia anunciado que a Europa seria em breve cossaca. Ele predisse que Wellington estabeleceria o despotismo na Inglaterra 'porque esse general era muito grande para permanecer um simples desconhecido'. Se vós concederdes a independência aos Estados Unidos __ disse, por seu lado, Lorde Shelburne, não menos cego em seu ponto de vista __ o sol da Inglaterra se deitará e sua glória será para sempre eclipsada. Burke e Fox competiam com falsas profecias sob a Revolução Francesa e o primeiro anunciou que a França seria 'dividida como a Polônia'.*

Pensadores de todo tipo __ estranhos, em aparência, às coisas desse mundo __ se mostraram quase sempre mais clarividentes do que os simples políticos. Foi um Rousseau, foi um Goldsmith que anunciaram a Revolução Francesa. Arthur Young previa para a França, após violências passageiras, "um bem-estar durável, resultado dessas reformas". Tocqueville, trinta anos antes dos acontecimentos, anunciou que os Estados Unidos do sul, na república americana, tentariam a secessão. Heine nos disse, anos antes: "Vós, franceses, tendes mais a temer da Alemanha totalmente livre da Santa Aliança, do que de todos os cossacos reunidos". Quinet predisse em 1832 a mudança que aconteceria na Alemanha, o papel da Prússia, a ameaça suspensa sobre suas cabeças, a mão de ferro que tentaria agarrar as chaves da Alsácia. É que a maior parte dos políticos é absorvida pelos fatos da hora presente e têm a miopia como seu estado natural.

Ela é, com efeito, seu estado natural e é fácil compreender que filósofos saibam se afastar dos interesses da hora presente e possam, às vezes, formular previsões muito acertadas. Em seu discurso de recepção na Academia Francesa, o Sr. Deschanel, então presidente da Câmara dos Deputados, mostrou o quanto poderiam ser errôneas as previsões dos políticos e precisas as dos filósofos.

Durante trinta anos, uma diplomacia cega __ dirigida por um imperador mais cego ainda __ não viu nada, não entendeu nada, não soube prever nada. Prendendo-se a vagos princípios bem infantis __ como nacionalidade __ ela provocou guerras, como contra a Áustria, a favor da Itália, origem de todos os nossos desastres. Durante esses trinta anos, um simples filósofo, o Sr. Hervé, previu da forma mais clara, os acontecimentos que se seguiriam.

Com sete anos de antecedência ele previu a guerra que a Prússia declarou, em 1866, à Áustria e, após Sadowa, enquanto diplomatas e jornalistas, lamentavelmente limitados, felicitavam os sucessos da Prússia que, após ter aniquilado a Dinamarca e a Áustria, se preparava para nos aniquilar, escreveu: “A França, sem lutar, sofreu a mais grave derrota, desde Waterloo. A guerra entre a França e a Prússia é inevitável. Ela acontecerá no coração de uma ou outra nação”. A única das previsões desse pensador que não se realizou ainda é o duelo entre germânicos e eslavos.

Não é preciso, sem dúvida, um luminoso bom senso para ver isso, mas o político é muito envolvido pelos acontecimentos para ter tal bom senso. Em época recente, durante o cerco das embaixadas na China, nenhum dos diplomatas que moravam em Pequim soube prever os acontecimentos que os ameaçaria e a guerra cus-

tosa que aconteceria em seguida. As questões de protocolo os preocupavam muito mais do que o que se passava ao redor deles.

Advertências, no entanto, não lhes faltaram. Mas elas vinham de fora e de pessoas cuja opinião não poderia contar, evidentemente, pois elas não eram “de carreira”. Desde o golpe de Kiao-Tchéou, que levou ao cúmulo as intromissões do Ocidente na China, um oficial de marinha, L. de Saussure, previu, no **Journal de Genève**, que “o copo havia transbordado e que um golpe de estado, que começaria provavelmente pela deposição do imperador, explodiria”.

Qualquer que seja o filósofo, ele deve sempre ser bem reservado em suas previsões, só tentar indicações bem gerais, tiradas sobretudo do estudo aprofundado do caráter dos povos e de sua história e, de resto, se limitar a constatações.

As formas otimistas ou pessimistas que damos a essas constatações só representam nuances de linguagem que podem facilitar as explicações, mas que não têm, por si sós, nenhuma importância. Elas dependem unicamente do temperamento e do perfil da mente. O pensador, habituado a observar a dura engrenagem das coisas, terá geralmente uma apreciação pessimista. O cientista, que só vê no mundo um curioso espetáculo, terá uma apreciação resignada ou indiferente. A concepção sistematicamente otimista das coisas só se encontra entre completos imbecis favorecidos

pela sorte e satisfeitos com seus destinos. Mas, se o pensador, o filósofo e, por acidente, o imbecil, souberem observar, sua constatação dos fenômenos será forçosamente idêntica. Tão idênticas quanto podem ser as fotografias de um mesmo monumento, tiradas por diversos fotógrafos.

Julgar __ como fazem muitos historiadores __ acontecimentos passados, distribuir responsabilidades, a culpa ou o louvor, é uma tarefa pueril, que os filósofos do futuro desprezarão justamente. A engrenagem das causas que criam os acontecimentos é bem mais poderosa do que os personagens que os executam. Os mais memoráveis dos grandes fatos históricos __ a queda de Babilônia ou de Atenas, a decadência do império romano, a Reforma, a Revolução Francesa, nossos últimos desastres __ não são atribuíveis a uma pessoa, mas a gerações de pessoas. O fantoche que __ inconsciente dos fios que o fazem se mover __ censurasse ou louvasse os movimentos de outros fantoches, estaria, na verdade, sem razão nenhuma.

O ser humano é conduzido pelo seu meio, pelas circunstâncias e, acima de tudo, pela vontade dos mortos, ou seja, pelas forças herdadas misteriosas que sobrevivem nele. Elas regem a maior parte de nossas ações e são tão mais poderosas quanto mais nós não as vemos. Nossos pensamentos __ quando por acaso temos

algum original __ só agirão nas gerações que ainda não estão nascidas.

Filhos de um longo passado, nossos atos só terão consequências num futuro que não veremos. A hora presente é a única tem algum valor para nós e, no entanto, na existência de um povo, essa hora tão breve não conta nada. É mesmo impossível para nós apreciarmos o impacto real dos acontecimentos que se passam sob nossos olhos, porque sua influência sobre nosso destino nos leva a exagerar sua importância. Poderíamos compará-los às pequenas ondas que nascem e morrem sem cessar na superfície de um rio, mas sem perturbar seu curso. O inseto pousado numa folha levantada por essas pequenas ondas as toma por montanhas e temem, com razão, seu choque. Seu efeito sobre o curso do rio é, no entanto, totalmente nulo.

O estudo aprofundado dos fenômenos sociais nos coloca então em presença dessa dupla constatação: por um lado, esses fenômenos são regidos por uma engrenagem de necessidades e suscetíveis, por consequência, de serem previstos por uma inteligência superior. Mas, por outro lado, essa previsão é, na maioria das vezes, impossível por seres limitados como nós.

O ser humano buscará sempre, no entanto, levantar o véu que lhe torna impenetrável o futuro e mesmo os filósofos não conseguem escapar dessa vã curiosidade. Eles sabem, pelo menos,

que suas previsões são apenas hipóteses, baseadas acima de tudo em analogias tomadas de empréstimo do passado ou deduzidas da marcha geral das coisas e das características fundamentais dos povos. Eles sabem ainda que, mesmo as melhores previsões __ na aparência __ devem se limitar a um futuro bem próximo e que, mesmo assim, muitas causas desconhecidas podem desmenti-los. Um pensador arguto poderia sem dúvida ter previsto a Revolução Francesa alguns anos antes de sua explosão, estudando o estado geral dos espíritos. Mas como poderia adivinhar Bonaparte, a conquista da Europa e o Império?

Uma mente científica não pode então dar como certa uma previsão social numa escala longínqua. Ela vê povos crescerem, outros diminuírem e, como a história do passado lhe ensina, a estrada da decadência não tem volta. É fundamentado dizer que aqueles que tomam o rumo da decadência continuarão a descer. Ela sabe que as instituições não podem ser mudadas pela vontade do legislador e, vendo que os socialistas querem tumultuar inteiramente a organização sobre a qual nossas civilizações repousam, ele prediz facilmente as catástrofes que seguirão tais tentativas. São previsões bem gerais, que entram um pouco na categoria das verdades simples e eternas que se chama de lugares comuns. A ciência mais avançada está obrigada a se contentar com essas aproximações bastante insuficientes.

E que poderíamos dizer do futuro, nós que ignoramos quase tudo do mundo em que vivemos e que nos defrontamos com um muro intransponível assim que queremos descobrir a causa dos fenômenos e buscar as realidades que se escondem atrás das aparências?

As coisas são criadas ou incriadas, reais ou irreais, efêmeras ou eternas? O mundo tem razão de ser ou não tem? O nascimento e a evolução do universo são condicionados pela vontade de seres superiores ou regidos por necessidades cegas, por esse destino soberano ao qual, segundo as concepções antigas, todos devem obedecer, tanto os deuses quanto os humanos?

Para o mundo moral nossas incertezas não são menores. De onde viemos? Para onde vamos? Nossos sonhos de felicidade, de justiça e de verdade são apenas ilusões, criadas por um estado congestivo de nosso cérebro e em flagrante desacordo com a lei mortal da luta pela vida? Sobre essas questões perigosas permanece, ao menos, a dúvida, pois a dúvida é quase a esperança. Vagamos às cegas, num oceano de coisas desconhecidas que se tornam cada vez mais misteriosas na medida em que nos esforçamos para determinar sua essência. É com muito custo que nesse impenetrável caos vemos brilhar às vezes alguns fugidios clarões, algumas verdades relativas, que chamamos de leis, quando elas não parecem muito efêmeras.

Precisamos nos conformar em conhecer apenas essas incertezas. São guias frágeis sem dúvida, mas, no entanto, são os únicos aos quais temos acesso. A ciência não tem outros para invocar. Os deuses antigos não nos fornecem melhores. Sem dúvida eles deram ao ser humano esperanças, mas não foram eles que ensinaram ao ser humano como utilizar proveitosamente as forças que o rodeiam e tornar assim sua existência menos dura.

Felizmente para a humanidade, não é nessas regiões inacessíveis e geladas da ciência pura que ela é chamada a procurar seus motivos de ação. Ela sempre precisou de quimeras para encantá-la e de alucinados para conduzi-la. O mundo nunca teve falta deles. Quimeras políticas, quimeras religiosas, quimeras sociais, sempre exerceram sobre nós um soberano império. Esses decepcionantes fantasmas foram e serão perpetuamente nossos mestres.

Saído há milhares de anos da selvageria primitiva, o ser humano jamais deixou de criar ilusões para adorá-las e edificar sobre elas suas civilizações. Cada uma delas o encantou durante algum tempo, mas sempre chegou a hora em que ela deixou de encantá-lo e então ele dedicou, para destruí-la, tanto esforço quanto dedicou para construí-la. Uma vez mais a humanidade retorna a essa tarefa eterna, a única talvez que pode lhe fazer esquecer as durezas do destino. Os teóricos só fazem recomeçar a pesada tarefa de edificar uma fé nova, destinada a substituir a antiga, esperando

que a inevitável evolução das coisas a condene a perecer, por sua vez.

* * *

CAPÍTULO II

O futuro do socialismo.

§1. As condições atuais do socialismo.

Sumário

Tentamos determinar nesta obra os principais fatores da evolução atual das sociedades. Buscamos a influência da transformação das ciências e da indústria, da aproximação dos povos pelo vapor e a eletricidade, da mudança das ideias e muitos outros fatores ainda. O ser humano, como todos os seres, não pode viver sem se adaptar a seu meio. Ele se adapta através de uma lenta evolução e não por revolução. Com as causas da evolução atual tendo surgido muito recentemente para que tenhamos algum meio de saber exatamente a que elas conduzem, só podemos indicar para cada uma o sentido geral de sua influência.

Nós destacamos os pontos sobre os quais as aspirações socialistas concordam com a evolução de que somos testemunha. Mas uma tal concordância se encontra muito raramente. Vimos, pelo contrário, que a maior parte das teorias socialistas está em contradição flagrante com as necessidades que dirigem o mundo moderno e que sua realização nos conduziria a fases inferiores ultrapassadas há muito tempo. Isso porque constatamos que o nível atual

dos povos, na escala de civilização, se mede mais exatamente pelo seu grau de resistência às tendências socialistas.

A associação dos interesses semelhantes (única forma prática de solidariedade) e a concorrência econômica (forma moderna de luta pela vida) são necessidades da era atual. O socialismo tolera com muito custo a primeira e quer suprimir a segunda. O único poder que ele respeita é o das assembleias populares. O indivíduo isolado não é nada para ele, mas, pelo único fato de que ele faz parte de uma massa, ele possui todas as capacidades e todos os direitos. A psicologia nos ensina que, pelo contrário, assim que o indivíduo faz parte de uma massa, ele perde a maior parte das qualidades mentais que faziam a sua força.

Desdenhar a associação e querer suprimir a concorrência, como propõe o socialismo, é tentar paralisar as grandes alavancas da era moderna. Não se trata de saber se a concorrência é benéfica ou nociva, é preciso verificar se ela é inevitável e, reconhecendo isso, tratar de se adaptar.

Mostramos que a concorrência econômica, que acabou por esmagar o indivíduo, encontrou seu contrapeso natural formado espontaneamente sem nenhuma teoria, na associação dos interesses semelhantes. Associações de trabalhadores, de um lado; associações de patrões, por outro; conseguem lutar com armas iguais. O que não poderia fazer o indivíduo isolado. Isso é, sem dúvida, a

substituição da autocracia individual pela autocracia coletiva e nada permite dizer que a segunda será menos dura que a primeira. Parece mesmo que o contrário é evidente. O que é evidente também é que as tiranias coletivas foram sempre as mais facilmente suportadas. Jamais o mais furioso dos tiranos pôde se permitir os atos de despotismo sanguinário que se permitiram impunemente, durante a Revolução Francesa, obscuros comitês anônimos, agindo em nome de interesses coletivos imaginários ou reais.

Mostramos também que __ bem ao contrário, por seus princípios, a todos os dados da ciência moderna __ o socialismo possui uma força imensa, que é o resultado de sua tendência a assumir uma forma religiosa. Não é mais, então, uma teoria que se discute, mas muito mais um dogma que é preciso sofrer e cujo poder sobre as almas é absoluto.

E é justamente por esta razão que o socialismo constitui o mais temível dos perigos que tem ameaçado as sociedades modernas. Com seu triunfo completo não sendo nada impossível, não será inútil mostrar o que ele reserva ao povo que acreditar assegurar sua felicidade submetendo-se e esse terrível senhor.

Lembremos primeiro os principais dogmas socialistas e as causas que poderão fazer com que sejam adotados.

Se deixarmos de lado as partes fantasiosas dos inumeráveis programas dos teóricos e só considerarmos o que eles têm de es-

sencial e ao mesmo tempo o que a evolução natural das coisas torna realizável em povos, veremos esses programas se reduzirem a quatro pontos principais:

Supressão da desigualdade muito grande das riquezas, através de impostos progressivos e, acima de tudo, por taxação das heranças, suficientemente elevadas;

Extensão progressiva dos direitos do Estado ou, se preferir, da coletividade que substituirá o Estado e só se diferenciará dele pelo nome;

Encampação, pelo Estado, do solo, dos capitais, das indústrias, das empresas de todo tipo, ou seja, expropriação dos proprietários atuais em benefício da comunidade;

Supressão da livre concorrência e equalização dos salários.

A realização do primeiro ponto é evidentemente possível e pode-se admiti-la a rigor, se bem que não esteja totalmente demonstrado que isso seja uma vantagem __ ou, pelo menos, um tipo de equidade __ tentar reduzir a cada geração, na comunidade, o excesso de fortunas acumuladas pelas gerações precedentes e evitar assim a formação de uma aristocracia financeira mais pesada e mais opressora, às vezes, do que o velho regime feudal.

Quanto aos outros pontos e, particularmente, a extensão progressiva dos direitos do Estado, que resultaria na supressão da livre concorrência e finalmente na igualdade dos salários, ela só se

realizaria com a ruína de um país. Porque tais medidas, sendo incompatíveis com a ordem natural das coisas, colocaria o povo que as sofresse num estado de inferioridade em relação a seus rivais e o levaria logo a lhes ceder o lugar. Nós não dizemos que esse ideal não vá se realizar, pois mostramos que certas nações tendem cada vez mais para a extensão progressiva do papel do Estado. Mas vimos também que essas nações, por esse único motivo, entraram na via da decadência.

O sonho socialista pode então ainda se realizar nesses diversos pontos e segundo a fórmula indicada por um escritor inglês, o Sr. B. Kidd:

> *Na era em que entramos, o esforço laborioso e lento dos povos para obter a igualdade nas condições sociais de luta, bem como a igualdade de direitos políticos, implicará necessariamente, ao invés da restrição da intervenção do Estado, a extensão progressiva dessa ação, quase a todas as circunstâncias de nossa vida social. É de se esperar que o movimento rumo à regulamentação, ao controle, à restrição dos direitos da riqueza e do capital se acentue até que o Estado assuma, ele mesmo, esses direitos em todos os casos em que ficar provado que ficar em mãos privadas é contrariar os interesses das classes populares.*

O ideal socialista está perfeitamente formulado nas linhas precedentes. Quando vemos tal programa aceito por mentes escla-

recidas, percebemos, no ato, o caminho e os estragos que as ideias socialistas conseguiram.

É aí que reside, acima de tudo, o perigo. O socialismo atual é um estado mental, bem mais que uma doutrina. O que o torna tão ameaçador, não são as mudanças ainda muito fracas que ele produziu na alma popular, mas as modificações já muito grandes que ele determinou nas almas das classes dirigentes. A burguesia atual não está mais tão certa de seu direito. Ela não está, aliás, certa de nada e não sabe defender nada. Ela se deixa levar por tudo que se diz e treme diante dos mais desprezíveis demagogos. Ela é incapaz de uma vontade forte, de uma disciplina, de uma comunidade de sentimentos, que são o cimento das sociedades e sem os quais nenhuma associação humana pôde viver até aqui.

Acreditar nos instintos revolucionários das massas é ser vítima das aparências mais enganadoras. Seus levantes são apenas fúrias de um instante. Tomadas por suas tendências conservadoras, elas voltam rápido ao passado e reclamam, elas mesmas, a restauração dos ídolos que, num instante de violência, elas quebraram. Nossa história nos diz isso em cada página, há um século. Nem bem a Revolução Francesa havia terminado sua obra de destruição e quase tudo que ela havia derrubado __ instituições políticas ou religiosas __ foi restabelecido com novos nomes. O rio

desviado por um instante, com muito custo, retomou seu antigo curso.

Não é jamais por baixo, mas sempre pelo alto que começam as reviravoltas sociais. Foi o povo que fez nossa grande Revolução? Certamente que não. Ele jamais pensou nisso. Ela foi desencadeada pela nobreza e pelas classes dirigentes. Essa é uma verdade que parece ainda um pouco nova a muitas mentes, mas que se tornará banal, quando uma psicologia menos superficial do que a que nós nos contentamos hoje em dia, nos fará compreender melhor que os eventos exteriores são sempre a consequência de certos estados inconscientes de nosso espírito.

Sabemos bem o que foi, no momento da Revolução, esse estado de espírito que vemos renascer hoje em dia: um humanitarismo enternecido que, iniciado pelos poemas e os discursos dos filósofos, termina na guilhotina. Foi esse sentimento tão inofensivo na aparência, mas tão perigoso na realidade, que levou logo à fraqueza e à desorganização das classes dirigentes. Elas não tinham mais fé nelas próprias e eram mesmo, como destacou justamente Michelet, os inimigos de sua própria causa. Quando, na noite de 4 de agosto de 1789, a nobreza suplicou por seus privilégios e seus direitos seculares, a Revolução estava feita. O povo só teve que seguir as indicações que lhe foram dadas e, como sempre, as levou aos extremos. Ele não levou muito tempo para cortar

a cabeça dos filantropos, que abandonaram assim sua defesa. A história não os pranteou. Eles merecem, no entanto, a indulgência dos filósofos habituados a determinar as origens longínquas de nossas ações. Esses direitos __ aos quais a nobreza renunciou tão facilmente __ poderia ela, com efeito, defendê-los ainda? Sob a influência das teorias e dos discursos acumulados em um século, as crenças haviam progressivamente mudado. As ideias que foram lentamente se apoderando das classes dirigentes acabaram por tomar um tal império que elas não poderiam mais discuti-las. As forças que criam nossas vontades inconscientes são sempre irresistíveis. A razão não as conhece e, mesmo se as conhecesse, nada poderia contra elas.

São, no entanto, essas forças obscuras e soberanas, que são as verdadeiras propulsoras da história. A pessoa se agita, elas a conduzem e a fazem, frequentemente, agir contrariamente aos seus interesses mais claros. São os fios misteriosos que guiaram todas essas marionetes brilhantes e que os livros contam as fraquezas e as façanhas. Graças à distância no tempo conhecemos, melhor que elas, mesmo as causas secretas de suas ações.

É num trabalho inconsciente de nosso espírito, criado por influências diversas, que reside o perigo da hora presente. Somos tomados pelos mesmos sentimentos humanitário malditos que já nos custaram a Revolução mais sanguinária que o mundo civiliza-

do conheceu, o Terror, Napoleão, a morte de três milhões de pessoas e a terrível invasão que seu herdeiro foi a causa. Que serviço prestaria à humanidade a divindade benfazeja que aniquilasse a funesta raça dos filantropos e, no mesmo ato, a da não menos funesta raça dos retóricos!

A experiência feita em 1789 não bastou e o renascimento desse mesmo humanitarismo vago (humanitarismo de palavras e não de sentimentos), desastrosa herança de nossas velhas ideias cristãs, se tornou o mais sério elemento de sucesso do socialismo atual. Foi sob sua dissociante e inconsciente influência que as classes dirigentes perderam toda confiança na justiça de sua causa. Elas cedem cada vez mais, a líderes que lhes pedem mais, na medida em que as concessões se estendem. Esses líderes não ficarão satisfeitos enquanto não tiverem tomado de seus adversários a fortuna e a vida. Os historiadores do futuro que conhecerem as ruínas causadas por nossa fraqueza, o desabamento das civilizações que defendemos tão mal, não terão nenhuma dificuldade em mostrar o quanto eram fatais e merecidas tais catástrofes.

Não se pode esperar que o absurdo da maior parte das teorias socialistas possa impedir seu triunfo. Essas teorias não contêm, em definitivo, mais quimeras incríveis que as crenças religiosas que dominam a alma dos povos há muito tempo.

O ilogismo de uma crença jamais impediu sua propagação. Porém, o socialismo é muito mais uma crença religiosa do que uma teoria de pensamento. Ele é praticado, não discutido.

Ele apresenta, todavia, uma inferioridade imensa em relação às outras religiões. Essas últimas prometiam após a morte uma felicidade que ninguém poderia provar o lado quimérico. A religião socialista, em vez de uma felicidade celeste que ninguém pode verificar a falsidade, nos promete a felicidade terrestre, que qualquer um pode constatar facilmente a irrealização. A experiência ensinará rápido aos adeptos das ilusões socialistas o vazio de seu sonho e então eles quebrarão com furor o ídolo que eles tinham adorado antes de conhecê-lo.

Infelizmente uma tal experiência não pode ser tentada sem destruir primeiro uma sociedade.

§2. O que o sucesso do socialismo reserva aos povos nos quais ele triunfar.

Esperando a hora de seu triunfo __ que precederá em bem pouco a de sua queda __ o socialismo está destinado a crescer ainda e nenhum argumento tirado da razão poderá prevalecer contra ele.

Não faltarão, no entanto, advertências aos adeptos do novo dogma, não mais do que aos seus fracos adversários. Todos os pensadores que estudaram o socialismo moderno assinalaram seus

perigos e chegaram a conclusões idênticas sobre o futuro que ele nos prepara. Seria muito longo apresentar todas as suas opiniões. Não será sem interesse citar algumas.

Não remontaremos além de Proudhon. Na época em que ele vivia, o socialismo era bem menos ameaçador que hoje em dia. Ele escreveu, sobre seu futuro, uma página frequentemente citada, cuja exatidão se verificará talvez brevemente:

> *A revolução social só poderia resultar num imenso cataclismo, cujo efeito imediato seria esterilizar a terra e fechar a sociedade numa camisa de força. E __ se fosse possível que um estado de coisas tal se prolongasse por algum tempo __ fazer perecer, por uma imensa fome inesperada, três ou quatro milhões de pessoas.*
>
> *Quando o governo estiver sem recursos. Quando o país estiver sem produção e sem comércio. Quando Paris esfomeada, bloqueada pelos Departamentos, não pagando mais, não expedindo mais, ficar sem mercadorias. Quando os trabalhadores, desmoralizados pela política dos clubes e o desemprego das fábricas, buscarem viver não importa como. Quando o Estado requisitar a prataria e as joias dos cidadãos para enviá-las à Casa da Moeda. Quando as buscas domiciliares forem a única forma de recolhimento de contribuições. Quando o primeiro maço de trigo tiver sido pilhado, a primeira casa forçada, a primeira igreja profanada, a primeira tocha acesa. Quando o primeiro sangue tiver sido derramado. Quando a primeira cabeça tiver caído, quando a abominação da desolação estiver por toda a França, então você saberá o que é uma revolução social. Uma multidão desenfreada, armada, embriagada de vingança e de fúria. Es-*

> *padas, machados, sabres, facões e martelos. A cidade morna e silenciosa. A polícia nos lares das famílias, as opiniões suspeitas, as palavras escutadas, as lágrimas observadas, os suspiros contados, o silêncio espionado, a espionagem e as denúncias. As requisições inexoráveis, os empréstimos forçados e progressivos, o papel moeda depreciado. A guerra ao estrangeiro na fronteira, os interventores impiedosos, o comitê de saúde pública, um comitê supremo com coração de bronze. Eis os frutos da revolução dita democrática e social. Eu repudio com todas as minhas forças o socialismo impotente e imoral, próprio apenas para fazer trouxas.*[80]

O Senhor de Laveleye, apesar de suas indulgências para com muitas das ideias socialistas, chegou a conclusões bem parecidas, quando ele nos mostrou o que se segue a uma revolução socialista vitoriosa: “nossos capitais destruídos pela dinamite e o petróleo de um jeito mais selvagem e, sobretudo, mais sistemático do que foi Paris em 1871”.

O grande filósofo inglês Herbert Spencer não foi menos sombrio. O triunfo do socialismo, ele diz, “seria o maior desastre que o mundo jamais provou e o fim seria o despotismo militar”.

No seu último volume de seu tratado de sociologia, que encerra a obra monumental que ele levou trinta e cinco anos para

---

[80] Esta página, citada em várias obras, se compõe, na realidade, segundo pesquisas do Sr. G. Sorel, de pedaços reunidos em um só texto, de diversas publicações de Proudhon. Ela teria sido publicada pela primeira vez no **Journal des Débats**.

escrever, o eminente escritor desenvolveu as conclusões precedentes. Ele destacou que o coletivismo e o comunismo nos levariam à barbárie primitiva e ele teme essa revolução num futuro próximo. Essa fase vitoriosa do socialismo não conseguiria durar muito, mas ela produzirá grandes estragos nas nações que a sofrerem e levará várias delas à ruína total.

Tais são, com efeito, segundo a opinião unânime dos mais ilustres pensadores, as consequências do advento do socialismo: transtornos cuja época do Terror e da Comuna só podem dar uma pálida ideia. Depois a era dos césares, desses césares da decadência, capazes de nomear seu cavalo cônsul ou de mandar massacrar imediatamente diante deles quem quer que não os olhe com suficiente respeito. Césares que se suportaria, no entanto, como suportaram os romanos quando as guerras civis e as discussões estéreis os jogaram nos braços dos tiranos. Eles matavam algumas vezes esses tiranos, quando eles se tornavam muito furiosamente despóticos, mas não paravam de substituí-los, até que chegou a hora da decomposição final e do esmagamento definitivo sob os pés dos bárbaros. Vários povos parecem condenados, eles também, a acabar sob o jugo de déspotas que poderão ser inteligentes algumas vezes, mas necessariamente inacessíveis a toda piedade e que não suportam a mais vaga tentativa de discussão.

É, com efeito, apenas o despotismo que pode dominar a anarquia. É justamente porque não podem evitar a anarquia que todas as repúblicas latinas da América estão curvadas sob o mais sombrio despotismo.

À desorganização social produzida pelo triunfo do socialismo, sucederia necessariamente uma pavorosa anarquia e uma ruína geral. É aí então que apareceria um Marius, um Sylla, um Bonaparte, um general qualquer, restabeleceria a paz, através de um regime de ferro, precedido por enérgicas hecatombes, o que não o impediria __ como a história viu tantas vezes __ de ser aclamado como libertador. E ele o seria, certamente, pois na falta de um déspota militar, o povo submetido ao regime socialista estaria prontamente enfraquecido e se encontraria imediatamente a mercê de seus vizinhos e incapaz de resistir a suas invasões.

Neste pequeno quadro dos destinos futuros que o socialismo nos reserva, eu não falei das rivalidades entre as diversas seitas socialistas que viriam complicar a anarquia. Não há socialista que não odeie alguém ou alguma coisa. Os socialistas detestam a sociedade atual, mas eles se detestam muito mais violentamente. Desde já, essas inevitáveis rivalidades entre as seitas, levaram à queda dessa temível **Internacional**, que fez tremer os governos durante muitos anos e cujo nome está esquecido hoje em dia.

Escreve o Sr. de Laveleye:

> *Uma causa fundamental contribuiu para a queda tão rápida da* ***Internacional****. Foram as rivalidades das pessoas. Como no seio da Comuna de 1871, se divide, se suspeita, se injuria e logo se chega às cisões definitivas. Nenhuma autoridade se impõe. O entendimento se torna impossível, a associação se dissolve na anarquia e __ se me permitem uma palavra vulgar que exprime bem a coisa __ na bagunça. Isso é ainda uma advertência. E o que vós quereis, ao abolir o Estado e suprimir os industriais? Contar que a ordem sairá naturalmente da livre iniciativa das corporações federadas? Mas, se vós, que constituis aparentemente a elite da classe trabalhadora, vós não conseguistes entender o bastante para manter viva uma sociedade que não lhe pedia nenhum sacrifício e que só tinha um objetivo querido por todos: "a guerra ao infame capital"; como simples trabalhadores ficarão unidos quando se tratar, num contato diário, de regular interesses em luta constante e de tomar decisões que tocam na remuneração de cada um? Vós não quisestes se submeter a um conselho geral que não vos impunha nada. Como, na oficina, obedecerás às ordens dos chefes que deverão determinar sua tarefa e dirigir seu trabalho?*

Podemos supor, no entanto, com o estabelecimento progressivo e pacífico do socialismo, através de medidas legais. E essa parece ser a marcha das coisas entre os povos latinos, que estão preparados pelo seu passado e entram cada vez mais na via do socialismo de Estado. Mas nós mostramos também que é precisamente porque eles entraram nessa via que estão hoje em dia, que eles se acham no início de uma decadência rápida. Por ser menos

violento, na aparência, o mal não seria menos profundo. O Estado, tendo absorvido sucessivamente todos os meios de produção e com seus preços de venda ultrapassando necessariamente __ o que foi precedentemente provado __ os da indústria, “será preciso”, como disse o Sr. Molinari, “sujeitar a um trabalho forçado, com um mínimo de subsistência, uma parte da nação; numa frase: restabelecer a escravidão”.

A servidão, a miséria e o cesarismo são os precipícios inevitáveis para onde conduzem todos os caminhos socialistas.

E, no entanto, parece inevitável o pavoroso regime. É preciso que pelo menos um país o sofra para o ensinamento do mundo. Será uma dessas escolas experimentais, as únicas hoje em dia que podem esclarecer os povos que alucinam com os sonhos de felicidade abertos a seus olhos pelos sacerdotes da nova fé.

Esperemos que não seja um país amigo que tente primeiramente essa experiência.

§3. Como o socialismo poderia se apoderar do governo de um país.

Mas, por que meios o socialismo se apoderaria do governo de um país? Como ultrapassará o muro que constitui o último suporte das sociedades modernas, o exército? Essa empresa, difícil hoje em dia, o será logo cada vez menos, graças ao desapareci-

mento dos exércitos permanentes. Nós já dissemos isso ao estudar a luta das classes. Não será inútil lembrar mais uma vez.

Mas o que até aqui era a força de um exército, não era apenas o número de seus soldados ou a perfeição de seu armamento, mas sua mística, sua alma. E essa mística, essa alma não se forma em um dia.

Os raros povos que __ como os ingleses __ souberam manter um exército profissional, estão quase livres do perigo do socialismo e, por essa razão, terão, no futuro, uma superioridade considerável sobre seus rivais. Os exércitos que o alistamento universal criou tendem cada vez mais a serem verdadeiras guardas nacionais indisciplinadas e a história nos ensina o que elas valem na hora do perigo. Lembremos que nossos 300.000 homens da guarda nacional, sediados em Paris, só serviram para fazer a Comuna e incendiar a capital. O célebre advogado que abriu mão da única chance que se ofereceu então de desarmar essas multidões, se viu mais tarde obrigado a pedir publicamente “perdão a Deus e aos homens” por tê-los deixado armados. Ele poderia invocar como desculpa que ele ignorava a psicologia das massas, mas que desculpa nós podemos invocar, por não termos sabido aproveitar essa lição?

No dia em que essas massas armadas, sem coesão real, sem instintos militares, se voltarem __ como na época da Comuna __

contra a sociedade que elas deveriam defender, essa sociedade estará bem próxima de seu fim.

Aí então ela verá suas cidades incendiadas, a anarquia furiosa, a invasão, o desmembramento, a bota de ferro dos déspotas libertadores e a decadência definitiva.

Esse destino que nos ameaça é o que já sofrem certos povos. Por isso, não é mais necessário falar de um futuro desconhecido para encontrar nações nas quais a dissolução social foi efetuada pelos seus exércitos. Sabe-se em que miserável anarquia vivem todas as repúblicas latinas da América. Revoluções permanentes, dilapidação completa das finanças, desmoralização de todos os cidadãos e, acima de tudo, do elemento militar. O que é chamado de exército não passa de hordas de mestiços, sem disciplina, que só pensam em rapina e à mercê do primeiro general que queira conduzi-los à pilhagem. Qualquer general que queira se apoderar do poder sempre encontra alguns bandos armados para assassinar seus rivais e se colocar no seu lugar. A frequência de tais mudanças em todas as repúblicas hispano-americanas é tal que os jornais da Europa quase que deixaram de registrá-las e se ocupam com o que se passa nesses tristes países, tanto quanto se ocupam com os Lapões. O destino final dessa metade da América é retornar à barbárie primitiva, a menos que os Estados Unidos lhes prestem o imenso favor de conquistá-las.

§4. Como o socialismo pode ser combatido.

A experiência do socialismo deve acontecer em algum lugar. Essa única experiência curará os povos de suas quimeras. Todo nosso esforço deve se voltar para que ela aconteça no estrangeiro, antes de nós. É tarefa dos escritores, por menor que seja sua influência, adiar essa funesta realização em sua pátria. Eles devem combater o socialismo e retardar a hora de seu triunfo, de maneira que esse triunfo possa acontecer em outro lugar. É preciso, para isso, conhecer os segredos de sua força e de sua fraqueza, bem como a psicologia de seus adeptos. Tal estudo foi feito nesta obra.

Não é com argumentos capazes de influenciar os cientistas e os filósofos que é preciso tentar a obra de defesa necessária. Estes não estão cegos pelo desejo de uma popularidade ruidosa ou pela ilusão __ de que são vítimas todos os demagogos __ de que poderão domar, segundo sua vontade, o monstro libertado. Estes sabem muito bem que o ser humano não refaz as sociedades segundo a sua vontade; que devemos aceitar as leis naturais das quais não somos os senhores; que uma civilização, num dado momento, é um fragmento de uma corrente em que todos os anéis são ligados por laços invisíveis. Que o caráter de um povo rege suas instituições e seus destinos. E que esse caráter é obra de séculos. Que muito certamente as sociedades evoluem sem parar e não poderi-

am ser no futuro o que são no presente, mas que, muito certamente também, não serão nossas fantasias e nossos sonhos que determinarão essa inevitável evolução.

Não é, eu repito, com tais argumentos que se age sobre as massas. Esses argumentos, tirados da observação e encadeados pela razão, não poderiam convencê-las. Elas se preocupam muito pouco com raciocínios e livros! Muito menos é bajulando-as com o mais humilhante servilismo, como se faz hoje em dia, que se consegue seduzi-las. Elas consideram com um justo desprezo aqueles que as bajulam e elevam o nível de suas exigências na medida em que as bajulações se tornam muito excessivas. Para conduzir as massas é preciso agir sobre seus sentimentos e jamais apelar para a razão, que elas não possuem.

São elas, então, tão difíceis de dirigir, essas massas? Seria preciso ignorar sua psicologia e conhecer muito pouco também sua história, para pensar isso. É preciso ser um fundador de religião, como Maomé; um herói como Napoleão; um alucinado como Pierre, o Ermitão, para conduzi-las? Certamente que não. Neste assunto não são necessárias personalidades de exceção. Poucos anos nos separam do dia em que vimos um obscuro general que só possuía um pouco de audácia, o prestígio de seu uniforme e a beleza de seu cavalo, chegar até o estreito limite, próximo do poder supremo, que ele não ousou transpor. César sem louros e sem fé,

ele recuou diante do Rubicão. Lembremos que a história nos mostra que os movimentos populares são, na realidade, movimentos de alguns líderes. Lembremos o simplismo das massas, seus enraizados instintos conservadores e, por fim, o mecanismo desses elementos de persuasão, que tentamos colocar em evidência numa obra precedente: a afirmação, a repetição, o contágio e o prestígio. [81]

Lembremos ainda que __ apesar de todas as aparências __ não é o interesse __ tão poderoso sobre o indivíduo isolado __ que conduz as multidões. Ela precisa de um ideal para perseguir, uma crença para defender. Mas elas só se apaixonarão por um ideal ou crença após se apaixonarem pelos seus apóstolos. Apenas eles, pelo seu prestígio, fazem nascer nas almas populares os sentimentos de admiração e de simpatia que são as bases mais sólidas da fé. Muito recentemente nós vimos uma das maiores cidades da França, considerada como a cidadela do coletivismo, se desembaraçar do Conselho Municipal socialista, que ela aturava há muito tempo, simplesmente pela ação empreendida nas massas por um homem empreendedor, inteligente e ativo.

Guia-se as massas como se quer, quando se quer. Os regimes os mais contrários, os déspotas os mais intoleráveis, sempre foram aclamados, assim que souberam se impor. Elas deram seus

[81] Psychologie des Foules.

votos a Marat, a Robespierre, aos Bourbons, a Napoleão, à República e a todos os aventureiros, tão facilmente quanto aos grandes homens. Elas aceitaram a liberdade com a mesma resignação que a servidão.

Para se defender, não delas, mas de seus líderes, basta querer. Infelizmente, a verdadeira doença moral de nosso tempo, aquela que parece incurável nos latinos, é a falta de vontade. Essa perda da vontade coincidindo com a falta de iniciativa e o desenvolvimento da indiferença é o grande perigo que nos ameaça.

São, sem dúvida, generalidades e seria fácil descer das generalidades aos detalhes. Mas que utilidade poderiam ter, sobre a marcha das coisas, os conselhos que um escritor formula? Ele não cumpriu inteiramente com sua tarefa, ao expor os princípios gerais de onde se deduzem as consequências?

A indicação do que devemos fazer importa menos, aliás, do que o que não devemos fazer. Um corpo social é um organismo muito delicado no qual se deve tocar muito pouco. Nada é mais funesto para um Estado do que seguir sem parar a vontade irrefletida e móvel das massas. Se devemos fazer muito para elas, devemos agir muito pouco por elas. Já seria um imenso progresso renunciar a nossos projetos perpétuos de reforma, à ideia de que devemos mudar sem parar nossas constituições, nossas instituições e nossas leis. Acima de tudo deveríamos limitar e não esten-

der sempre, a intervenção do Estado, de maneira a obrigar os cidadãos a adquirir um pouco de iniciativa, do hábito de se governar, que eles perdem pela tutela perpétua que eles clamam.

Mas, uma vez mais, de que serve emitir tais votos? Esperar sua realização não é desejar que possamos mudar nossa alma e contornar o curso do destino? A mais imediatamente necessária das reformas, a única que pode ser realmente útil, seria a da nossa educação. É, infelizmente, a mais difícil de ser realizada. Aquela cuja realização implicaria justamente nesse milagre da transformação de nossa alma nacional.

Como esperá-la? E, por outro lado, como se conformar em se calar, quando se prevê os perigos da hora próxima e quando, teoricamente, parece fácil evitá-los?

Se deixamos a indiferença pelas coisas e o ódio pelas pessoas, as rivalidades e as discussões estéreis, nos invadir cada vez mais; se continuamos a sempre pedir a intervenção do Estado nos menores assuntos, o bloco social, já bem abalado, será definitivamente dissociado. Será preciso então ceder o lugar a povos mais vigorosos e desaparecer definitivamente da cena do mundo.

Assim pereceram várias civilizações, quando seus defensores naturais renunciaram à luta e ao esforço. Nunca foi o abaixamento da inteligência que causou a ruína dos povos, mas a de seu caráter. Assim acabaram Atenas e Roma. Assim acabou igualmen-

te Bizâncio, herdeira das civilizações antigas, das descobertas e dos sonhos da humanidade, dos tesouros do pensamento e da arte acumulados desde a origem da história.

Os cronistas relatam que, quando o sultão Maomé chegou diante da grande cidade, seus habitantes __ ocupados em sutis discussões teológicas e em rivalidades perpétuas __ se preocuparam muito pouco em se defender. O representante de uma fé nova triunfou facilmente com tais adversários. Quando ele penetrou na ilustre capital __ último refúgio das luzes do velho mundo __ seus soldados se livraram sumariamente das cabeças barulhentas desses inúteis tagarelas e reduziram os outros à escravidão.

Tratemos de não imitar esses pálidos descendentes de povos muito antigos e temamos sua sorte. Não percamos mais nosso tempo com recriminações e discussões inúteis. Saibamos nos defender contra os inimigos que nos ameaçam internamente, esperando que não tenhamos que lutar contra os que nos espreitam externamente. Não desdenhemos do menor esforço e façamo-lo, cada um em sua esfera de ação, por mais modesto que ele possa ser. É do acúmulo dos grãos de areia que são formadas as mais colossais montanhas. Estudemos sem parar os problemas que a esfinge nos coloca e que precisamos resolver, sob pena de sermos devorados por ela. E mesmo quando pensarmos que tais conselhos são tão inúteis quanto os votos de saúde durante uma doença que

o destino colocou em nossas vidas, ajamos como se não pensássemos assim.

Gustave Le Bon, março de 1902.

FIM

SUMÁRIO

PSICOLOGIA DO SOCIALISMO 4

PREFÁCIO DA TERCEIRA EDIÇÃO 4

PREFÁCIO DA PRIMEIRA EDIÇÃO 9

LIVRO I 16

AS TEORIAS SOCIALISTAS E SEUS ADEPTOS 16

CAPÍTULO I 16

AS DIVERSAS FACES DO SOCIALISMO 16

§1. OS FATORES DA EVOLUÇÃO SOCIAL. 16

§2. OS DIVERSOS ASPECTOS DO SOCIALISMO. 19

CAPÍTULO II 24

ORIGENS DO SOCIALISMO E CAUSAS DE SEU DESENVOLVIMENTO ATUAL 24

§1. ANTIGUIDADE DO SOCIALISMO. 24

§2. CAUSAS DO DESENVOLVIMENTO ATUAL DO SOCIALISMO. 29

§3. O MÉTODO DAS PORCENTAGENS NA APRECIAÇÃO DOS FENÔMENOS SOCIAIS. 39

CAPÍTULO III 43

AS TEORIAS SOCIALISTAS. 43

§1. PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DAS TEORIAS SOCIALISTAS. 43

§2. O INDIVIDUALISMO. 45

§3. O COLETIVISMO. 49

§4. AS IDEIAS SOCIALISTAS SÃO, COMO AS DIVERSAS INSTITUIÇÕES DOS POVOS, A CONSEQUÊNCIA DE SUA RAÇA. 57

CAPÍTULO IV 61

OS ADEPTOS DO SOCIALISMO E SEU ESTADO MENTAL 61

§1. CLASSIFICAÇÃO DOS ADEPTOS DO SOCIALISMO. 61

§2. CLASSES TRABALHADORAS. 62

§3. CLASSES DIRIGENTES. 77

§4. SEMI-INTELECTUAIS E DOUTRINÁRIOS. 80

LIVRO II 88

O SOCIALISMO COMO CRENÇA 88

CAPÍTULO I 88

OS FUNDAMENTOS DE NOSSAS CRENÇAS 88

§1. ORIGENS ANCESTRAIS DE NOSSAS CRENÇAS. 88

§2. Papel das crenças nas nossas ideias e nossos pensamentos. Psicologia da incompreensão. 93

§3. Formação ancestral da moral. 101

CAPÍTULO II **104**

O papel da tradição nos diversos elementos da civilização. Limites de variabilidade da alma ancestral. **104**

§1. A influência da tradição na vida dos povos. 104

§2. Limites de variabilidade da alma ancestral. 107

§3. A luta entre as crenças tradicionais e as necessidades modernas. Mobilidade atual das opiniões. 108

CAPÍTULO III **117**

Evolução do socialismo rumo a uma forma religiosa. **117**

§1. Tendências atuais do socialismo em substituir as antigas crenças. 117

§2. Propagação da crença. Os apóstolos. 122

§3. Propagação da crença nas massas. 133

LIVRO III **138**

O socialismo segundo as culturas **138**

CAPÍTULO I **138**

O SOCIALISMO NA ALEMANHA **138**

§1. OS FUNDAMENTOS TEÓRICOS DO SOCIALISMO NA ALEMANHA. 138

§2. EVOLUÇÃO ATUAL DO SOCIALISMO NA ALEMANHA. 142

CAPÍTULO II **148**

O SOCIALISMO NA INGLATERRA E NA AMÉRICA. **148**

§1. AS CONCEPÇÕES DE ESTADO E DE EDUCAÇÃO ENTRE OS ANGLO-SAXÕES. 148

§2. AS IDEIAS SOCIAIS DOS TRABALHADORES ANGLO-SAXÕES. 157

CAPÍTULO III **168**

PSICOLOGIA DOS POVOS LATINOS **168**

§1. COMO SE DETERMINA O VERDADEIRO REGIME POLÍTICO DE UM POVO. 168

§2. O ESTADO MENTAL DOS POVOS LATINOS. 170

CAPÍTULO IV **187**

O CONCEITO LATINO DE ESTADO. **187**

§1. COMO SE FIXAM OS CONCEITOS DOS POVOS. 187

§2. O CONCEITO LATINO DE ESTADO. COMO OS PROGRESSOS DO SOCIALISMO SÃO AS CONSEQUÊNCIAS NATURAIS DA EVOLUÇÃO DESSE CONCEITO. 192

CAPÍTULO V **198**

OS CONCEITOS LATINOS DE EDUCAÇÃO, DE INSTRUÇÃO E DE RELIGIÃO, 198

§1. OS CONCEITOS LATINOS DE EDUCAÇÃO E DE INSTRUÇÃO, 198

§2. O CONCEITO LATINO DE RELIGIÃO. 203

§3.COMO OS CONCEITOS LATINOS DEIXARAM SUA MARCA EM TODOS OS ELEMENTOS DA CIVILIZAÇÃO. 206

CAPÍTULO VI 209

FORMAÇÃO DO SOCIALISMO NOS POVOS LATINOS. 209

§1. A ABSORÇÃO PELO ESTADO. 209

§2. AS CONSEQUÊNCIAS DA EXTENSÃO DAS FUNÇÕES DO ESTADO. 213

§3. O ESTADO COLETIVISTA. 235

CAPÍTULO VII 241

O ESTADO ATUAL DOS POVOS LATINOS 241

§1. A FRAQUEZA DOS POVOS LATINOS. 241

§2. AS REPÚBLICAS LATINAS DA AMÉRICA. ESPANHA E PORTUGAL. 242

§3. A ITÁLIA E A FRANÇA. 250

§4. RESULTADO DA ADOÇÃO DOS CONCEITOS LATINOS POR POVOS DE CULTURAS DIFERENTES. 258

§5. O FUTURO QUE AMEAÇA OS POVOS LATINOS. 263

LIVRO IV 267

O CONFLITO ENTRE AS NECESSIDADES ECONÔMICAS E AS ASPIRAÇÕES SOCIALISTAS. **267**

CAPÍTULO I **267**

EVOLUÇÃO INDUSTRIAL E ECONÔMICA DA ERA ATUAL. **267**

§1. NOVOS FATORES DE EVOLUÇÃO DAS SOCIEDADES CRIADOS PELAS DESCOBERTAS MODERNAS. 267

§2. CONSEQUÊNCIAS DAS DESCOBERTAS MODERNAS COM RELAÇÃO ÀS CONDIÇÕES DE EXISTÊNCIA DAS SOCIEDADES. 269

CAPÍTULO II **276**

AS LUTAS ECONÔMICAS ENTRE O ORIENTE E O OCIDENTE **276**

§1. A CONCORRÊNCIA ECONÔMICA. 276

§2. OS REMÉDIOS. 290

CAPÍTULO III **298**

AS LUTAS ECONÔMICAS ENTRE OS POVOS DO OCIDENTE. **298**

§1. AS CONSEQUÊNCIAS DAS APTIDÕES HERDADAS DOS POVOS. 298

§2. A SITUAÇÃO INDUSTRIAL E COMERCIAL DOS POVOS LATINOS. 301

§3. CAUSAS DA SUPERIORIDADE COMERCIAL E INDUSTRIAL DOS ALEMÃES. 322

CAPÍTULO IV **336**

AS NECESSIDADES ECONÔMICAS E O CRESCIMENTO DAS POPULAÇÕES. 336

§1. O DESENVOLVIMENTO ATUAL DA POPULAÇÃO NOS DIVERSOS PAÍSES E SUAS CAUSAS. 336

§2. CONSEQUÊNCIAS DO CRESCIMENTO OU DA REDUÇÃO DA POPULAÇÃO NOS DIVERSOS PAÍSES. 342

LIVRO V 350

O CONFLITO ENTRE AS LEIS DA EVOLUÇÃO, AS IDEIAS DEMOCRÁTICAS E AS ASPIRAÇÕES SOCIALISTAS. 350

CAPÍTULO I 350

AS LEIS DA EVOLUÇÃO, AS IDEIAS DEMOCRÁTICAS E AS ASPIRAÇÕES SOCIALISTAS. 350

§1. AS RELAÇÕES DOS SERES COM SEUS MEIOS. 350

§2. O CONFLITO ENTRE AS LEIS NATURAIS DA EVOLUÇÃO E AS CONCEPÇÕES DEMOCRÁTICAS. 354

§3. O CONFLITO ENTRE AS IDEIAS DEMOCRÁTICAS E AS ASPIRAÇÕES SOCIALISTAS. 373

CAPÍTULO II 381

A LUTA DOS POVOS E DAS CLASSES. 381

§1. A LUTA NATURAL DOS INDIVÍDUOS E DAS ESPÉCIES. 381

§2. A LUTA DOS POVOS. 385

§3. A LUTA DAS CLASSES. 390

§4. AS FUTURAS LUTAS SOCIAIS. 396

CAPÍTULO III **403**

O PROBLEMA FUNDAMENTAL DO SOCIALISMO. OS INADAPTADOS. **403**

§1. A MULTIPLICAÇÃO DOS INADAPTADOS. 403

§2. OS INADAPTADOS POR DEGENERAÇÃO 414

§3. A PRODUÇÃO ARTIFICIAL DOS INADAPTADOS. 419

CAPÍTULO IV **429**

A UTILIZAÇÃO DOS INADAPTADOS. **429**

§1. O ATAQUE FUTURO DOS INADAPTADOS. 429

§2. A UTILIZAÇÃO DOS INADAPTADOS. 434

LIVRO VI **441**

A EVOLUÇÃO DA ORGANIZAÇÃO SOCIAL. **441**

CAPÍTULO I **441**

AS ORIGENS E A REPARTIÇÃO DAS RIQUEZAS: A INTELIGÊNCIA, O CAPITAL E O TRABALHO. **441**

§1. A INTELIGÊNCIA. 442

§2. O CAPITAL. 444

§3. O TRABALHO. 458

§4. AS RELAÇÕES ENTRE O CAPITAL E O TRABALHO. PATRÕES E TRABALHADORES. 460

CAPÍTULO II **468**

A SOLIDARIEDADE SOCIAL. **468**

§1. A SOLIDARIEDADE SOCIAL E A CARIDADE. 468

§2. AS FORMAS MODERNAS DA SOLIDARIEDADE. 473

§3. OS SINDICATOS DOS TRABALHADORES. 486

§4. A GESTÃO COMUNITÁRIA DAS INDÚSTRIAS. O SOCIALISMO MUNICIPAL. 490

CAPÍTULO III **496**

OS SINDICATOS DE PRODUÇÃO. **496**

§1. EXTENSÃO DA LEI DO AGRUPAMENTO DOS INTERESSES SIMILARES. 496

§2. OS TRUSTES AMERICANOS. 497

§3. OS SINDICATOS DA PRODUÇÃO NA ALEMANHA. 506

§4. OS SINDICATOS DE PRODUÇÃO NA FRANÇA. 508

§5. O FUTURO DOS SINDICATOS DE PRODUÇÃO INDUSTRIAL. 510

LIVRO VII **514**

O DESTINO DO SOCIALISMO. **514**

CAPÍTULO I **514**

OS LIMITES DAS PREVISÕES HISTÓRICAS. **514**

§1. A NOÇÃO DE NECESSIDADE NA CONCEPÇÃO MODERNA DOS FENÔMENOS HISTÓRICOS. 514

§2. A PREVISÃO DOS FENÔMENOS SOCIAIS. 519

CAPÍTULO II **529**

O FUTURO DO SOCIALISMO. **529**

§1. AS CONDIÇÕES ATUAIS DO SOCIALISMO. 529

§2. O QUE O SUCESSO DO SOCIALISMO RESERVA AOS POVOS NOS QUAIS ELE TRIUNFAR. 538

§3. COMO O SOCIALISMO PODERIA SE APODERAR DO GOVERNO DE UM PAÍS. 544

§4. COMO O SOCIALISMO PODE SER COMBATIDO. 547

SUMÁRIO **554**